LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO E JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

I

PADRE MANOEL BERNARDES

I

PADRE
MANOEL BERNARDES

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS
UM JUIZO CRITICO
APRECIAÇÕES DE BELLEZAS E DEFEITOS
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS. — AUG. DURAND, EDITOR, RUA DES GRÈS, 7

1865

INDICE

NOVA FLORESTA.

IM DO INDICE

PREFACIO

Muito ha que é geralmente sentida e confessada a necessidade de se retemperar a lingua portugueza. Alguns escriptores contemporaneos, obedecendo, mais ou menos, ao impulso dado por Francisco Manoel do Nascimento, têm ido continuando, a pouco e pouco, a sua obra de nacionalisação; mas o seu numero é pequeno, e portanto a sua influencia mui limitada, emquanto as causas para o abastardamento contagioso e progressivo da lingua portugueza são varias, energicas, e por ventura insuperaveis.

Aconselhar, como remedio, que se não leia o francez, fôra barbaria, e futilidade pueril tambem. O francez ha

de e deve continuar a ser lido; e pelo francez ha de e deve continuar o portuguez a enriquecer-se para tratar as sciencias e as artes, e para obedecer a mil exigencias imperiosas da civilisação.

O remedio, que a razão e o instincto aconselhão, é accrescentar ás outras lições a lição da lingua patria; depois de ler nos livros peregrinos e modernos de estudo, folhear nos antigos e conterraneos de recreação; ter, ao pé da mesa que sustenta, o lavatorio que purifica.

Á adopção e pratica d'este systema nacional, d'esta conciliação do antigo com o moderno, d'este meio honesto e moderado entre dous fanatismos igualmente repugnantes, duas difficuldades se oppoem : raridade e carestia dos livros classicos portuguezes; falta de tempo, de gosto, e até de paciencia para os ler, pela sobejidão de cousas vãs, dissaborosas e absurdas, em que muitos d'esses livros trazem afogadas as poucas paginas que ainda hoje se podem ler com curiosidade, e reler com aproveitamento.

Por si mesmas, desapparecem estas irrefutaveis objecções com a publicação da *Livraria classica*.

Em edição nitida, e de modesto preço, encontrarão os curiosos, extrahido e purificado, o optimo, que só

com muito custo, e perda de muitos dias, mezes e annos, conseguirião sacar das collecções completas e carissimas dos escriptores vernaculos. É a differença que vai de receber em casa o ouro já em barras, a andar sondando, minando, e desentranhando as serras que o sonegão. De cada autor só se dará tanto quanto com o seu incontestavel optimo se possa preencher.

Após a reproducção dos excerptos de cada autor, irá uma memoria de maiores ou menores dimensões, com uma noticia da sua vida e obras, um juizo critico assaz desenvolvido, apreciação de bellezas e defeitos, estudos da lingua, etc.

Collaborão n'estas memorias muitos dos primeiros escriptores hodiernos, cada um dos quaes se incumbio do estudo de um dos classicos.

Estampão-se em primeiro lugar os excerptos e memorias biographicas e criticas, que menos perfeitamente se havião impresso ha annos, de : PADRE MANOEL BERNARDES, GARCIA DE REZENDE, FERNÃO MENDES PINTO, BOCAGE.

Em seguida sahirãõ iguaes excerptos, com as competentes biographias e criticas, de : VIEIRA, BARROS, G. PEREIRA DE CASTRO, CAMÕES, D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO, FRANCISCO DE SOUZA, FREI LUIZ DE SOUZA, LUCENA, RODRIGUES LOBO, SA' DE MIRANDA, SA' DE MENEZES, DIOGO BER-

NARDES, ESTAÇO, e outros, cujos estudos se achão já em mão dos collaboradores. E no mesmo systema se proseguirá até onde se julgar conveniente.

Sahirá por mez um volume de 300 a 400 paginas, edição nitida, de Paris.

NOVA FLORESTA[1]

CASTIDADE DE S. ERMELINDA

(I. 3.)

Andavão á caça de S. Ermelinda dous lascivos amantes, e tendo já deliberado furtal-a na igreja, aonde de noite orava, corrupto com ouro, para lhes abrir as portas, o mesmo que tinha a seu cargo guardal-as, a voz de um anjo a avisou opportunamente clamando : « Ermelinda, foge, foge depressa Ermelinda, e guarda a virgindade que a Deos dedicaste. » Ouvio a santa, obedeceu, e salvou-se do perigo : que a castidade tem sua defensa na fugida, e a fugida seus avisos na oração. Depois de uma vida mortificada dormio uma morte preciosa; as angelicas ordens lhe assistírão com descantes,

[1] Edição de Lisboa, de Valentim da Costa Deslandes, t. I, 1706 ; t. II, 1708; t. III, 1711; — de José Antonio da Silva, t. IV, 1726 ; t. V, 1729. Ao lado de cada titulo parcial se aponta o tomo e a pagina do competente excerpto.

e lhe derão sepultura; da qual, sendo d'alli a quarenta oito annos conhecida, e aberta por indicio da mesma celestial musica que alli soava, brotou uma copiosa e clara fonte de varios e notaveis milagres. Tanto agrada a Deos a pureza, tanto se reveste a gloria de Christo d'estes arminhos!

PHARISEOS

(I. 4.)

Os Pharisèos guardavão castidade por certo tempo, mais ou menos breve, uns por dez ou oito, outros por seis ou quatro annos. E para este effeito usavão de cama dura em traves, ou seixos do rio, ou espinhos do mato; e de mesa parca, e de manjares ordinarios, e sem regalo; e jejuavão dous dias *cada sabbado*[1], isto é, cada semana, que era ás segundas e quintas-feiras, e ainda quando casados não se chegavão a suas mulheres quando pejadas, para mostrar que não buscavão outro fim fóra do da propagação, e se usavão de banhos, entravão com alguma roupa interior, para maior honestidade. Andavão com mantos, algum tanto semelhantes aos das mulheres, e chinelas largas, e nas fimbrias ou roda da tunica trazião fincados agudissimos espinhos, para que ao alargar o passo se picassem, tomando isto por despertador do serviço de Deos. Ensinavão no templo, e nas

[1] Expressão biblica.

synagogas, onde para esse effeito tinhão tres distinctas ordens de assentos: na primeira cadeira, com suas preferencias pelos officios e antiguidades; e por isso o Senhor reprehendeu a sua ambição, com que appetecião as primeiras cadeiras e o titulo de mestres; na segunda, bancos; na terceira e infima, esteiras, onde se assentavão os mais moços, ouvindo aos mestres; que por isso S. Paulo disse de si, que fôra creado aos pés de Gamaliel. Erão pontualissimos em cumprir os votos, e pagar os dizimos, até da hortelã, cominhos, endros e arruda; sendo que por outra parte não guardavão em casos graves nem justiça, nem misericordia. Entre outros varios erros, tinhão supersticiosos para si, que todas as cousas acontecião por força do fado (como affirma Josefo, que tambem foi d'esta seita), e que as estrellas erão animadas, e admittião em parte a metempsycose platonica (como traz S. Epiphanio), isto é, a transmigração das almas de uns corpos em outros; crendo que as dos máos ficavão no inferno, mas as dos bons tornavão a este mundo. Por isso correu fama que Christo era Elias, ou Jeremias, ou algum dos prophetas antigos redivivo. Mas os Ethnicos ampliavão esta chimerica transmigração até os corpos dos brutos; por isso disse galantemente Tertuliano: « Teme um homem matar a sua vacca, porque acaso não coma alguma posta de sua avó. »

D. JOÃO DE PALAFOZ. — O PODER DO CHOCOLATE

(I. 9.)

Não usando de chocolate este veneravel prelado, formárão d'isto alguns materia de reparo, por haver no seu bispado (que era então *La Puebla de los Angeles*) os melhores ingredientes d'aquella solemne bebida. Respondeu-lhes : « Não o faço por mortificar-me; senão porque não haja em minha casa quem mande mais que eu; e tenho observado que o chocolate é alimento dominante, que em se habituando a elle não se toma quando a pessoa quer, senão quando quer elle. »

—

Tão certo é que o chocolate domina nos que a elle se costumão, e se toma quando elle quer, que em uma terra de Castella, para maior regozijo de umas bodas, mandou o noivo fazer uma fonte de chocolate, que correu todo aquelle dia publicamente para todo o povo.

Devia haver dentro em casa preparadas grandes caldeiras ao fogo, e muitos ministros ralando o material, e batendo-o com desmedidos molinilhos; e d'esta mina por secretos conductos se ia cevando aquella fonte. Mais é que em algumas terras d'aquella mesma corôa é ordinario, em acabando de commungar, e dar graças, tomar-se nas capellas das igrejas, levando para isto de casa os apparelhos necessarios, que nunca serão tão poucos,

como é de crer que são os que levão para receber o Santissimo. Porque que outra cousa é senão desprezar a igreja, fazer a nossa cozinha a par dos seus altares? Outros sobem tão de ponto seus elogios, que não falta quem diga que se os entendimentos comessem, havia de ser chocolate. Muito jejua o entendimento de quem, por ennobrecer uma cousa tão vil, envilece outra tão nobre; e por fazer um estomago como de anjo, faz uma alma de cacáo.

O MONGE NA TABERNA

(I. 23.)

Desamparára sua vocação no ermo certo mancebo, tornando-se ao seculo. Outro monge ancião, querendo-o reduzir, foi em seu alcance, e o achou bebendo na taberna com outros freguezes da dita casa, e ouvio que, ao tirar da boca a taça já esgotada, dizia mui contente: « Oh! bemdita seja a paz e alegria da alma! » Então o velho, pondo-se-lhe diante, levantou as mãos e olhos ao céo, e disse: « Tantos annos ha que habito no deserto, orando e mortificando me continuamente, e não pude ainda alcançar a paz e alegria da alma, e este de um dia para o outro a achou na taberna. »

O RISO

(I. 41.)

A alegria dos impios e mundanos não póde ser verdadeira, e não é mais que uma apparencia ou figura d'ella. Lycurgo, com ser tão serio e severo legislador, mandou levantar em Sparta uma estatua de marmore ao Riso. O riso, ou alegria do peccador, não é animado com vida do espirito, é só riso em estatua, frio como marmore; riso, não tanto seu, como do mundo, que por elle se ri d'elle mesmo. Porque, como disse S. Agostinho, este mundo ri-se de todos os que se não riem d'elle.

D'estes illusos, que se alegrão com o seu mal, disse sabiamente Salviano : *Sardonicis quodammodo herbis omnem Romanum populum putes esse saturatum : moritur, et ridet :* Não direis senão, que todo o povo romano se tem farto de herva sardonia ; pois ao mesmo tempo que está morrendo, está rindo. Allude a certa planta venenosa da ilha de Sardenha, cuja occulta virtude estende os cantos da boca, de sorte que o miseravel que a bebeu vai morrendo, e parece que se ri. Tal é o impio, que disse a palavra de murmuração grave contra a honra de seu proximo, e elle mesmo applaude o seu dito : *Moritur, et ridet.* Tem as suas dividas por pagar, os seus votos por cumprir, os legados do testamento de

seus pais por satisfazer, e está mui consolado com o seu dinheiro : *Moritur, et ridet.* Cahio, na occasião, contra a castidade, e vai jactar-se d'isso com outros moços ; está na casa de jogo jurando, blasphemando, destruindo a sua fazenda, ou a fazenda que não é sua ; e no páteo das comedias bebendo a sua espiritual ruina pelos olhos e ouvidos, e chama a isto desenfado : *Moritur, et ridet.* Com que, temos aqui renovado o triste equivoco de Petilo Consul, que andando em guerra na Liguria, quiz ganhar a eminencia de um monte chamado *Leto;* alegre, e exhortando os seus á empreza, disse : *Ego hodie Letum utique capiam.* Hoje sem duvida hei de ganhar a Leto. Na avançada cahio morto de uma setta inimiga, e os soldados dizião por irrisão, que lhe sahíra certo o prognostico : *Ego hodie Lethum utique capiam :* Hoje sem duvida hei de ganhar a morte.

OS TRES RISOS

(I. 43.)

Estando em artigo de morte um padre antigo do famoso deserto de Scitin, os outros monges rodeando-lhe a pobre cama ou esteira em que jazia, choravão amargamente. N'este ponto abrio os olhos, e sorrio-se : d'alli a pouco tempo tornou a rir, e depois de outro breve intervallo, terceira vez deu a mesma mostra de alegria. Causou isto nos circumstantes não pequeno reparo, por ser austera a pessoa, e formidavel a hora. Perguntárão a

causa, e respondeu-lhes : « A primeira vez me ri, porque vós outros temeis a morte; a segunda, porque temendo-a não estais apparelhados; a terceira, porque já lá vai o trabalho, e vou para o descanso. » Tornou então a cerrar os olhos, e desatou-se seu espirito.

OS DOUS AMANTES

(I. 44.)

Em Arverna (cidade de Aquitania em França) houve dous virtuosos casados, que por mutuo consentimento se abstinhão do commercio conjugal; supposto que temendo mais o perigo de se revelar que o de se quebrar o seu bom proposito, dormião no mesmo aposento. Depois elle se tonsurou, e ella entrou religiosa em um mosteiro, onde fallecendo veio o marido assistir-lhe ao enterro. E demasiadamente alegre com o espirito de devoção, disse a Deos em presença de muitos : « *Senhor, muitas graças vos sejão dadas, porque assim vol-a entrego como m'a entregastes, sem nos havermos tocado.* » N'este ponto a defunta, que estava no seu esquife, sorriose brandamente, e disse : « *Cala, cala, homem de Deos, que não é necessario descobrir o nosso segredo.* » Brevemente falleceu elle tambem. E sendo sepultado na mesma igreja, porém em covas differentes, pela manhã as achárão juntas, e communicadas uma com a outra, e assim perseverão, e os d'aquella terra lhes chamão : Os dous amantes. Quiz Deos, autor do matrimonio, e con-

selheiro da virgindade, que os corpos que se separárão em vida para melhor o servirem, se ajuntassem em morte para mais o glorificarem, e que se tiverão dous leitos, podendo ter um só, tivessem uma só cova, podendo ter duas.

CONSOLAÇÃO

(I. 46.)

Querendo Solon, philosopho[1] atheniense, consolar a um amigo seu opprimido de vehemente tristeza, o levou a uma torre eminente, d'onde se descortinava toda a cidade, e lhe disse : « Considerai, amigo, quantos prantos, lutos, afflicções, desgraças e trabalhos estiverão já, e actualmente estão debaixo d'estes telhados, e estarão successivamente pelos tempos vindouros, sem haver dia vago, em que a morte, ou infortunio, não andem visitando já esta, já aquella casa. Pelo que não sendo só vós quem padece, accommodai-vos á condição dos outros mortaes. »

A sociedade nos trabalhos aligeira o peso d'elles, como a singularidade os aggrava. Ao grande Alexandre já vencedor de Dario, caminhando para Persepolis, sahí-

[1] Não parece exacto chamar-se *philosopho* a *Solon ;* este legislador foi chamado simpleamente sabio; a denominação de *philosopho* começou em Pythagoras.

rão ao encontro quasi oitocentos homens, os mais d'elles velhos, aos quaes os antepassados reis da Persia tinhão torpemente mutilado os narizes e labios. Alexandre, compadecido da sua affronta e miseria, lhes offereceu honesto conducto para suas patrias. Porém elles deliberárão ficar antes juntos na terra onde vivião, porque d'este modo se não podião rir uns dos outros. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades, uns na honra, outros na saude, outros na fazenda, outros na sciencia, outros na limpeza de sangue, outros em outras cousas : e accommodemo-nos a viver juntos, porque ninguem tem que se rir de seu proximo.

Quem quizer saber quantos são ao todo os filhos de Adão, conte primeiro quantos são os afflictos e attribulados : porque nenhum que participasse da sua natureza ficou isento de herdar suas miserias, e assim tantos consoladores achará n'estas quantos irmãos tem n'aquella. Artaxerxes rei sentio com tal extremo a morte de um seu amigo, que pretendeu resuscital-o, e ouvindo os retumbantes échos da fama da grande sciencia de *Democrito*[1], o chamou a si desde Ionia. « Difficultosa cousa pedes, ó rei, disse o philosopho affectando sisudeza, e dissimulando a impossibilidade ; porém se fize-

[1] Equivocação. Democrito nem pertenceu á escola Ionica, nem habitava na *Ionia*, mas sim em *Abdera*, cidade maritima da Thracia na provincia de Rhodope. Talvez o autor o confundisse com Heraclito, que pertencia á escola Ionica. Pelo mais Democrito differia inteiramente dos opiniõ s dos Ionicos; estes erão espiritualistas; Democrito, coryphêo da seita materialista.

res o que te eu disser, confio poderei obrar o que me mandas. » Prometteu o rei tudo, assignando em branco, e parecendo-lhe que já via o seu desejado amigo saltar da sepultura. « Eia, disse Democrito, escrevão-se no tumulo do defunto os nomes de trinta homens que chegassem aos vinte annos de sua idade sem padecer queixa alguma, nem no corpo, nem na alma, e logo resuscitará. » Mandou o rei fazer logo a diligencia; porém até o fim do mundo poderia continuar-se sem effeito; porque de semelhantes privilegiados não ha um só, quanto mais trinta. E se ainda antes de nascermos já todos somos miseraveis, qual será o que no encerramento das suas contas não lhe passe a despeza do que padece pela receita do que vive? No mundo todo não ha mais que tres classes de homens: uns innocentes, outros peccadores, mas já arrependidos, e outros peccadores, mas ainda obstinados. E para que todos soubessem que havião de ter cruz, tres cruzes se arvorárão no monte Calvario; uma para Christo, e esta toca aos innocentes; outra para Dimas, e toca aos arrependidos; outra para Gestas, e toca aos obstinados.

MARAVILHOSAS CONVERSÕES DE PHILEMON E ARIANO

(I. 51.)

Pelos annos da vinda do filho de Deos ao mundo 287, imperando Diocleciano, ferocissimo adversario do nome

christão, Ariano seu amigo e privado, constituido presidente da Thebaida, por lhe dar gosto perseguio em Antinópolis com todas suas forças a christandade. E espalhando-se varios por varias partes, como gado a quem açouta o furor da tempestade, só trinta e sete clerigos mostrárão maior constancia, os quaes por essa causa forão encarcerados. Entre estes um diacono, por nome Apollonio, vendo os crueis e exquisitos tormentos que se preparavão, temeu-se da sua fragilidade, e para evadir o perigo de negar a Christo, não se achando com bastante animo de o confessar a tanto custo, inventou o seguinte arbitrio. Havia na mesma cidade um farçante, por nome Philemon, insigne chocarreiro e tangedor de frautas, e por estas prendas mui aceito a todo aquelle povo. A este mandou chamar Apollonio, e corrompendo-o com ouro, conchavou com elle que disfarçado fosse em seu nome tributar aos idolos a adoração que o tyranno pedia. E com effeito Philemon, deixando alli as suas frautas, tomou um vestido ou capa de Apollonio, e compareceu em presença de Ariano.

— Quem és? perguntou o presidente.

Os ministros de justiça que lhe assistião disserão :

– Pelo trajo parece christão.

— Pois se é christão, tornou elle, dizei-lhe que sacrifique.

N'este ponto (oh maravilhas do dedo de Deos, muito maiores que aquellas que em outro tempo obrou no mesmo Egypto!) Philemon mudando de intenção, e fazendo já deveras o que vinha a representar só na apparencia, respondeu animoso :

— Christão sou, e porque o sou, não quero sacrificar.

— Sacrifica, instou o tyranno, e forra-te aos tormentos com que viste ha pouco acabar miseravelmente a Asclas e Leonides.

Respondeu o santo :

— Apparelhado estou para passar por onde elles passárão a troco de chegar onde elles têm chegado. E vergonha havias tu de ter de me allegares com o santo Asclas, lembrando-te do que passaste com elle, quando não podias passar o rio. A todos nos lembra muito bem que o santo martyr apostou comtigo que tu á força de tormentos o não farias adorar os deoses falsos, e elle á força de orações te havia de fazer confessar a Christo por Deos verdadeiro. E com effeito elle sahio com a sua, e tu não; porque vindo tu passando o rio, elle coberto de chagas, e com os ossos e entranhas a apparecer, tirando forças da fraqueza, se levantou a orar, e pedio ao senhor que não pudesses chegar á terra sem primeiro confessares seu santo nome. Os ventos estavão espertos, as velas estendidas, os remeiros promptos, mas a barca se tornou immovel, e o mesmo succedeu a quantas mudaste, até que enviaste a pedir-lhe partido, e elle te mandou que por escripto confessasses a Christo por um só Deos verdadeiro, creador de todas as cousas. Assim o escreveste e assignaste, e logo a barca navegou; mas tudo attribuiste depois aos poderes de arte magica, e consummaste a sua corôa de martyrio.

A estas razões o tyranno, fazendo-se desentendido, tornou á sua teima, dizendo :

— Sacrifica, e salva a tua alma.

— Isso faço, porque não ha melhor salvar a alma que dal-a por Christo.

Então o presidente disse em segredo para alguns dos seus officiaes :

— Chamai aqui logo a Philemon, porque elle com suas graças e tregeitos, e musica dulcissima, sem duvida ha de amansar a este emperrado.

Buscado Philemon onde não estava, como havia de apparecer?

— Senhor, disserão os officiaes, não o pudemos achar.

Tinha elle um irmão, chamado Theon, ou Theonas; a este perguntou o presidente :

— Que é feito de teu irmão?

E elle como sabia do disfarce, respondeu logo :

— E' esse que ahi está em tua presença.

Foi logo descoberto e conhecido; e o presidente, entendendo que o fizera por via de entremez, para dár que rir a todos, desfechou a rir, e disse :

— Já sabemos que és nascido para nos alegrares, e espojares com riso; mas digo-te que antes te dera uma de tres filhas que tenho, do que fazer aqui desprezivel minha dignidade e officio com semelhantes chanças. E porque acaso os christãos (que tudo fazem mysterio) não presumão que procedias deveras, mando-te que sacrifiques diante d'elles.

Respondeu o santo :

— De mim faze o que quizeres : sacrificar digo que não quero, porque já a graça de Christo pegou de mim, e nem posso, nem quero soltar-me d'ella.

— Conjuro-te, tornou Ariano, pelo estado e gloria dos Romanos, que deixes zombarias, ou que nos digas se affirmas ser christão com animo verdadeiro.

Respondeu o santo:

— Que tenho eu com o estado e gloria dos Romanos? Juro pela gloria e estado dos christãos, que fallo deveras, e que sou christão, e que não ha outra cousa; e nada temo; porque quanto mais perder pelo amor de Christo, mais ganho.

Qual thesouro de occulta polvora, que chegando-lhe o cordel aceso, concebe e pare de repente, com gritos do colerico elemento, globos de impetuosas lavaredas, que ameação e executão juntamente estragos, ruinas e mortandade, tal a ira no malicioso peito do tyranno. Tanto que deu credito a este ultimo desengano, prorompeu em acções precipitadas, e ardentes desejos, effeitos de vinganças. Só duvída, e pergunta ao povo qual será melhor, se cortar de um repentino golpe aquella vida perfida, se dar-lhe morte lenta, para prolongar a pena. Mas o povo assustado levanta o clamor dizendo : « Não prives a cidade toda das suas delicias e alegria. » Outros choravão, ministrando-lhes o falso amor que lhe tinhão lagrimas compassivas da fatal desgraça que n'elle suppunhão. E Ariano voltando para o martyr :

— Teu coração, lhe disse, compete com os bronzes, e os vence; pois não amas esse commum amor, nem estimas que te estimem. Sacrifica, te rogo; não agues, nem derrames fel sobre as festas que brevemente esperamos.

Respondeu o santo :

— Essas festas, que dizes, não concordão com as do céo; antes quero faltar áquellas, para ser mais digno de me achar n'estas.

Aqui ministrou o espirito maligno ao impio presidente uma lança mais aguda, que vibrasse contra a constancia do generoso martyr. Sahio pois dizendo :

— Adverte bem, ó Philemon, que tu, não sacrificando, perdes as felicidades d'este mundo, e mais as do outro; as d'este, porque te hei de matar a tormentos; as do outro, porque não és ainda baptisado; e vós outros affirmais que não ha entrar no céo sem baptismo.

Não sabia ainda Philemon que bastava o baptismo de sangue e o de fogo, que são o martyrio e a contrição com o desejo do baptismo de agua. E assim ferido altamente seu coração com esta palavra, começou o pulso de seu esforço e alegria a padecer intercadencias. Voltando pois para os christãos, que entendia estarem alli occultamente confusos com a mais turba, disse anciado :

— Chamem-me algum fiel, que me baptise, porque estou em tribulação, e necessito das armas d'aquelle sacramento.

Esperava resposta; mas calárão todos; porque ninguem ousava fazer rosto ao furor do tyranno, e queria Deos obrigar-se a mostrar por modo mais glorioso como ampara fielmente aos que n'elle confião.

Entretanto Ariano, fazendo coragem propria da covardia alheia, insultava dizendo :

— Tu bem vês que ninguem se atreve a fazer opposição, nem a este magnifico tribunal, nem áquella manifesta verdade; portanto rende-te, sacrifica.

Mas o santo, vendo-se cercado por dentro de duvidas, por fóra de ameaças, fugio para o seu mesmo coração perplexo, e alli, levantando um invisivel oratorio, fallou com Deos á puridade, dizendo :

— Senhor meu Christo Jesus, não consintas no coração de teu servo esta tristeza : dirige e governa meus caminhos, de sorte que possa pelo meio d'esta turba sahir a receber a graça do baptismo.

Obedeceu Deos á voz do homem; porque a oração participa do mesmo Senhor, fóros de omnipotente. Veio uma nuvem invisivel, e encerrando em si a Philemon, o levou onde um clerigo estava acaso á margem de um rio; pedio e recebeu o baptismo : e dentro da mesma nuvem tornou a ser reposto no mesmo tribunal, sem alguem haver sentido a sua ausencia; porque a graça do Espirito Santo não reconhece necessidade de tardanças; nem ha difficil cousa alguma para o Senhor, que de nada fez tudo, só com sua vontade.

Armado já o cavalleiro de Christo com as armas brancas da nova e reluzente graça do baptismo, revirou sobre Ariano os insultos e improperios que d'elle até alli padecia.

—Eis-aqui, dizia, ó Ariano; eis-aqui, ó turba de pouco animo, como sem mercê vossa sou christão baptisado; porque veio meu Deos, que a ninguem teme, e me concedeu o que tanto desejava; já agora, ó presidente, sabe que nada da perfeita religião christã me falta. Portanto determina-te no que has de fazer, que a detença está só da tua parte.

—Duas cousas, respondeu o tyranno, me retardão;

uma commiseração e mágoa de ver que indo desceste; outra, a pena que este povo ha de ter na proxima solemnidade, quando te não vir dansar no theatro, e achar a grande differença de outros imperitos tocando as tuas frautas.

Isto dizia aquelle impio, suggerido da fraudulencia diabolica, para lhe metter saudades dos passados gostos, e recordação vangloriosa da estima que entre todos lograva. Porém o santo, advertindo por onde o inimigo lhe mettia esta ponta, acudio alli prompto com o reparo. E doendo-se dos publicos escandalos que com o torpe officio de comediante tinha causado, chorou, e orou dizendo:

— Senhor Jesus Christo, não permittas que pensamento algum de infidelidade corrompa o meu coração; e pois ouviste meus rogos, para me purificar com agua, agora os ouve tambem para destruir com fogo aquelles infames instrumentos do peccado.

Pôz o Senhor a esta petição o despacho de — como pede. Veio outra nuvem, não de agua, mas de fogo, ligeira carreta onde vinha cavalgado e já assentado um corisco, que disparado tornou em cinza as frautas, vendo-o Apollonio, em cujo poder estavão, e outra muita gente, e Theonas, irmão do santo, o qual correu logo a dar ao presidente parte do succedido, denunciando-lhe juntamente como aquelle diacono dementára a seu irmão, e que o dar-lhe o seu vestido fôra supersticiosa ceremonia com que o dedicára a Christo.

Mandou logo o presidente que Apollonio se apresentasse em juizo; e havendo este obedecido, não por força,

mas por vontade, diz-lhe com gesto irado e sanhudo :

— Maldito mais que todos os nascidos, dá-me aqui razão porque enfeitiçaste o esposo, a gloria e as delicias d'esta nobre cidade? E com que funestos versos infernaes encantaste a tua capa, para o apestar com ella, e tornar apostata de nossa divina religião? Se te moveu, como ouvi dizer, o horror dos castigos de minha justa indignação e respeitosa severidade, que não achasse para substituir aos sacrificios pessoa menos conhecida e necessaria que a de Philemon; e se o aperto do tempo não deu lugar a diligencias mais tardias, e eleição menos errada, não podias occultamente abrir-te comigo, sem carregares delicto sobre delicto, ficando agora mais encravado na tua condemnação, e mais indigno de minha clemencia? Porém é tal a de nossos sacratissimos principes, que ainda te abre o escape, e te offerece um livramento, que é sacrificares; porque d'este modo tu, e Philemon com teu exemplo, ambos ficareis remediados; e eu e este povo nos daremos por resarcidos. Resta que não desdenhes tão salutifero e opportuno conselho, nem da escada, que te lanço para subires, fazer mais alto o teu precipicio; porque pelos Deoses immortaes te juro — ouve, e attende bem — pelos da romana potencia te torno a jurar, que á tua custa experimentarás quanto tenho a mão pesada contra soberbos e rebeldes.

Ouvindo Apollonio esta parlanda, respondeu com animo inteiro e pacato :

— Confesso na verdade que pequei; porém não contra ti, senão contra meu Deos e Senhor Jesus Christo, fiando pouco de sua graça temendo muito de minha fraqueza.

Já o Senhor envergonhou, reprehendeu a um christão com um gentio, a um ecclesiastico com um leigo, a um diacono com um farçante, para que emfim conheça como elle é o que esforça, o que peleja, e o que vence em seus servos; e que na sua mão omnipotente o barro já não é barro, mas diamante, e as folhinhas seccas podem expugnar torres de bronze. Portanto, arrependido da minha culpa, confio do perdão d'ella; e que m'o póde facilitar a mesma occasião que dei de nascer-lhe mais um martyr; glorioso titulo, de que se eu fugia solitario, agora o venho buscar acompanhado; e ancioso anhelo já aos mesmos tormentos que declinava timido, para compensar de algum modo, com a confissão presente, a passada deslealdade.

Com esta desenganada resposta, referveu a ira de Ariano. Manda a tres robustos soldados que esbofetêem o rosto de Philemon, cuja perda mais lhe doía, e de cuja reducção mais confiava. Chorava o povo, como se elle fôra o ferido: d'este nescio pranto fazia o astuto juiz torcedor para tratear, e attrahir o coração de Philemon. E aqui passou o que acima referimos no Apophtegma. E vendo a sua perseverança, e alegria no padecer, mandou que ambos fossem furados pelos calcanhares com trados, e mettidas por alli cordas, arrastados pela cidade. Executada esta pena pontualmente, forão outra vez presentados no tribunal, e o juiz, com escarneo e mofa, disse a Philemon:

— Que vai, amigo? onde está o teu Deos, que te não acudio em tão urgente necessidade? Porque não soccorre a seus adoradores nos principios do tormento? Dai-me

ouvidos, e sacrificai, antes que passemos adiante, quando ninguem vos possa livrar das minhas mãos.

Philemon n'este passo mostrando-se mais manso, respondeu :

— Se queres que te ouça, ouve-me tu primeiro.

Com esta razão se alegrárão muito, assim Ariano como os do povo que a ouvírão, parecendo a todos que já dava esperanças de se reduzir. E, o presidente lhe disse que declarasse o que queria, e seria logo servido.

— O que quero, continuou Philemon, é que faças vir aqui uma caldeira grande, ou qualquer outro vaso de ferro, bem capaz, com sua tapadoura.

Dito e feito, logo o vaso foi trazido.

— Quero mais, proseguio o martyr, que mandes metter dentro d'este vaso uma criança de peitos.

Assim se fez tambem : e todos os circumstantes estavão suspensos aonde iria parar esta prevenção, ou tramoia.

— Que pedes mais? disse Ariano.

Respondeu Philemon :

— Venhão os frecheiros do exercito, com as aljavas bem providas, e atirem todos contra o caldeirão de ferro, até lhes faltarem settas.

Mandou o presidente que viessem, e fizessem seu officio.

Depois disse Philemon que tirassem fóra aquella creatura, e vissem bem se estava viva, e se tinha alguma ferida ou nodoa. E como, feito o dito exame, lhe respondessem que estava viva, sã e illesa, voltando Philemon para Ariano lhe disse em tom mui descansado :

— Tu, juiz, me perguntaste ultimamente onde estava o meu Deos, que me não acudira na minha grave necessidade: agora te respondo e satisfaço. Eu sou aquella creatura de peito, pois ha pouco que nasci pelas regenerantes aguas do sagrado baptismo (ainda que tu o não viste); e a protecção divina, que cerca e defende a seus fieis servos, é mais que uma torre de ferro e muros de diamante; logo, que mal me podião fazer as settas da tua lingua, nem quantos tormentos inventar tua diabolica malicia e crueldade? Digo pois, que não quero sacrificar, nem tenho medo á tua potencia, nem me aparto da fé de meu Senhor Jesus Christo.

Aqui Ariano, rangendo os dentes, chammejando pelos olhos e escumando de bravo:

— Eia, clama aos verdugos, pendurai logo esse traidor em uma arvore, e todos outra vez sobre elle disparem um chuveiro de settas, desde os pés até a cabeça.

Assim se fez, recolhendo os soldados para esse effeito as settas do vaso onde estavão pregadas. Despem, e pendurão o martyr em um momento: fervem os tiros, zinem as settas cortando os ares. Mas que succedeu? Oh! maravilhas da protecção divina! umas, errado o alvo, empregão-se no tronco da arvore; outras, em chegando junto do corpo, perdem a força, e cahem em terra como desmaiadas; outras ficão no ar suspensas, servindo só como de apontar áquelles barbaros idolatras o que devião admirar n'aquelle maravilhoso objecto; a Philemon digo; o qual entretanto orava dizendo:

— Vinde, meu Jesus, amante da verdade; vinde em meu auxilio, protector dos desamparados; vinde, e

mostrai ao impio Ariano, como todos os que em vós poem sua esperança não serão confundidos.

Faltando emfim as settas, sem que alguma se lograsse, forão os soldados dizer ao presidente o que passava; o qual, como attonito, disse :

— Ainda vive?!

— Sim senhor, respondem elles, vive, e está fallando cousas altissimas.

— Não o posso crer, tornou o tyranno, se o não vir com meus olhos.

Sahe á pressa de palacio, corre ao dito lugar, olha para cima, cahe-lhe a prumo uma das settas, e vasa-lhe o olho direito. Então, exagitado com a dôr, e correndo-lhe o sangue pelo rosto, soltou a maldita lingua em muitas blasphemias; e depois, mandando despendurar o martyr, lhe disse :

— Onde aprendeste tão potente magica, se nunca trataste com christãos? O que importa agora é que me restituas o olho que perdi por tua causa, que bem sei que o sabes fazer; e eu te soltarei.

Respondeu o santo :

— Se eu rogar a meu Deos, e te restituir o olho, é certo que attribuirás ás forças da arte magica; porém, comtudo, porque não digas que o meu Deos não póde curar-te, ou que os seus servos dão mal por mal, digo-te que depois que me matares, e enterrares, vás ao meu sepulcro, e da terra d'elle, feita lodo com agua, ponhas sobre o olho, e receberás luz, não só no corpo, mas tambem na alma, que é a de que mais necessitas.

D'este dito não fez por então caso Ariano, mas que-

rendo cortar dilações sentenciou a final a Philemon e Apollonio que fossem degollados, e enterrados onde estavão os corpos de S. Asclas e S. Leonides. E assim se fez.

Tomemos agora nova respiração, para attender e admirar outra serie de não menores prodigios da bondade e omnipotencia divina. Ariano no seguinte dia, dando-lhe a sua vexação o entendimento que sua crueldade lhe negára, começou (mediante a divina graça) a ponderar mais seriamente nas maravilhas e virtudes dos santos martyres que tinha visto e experimentado. E como estava preordenado para a vida eterna por este meio, foi ao tumulo dos santos, e tomou terra d'elle, fazendo lodo com agua, como S. Philemon lhe tinha dito, e pôz sobre a parte lesa, dizendo :

— Em nome de Jesus Christo, por quem estes seus servos consummárão o martyrio, unjo os meus olhos, para ver, e para crer que não ha outro Deos verdadeiro senão o mesmo Jesus. Disse, e ungio, e logo lhe foi restituido o olho são e claro como antes o tinha. E como as obras de Deos são perfeitas, do mesmo modo os olhos da sua alma ficárão tão esclarecidos com o lume da fé, como quando uma pessoa, sahindo de uma escurissima masmorra, dá de repente com a claridade de um formoso dia. Quem poderá explicar o gozo e jubilo, o pasmo e admiração, o louvor e agradecimento, e outros, e varios, e intensos affectos, em que esta venturosa alma começou a inundar subitamente! Na mesma hora sahe do tumulo correndo, e clamando pela cidade :

— Eu sou tambem christão ; d'aqui por diante não sirvo senão a Christo.

Entra no seu palacio, abre os cofres e guarda-roupas, tira sedas, e pannos, e aromas preciosos; envia a chamar a dous bispos; declara com elles o seu animo rendido ao suave jugo da lei divina; roga-lhes tomem a seu cuidado edificar, ornar e dar o devido culto ao sepulcro d'aquelles santos que elle, quando cego com os enganos da infidelidade, martyrisára; e manda abrir de par em par os carceres, e soltar todos os christãos que alli tinha prisioneiros. Solemnissimo, e summamente regozijado foi este dia para toda aquella attribulada igreja, que não cessava de dar graças ao autor de todo o bem, poderoso para fazer em um instante das pedras filhos de Abrahão, dos espinhos flôres, e da peior zizania o mais escolhido trigo.

Divulgando-se a fama d'esta insigne conversão do prefeito da grande Thebaida, chegou aos ouvidos do imperador Diocleciano, o qual, turbado com esta nova, despachou logo quatro protectores (d'elles o principal se chamava Theotyco), que chegados com ordem ao Egypto devassassem do caso, e sendo necessario lhe trouxessem preso a Ariano. Entrão aquelles ministros em Antinopolis; consta-lhes claramente da verdade, prendem ao presidente, seguindo a ordem que trazião. Este, peitando-os, alcançou d'elles licença para visitar os santos martyres antes que se partisse para Diocleciano. E posto diante d'elles orou, dizendo :

— Gloriosos santos consortes da luz eterna que mana do rosto de Deos, orai por mim a nosso Senhor Jesus Christo, para que me conforte e faça digno de confessar constantemente seu santo nome!

N'este ponto sahio do mesmo sepulcro a voz de S. Philemon, que lhe respondeu claramente:

— Tem animo, Ariano, e nada temas; porque o mesmo Christo, em quem crês, vai em tua companhia para te fortalecer, e mostrar por ti sua virtude diante do imperador, e consummado o martyrio, coroar-te diante do throno de seu eterno pai. Roga por esses quatro homens que vierão em tua busca, que Deos os faça tambem participantes do conhecimento da verdade.

Este maravilhoso oraculo e resposta ouvírão os protectores com grande admiração sua.

Ariano, não cabendo em si de alegria, e certo da sua fé, partio com aquelles quatro ministros, para se embarcarem em Alexandria; e a oito de seus criados de maior confiança, que levava comsigo, disse com espirito prophetico:

— Esperai aqui, amigos, pelo meu corpo; porque a 8 de Março me mandará o imperador Diocleciano precipitar no mar, mettido em um sacco de arêa, e d'alli a tres dias, que é a 11 do mesmo, sahirá n'esta ribeira ás costas de um golfinho, perto do meio-dia; portanto guardai isto na memoria, e sahindo no dito d'a e hora, recolhereis meu corpo, e o levareis no mesmo sacco a enterrar junto de meu amigo Philemon.

Recommendado assim este negocio, e havendo elles promettido fidelidade, partio Ariano com aquelles ministros, e finalmente chegou a apresentar-se ao imperador, o qual lhe fallou benignamente, dizendo por via de saudação cortez:

— Carissimo irmão Ariano, em quem confiava n'essas partes do Egypto.....

E Ariano o resaudou, dizendo:

— Carissimo senhor imperador, que estais feito guia do caminho por onde hei de ir para a vida.....

O imperador mandou que se lavassem ambos no banho, e aos sacerdotes de Apollo que armassem um altar diante da porta do mesmo banho, com um idolo d'aquella falsa deidade, para que, ao sahirem, adorassem e sacrificassem ambos. Assim se fez logo; e ao sahir Ariano, disse-lhe o imperador:

— Sacrifica ao grande deos Apollo, antes que entremos a cêar.

Respondeu elle:

— Não posso pôr em esquecimento e desprezo as maravilhas de Deos, que vi no Egypto, obradas pelos martyres de Christo; esse idolo é um cêpo lavrado á mão; não deixo por elle a meu Salvador Jesus.

Imaginava o tyranno que á vista de sua imperial autoridade, junta com os termos da lhaneza, e á memoria da amizade passada, Ariano se renderia facilmente, como derribado com um sopro. Porém vendo sua determinação, e entendendo bem que esta sua resposta era já a ultima, deu ordem aos soldados que na mesma hora, acesos fachos e fogaréos (porque era já entrada a noite), sahissem ao campo, e fizessem uma cova bem capaz e profunda. Assim se executou, havendo trabalhado n'isto até amanhecer. E n'este tempo sahio o imperador ao campo com grande comitiva de officiaes de justiça e guerra; reconheceu a altura da cova, que era mais de

vinte covados; mandou sahir ao presidente da Thebaida, lançar-lhe grilhões, algemas e cadêas de bronze, e pendurar ao pescoço uma grande pedra, e que n'esta fórma fosse derribado no fundo da cova, e esta se entulhasse de terra e pedras, de sorte que ficasse razâ como antes. E feito tudo como mandára, disse aos soldados que calcassem em cima, dansando, e cantando esta lettra: Vejamos se vem Jesus a livrar o seu devoto.

Tomada esta vingança muito á satisfação de seu gosto, montou a cavallo, e se recolheu a palacio, parecendo-lhe que tinha concluido gloriosamente a causa de Ariano. Porém como Deos verdadeiro não é surdo, nem cego, como era o seu Apollo, e sabe tapar as bocas blasphemas que o irritão, succedeu que ao entrar o imperador na sua recamara, para tomar algum descanso, olhando para o leito vio na grade d'elle pendurados aquelles mesmos grilhões, algemas e cadêas, e pedra, a que mandára amarrar a Ariano, e que este estava deitado na sua mesma cama, não só vivo, mas alegre e confiado. Turbou-se o imperador; e o primeiro pensamento que lhe occorreu n'esta vista, foi que algum de seus familiares palatinos tomaria aquelle atrevimento, ou lhe faria alguma traição; porém o martyr:

— Não te turbes, lhe disse pondo n'elle os olhos, que ninguem se levantou contra ti; eu sou Ariano, a quem ha pouco deixaste debaixo de montes de terra, pedras e arêa, e carregado de ferros; mas porque disseste: vejamos se vem Jesus livral-o, com effeito veio, e pôz o seu devoto n'esta cama a descansar um pouco do trabalho, para que vejas se é imperador que prevalece sobre os

imperadores, e se póde livrar os que n'elle poem sua confiança.

Estava o miseravel Diocleciano aturdido, vendo e ouvindo estas maravilhas; mas não abrindo o coração ao desengano, entrou em maior indignação, e disse:

— Nunca vi tão potente arte magica!

E logo para os seus criados:

— O'lá! apparelhai em continente um sacco, e cosei n'elle fortemente a este magico, entulhando-o com arêa, e precipitai-o no mar.

Aqui os quatro protectores, que se achavão presentes e tinhão visto a maravilha, e pelas orações de Ariano andavão abalados, mettêrão a sua razão dizendo:

— Em que peccou, senhor, este homem de Deos, para o mandardes assim lançar no mar?

— Por nenhuma outra cousa, respondeu o imperador, senão porque é mago.

Replicárão elles:

— Não é mago: servo de Deos, isso sim, e de um Deos que por elle se sujeitou á morte; de um Deos que em um momento o póde tirar debaixo de vinte covados de entulho, e deitar na vossa cama vivo e descansado, como estais vendo, e já lá no Egypto ouvimos nós outro servo seu, já defunto, fallar de dentro da sepultura, respondendo ao mesmo Ariano palavras santas e de edificação, e propheticas do que agora vemos ir succedendo. Não crer o que os mesmos olhos estão testemunhando, vai da profunda malicia com que um se faz indigno de conhecer a Deos; e portanto nós, a quem sua miseri-

cordia allumiou sem merecimentos nossos, estamos apparelhados para entregar nossos corpos em seu obsequio, certos de que os ha de resuscitar para a vida eterna.

A estas razões respondeu Diocleciano:

— Já de tempos atrás podieis ter entendido que me ereis aceitos, pois nunca pedistes cousa que vos não concedesse; agora farei o mesmo: desejais a morte, têl-a-heis, pois o desejais.

Theotyco, que era o mais autorisado, disse:

— Deos reprima, ó imperador, a malicia com que não recusais deferir ao nosso desejo; mas ainda tenho mais outro que vos declarar.

— Qual é? disse o tyranno; proponde, e conseguireis.

— Quero, disse Theotyco, que a metade de meus bens tomeis para vós, adjudicando-a ao vosso fisco, e a metade se mande repartir entre pobres.

A isto sahírão os outros tres protectores, dizendo-lhe:

— Senhor Theotyco, cuidemos nós da nossa morte, que desejamos alcançar por honra do Christo; que este senhor cuidará dos seus pobres, como temos experimentado

Suspenso o imperador com esta proposta, disse-lhe Ariano:

— Para que nos detendes? Que estão esperando as ondas do mar por nossa gloriosa partida!

Então elle mandou que se preparassem outros quatro saccos, tambem com arêa, e que mettessem n'elles os quatro protectores, e lançassem logo no mar todos cinco.

E assim se fez. E logo que forão lançados, eis vem cortando as salgadas escumas, com os collos erguidos, cinco golfinhos, que submettendo destramente os lombos, cada um a seu sacco, os tomárão como á garupa, e partírão ligeiros pelo rumo de Alexandria. Estavão alli no dia e hora prefixa, aguardando pontuaes e solicitos, os criados de Ariano, que esperando um só golfinho com um sacco, e vendo vir cinco com cinco, duvidárão, e dizião entre si : se será esta a prophecia de nosso amo Ariano, e qual será d'estes cinco corpos? N'este tempo o golfinho maior se adiantou, e enxorando no areal da praia, depôz a sagrada carga das reliquias, e abrindo a boca, sahio d'ella uma voz humana, que dizia :

— Não duvideis; este é o corpo de Ariano; os outros quatro são dos protectores, que com elle forão d'este porto, e com elle no mesmo dia forão coroados de martyrio; levai-os todos ao sepulcro de Asclas e Philemon.

Obedecendo pois aquelles servos a tão clara e maravilhosa demonstração da vontade divina, recolhêrão com reverencia aquelles corpos, e em fórma decente os puzerão em uma barca ; á qual, mandando o que a governava soltar as velas, apenas começou a navegar, quando sobre todos os que n'ella ião, assim de gente do mar como passageiros, veio um profundo e quieto somno, de que em tres dias com suas noites nenhum acordou; senão quando ao quarto dia soou uma voz, que dizia :

— Levantai-vos, que este é o lugar da sepultura d'estes martyres.

Então abrindo os olhos, se achárão impensadamente

surtos nas ribeiras de Antinopolis. Os que saltárão em terra divulgárão logo o prodigio; a cuja fama alvoroçados todos os fieis, e até os mesmos gentios, concorrêrão parte com palmas e ramos, parte com cirios e perfumes, e depostos os sagrados penhores sobre altares, se formou uma numerosa procissão até o sepulcro dos outros quatro martyres Asclas, Leonides, Apollonio e Philemon, em cuja companhia forão collocados, obrando Deos, para maior honra de seus servos, e celebridade d'aquelle dia (que foi a 14 de Março), muitos milagres, assim na repentina saude de varios enfermos, como na cura de muitos energumenos, do que tudo redundárão grandes cumulos de gloria para Deos, e de consolação e augmento para aquella christandade.

QUEM QUER VAI, QUEM NÃO QUER MANDA

(I. 70.)

A este ponto faz o apologo que se conta das cotovias que tinhão seus ninhos entre as seáras. Dissera o dono do campo a seus criados que tratassem de metter a fouce, se vissem estar os pães já sazonados; e ouvindo este recado uma d'ellas, foi pelos ares avisar as outras que mudassem de sitio, porque vinhão logo os segadores; porém outra mais velha as aquietou do susto, dizendo : « Deixemo-nos estar, que de mandar elle os criados e fazer-se a obra vai ainda muito tempo. » D'alli a alguns dias ouvírão que o amo se agastava com os

criados porque não tinhão feito o que lhes encommendára, e que mandava sellar a egua para elle mesmo ir ver o que convinha. « Agora sim, disse então aquella cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo, e mudemos a casa, que vem quem lhe dóe a fazenda. »

RECEBER, DANDO

(I. 73.)

Assim como a palavra de Deos increada sempre produz o Espirito Santo, assim a palavra de Deos evangelica sempre deve produzir nos ouvintes effeitos da graça do mesmo Espirito Santo. Mas, ou elles estejão capazes de o receber ou não, o lucro espiritual do prégador nunca perece. Já houve um que se converteu com o seu proprio sermão. Era um monge, que vencido da tentação tinha determinado deixar o mosteiro no seguinte dia; pedírão-lhe os outros que prégasse; e elle, por encobrir mais a sua determinação, prégou, exhortando-os á vida espiritual; e mediante a graça divina, ficou reduzido de si mesmo, e perseverou. O glorioso S. Vicente Ferrer prégou muitas vezes a auditorios de oitenta mil almas, servindo-lhe de templo a campanha, e de pulpito o combro de alguma ladeira, ou os terrões de algum vallado. Se nenhuma se reduzisse sempre recolheria o immenso fructo, porque a paz de Christo que não recebem os ouvintes torna para casa dos que lh'a evangelisárão.

brecer a familia. Oh trevas palpaveis do espiritual Egypto, onde uma confissão sacrilega se escolhe como licita, e uma restituição justa se abomina como peccado! Oh balanças falsissimas, onde o bem temporal dos filhos pesa mais que a salvação eterna da propria alma! Resoluto n'este immenso desatino, mandou chamar um tabellião, para ordenar seu testamento, e alli diante da mulher e filhos, e do mesmo confessor, lhe disse: « Escreva vossa mercê. Deixo meu corpo á terra. » Aqui parou um pouco, lutando com mortaes e desesperadas ancias, como que o espirito queria parir pela boca algum horrendo monstro de seu enorme conceito. Assim era! Continuou pois dizendo: « Escreva vossa mercê: deixo minha alma aos demonios, pois de direito já é sua. » Estremecêrão-se os circumstantes; uns dizião: é delirio; outros: é força de melancolia.

— Nem melancolia, nem delirio, disse o enfermo, senão o que sinto e entendo na verdade; e para acabar meu testamento, escreva vossa mercê. Mando aos demonios a minha alma: item, mando aos demonios a alma de minha mulher; item, mando aos demonios às almas de meus filhos; mando-lhes tambem a alma do meu confessor. A minha, pelos tratos injustos, e enganos com que tenho vivido; a de minha mulher, porque me ajudava n'elles, para comer e galear; mando-lhes as almas de meus filhos, porque por fazêl-os ricos e andarem bem tratados não deixei ladroices; e mando-lhes a alma do meu confessor, porque me absolvia, vendo-me sem disposição de restituir.

Concluir este ó testamento (a que puderamos chamar,

com o Ecclesiastico, testamento do inferno), e concluir a vida, tudo foi o mesmo! Quem duvída que valeu esta ultima vontade, confirmada com a morte do testador, na parte de que elle podia dispôr; e que os infernaes herdeiros entrárão logo de posse inamissivel eternamente? Lá vai nos dentes dos lobos a alma remida com o sangue do Cordeiro; lá vai perdida, por amor de dinheiro, a creatura por cujo resgate se empenhou, e vendeu uma das tres divinas pessoas. Mais estimou a fazenda do mundo do que a si propria, fazenda de Deos, e a Deos do seu bem e riquezas. Pegou-se aos bens falsos, que não havia de levar comsigo ao inferno; demittio o verdadeiro bem, que comsigo podia levar ao céo! E antes quiz ir nos dentes do leão para a morte eterna, do que nos hombros do pastor para a eterna vida. Escarmento, peccadores! façamos da condemnação alheia salvação nossa, e muito de antemão tenhamos ordenado outro testamento, em que deixemos a cada um o que é seu; ao mundo a vaidade, ao demonio a impenitencia, aos corvos o cras cras de dilação de nossos bons propositos, e a Deos o corpo e a alma, agora para servirem debaixo do jugo de sua lei, depois para o gozarem no templo de sua gloria.

OS AMIGOS

(I. 105.)

No adquirir ou perder amigos nos devemos portar com o mesmo ou maior sentido que no adquirir ou

perder fazenda; porque na verdade o são, e mais consideravel do que vulgarmente se considera. Por isso o outro discreto, fazendo conta aos bens que possuia, dizia : « Tenho tanto em raizes, tanto em moveis, tanto em escravos, e tanto em amigos; achando (e com razão) que esta ultima addição merecia igual ou melhor lugar que as outras. N'ella unicamente livrou o seu remedio aquelle feitor que o Evangelho chama *villicum iniquitatis;* porque vendo que, alcançado em contas com seu amo, ficaria por portas, grangeou primeiro amigos que o recolhessem nas suas, obrigando-os com abater nos escriptos das suas dividas fazenda do mesmo amo; o qual lhe louvou a prudencia, ainda que do seculo. E em conclusão, se os bons amigos não valèrão tanto, não dissera o Espirito Santo que o achar algum é o mesmo que achar um thesouro; e tal, que os de ouro e prata não têm comparação com elle. A difficuldade está em achar taes amigos; porque até n'isto se parecem com o thesouro; que são mui raros, e andão escondidos.

Se a fama do amigo padece com razão, ou eu acho n'elle defeitos reprehensiveis, corre-me obrigação de o avisar em secreto; bem assim, como se visse nos seus vestidos alguma descompostura ou immundicia, devia manifestar-lh'o, para que não apparecesse em publico ridiculamente. Dissimular erros no amigo não é amor, é lisonja; não é prudencia, é traição, ou quando menos pusillanimidade. Porém esta correcção não pede pressa, e muito menos sanha ou colera. Hei de aguardar vez em

que o animo do amigo esteja sereno, largo e susceptivel, e então lhe porei diante dos olhos o que nos dos outros não parece bem; isso sem exageração, nem prologos, que movem expectação no ouvinte, com risco de anticipar a sua turbação á minha doutrina; com confiança e brevidade, como pirola que ha de ser dourada, e pequenina, que quasi primeiro se sente engulida do que amargosa.

O QUE SE LEVA D'ESTE MUNDO

(I. 125.)

Um sultão do Egypto, mui rico e poderoso, ordenou que na sua pompa funeral fosse diante arvorada uma lança com a sua mortalha, e um pregoeiro clamando : O grão sultão não tira para si, de todos os seus thesouros, mais que este lençol. Mas se olharmos mais de perto para a verdade, nem esse lençol tirou, nem o podia tirar; senão que lh'o derão, e lh'o podião negar; e só servio de cobrir o corpo, que cá ficava, emquanto um ou outro se não corrompião. Que póde levar a alma d'este mundo, se nem o corpo leva? não sendo as cousas do mundo mais que umas como vestiduras do corpo, como disse S. Gregorio. Por isso comicamente Ausonio introduz a alma de Diogenes Cynico rindo-se lá no inferno na de Cresso (aquelle ricaço que podia contar milhões como outros contão cruzados), e dizendo-lhe : « Quanto agora tão só estais vós como eu, e muito mais pobre ainda;

porque eu trouxe o que era meu, e vós tudo o que era vosso lá deixastes. »

A' vista d'isto apparece mais ridicula a vaidade e ignorancia de muitos gentios, que sepultavão na mesma cova, com os mortos, as suas riquezas e moveis, estando na falsa crença de que ainda na outra vida prestavão para o seu uso e logro, como se pela boca d'aquella cova houvesse alguma occulta recovagem ou remessa d'este para o outro seculo. Dos Albavos escreveu Strabão que toda a vida passavão mui parcos e poupados, para ter na outra com que regalar-se em abundancia, enterrando comsigo o que amealhárão. Aristophanes faz menção da moeda de quatro réis que costumavão metter na boca do defunto para ter a alma com que pagar o frete da barca de Acheronte. Por onde Juvenal chamou miseravel a um, que nem para este frete tinha :

Non habet infelix quem porrigat ore trientem.

Para apagar esta superstição, que ficára depois entre os christãos (e ainda hoje dizem haver d'ella vestigios em algumas terras d'este reino), se introduzio o estylo de dar a sagrada communhão aos mortos; como que a formula eucharistica era a verdadeira moeda do porte para o outro mundo; o que depois abrogárão severamente muitos concilios. Varias nações barbaras da America Septentrional costumão metter na cova, juntamente com o cadaver, as panellas, ferramentas e pelles de que o vivo usou, para que tenha na outra vida o prestimo d'estas cousas. Pela mesma razão os cares enterrão os

soldados com todas suas armas, como refere Thucydides. Outros povos em Grecia, ao queimar o defunto, lançavão tambem na fogueira os seus bois, cavallos e cães, como dizem Homero e Virgilio[1]. Os Tartaros mettem tambem na cova um cavallo sellado, e um jumento com o seu poldro, para que o defunto tenha em que ande conforme o seu gosto. Das riquezas que os Chinas poem com os corpos reaes, vejão-se as relações do nosso Fernão Mendes Pinto, que não merecem tão pouco credito como alguns lhes dão. O padre Alvaro Semedo, nosso Portuguez que n'aquellas partes andou em missão vinte e dous annos, conta de uma rainha da China que morreu por aquelle tempo, em cujo esquife ou caixão el-rei seu filho lançou por sua mão mais de setenta mil cruzados em perolas e pedras preciosas; e a um lado e outro do corpo distribuio cincoenta pães de ouro e cincoenta de prata, que não são as folhinhas tenuissimas que nós chamamos pães, senão pastas massiças. Contra a cega vaidade e barbara ignorancia de todos estes povos se oppõe o claro desengano do oraculo divino, quando diz:

— Quando morrer o homem, nada do que tem levará comsigo, nem irá com elle fazendo-lhe companhia a gloria que n'este mundo teve.

[1] Aonde o dizem?

BOA POBREZA, MA' RIQUEZA

(I. 126.)

Nos tempos do imperador Justino I, que desde a aguilhada de vaqueiro subio a empunhar o sceptro do Oriente, vivia nas partes da Thebaida um homem por nome Eulogio, cavouqueiro de officio; quanto aos bens terrenos, enteado da fortuna; porém quanto aos da graça celestial, filho mimoso de Deos : porque era timorato, devoto, casto, temperado; em suas entranhas tinha feito assento a ternura compassiva, até para com os brutos; em seu aspecto a modestia aprazivel, até para com os inimigos; em sua lingua o contínuo louvor de Deos, ainda nas adversidades; em suas mãos a liberalidade para com os pobres e peregrinos, aos quaes hospedava humanissimamente, e lhes lavava e beijava os pés; e supposto que o seu officio era tão limitado e esteril como trabalhoso e cansado, todavia dos cabedaes de uma virtude tirava as despezas para a outra : a esmola de cada dia lhe sahia do jejum de quasi todo o anno; e tal jejum, que primeiro se punha o sol no occaso do que elle á mesa, se é que havia outra mesa para comer mais do que as proprias mãos para trabalhar e repartir.

Succedeu ser um dia seu hospede certo anachoreta santo, por nome Daniel, o qual, como versado na pratica das virtudes, conheceu as de Eulogio, admirando-se dos fundos d'aquelle inestimavel diamante; e voltando

para o seu ermo, rogou a Deos Nosso Senhor instantemente (jejuando tres semanas, para dar maior força á sua oração) se servisse de dar bens temporaes áquelle homem, para allivio de sua grande miseria e continuo trabalho, e tambem para soccorro dos pobres e peregrinos, que n'elle achavão tão fiel despenseiro. Tanto instou n'esta piedosa, ainda que indiscreta demanda, que chegou a ouvir uma voz do céo, a qual lhe disse: « Se Eulogio perder a pobreza, perderá as outras virtudes. » Aqui Daniel, fechando-se sobre si mesmo com bondade cega, disse que elle ficava por seu fiador, alma por alma, e corpo por corpo, porque não se persuadia que os beneficios de Deos lhe serião causa de perversão, senão antes de augmentos de humildade e caridade. Porém é verdade mui certa o que disse o nosso Seneca portuguez:

> Andei d'aquem para além,
> Terras vi, e vi lugares :
> Tudo seus avessos tem :
> O que não exp'rimentares,
> Não cuides que o sabes bem.

Eis que um dia o cavouqueiro, fazendo seu officio, deu em um thesouro antigo : olhou, tocou, certificou-se, atrás dos olhos foi-se-lhe o coração, contra o que diz o real propheta : não se dava mãos a guardar, e para guardar muito, guardava pouco, e pouco. Andava d'alli por diante melancolico, vigilante e pensativo.

— Que farei? Para onde mudarei casa? Quem me ajudará fielmente?

Já lhe esquecia a oração, já o não achavão affavel os

pobres, compassivo os miseraveis. Emfim deu comsigo em Constantinopla; porque pedia golpho grande o galeão que na sua fantasia armava para as viagens de sua nova fortuna. Tinha juizo e bastante disposição; aprendeu os modos da côrte, vocabulario novo da Babel antiga; nos principios não se deu muito a conhecer; seguio a campanha, mãi repentina de ambas as fortunas. Como tinha muito, não dava pouco, e como dava, todos os soldados erão seus; por aqui chegou a capitão da guarda do imperador. Já está em summa arrogancia e total esquecimento de seus vilissimos principios; já faz mal a cavallos, joga, banquetêa, rompe télas e purpuras. E a oração, a esmola, e a penitencia? Não ha que fallar n'essas cousas: ficárão todas da outra banda do Lethes do seu descuido e mudança.

Era pois tempo de puxar o acredor pelo fiador, Deos por Daniel. Não sabia este do que tinha passado; quando uma vez, orando, teve um maravilhoso excesso de espirito, e em visão imaginaria foi citado a juizo. Estava o juiz que o chamára gravemente irado, e mostrava-lhe um homem mettido entre rosas, todo consumido da actividade do deleite, e dizia-lhe arguindo: « Este é o cuidado que tens da alma de teu irmão? » E logo voltando o magestoso semblante para os anjos, lhes mandou: « Ferí, não perdoeis ao fiador. » Daniel, meio morto de pavor e assombro, pudera dizer de si o que o outro Daniel propheta em outra visão espantosa: *Non remansit in me fortitudo, sed et species mea immutata est in me, et emarcui, nec habui quidquam virium.* Reconheceu o erro da sua fiança e confiança; pedio perdão

com muitas lagrimas, e offereceu-se a reduzir a Eulogio; mas tambem esta lhe sahio falsa, como logo veremos. N'este tempo tornou em si, considerou o aviso do céo, e sem detença sahio a buscar aquella ovelha desgarrada.

Chegado áquella nova Roma, achou a Eulogio tão assistido e cortejado de visitas e pretendentes, que um mez inteiro, de dia a dia, solicitou a entrada para fallar-lhe. Entrou emfim; pedio ser ouvido á puridade.

—Conheces-me? lhe disse com animoso zelo da honra de Deos e da salvação d'aquella alma. Conheces-me, Eulogio, algum tempo pobre cavouqueiro, agora grande cavalheiro? Eu sou Daniel, aquelle eremita a quem, tal anno e dia, hospedaste em tua casa, e lavaste os pés com caridade evangelica. Oh! que tragica mudança te tem desfigurado! Então estudavas nas virtudes, agora na vaidade; então eras amigo de Christo, agora do mundo, da carne e do demonio; então caminhavas pela estreita vereda do céo, agora corres pela estrada larga da perdição! Que fazes? Onde vás precipitando-te cada dia mais profundamente? Que te aproveitará possuires todo o mundo, se perderes a alma? Adverte que não só perdes a tua, mas tambem a minha; porque orei por ti, e fiquei por teu fiador diante de Deos, e me offereci a reduzir-te. Oh! não sejas ingrato a Deos e aos homens, ao céo e á terra. Acorda d'esse pesadissimo lethargo, torna em ti, abre os olhos á luz da fé; não troques um reino eterno por bens que só de bens têm o nome supposto e a falsa apparencia.

Com semelhantes sentenças exhortava o santo ana-

choreta a Eulogio; mas este que faria, vendo-se repentinamente acommettido de tão claros desenganos? Dizem que os javalís, mettendo-se pelo lodo, condensão sobre si uma côdea d'elle tão dura, que os venabulos e lanças dos monteiros os não penetrão facilmente. Lodo espesso chamou o propheta Habacuc aos bens terrenos, e assim os que se mettem muito no manejo e logro d'elles creão tal dureza de espirito, que não calão dentro as mais fortes e vivas exhortações e ameaças dos prégadores. Levantou-se Eulogio irado e sanhudo, expellio ao santo varão contumeliosamente, queixou-se a seus camaristas de o pôrem á falla com um doudo, e estes por desaggravo seu o cobrirão de pancadas; o qual, ensinado á sua custa do lugar onde havia de pôr os aliceres de sua confiança, recorreu a Deos, por via da oração, acompanhando-a com lagrimas, misturada talvez com o sangue de suas feridas; pedio-lhe que tornasse a Eulogio á sua antiga pobreza e necessidade. Agora sim, que pede com discrição! Succedeu logo ter Eulogio desgostos com o imperador Justiniano, e haver bandos e facções, e ser-lhe necessario, por escapar com vida, deixar tudo de repente, e por conserval-a tornar ao seu marrão e camartello, para ganhar com suor e fadiga o taxado sustento quotidiano. Então a vexação lhe deu o entendimento de que o privára a prosperidade, e começou a fazer penitencia; pois da côrte, onde deixára espalhado o seu thesouro, trazia junta bastante materia d'ella. Encontrou-se depois com Daniel, o qual lhe disse movendo a cabeça :

— Que é isto, amigo? Já se acabou a comedia de que eras rei?

E elle, envergonhado, lhe pedio rogasse a Deos que mitigasse de algum modo os rigores de sua pobreza.

— Isso não, respondeu Daniel, as riquezas vos enganárão a vós, mas vós já me não haveis de enganar outra vez; se a pobreza vos é molesta, sabei que vos é necessaria; aprendei a viver sem bens, de que não sabeis usar senão para maldades.

INFERIAS NA CHINA

(I. 155)

Enviuvando certa mulher nobre e rica, chamou logo os Bracmenes (que são os seus sacerdotes ou religiosos) e lhes declarou o firme proposito que comsigo tinha assentado de se consociar a seu defunto marido, por meio de sacrificio de fogo, que havia fazer de si mesma espontaneamente. Louvárão elles e exaltárão até as estrellas esta mais que humana generosidade de animo e fidelidade de amor conjugal, e começou logo a tratar de prevenir tudo o que áquella acção publica e solemnissima era conveniente.

No dia constituido se vestio a viuva o mais rica e curiosamente que pôde : télas, ouro, prata, perolas, pedras preciosas, sendo tanto, ainda lhe parecia pouco para tão rija festa. Assim armada, montou em um soberbo cavallo branco, com jaezes, testeira e mais arreios cobertos de joias, e de todo o mais corpo do novo e

triumphal Bucephalo ia pendente, e artificiosamente enlaçado, tudo o precioso que havia em seu palacio. Ella ia com semblante alegre, ao menos no que representava; levava em uma mão uma grande campainha, que ia tangendo, em outra um pomo. Lançava os braços a uma e outra parte, como costumão as nossas pélas, já levantando-os, já abaixando-os, já circumgyrando um com outro, e fazendo outros gestos e significações do extraordinario contentamento em que seu amante coração jubilava, na consideração de estar proxima a feliz hora em que se havia de ver na suspirada companhia de seu consorte. Ao redor, atrás e adiante ião numerosas turbas de Bracmenes, e sacerdotes e feiticeiras, vozeando e fazendo varios esgares e momos, e ridiculos torcimentos de todo o corpo, e repetindo incansavelmente Ram Ram saltaè; Ram Ram saltaè: isto é, Deos Ram salvai-nos. Discorrendo este feral e satanico triumpho pelas principaes ruas da cidade, veio finalmente a parar onde estava, de preciosas e odoriferas madeiras, aguila, canella, calambuco, e outras semelhantes, preparada uma alta pyra, e em seu apice collocado um como throno. Aqui subio, e se assentou aquella miseravel mulher, sem cessar um ponto de fazer os seus gestos; e logo os sacrificulos submettêrão fogo á lenha com feixes de vimes, untados primeiro com certa especie de resina preciosa; e levantando o clamor todos a uma, espertado mais com varios e sonoros instrumentos, morreu afogada em nuvens de fumo, e abrasada em ondas de chammas, aquella desgraçada victima da vaidade, superstição e hypocrisia, que, imaginando ia sahir direita aos descansos do pa-

raiso, se achou, de improviso, submergida nos abysmos do inferno, para não surgir d'elles eternamente.

AS BOAS OBRAS

(I. 135.)

As aguas do rio Anieno (Plinio lhe chama Anio, e os incolas hoje Teverone) levou a potencia romana dentro a Roma, rompendo montes, complanando valles, e erigindo arcos, por aqueductos de quatorze leguas. Escrevem isto os historiadores por cousa notavel. Quanto mais notavel é que as nossas boas obras, exercitadas cá na terra, as leve a graça de Deos, de sorte que venhão a sahir no Empyreo, e passando em poucos momentos, como torrente, venhão depois, para recreação de quem as fez, rebentar na eternidade, como fonte perenne! Quem tal imaginára? Preciso o ensino da Fé catholica.

Passava o pobre; escondi na sua mão a esmola: vi a imagem de um Crucifixo; puz n'ella devotamente os olhos; era levado o Sagrado Viatico a um enfermo; fui-o acompanhando até se recolher; passava a femea pouco honesta nos trajos e nos passos; desviei d'ella os olhos, por evitar o perigo. Andou depois o sol de levante a poente dobando os dias, e de um tropico a outro os annos; vivi sessenta ou setenta; cerrou-se emfim o meu circulo, voltando para o meu fim, que é Deos, como de Deos sahíra, que foi o meu principio; lá acho na sua casa esperando-me eternisadas aquella esmola, aquella devo-

ção, aquella mortificação da vista e amor á castidade. Bemdito seja Deos! Só a sua graça, que dignificou estas obras, podia levantar aqueductos tão altos que igualassem a terra com o céo, e o tempo com a eternidade.

ALFANDEGA DO OUTRO MUNDO

(I. 137.)

Na cidade de Carthago, em Africa, nos tempos de Nicotas Patricio, houve um soldado pretoriano, alcaide de certo magistrado maior, o qual estragára muito com peccados sua primeira idade; e depois, por occasião de uma geral pestilencia, compungido e temeroso com a mortandade de tantos tão repentinamente, se retirou com sua mulher a uma quintinha nos arrabaldes; porém, nem aqui o deixou o demonio proseguir quietamente seus exercicios de devoção e penitencia; antes o fez cahir em adulterio com a mulher de um rustico seu vizinho. Não muito depois adoeceu, e morreu de males; porque os da pena se proporcionão com os da culpa.

Havia em distancia de uma milha um mosteiro, cujos religiosos, rogados pela mulher do soldado, o acompanhárão, e enterrárão na sua igreja á hora de terça. Mas estando depois rezando Noa, ouvirão uma lastimosa voz, que parecia sahir d'aquella mesma sepultura, e dizia: « Misericordia, tende de mim misericordia! » Certificados mais que d'aquella parte procedia aquelle gemido, acodem logo a revolver a campa, achão vivo o soldado!

Uns o levão da cova, outros lhe desatão as estrigas, outros lhe perguntão o que lhe succedêra, e todos admirados estavão pendentes da boca do redivivo, esperando novas do outro mundo; mas elle, podendo mal formar algumas palavras, entre muitos gemidos, rogou que o levassem á presença de Thalassio, varão santo que florescia então n'aquellas partes. Levado alli com effeito, informárão a Thalassio do que tinha passado, o qual por tres dias continuou em dar-lhe as consolações e doutrinas em tal caso opportunas, e no quarto o veio a reduzir a que contasse o que lhe succedêra, cuja relação, acompanhada com pranto e interrompida com suspiros, foi a seguinte :

— Irmãos carissimos, quando eu estava em passamento, e já quasi arrancando, vi diante de mim uns feros negros agigantados, cuja vista me era mais odiosa e insoffrivel que qualquer outro tormento, e a alma conturbada e medrosa se encolhia todo o possivel dentro de si mesma! D'ahi a pouco vi dous mancebos formosissimos, e logo a minha alma saltou fóra do corpo e se lhes pôz nas mãos, e comecei a voar em sua companhia por essas regiões aereas, onde encontrámos varias tropas, como de malsins e cobradores, que cercavão os caminhos e detinhão os passageiros, e havia tambem muitas como alfandegas, ou mesas, cada uma com seu almoxarife, com livro de razão; e pedião conta uns d'este vicio, outros d'aquelle, cada qual do que lhe tocava, e sem pagarem não os deixavão passar adiante. Ninguem póde explicar a severidade, aperto e miudeza com que fazião o seu officio.

Cada vez que eu empatava em algumas d'estas aduanas, via que os meus dous companheiros, mettendo a mão em umas bolsas em que levavão todas as minhas obras boas que tinha feito, tiravão com que pagar aos cobradores, que pesavão tal por tal, palavra proveitosa por palavra ociosa, verdade por mentira, applicação na reza por distracção, e emfim virtude por vicio, com exacção e miudeza summa, e feito isto, passavamos livres adiante. Até que chegámos á alfandega da luxuria, que estava mui acima, e já as minhas bolsas ião vazias. Alli me agarrárão os malsins, e me representárão vivissimamente na memoria quanto n'este vicio tinha delinquido, que era muito, e mui feio; porque de idade de doze annos comecei a depravar-me. Oh! annos de minha perdição e miseria! Estava eu desconsoladissimo e desanimado por ver tanta fealdade, de que não podia negar ser o autor; a isto acudirão meus companheiros, dizendo que tudo o que pertencia a este ponto estava perdoado de graça quando deixára a cidade, e me retirára a melhor vida. Porém da contraria parte replicárão que ainda depois da retirada commettèra adulterio duplicado de casado com casada. N'este passo os meus companheiros, não achando nas bolsas virtude que pôr contra tão grave peccado, deixárão-me alli como penhor, ou represalia, e se ausentárão.

E logo aquelles ethiopes, arrebatando-me furiosamente, me açoutárão e derribárão em terra, a qual abrindo-se, fui levado por umas cavernas medonhas, por umas encruzilhadas subterraneas escurissimas e apertadissimas, até chegarmos ao reino da morte eterna, onde

com os miseraveis condemnados morão a tristeza immortal, a dôr inconsolavel, o pranto, o rugir dos leões esfaimados, e finalmente a total ausencia de Deos, irado e irreconciliavel. Dizer o que alli passa, sem que jámais possa passar por toda a eternidade, não cabe na lingua humana; e por isso eu antes queria calar-me. Chorão os reprobos lagrimas que queimão, e ninguem se condóe! Ouve-se o bater de dentes, e não ha esperança de remedio. Puxão do intimo do espirito uns gemidos mui tristes e prolongados, e não apparece o rosto da misericordia; porque tudo alli é

> Confusa multidão de ais e clamores,
> De atormentados e atormentadores.

Aqui fui arremessado, como infame galeote, condemnado, segundo o que me parecia, ao mesmo remo da miseria ultima e interminavel: aqui a estive carpindo até que á hora, que depois conheci ser de Noa, vi outra vez os dous anjos, a quem comecei a rogar com quanta instancia pude, que me tirassem d'aquelle calabouço, para fazer penitencia com que aplacasse a Deos, e satisfizesse por meus peccados.

— Debalde rogas! me respondêrão os anjos, porque nenhum dos que aqui estão sahirá senão no dia da resurreição universal.

Porém perseverando eu todavia em pedir tempo de penitencia, e promettendo de a fazer cumpridamente, disse um dos anjos para o outro:

— Ficas por fiador d'este, que fará penitencia, se tornar ao mundo?

— Fico, respondeu elle; e vi que lhe deu a mão, a qual o outro aceitou. E logo ambos me tirárão fóra, e trouxerão á terra, e me mettêrão dentro da sepultura, junto ao meu cadaver, dizendo :

— Entra d'onde ha pouco te apartaste por divorcio. E a minha alma via a sua natureza propria á semelhança de um crystal transparente, ou de um diamante bem lavrado, e a do seu corpo, aonde havia de entrar, por modo de um montezinho de lodo escuro, e asqueroso summamente, e se lhe fez mui duro e molesto o preceito de entrar alli, e tornar a ser moradora de tão triste, immunda e estreita casa; o que vendo os anjos, lhe disserão :

— No corpo peccaste, no corpo é preciso que faças penitencia.

A minha alma lhes requeria que a deixassem ficar fóra ; porém elles respondêrão :

— Desengana-te, que ou has de entrar aqui, ou tornar para onde te trouxemos.

Entrou então quasi violentada. E comecei a clamar desde a sepultura : misericordia! que foi a voz que ouvistes.

Acabando o soldado de referir a historia, o venerando e piedoso Thalassio lhe rogava que comesse para sustentar a vida que Deos por especial providencia quizera conceder-lhe; porém não o pôde reduzir a isso, dizendo que lhe era dada toda para penitencia. D'alli por diante andava de igreja em igreja, peito e rosto por terra, e de quando em quando, levantando a voz, lançava este horrendo pregão :

— Ai dos peccadores que não fazem penitencia! Oh! que tormentos os esperão! Ai dos peccadores que manchárão seus corpos com deleites torpes! Oh! que inferno os espera!

D'este modo perseverou quarenta dias continuos, com notavel fructo dos que o ouvião e sabião do succedido; que não devião ser tão duros de coração como aquelles de quem o patriarcha Abrahão disse ao rico avarento, quando lhe demandava um prégador sahido do outro mundo para convertêl-os: « Lá têm a Moysés e aos prophetas; e se a estes não dão credito, tambem o não darão aos mortos resuscitados. »

Purificado emfim aquelle espirito com esta saudavel quaresma de penitencia, havendo tres dias antes dito quando se ia de partir, no ultimo d'elles se desatou do corpo felizmente.

AMIGOS DO MEU

(I. 144.)

Quando alguem tem pão em sua casa, tem tambem em sua casa amigos.

Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, têm varias semelhanças que declarão mais a sua falsidade. Uns disserão que se parecião com os golfinhos, que acompanhão festivamente aos meninos que andão nadando emquanto ha bastante agua onde elles possão nadar tambem; mas, tanto que esta falta, se retirão ao alto, porque não querem dar em secco. Outros os com-

parão ao corvo, que tornou para a arca e companhia de Noé só emquanto não achou cadaveres que comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra. Outros os comparão ao azougue, que se pega muito ao ouro, onde quer que lhe dá o faro d'elle; mas se o mettem no fogo, em um momento vôa. Ha hoje muitos amigos azougados, que no tempo do fogo da tribulação logo fogem. Outros os assemelhão ás formigas, que nunca andão pelos celleiros vazios.

GALÉ DOS MUNDANOS

(I. 275.)

No seu tanto, ha dentro da igreja catholica muitos imitadores de Luthero, que não se atrevem com a leve carga dos mandamentos da lei de Deos, e se sujeitão á escravidão do diabo, por amor do seu appetite. Podem velar noites inteiras sobre as mesas do jogo; não se podem applicar meia hora a um livro devoto! Não estimão aventurar a vida por desempenhar um pontinho de honra propria, e temem magoar a saude para satisfazer, por seus grandes peccados, á honra de Deos. Para eu ganhar um pouco de ar no applauso publico hão de ter librés luzidas tantos lacaios meus quantos dias conta o sol no anno; e para eu ganhar o reino da gloria não ha de ter um manto meu ou capa a viuva ou sacerdote pobres. Estas palhinhas não nos atrevemos a levantar do chão, nem para ir ao céo, e est'outros montes tomão-se ás costas,

não para subir ao céo, qual foi a intentona dos Encelados, Typhêos e Briarêos, senão com a certeza de que, se a morte nos colhe em máo estado, nos precipitamos no inferno. Leio no propheta Ezechiel, que a cidade de Tyro, propria figura do mundo (pois quer dizer angustia, tribulação, prisão e apparencia, que é tudo o que n'elle ha), se gaba de que nas suas galés andão remeiros que vogão com os carvalhos potentes de Basan feitos em remos. Vêdes vós os que em serviço de Deos não podião com uma palha? Lá andão nas galés do mundo mui forçosos, e não forçados, senão voluntariamente sujeitos a mil angustias e tribulações, e presos a mil dependencias e respeitos, puxando pela sua ignominia e confusão, que isso quer dizer *basan*.

Não se podem negar estas verdades, pois as testifica a confissão dos mesmos que as experimentão. Querem ver alguns d'estes remeiros, cada um junto do seu tollete? Alli está o aulico ou cortezão; oh! quanta paciencia, dissimulação, diligencia, fidelidade e perseverança lhe é necessaria no serviço do principe! Como hão de ser medidas todas suas acções e palavras! Quanto ha de estudar em adivinhar pensamentos e discernir tenções, e desviar ou vencer emulações. Seneca diz de um d'estes, que, perguntado como chegára a envelhecer em palacio, sendo cousa tão rara, respondeu : « Soffrendo injurias e rendendo graças. » Se este homem fizera outro tanto em serviço de Deos, quem duvida que era santo? E não qualquer santo, accrescenta Pedro Blessenso, senão martyr de Christo. Acolá está o soldado tão observante das leis da obediencia, que a antepõe á vida; se não

despreza o seu corpo, não póde ser soldado. Passai-o da campanha para o noviciado de uma religião reformada; logo ha de começar a gemer e a queixar-se, e a olhar para a porta. Pois que diremos dos estatutos estreitissimos que ha de guardar um pretendente dos desposorios de alguma senhora de palacio? Aquelle andar gyrando-se a todos os caminhos e passos d'ella, como outra Clicie aos do sol; aquelle não a perder de vista nas igrejas, ainda que por isso perca outras attenções de superior ordem a Christo sacramentado e exposto; aquelle não cobrir a cabeça ao lado da sua liteira, mas que o signo de Leão o morda em Julho, ou o de Aquario o ensope em Janeiro; aquelle não fallar-lhe senão com ambos os geolhos em terra (que para os altares e sagradas imagens basta-lhe inclinar um, ou ameaçar que o inclina), e outras infinitas miudezas igualmente impertinentes que ridiculas, qual foi v. g. a do outro que mandou dous pagens com caçoulas acesas acompanhar ás portinholas a liteira onde ia a sua Auristella. E' certo que a metade d'estes obsequios (em seu devido modo e ordem) feitos em honra da Virgem Senhora Nossa bastava para um merecer o nobilissimo titulo de seu devoto.

VAIDADES FEMINIS

(I. 177.)

O mesmo discurso podemos fazer na tarefa da mercancia por avareza, e na das lettras por vaidade, e nos

litigios prolongados por empenho, e em qualquer outro negocio, por servir á mammona, ou ao appetite; mas cheguemo-nos já especificamente ao caso de Pelagia, e das que se parecem com ella no estudo dos enfeites, ainda que se não pareção na gentilidade, nem na gentileza, nem professem máo viver, senão sómente bem parecer. Quanto é necessario de tempo, de estudo, de cuidado, de despezas, de trabalho e afflicção de espirito para se pôr á vela uma d'estas náos? Bem lhes chamei náos; porque já Plauto disse: « A náo e a mulher nunca se dão por bastantemente equipadas. » E concorda o adagio de Terencio: « Mulheres, emquanto se apercebem, emquanto se enfeitão, lá vai o anno. » Os Romanos antigamente, vendo que por opulentos que fossem os pais e maridos, não havia panno para tão largo cortar (porque n'ellas o seu giz e tesoura é o seu appetite e teima), sahírão com a lei Oppia, sendo consules Q. Fabio e T. Sempronio, assim chamada de C. Oppio seu instituidor, em que mandavão moderar estes excessivos gastos. Porém tal foi a impaciencia com que as matronas reclamárão, tal o motim que levantárão ao redor do palacio dos Brutos, que d'alli a poucos annos já a pragmatica estava antiquada.

No capitulo terceiro de Isaias está lançado um bastante aranzel, ou rol d'estas galas e adereços femininos; porque, indignado Deos de tanta vaidade e luxo, ameaça castigal-o com terriveis demonstrações, e por principio d'ellas diz que ha de deitar abaixo as fivellas e topes do calçado, as luas, os collares, as gargantilhas ou afogadores, os braceletes, as mitras, os pentes e fitas que

servem de apartar e apertar as tranças, os fraldelins, os cordões de ouro, as pomas e frasquinhos de aguas de cheiro; as arrecadas e chuveiros, os anneis e memorias, as joias de pedraria preciosa pendentes sobre a testa, as galas de festa, os capotinhos, os volantes e velilhos, as espadinhas, os espelhos, as toucas, os listões, vendas e faxas, e os mantos finos. Porém n'este rol não está a centesima parte do apparelho que pede esta grande náo (chamemos-lhe Libentina, que era a deidade de fazer cada um o seu gosto) para velejar vento em pôpa nas ceruleas planicies do applauso publico. E mais é de advertir que o propheta falla das mulheres que andão em seus pés; que as que andão nos alheios necessitão de muito mais enxarcia, enfrechadura, amantilhos, de muito mais flammulas e galhardetes, de muito mais guirnaldas e pharóes, e de melhores pavezes a um e outro bordo. E a maravilha é que quanto a náo vai mais carregada, mais levezinha vai, porque a mesma carga lhe faz ganhar vento; supposto que só em ser mulher tinha já bastante, conforme aquelle dystico:

Quid levius fumo? Flamen. Quid flamine? Ventus.
Quid vento? Mulier. Quid muliere? Nihil.

Tenho reparado em que os latinos a este ornato e adereces de mulher chamárão mundo; e quer parecer-me que este nome não só quadra ao seu significado, emquanto quer dizer limpeza, senão emquanto quer tambem dizer o mesmo mundo; porque de todo o mundo leva esta náo generos, e todo o mundo é necessario concorrer para ornar uma mulher. Por onde, se

S. Gregorio achou, com verdade, que a creatura humana era todo o mundo, porquanto com umas creaturas convem no ser, com outras no sentir, e com outras no entender, participando tambem o ornato de uma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão e verdade se chama esse ornato, mundo. Vejamol-o mais em particular.

Dos reinos do Decão e Bisnagar, e de Golocondá na India Oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scythia e Egypto, esmeraldas; dos reinos de Pegú, e da cidade de Calecut, e da ilha de Ceilão, saphiras; do Seio Persico entre Ormuz e o Bassorá, da Samatra, ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa, de Escossia, Silesia, e Bohemia, leva perolas; do porto de Julfar na Persia, leva aljofar (que d'ahi se derivou este nome); da cidade de Syene no Egypto superior, e do mar Thyrreno, leva coraes, que se se desterrárão já dos rosarios e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas; dos campos de Piza, e dos montes Alpes, leva crystaes; do mar da Suevia, e de Lubeca, leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Phaetonte choradas solemnemente cada anno pela sua desgraça; dos reinos do Monomotapa e Zofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na nossa America, leva ouro; do Cerro de Potosi nas conquistas d'el-rei Catholico, leva prata; de Allemanha, os camafêos, de Moscovia, as zebellinas e martas, e do Palatinado as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos Suizaros, os arminhos; do Brasil os saguins para manguitos, e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro em Phenicia, a purpura; da serra d'Arrabida, grã; de Portugal e Cas-

tella, a côr; de Veneza e Hollanda, os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas; de Cordova e Hungria, ao menos as receitas para as aguas odoriferas d'estes nomes; das Indias de Castella, a almeya, e oleo d'ella para as mãos; de Touquem, o almiscar; do Maranhão e Ceará, o ambar; de Angola, Guiné e Cabo-Verbe, a algalia; das nossas Indias, o calabunco e aguila, os canequins e panninhos de coco, e os toribios; da Africa, as pennas dos avestruzes, para os cocares de plumas; da China, os lós, os leques e as chitas; de Granada, os tafetás; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambrai, as têas finissimas e candidissimas que têm este nome; de Guimarães, as linhas; de Lyão de França, as primaveras; de Modaba, na Persia, e de Italia, as télas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, Genova e Napoles, os chamelotes; de França, as luvas, os signaes para o rosto, e tambem os leques, uns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de inverno; de Inglaterra, as meias, fitas e reloginhos de algibeira; da Arabia, a gomma, que tambem serve officio n'este mundo; da Batalha, os azeviches, para dar figas aos máos olhos.

Que mais? É necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras, que se esbulhem das perolas, senão tambem com as tartarugas, que desarmem as costas para pentes e cofrinhos, e com as balêas, que empenhem as barbas para sahir um justilho, ou prepoem bem desarrugado; são necessarios de varias partes varios materiaes para bocetas, escriptorinhos, bahús, guarda-roupas, para recolher nos camarins e escaparates,

este mundo abreviado : são necessarios vidrinhos, e garrafinhas, e redomas, e boccetas, curiosa e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia de ingredientes liquidos e seccos, simples e confeccionados, que servem de estender o dia da formosura, quando já vêm cahindo maiores as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer na cara ao desengano, que mente. Que mais? São necessarias até as nuvens do céo, para a primeira agua de Maio, que opinárão fazia o carão lustroso; são necessarios até os mortos, para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de seda. Estava para dizer que são necessarios até os demonios; porque assim como a mão de Deos ajudou (como diz o Texto Sagrado) a formosura de Judith, porque se ordenava a intento santo e de sua gloria, assim tenho para mim que sem a mão do demonio não poderá o appetite humano inventar, e dispôr, e applicar tanta vaidade e curiosidade.

Emfim, eu me acho cansado de peregrinar por este mundo immundo, como lhe chamou Tertulliano. Dizeilhe agora a Cayo Oppio que chegue a bordo d'esta náo com a sua pragmatica; verá com que salva da artilharia o recebe; dizei ás rendas do morgado mais atlante que sustentem este mundo. A mulher prudente, sisuda e amiga de sua casa é comparada por Salomão á náo mercantil; porém náo que de longe traz pão; mas a mulher vã e amiga de enfeites e galas é náo que de longe traz a fome, porque a todas as partes do mundo faz desembolsos. Aquella o pão que traz é seu, porque sobre ser bem ganhado, é bem conservado; esta a fome que traz

é sua, e de seus filhos, e criados, e escravos; porque quanto se põe no superfluo, tanto se tira do necessario.

Recolhendo-nos agora ao nosso principal ponto, d'onde sahimos, pergunto : Para que é necessario a uma mulher todo este mundo? Para parecer formosa. Concedamos-lhe que o parece; e ainda mais, que o é; que não é pouco barato, pois sabemos aquillo não é rosto, senão mascara, com S. Gregorio Nazianzeno; que bem sabemos, com Propercio, que d'aquellas formosuras se mercão nas lojas, e tendas, e boticas, e talvez para deitar a perder a natural; e com Ovidio, que o menos que alli ha n'aquelle composto é a mesma pessoa, porque quasi se sumio entre tantos atavios sobrepostos.

Que tira ella emfim de ser ou parecer formosa? Vaidade. Não mais nada. Tira tambem enfermidades do corpo, perigo da alma, enfados, murmurações, e depois tanto em penas do outro mundo, quanto este lhe deu em glorias; com esta differença, entre outras muitas, que as glorias forão falsas, e as penas serão verdadeiras. Pois não pudera esta mulher com quatro lagrimas choradas debaixo do seu manto, com um crucifixo diante dos olhos em lugar de espelho, e com amar a verdade, que é a lei de Deos, deixando-se ajudar da sua graça; não pudera, digo, d'este modo mais facil, mais util, mais honesto e deleitoso, ser formosa nos olhos de Deos? Pudera, e na mesma Pelagia temos o exemplo, cuja alma, depois de convertida, via o mesmo S. Nonno em figura de uma candidissima pomba, vendo-a de antes sordida e feia. E se fallamos da formosura do corpo, é

de fé que Christo na ultima victoria ha de redimir os nossos corpos, e dotar os que o servírão de luz e formosura incomparavel e eterna. Logo porque queremos antes a vaidade e a mentira tanto á nossa custa? Essa é a miseria, esse o engano, que diziamos; que os caminhos do mundo difficultosos se nos fazem faceis, e os faceis de Deos, difficultosos. Para servir ao mundo temos forças, e arte, e soffrimento; para servir a Deos, tudo são desculpas, temores e repugnancias.

D'aquellas vaccas que levavão a arca de Deos onde ião as taboas da lei, diz o Sagrado Texto que ião andando e bramando; mas sempre pelo caminho direito, sem declinar para uma nem para outra parte. Já se nós fossemos andando com a lei de Deos ás costas, e caminho direito, pudera-se dissimular que fossemos bramando e gemendo, porque puxava por nós a natureza, como o amor dos bezerrinhos puxava pelas vaccas; porém gemer, e não andar, e só quando levamos o mundo ás costas por caminhos torcidos, então andar sem gemer, isto não só é grande miseria, senão grande malicia; e se por malicia digno de castigo, por miseria digno de lagrimas. Tal motivo tiverão as de S. Nonno, quando chorava e dizia: « É possivel que esta mulher se desvele tanto por agradar ao mundo, e eu tão pouco por agradar a Deos? » Queira elle por sua misericordia que aprendamos estas lições!

AMAR A DEOS SOBRE TODAS AS COUSAS

(I, 196.)

Se só precisamente o não amar é de espirito diabolico, que será o não amar a Deos? Demos que um homem era de condição tão de ferro, que nem tratava com seus amigos, vizinhos e compatriotas; nem correspondia a seus parentes e bemfeitores; nem amava a seus mestres, irmãos, pais e filhos; nem o seu affecto se abalava pela commiseração dos trabalhos e oppressões graves do proximo; nem erão poderosos para causar serenidade em seu coração os longes do firmamento estrellado, as perspectivas dos campos elysios, as musicas dos amphiões e orphêos, as graças da candida innocencia dos meninos, a gentileza e galhardia dos Absalões e Adonias, das Racheis e Estheres; sempre ficava tão rijo e immovel.

Só o figurar na fantasia tal casta de homem mette horror e melancolia, e fica dizendo o espirito: Longe vás tu de mim, para debaixo do polo arctico glacial, ou para as furnas das cimerias sombras. E todavia este tal homem, que supponhamos que a nada tinha amor, ainda assim devia render-se ao amor de Deos. Não entra em numero a bondade d'este Senhor com a de qualquer outra cousa creada. *A triumphal carroça de sua amabilidade roda sobre os cabeços dos mais elevados montes*[1]

[1] Imagem pouco plausivel.

de outras quaesquer possiveis prendas e merecimentos de amor.

A balança, em que posta toda a redondeza da terra nenhum abalo ou declinação causasse, todavia em chegando a pôr-se n'ella a imponderavel divida do amor de Deos, logo havia de ir ao fundo. Deos é a honra, a gloria e a magestade; Deos é o imperio, dominação e soberania; Deos é a graça, a luz e formosura; Deos é a virtude, fortaleza e omnipotencia; Deos é a sabedoria, eternidade e immensidade; Deos é todo o bem, e sobretudo o bem, unicamente o bem; Deos não é cousa alguma do que temos dito, ou podemos dizer, do modo que o sentimos, senão por outro infinitamente remontado e totalmente ineffavel. Ahi balas e mais balas disparando! Ahi settas e mais settas chovendo! Que coração ha de fazer frente a esta carga cerrada de merecimentos de amor, sem render-se e sem folgar de ser prisioneiro de tão bom Senhor? Que abysmo será logo de dureza não amar ainda assim a Deos, e ficar-se o homem como se não fôra homem, ou como se totalmente não fôra? Contemplar esta especie de creatura (se póde ou deve chamar-se creatura) faz enjôo, e provoca a vomitos o *estomago da memoria*[1]. Vem cá, Catoblepa dos olhos carregados, e focinho derribado sobre a terra, não basta a força de um Deos para os levantares a adoral-o? Nem te faz móssa no coração um bem infinito, conhecido por fé, para lhe mostrares amor e respeito? Bem se vê (do modo que na escuridade d'esta vida se póde ver) que isto é grande miseria!

[1] Não é expressão para ser imitada.

REFUTAÇÕES DE MALDIZENTES

(I. 202.)

Os escandalosos logo acodem ao despique dos nossos juizos temerarios, querendo fundar a innocencia propria na insensibilidade alheia, e que todos sejamos cegos emquanto elles fôrem feios. E se os apertais com razões, desatão-se em necedades e descomedimentos.

O bonacho, animal semelhante á vacca, e com crinas como cavallo, quando os caçadores o perseguem solta de si tão pestilente humor por largo espaço de terra, que os atordôa, e assim deixão de o seguir; taes são os que, quando os quereis reduzir á razão, de cada vez soltão mais despropositos, e fallão descomedidamente.

MORTE DAS CRIANCINHAS, ALEGRAI-VOS

(I. 207.)

E aqui têm os pais que sobreviverem a seus filhinhos, um vivo e efficaz motivo para mitigar saudades e enxugar lagrimas. É este a fé certissima de que d'estas mortes tão em flôr resulta a Deos gloria grande, e áquelles meninos a maior felicidade. Oh! que grande gloria para Deos levantar em um instante desde o pó da terra ao throno da gloria os miseraveis filhos de

Adão, para serem filhos seus e principes no seu reino! Que grande gloria ter o cordeiro de Deos tantos cordeirinhos lavados com seu sangue, e marcados com sua cruz, que o seguem para onde quer que elle fôr! Que grande gloria louvarem a seu creador no céo dos céos estas estrellas matutinas, que elle tinha ab eterno fechadas debaixo do firme signaculo de sua predestinação! Orgãos ha que entre seus varios registros têm tambem algum de vozes de passarinhos; formado tão artificiosamente o interior dos canos, que ao entrar o vento parece que cantão aves; as varias ordens ou jerarchias dos bem-aventurados são uns como registros d'aquelle maravilhoso orgão da triumphante igreja, onde perpetuamente sôão os divinos louvores. Um registro se compõe de vozes de prophetas, outro de vozes de martyres, outro de vozes de virgens, etc. Que muito que houvesse tambem o seu registro de vozes de passarinhos? Estes são os innocentes que ainda não tinhão azas para sahir do ninho, e já por beneficio de Deos as tiverão para se remontar ao paraiso. Toda a gloria redunda no artifice d'este mystico orgão.

Mas se para Deos é grande esta gloria, para os mesmos innocentes é maior felicidade. Estão dentro em Deos, e fóra do mundo: trocárão o valle de lagrimas pelo monte das alegrias; e o Ur dos Caldêos pelas seraphicas chammas do puro amor divino; elles achárão a Christo, e o demonio os perdeu a elles; vivem em posse pacifica da graça, e em liberdade segura do peccado; podiamos aqui dizer com o portuguez Homero: *Olhai com quem, e sem quem.*

BEM CASADOS

(I. 225.)

Se não queres casar mal,
Casa com igual.

Não é necessario cavar muito para achar a razão d'isto. A semelhança é causa de amor, e os bons casados devem ser

A pesar del amor, dos;
A pesar del numero, uno.

Todas as fórmas se introduzem nos sujeitos tanto mais suavemente, quanto mais proximas são as disposições para ellas. Casem primeiro as idades, as condições, as saudes e as qualidades; então casaráõ bem as pessoas; d'outro modo, já de antemão levão o divorcio meio feito.

Muito tem que soffrer um consorte no outro, ainda quando a desigualdade não é muita; por isso se mandou abrir este epitaphio na pedra sepulcral de dous casados:

Heus viator, miraculum!
Hic vir, et uxor non litigant.

Olá caminhante, maravilha! Marido e mulher aqui não brigão.

Que será se ella fôr uma Abigail liberal e prudente, e elle um Nabal miseravel e nescio; ella uma Mariamne

virtuosa e leal, elle um Herodes impio e atraiçoado; elle um Socrates reportado e quieto, e ella uma Xantippe colerica e voluntaria? ou se houver outras notaveis differenças, de que costumão entre os casados proceder as differenças, como se esperará aqui a paz e concordia de espiritos? Se até dentro da sepultura brigassem, não seria a primeira vez que brigárão os cadaveres e ossos de defuntos.

COMO FIZERES TE FARÃO

(I. 255.)

É caso bem singular e lastimoso o que vou a referir. Antigamente houve entre gentes barbaras este impiissimo costume, que os filhos enterravão vivos seus pais, quando estes, por velhos e enfermos, não podião ganhar de comer. E refere um grave historiador que, fazendo jornada a mulher do conde Mansveldio pela provincia Luneburgense, ouvio uma lastimosa voz, que d'entre a espessura de umas arvores gemia, e pedia misericordia; desejando saber a causa, mandou chegar para aquella parte a carroça, e vio a um velhinho atado de pés e mãos, pedindo a outro homem que lhe perdoasse a vida, e este, sem fazer d'isso caso, lhe estava a toda a pressa abrindo uma cova.

— Que fazes, homem? lhe perguntou a condessa.

E elle, muito leve no caso, e como quem entendia que

não fazia mal, lhe respondeu que queria enterrar a seu pai, porque era já de todo inutil. E reprehendido de tão deshumana impiedade, accrescentou que não podia ganhar pão para seus filhos, que erão muitos, e mais para seu pai. Então a condessa lhe deu algum dinheiro para sustentar-se o velho. Aceitou-o; mas com resalva; que o teria vivo emquanto o dinheiro não expirasse. Note-se que descuidado estava então este homem de que seus filhos ao diante o medirião tambem pela mesma rasoura!

NECESSIDADE E APPETITE

(I. 309.)

É mui difficultoso discernir quaes são os precisos limites por onde confrontão estes dous vizinhos, *necessidade e appetite;* porque ambos se fundão na natureza, e o mesmo ramo que leva uns fructos bons ou indifferentes, leva outros ruins e venenosos. Quem ha de definir ao justo: Até aqui é necessario de comer, ou dormir, ou conversar; d'aqui por diante já é vicio? Maiormente, sendo quem ha de dar esta sentença tão antigo domestico do amor-proprio, que é ladrão mais cadimo que o mais destro cigano. Declaro-me com este simil. No Prado Espiritual se conta de um virtuoso monge, a quem o seu abbade mandou guardar os cochinos do convento que andavão pastando debaixo dos bolotaes da mesma casa. Alguns vizinhos, cujas fazendas do mesmo genero con-

finavão com aquella, instigados da inveja e malicia, se punhão á espreita, para que, tanto que algum d'aquelles animaes sahisse fóra dos seus limites, tomal-o por perdido e matal-o. Andando os dias, desejou o monge pegureiro subir ao seu convento para tomar alguma refeição de espirito, com os santos exercicios que costumava. Não tendo, porém, quem por entretanto ficasse de guarda, confiado na virtude divina chamou a toda a grei e lhe intimou da parte do Senhor que até elle tornar nenhum d'elles passasse de tal e tal marco, que erão os das proprias terras. Caso maravilhoso! Tão pontuaes obedecêrão todos, que em chegando alli em busca da lande, nem um só pé punhão fóra, e logo revoltavão para dentro. Até que os vizinhos, enfadados da espera, entrárão, e ás vergastadas os procuravão desencaminhar para fóra; porém por muita instancia que n'isto puzerão, nunca o puderão conseguir; porque tanto que os perseguidos animaes chegavão ao termo signalado pelo monge, como se topassem com um muro de pedra e cal, tornavão a fugir para dentro. Reconhecida emfim a maravilha, pedírão aquelles homens perdão do seu depravado intento, contando o caso.

E, applicando eu este ao nosso, digo : que se os brutos dos nossos appetites forão taes que lhes puderamos impôr semelhante preceito : Até aqui chegai, até aqui não, facil fôra largar a natureza o que lhe compete, sem perigo de se desmandar; porém este máo gado anda solto á bolota, sem distinguir a que é sua da que é alheia, e quanto mais engorda mais grunhe, e não se divisão bem os marcos d'estes dous terrenos. Logo é conve-

niente encurtar o da necessidade, para que se não confunda com o do appetite.

A esta difficuldade de distinguir o necessario do superfluo accresce outra, que é de negar o superfluo e illicito, se nos não negarmos tambem em parte no licito e necessario.

Usemos para o declarar de outros similes. Quero endireitar uma vara que está torcida : bastará por ventura trazêl-a com moderada força até aquelle ponto em que fique direita? Não por certo; senão que é necessario repuxar para a parte contraria, como se a minha tenção fosse, não tirar-lhe o torcimento, senão trocal-o por outro. Quero passar um rio caudaloso de ribeira a ribeira: bastará metter a prôa em direitura da paragem onde pretendo desembarcar? Não por certo; senão que é necessario mettêl-a muito mais arriba, porque a força da corrente m'a fará insensivelmente vir decahindo. Pois assim tambem, para uma pessoa endireitar as suas más inclinações, não basta que procure pôr a natureza em uma mediania racionavel; senão que é necessario puxar para o extremo contrario, e para vir a sahir com a mortificação, ou negação do illicito, é necessario emproar mais alto, abraçando a negação do licito.

V. g., para que o appetite não peça o almoço que era superfluo, é bem negar á natureza a cêa, que era necessaria. Porque o appetite não cobice o alheio, que é illicito, é bem negar á natureza ajuntar e guardar o proprio, que é licito. De semelhante industria usava S. Pedro de Alcantara, que quando o corpo lhe pedia mais roupa, porque estava frio, tirava o manto, e ficava mais

frio, e quando depois lh'o restituia, já ficava satisfeito e contente com aquillo mesmo que d'antes lhe não bastava.

D'este modo se vencem os appetites.

O GRÃO LAMA

(I. 35.)

Uns padres da companhia de Jesus virão como ha no reino de Tauchut, na China, dous reis, um que administra todo o temporal, outro que faz figura como de summo pontifice, a que chamão o Deos pai, ou celeste, e commummente o grão Lama. Este, em toda a Tartaria, e nos reinos convizinhos, tem tal veneração, que qualquer rei, e ainda o mesmo imperador, não póde coroar-se, nem exercer seu officio, sem primeiro mandar-lhe especiaes embaixadores a pedir-lhe a investidura ou inauguração, com presentes preciosissimos. Vive sempre nos deliciosos retiros do seu palacio, e a mui raras pessoas se mostra, por favor grande, em uma riquissima tribuna, rodeada de alampadas, sentado como mulher sobre um coxim preciosissimo; e recebe em tudo culto, e ritos, e ceremonias como divindade. E a tão alto gráo de estima subio a veneração (pondere-se a illusão do nosso inimigo commum, com que sempre procura fazer contumelia á natureza humana), que até os seus excrementos se entende e crê que servem contra todo o genero de enfermidades; e por conseguinte os

applicão misturados em todos os medicamentos; e não se envergonhão, antes se glorião, de os trazer em boccetinhas de prata e ouro, pendentes ao pescoço, como certissimo amuleto contra todo o máo successo. Mas porque a morte com a sua irreverente gadanha não deite abaixo toda esta falsa tramoia de divindade, tanto que o grão Lama morre, os seus familiares, que vivem grossamente das gages d'este embeleco, têm já preparado outro homem que se pareça com elle, e o substituem no seu throno, affirmando ser o mesmo, porém resuscitado; de sorte que o que reinava no tempo que os ditos padres alli se achárão era já resuscitado sete vezes. Nem se atreve pessoa alguma a suspeitar n'isto falsidade, sob pena de apostasia da sua fé. E temos um homem, senão immortal simplesmente, ao menos redivivo, a fôro de Phenix, ou que traz a immortalidade em prazo de muitas vidas, quantas a malicia e cegueira d'aquellas gentes quizer; uma e outra effeitos do demonio, que as domina e dementa.

HEROICIDADE DE ALGUNS PORTUGUEZES

(I. 334.)

Para que mais particularmente conste de que parece que Deos creou a nação portugueza para estragos, desprezo e relé da Sarracena, quero referir aqui alguns casos que dentro das mesmas ferocidades de Marte descobrem um não sei que de comica graciosidade.

Na batalha que D. Francisco de Menezes, capitão de Beçaim, venceu contra um poderoso campo do Nizamora, um fulano Trancoso, depois de haver bem pelejado, pôde alcançar com um braço a um mouro pela petrina (que era um cinto que usavão de muitas voltas), e como era agigantado de membros, e fiava de suas forças, o levantou no ar por rodella, e se lançou entre os mouros, matando muitos a seu salvo; porque os golpes que lhe atiravão, recebia com destreza no miseravel corpo do agarrado, o qual era juntamente seu inimigo de vontade, e seu protector contra vontade; porque o braço a que servia de rodella lhe dava tantas cutiladas quantas fazia que aparasse. Com que assim este mouro, como os mais que se chegárão, erão todos em ajuda do Trancoso; este, porque ō defendia dos mais; e os mais, porque dando n'este, lhe escusavão esse trabalho. Raro modo de fazer do couro alheio coura propria! Lá dizia uma valorosa matrona Lacena, embraçando o escudo a seu filho que partia para a guerra : Vêde, que ou haveis de tornar vivo com este, ou morto sobre elle. No nosso caso, pouco se lhe dava ao Trancoso de deixar na refrega o escudo; antes quanto mais lh'o rachassem, tanto mais folgado e contente se recolheria.

Em Ceuta, indo D. Affonso da Cunha em certo recontro atrás de um mouro, ao atirar-lhe uma cutilada lhe resvalou a espada, e saltou fóra da mão; mas em vez de assustar-se com o caso, tomou maior colera, e gritou ao mouro, dizendo-lhe : « Oh cão, levanta, e traze aqui logo. » E o mouro temendo, que se não obedecesse tinha a morte mais certa, voltou humilde, levantou do chão

a espada, e lh'a entregou; e o Cunha então compadecido o deixou ir livre. De sorte que este Portuguez usava d'aquelle mouro como de inimigo para o recontro bellicoso, como de escravo para o mando senhoril, e como de liberto para a manumissão facil; ou fazia conta que aquelle infiel era juntamente caça e cão; caça para correr perseguindo-a; e cão para lhe trazer o que cahisse. Ao cão chamou S. Gregorio Nysseno espada viva do homem. *Como aqui o christão era o homem, e o mouro o cão: no cão achou o homem á mão uma espada, quando vio outra fóra da mão, e mandou á sua espada viva que lhe trouxesse a sua inanimada*[1].

No cerco de Diu, que sustentou o grande capitão Antonio da Silveira, sendo Fernão Penteado ferido gravemente na cabeça, foi ao cirurgião que o curasse, e achando-o occupado na cura de outros, emquanto aguardava a sua vez, ouvio estrondo de um rebate que os Turcos davão; e não lhe soffrendo o coração não se achar n'elle, correu áquella parte, onde, envolvido na refrega, ganhou segunda ferida grave na cabeça; com que apertado tornou ao cirurgião, a quem achou ainda mais occupado que antes, e como n'este tempo os Turcos apertassem muito com os nossos, elle tornou a acudir com grande alvoroço, onde recebeu terceira cutilada no braço direito, e veio curar-se de todas tres. De sorte que assim ia este soldado buscar mais feridas, como se, achado o cirurgião ocioso, quizesse dar-lhe em que se occupar, e mais falta fazia ao seu natural a briga, do

[1] Desperdicio de subtileza.

que á sua cabeça o sangue, querendo antes ferir-se depressa do que curar-se devagar. A Tarantula, ainda depois de esmagada, salta, se lhe tangem; este animoso guerreiro, ainda rota a cabeça, pulava, se ouvia estrondos militares, porque erão musica para elle.

No mesmo cerco outro Portuguez, cujo nome se lhe não sabe, acabando-se-lhe as balas, e não tendo á mão com que carregar o mosquete, abalou e desarraigou um dente, e com elle em lugar de bala fez o tiro, e acertou em um Turco, para o qual não foi favo doce, senão bocado amargoso isto que sahio da boca d'este leão. Adaptou na do mosquete o dente da sua, mandando-lhe que mordesse ao longe, já que não podia de perto.

O nosso grande Affonso de Albuquerque tanta fama ganhou de conquistador valoroso, que a cidade de Gôa não queria largar seus ossos para se trasladarem á de Lisboa; como se lhe parecesse que n'elles, ainda que seccos e frios, conservava um certo genero de presidio contra as barbaras invasões de seus inimigos, e vinculado um como prazo de vencêl-os. Mas dizem que, obrigada por censuras, os deixou levar, e descansão no convento de Nossa Senhora da Graça. Não teve na terra premio competente a suas acções heroicas. A causa papece que se colhe sufficientemente de um dito seu em occasião que acabava de ler certa carta d'el-rei D. Manoel.

Fulano e fulano, disse elle para alguns circumstantes, que eu enviei para o reino presos por graves culpas, tornão cá, um por capitão de Cochim, outro por secretario!!! Eis-aqui fico eu mal com el-rei por amor dos

homens, e mal com os homens por amor d'el-rei. Velho, acolhe-te á igreja; já é tempo de morrer, pois assim importa á tua honra; e eu sei que não deixarás tu de fazer o que á tua honra importa.

GLORIOSO SUCCESSO DA ESPADA DE UM COMBATENTE EM UM NOVO E ARRISCADISSIMO DESAFIO

(I. 355.)

Na ilha de Rhodes, não longe da igreja de S. Estevão, ha uma eminente e soberba rocha, solapada nas raizes com uma cova profundissima, d'onde, como de funeral garganta, mana um regato de moderada corrente.

N'esta cova tinha sua morada subterranea um dragão tão horrendo, disforme e formidavel, que não sómente infestava toda a parte oriental da ilha com ruina e mortandade dos homens e dos gados, mas ainda só com o halito venenoso corrompia os ares, de modo que sem manifesto risco da vida ninguem podia chegar-se áquelle sitio; causa por que o grão mestre da religião Jerosolymitana, por publico edicto seu, fizera defeso aquelle passo a qualquer condição de pessoas, comminando aos mesmos cavalleiros da ordem pena de privação do habito e de morte; por onde foi chamado commummente aquelle lugar, Mal passo.

Havia n'aquelle tempo um cavalleiro, mancebo nobilissimo, natural de Gauscunha, dotado de forças, assim do coração, como do corpo, por nome frei Adeodato de

Gozon. Reputou este por cousa indigna, e de não leve opprobrio para os cavalleiros da ordem, que entre tantos e tão esforçados não houvesse algum que ousasse oppôr-se a esta commum calamidade, para reparar os damnos publicos; e inflammado do desejo de honra e fama immortal, e tambem do amor da republica, entendeu que não podia offerecer-se melhor occasião de livrar a ilha de oppressão tão grave, e adquirir nome esclarecido, que sahindo com um novo e estupendo desafio a pelejar com este monstro, confiando do favor do céo e justiça da causa que sua fortaleza e industria terião feliz exito n'esta nunca ouvida empreza. Porém porque o edicto do grão mestre obstava a seus intentos, se os communicasse, começou a machinar como poderia só, e sem dar parte a alguem, conseguir o fim d'elles.

Primeiramente, chegando ao lugar da rocha com cautela e segredo, observou, como desde uma atalaya, a grandeza e fórma do dragão, a qual era esta, como se vio depois mais perto. O corpo tinha a grossura de um grande boi: o collo, comprido e aspero, acabava em cabeça de serpente; e n'ella tinha orelhas compridas á semelhança de mu; a boca mui rasgada e armada de agudissimas prezas; os olhos grandes e atrozes, fuzilando lume; tinha quatro pés á maneira dos de urso, com unhas como fouces afiadas; o mais corpo e cáuda totalmente como de crocodillo; porém todo elle coberto (ou digamos, catafracto) de uma continuada malha de conchas impenetraveis, sobrepostas umas a outras com travação fortissima. Das ilhargas se estendião duas azas de grossa cartilagem, com barbatanas, como as dos golfi-

nhos, pela parte de cima azul, pela debaixo de sangue misturado de pallido; e d'esta côr era o mais corpo, com suas malhas. Corria tão velozmente (porque juntamente se aproveitava dos pés e das azas), que um cavallo, fugindo com o mais desapoderado impeto, lhe não escapava. Quando este irracional Caco sahia da sua caverna a buscar presa, com o ruido das duras escamas, e com o silvo pavoroso quasi matava de medo os animaes, que ainda de longe o ouvião. Temos proposto a fórma do monstro, vejamos o desafio.

O valoroso Adeodato, havendo já observado quanto lhe era necessario, alcançou licença do grão mestre para deter-se algum tempo na patria, sob pretexto de negocios domesticos; e partindo logo sem demora, começou a prevenção da destinada obra. Mandou figurar de estopa e pasta o feitio proprio da féra, remedando quanto foi possivel a semelhança natural, que trazia impressa em sua fantasia. Logo comprou o mais fogoso e forte cavallo que pôde achar, e dous mastins de Inglaterra corpulentos e ferozes (dizem que para sahirem de melhor raça atão alli ás arvores as cadellas no tempo do cio, onde as possão achar os tigres).

Isto assim apparelhado, fazia, por industria de alguns criados fieis, entrar e sahir de uma cova o dragão fingido, e por meio de cordas e varios engenhos, abrir a boca, bater as azas, torcer a cauda, etc. Logo instigava os cães, e picava o cavallo, e brandia a lança, e se exercitava em fingido conflicto com aquelle mentiroso monstro. N'este ensaio continuou dous mezes, até que, estando bem adestrado, voltou para Rhodes, onde, sem

interpôr demora, se armou de armas defensivas e offensivas, e na dita igreja de S. Estevão com larga oração se encommendou a Deos, por intercessão do mesmo glorioso Proto-Martyr e do patrão da ordem S. João Baptista. E logo, montando n'aquelle mesmo cavallo, foi a demandar animoso a cova do dragão, dando primeiro ordem aos criados que, subindo-se á rocha, vissem o successo do desafio, no qual, se elle morresse, ficando a féra viva, tratassem de salvar-se fugindo; mas se vissem que elle ficava desacordado, por causa do pestifero alento do dragão, acudissem promptamente com poderosos contravenenos, de que ião apercebidos para confortal-o.

Entra pois o esforçado cavalleiro pelo boqueirão da bruta caverna, e não sentindo cousa alguma, fez ruido, e deu vozes para provocar a féra. E logo, pelo arrojar do escamoso corpo, e pelo silvo horrivel, sentio que vinha subindo pela garganta da tenebrosa gruta. Então se sahio com presteza, e esperou fóra em uma planicie ao seu competidor. O qual, dando a presa já por pasto de suas vorazes entranhas, correndo e voando juntamente, investio a elle com furibunda sanha. Porém o intrepido antagonista, mettendo pernas ao ginete, e instigando aos colericos mastins, que, de tão largo tempo adestrados, não estranhárão o horrivel e disforme do monstro, abalou contra elle, e lhe descarregou sobre as conchas uma tão poderosa e valente lançada, que a lança, bem que firme, estalou em pedaços, deixando aquelle robusto braço destituido da principal peça de suas armas. Mas porque os alões tinhão ferrado fortemente dos

genitaes da féra, e a atormentavão duramente, emquanto se defendia d'elles, teve Adeodato lugar de apear-se, e mettendo mão a uma espada larga, começar novo e mais empenhado combate. Então a féra, chammejando-lhe os olhos ascuas vivas de ira, ergueu-se sobre os pés, e desembainhando as garras das mãos, pretendeu com uma pegar-lhe do broquel, e com a outra derribar em terra ao seu competidor. Mas elle, tomando coragem do seu mesmo perigo, e vendo-lhe descoberta a parte anterior do collo, que era mais molle, lhe ensopou n'elle a espada tão felizmente, que logo começou a vazar-se em espadanas de sangoeira. E todavia estimulado o dragão com nova ira causada da dôr, ergueu o collo, forcejando por chegar a seu contrario; mas isso mesmo lhe fez a ferida mais vasta e rasgada. Porque, sustentando Adeodato a espada firme, mais lhe servia já de serra do que de espada; com que lhe veio a escalar toda a garganta, por onde exhausta já de sangue, cahio emfim morta, levando debaixo a Adeodato, que, cansado do conflicto, e attenuadas as forças com o muito dispendio de espiritos que o ardor da luta derramára, não pôde sustentar o grave peso da disforme besta, e ficou desmaiado pela actividade do pestifero fartum que exhalava.

Era este o preciso ponto em que necessitava de fidelidade e diligencia de seus criados (que se fossem igualmente animosos como seu amo, por ventura lhe não guardarião tão pontualmente a palavra de não acudir antes). Descem promptos, apartão com trabalho aquelle cadaveroso volume, que tantas vidas sepultára, e, ainda

jazendo immovel, afugentava os olhos e mãos dos que o arrojavão. Tirão debaixo a Adeodato, quasi sem signaes de vivo, porém já com glorias de vencedor. Trazem nos chapéos agua fria da vizinha fonte, que lançada sobre o rosto, e applicados os antidotos, o fez tornar em si. E passado o tempo que foi necessario para os mais fomentos convenientes, voltárão emfim para a cidade, onde o grão mestre soube logo do que havia passado. E podendo Adeodato d'aqui esperar honra e favor, succedeu pelo contrario; porque elle, convocando os do seu conselho, em presença de todos o reprehendeu asperamente, assim pela ousadia presumptuosa, como pela violação do edital, em cujo cumprimento foi privado do habito, e preso em um duro carcere.

Entretanto, divulgada a façanha por toda a ilha, e alvoroçados os corações com alegria, acclamavão e applaudião a seu libertador. Com que o grão mestre, havendo dado já lugar bastante aos rigores da justiça, tornou sobre si, considerando, não tanto os meios arriscados, quanto o prospero fim daquella proesa, e o grande trabalho e merecimento do cavalleiro, de que redundava a toda a ordem grande credito. E não sómente o soltou, e restituio ao habito, mas o honrou com novas dignidades N'ellas se portou com tal prudencia e esforço, nas occasiões que se offerecêrão, que, passados quatro annos, no de 1349, por morte do grão mestre, foi eleito em seu lugar com os votos a froxo.

Aconteceu o dito caso pelos de 1345, sendo summo pontifice Clemente VI, e grão mestre da ordem Jerosolymitana Elion de Uilla-Nova. Refere-o Bosio na historia

da dita religião, e d'elle o transcreveu o padre Athanasio Kirker da companhia, o qual traz estampa do dragão, communicada por um cavalleiro da mesma religião. Jeronymo Megissero traz algumas inscripções em elogio de Adeodato, de que se confirma a verdade da historia.

FURTAR A LADRÃO

(I. 385.)

Furtar ao mesmo ladrão, e fazêl-o repôr côm mão fiel o que tinha levado com mão enganosa, tem tanta graça, que move a desejos de premiar-se. N'este genero não tenho lido melhor inventada subtileza, que a que refere um nosso historiador grave, fallando do grande engenho de que a natureza dotou os Chinas. Foi o caso, que na China veio certo ministro real por visitador de uma cidade; pelo qual officio lhe ganhou tal odio o governador d'ella, que desejava impecer-lhe em quanto pudesse, e destruil-o, ainda que os signaes que d'esta opposição dava não erão manifestos; conforme o genio d'aquella nação, que desejará um comer as entranhas ao outro, e comtudo lhe não faltará a um ponto de cortezia, e se assentará por convidado á sua mesa.

Correndo pois aquelle visitador com as obrigações do seu tribunal, de repente adoeceu, e não despachava, ainda que fosse qualquer papel ordinario. Durando isto tempo consideravel, com o detrimento das partes, quiz

um seu amigo saber a causa. A este fim procurou visital-o; porém o accesso lhe foi negado, por secreta ordem que o mesmo ministro tinha dado a seus criados. Com esta repulsa entrou em vehemente suspeita de que a doença era supposta, e d'aqui inferia que a primeira origem era mais alta, e por ventura, sem conselho alheio, se faria irremediavel.

Valeu-se pois da importunação, e veio emfim a entrar; e perguntou-lhe, com ingenuidade amigavel, a causa de haver cessado de exercer as obrigações do seu cargo. Allegou logo o outro a desculpa da sua enfermidade.

— Eu não vejo, replicou o amigo, signaes alguns d'isto, pois a mesma vista me está desenganando: bem vos podeis abrir comigo, que póde ser vos aconselhe ultimamente.

Deixou-se emfim o ministro sangrar, porque a lanceta do amigo vinha bem apontada, e já lhe tinha bem apertada a fita com suas repetidas instancias.

— Sabereis, disse, que tinha o sello real em um cofrezinho fechado; e um dia, ao querer usar d'elle para uma provisão, não o achei dentro, sendo que o cofre fechado estava como d'antes, e estou certo que o deixei dentro. Fiz occultamente pelo achar quantas diligencias me ensinou a importancia do mesmo caso e a afflicção do meu animo; porém todas atégora forão baldadas. Se isto rompe fóra, bem sabeis que me perco, e toda a minha casa; porque certissimamente (não fallando nas mais penas) me depõe do officio, e fico desacreditado e incapaz de subir aos mais bancos. N'estes termos me não occorreu melhor arbitrio que fingir-me doente, para

escusar-me de sellar papeis; e negar-me a visitas, para escusar examinadores da doença. Bem vejo que não é remedio duravel; mas occupa tempo, que é o inventor de todos.

Admirado ouvia o amigo esta proposta; e depois de considerar um breve espaço na difficuldade d'ella, sahio perguntando:

— Tendes algum inimigo n'esta cidade?

— Sim, tenho, respondeu elle, o governador d'ella; supposto que não temos chegado a descomposição alguma.

— Ora pois, tornou o amigo, sem falta nem detença alguma, fazei o que vos digo. Mandai recolher a alguma parte mais segura do vosso palacio, o mais importante e precioso do vosso fato; e pela outra que ficar despejada, pegai fogo, como se fôra incendio casual. O governador ha de ser dos primeiros que acudão a apagal-o; e se não acudir, ahi tendes com que vos vingar d'elle, denunciando que faltou a esta sua obrigação. Tanto que vier, clamai a altas vozes, com o cofrezinho nas mãos, dizendo-lhe que se entregue do sello real, para o salvar; se elle o não aceita, tendes desculpa notoria, dizendo haver-se queimado, ou perdido por culpa do governador, requerido a este intento. Se o aceita, quando vos tornar a fazer entrega d'elle, abri-o diante de testemunhas. E então, ou o sello não vem dentro, ou vem (como entendo que é o mais certo); se não vem o sello dentro, sempre tendes acção publica contra o governador, descarregando sobre elle a culpa, quer elle a tivesse, por não restituir, quer a não tivesse, por não haver furtado o

sello. Mas se o sello vem dentro, tendes arrecadado o furto, e descoberto o ladrão.

Contentou de modo o facil e bem dirigido d'este arbitrio, que o ministro logo o deu á execução. Atêa-se o incendio, rompem fóra immensas linguas de fogo, que o publicárão, crescem os clamores de dentro e de fóra, amotina-se a vizinhança. Não tardou o governador, bem alheio de que de sua casa, ainda que distante, se havia de alijar a principal peça em que aquelle fogo prendia. Não pôde escusar-se de depositario do cofre, sem embargo de saber que este o não era do sello; affectando a mesma promptidão e respeito, como se estivesse alli encerrado; visto que não havia lugar de buscar chave, e registrar o que recebia. No seguinte dia, apagado o incendio, veio o cofre com o sello dentro, que elle tinha roubado, por interposta pessoa, com chave falsa. E cada um fechou debaixo da do silencio a malicia do outro, por não descobrir a propria. Eis aqui em praxe a sentença de Salomão nos proverbios: A rectidão dos justos os livrará; e no seu mesmo laço serão colhidos os impios.

QUEM SE HUMILHA, EXALTA-SE

(I. 387.)

De quão opulenta fosse a abbadia de S. Dionysio, em Paris, basta para o entendermos, terem n'ella seus jazigos e mausoléos tantas pessoas illustres, que só de

reis recensêa o doutissimo Yepes 45; e é certo que todos honravão e favorecião a dita casa com magnificos dons, isenções, e preeminencias; chegou a ter a el-rei Ludovico Crasso por seu feudatario do condado de Velocacino, que a mesma casa possuia.

Como havia tantos favos n'esta colmêa, difficil era deixar de emmelar-se os colmeeiros, querendo crestal-a cada um pela sua parte ás escondidas dos outros. Por ventura, que não ficasse na mão de cada um menos quantia da que pôz na do rei. Que somma importassem os 1,500 marcos n'aquelle tempo e reino, mal nos póde constar; mas reduzidos ao valor da moeda que hoje tem entre nós a prata de onze dinheiros, importão vinte e dous mil e quinhentos cruzados. E ainda que então valessem menos, quanto á estimação da lei, póde ser que valessem tanto, e mais, quanto ao prestimo e uso civil; pois vemos que mais ricas e fartas erão as casas antigamente com poucos redditos, do que hoje o são com muitos.

Repare-se em que todos elles tinhão officio de manejar os bens da casa. O procurador e celleireiro havião de correr com as demandas, cobrar as dividas, censos, juros, e legados, recolher as novidades, comprar os usuaes, e prover as officinas. O sacristão-mór havia de cobrar os estipendios das missas e officios, se os houvesse, arrecadar as offertas e lutuosas, e guardar a prata, cera, ornamentos, e toda a mais alfaia sagrada. O prior havia tomar estas contas, e rever os róes, e fallar pelos pretendentes do habito, e votar decisivamente em capitulo em materias de fazenda, compras, cobranças,

emprestimos, aforamentos, e poderia em tudo fazer amizade a quem lh'a fizesse a elle. Emfim que todos tres tinhão a mão na massa, por isso se lhe pegava; e se a mettessem até o cotovello, esperavão se pegasse mais. Perigosissima é logo a condição dos bens temporaes, junta com a dos sujeitos que não têm muito de espirituaes. Dais-me colchetes macho e femêa? Eu vos darei feita a presilha. Dais-me isca perto da faisca? Eu vos darei ateado ó fogo.

Mos offerecerem todos quantidades iguaes! D'onde procederia? Não parece feito senão de proposito; e foi acaso; porque, a saber uns dos outros, cada qual levantaria o lanço por levar a arrematação. Salvo fosse conchavo occulto, e parceria amigavel, como fazem os que cercão os atuns no dia da pesca, para que em qualquer dos barcos que succeda saltarem quando os fisgão comão todos igualmente. Porém não adivinhemos contra o litteral da historia, que suppõe ignorancias de parte a parte; como os tres estavão unidos *per se* na intenção, *per accidens* ficárão unidos na acção.

Mas um monge a um rei offerecer dinheiro, por conseguir dignidade e mando, sendo espiritual este direito do padroado! Como se lhe não fizerão as faces vermelhas? Sim farião; mas : *Actio est à vincente* (como dizem os philosophos); e aqui a ambição era mais que a vergonha, ou tambem farião conta que a vergonha passaria, e a dignidade ficava; a vergonha só el-rei a via, e a dignidade a verião todos. Tudo isto vai na supposição de que os ditos pretensores tinhão cara; que dos impios costumados á maldade está escripto que não têm mais

cara que a da mulher ruim. Vi uma vez a um sacerdote dar uma rija bofetada a uma possessa do demonio que tinha proferido uma horrenda blasphemia; e reparei que ficou tão immovel e segura, sem fazer gesto, nem mostrar resentimento, como se a dessem em um bronze. Que muito logo que os que servem ao demonio levem, sem as sentir, as bofetadas da infamia?

O rei, no modo com que se portou, deu novo lustro á sua corôa. Note-se como rebaixou altivezes de sua real condição, para que as prateadas aguas da moeda alheia, que estavão rebalçadas n'aquelles tres charcos, tomassem para alli corrente, e na sua mão se fizesse d'ellas arca e repuxo, d'onde, aberto depois o registro, tornassem a fecundar os campos em que nascêrão. Disse poucas palavras, mas essenciaes e effectivas, que é o modo proprio de fallarem os reis. Por não mentir, não prometteu; por não afugentar, não negou; houve-se superficial no modo, profundo no designio; se concebião esperança falsa, elles se enganavão; se suppunhão rei mercador, elles se desenganarião.

N'aquelle dia, para elles bem esperado e mal succedido, tomárão lugar perto do rei. Todos tres esperavão por hospeda a boa ventura; mas ella passou de largo, e foi tomar pousada lá a um cantinho.

Buscou o rei com os olhos o monge que lhe pareceu de mais virtudes; e aquelle assentou seria de mais virtude, que mais em presença de Deos estivesse.

Mas quando o rei nomeou o ultimo por primeiro, conforme o estylo de Deos: *Erunt primi novissimi*, que bala daria nos peitos do prior, do procurador e do sacristão?

O prior ficou posterior ao postremo; o procurador e celleireiro procurou e encelleirou para outrem; o sacristão mamárão-lhe as galhetas; como nenhum fizera vasa com o rei, capazes estavão os tres de jogar a renegada.

Escusava-se o novo eleito com a sua insufficiencia; mais verdadeira fôra, se d'elle fôra menos conhecida. Julgou o rei pelo allegado contra o mesmo allegante; e assim como na parabola evangelica disse a quell'outro rei: Da tua boca te julgo servo máo; assim este poderia dizer: Da tua boca te julgo servo bom. Quem não teme officios grandes não os tem conhecido bem; e como será administrado bem o que é conhecido mal? Nem o mesmo Deos governaria bem o seu mundo se, por impossivel, não conhecesse bem esse mundo.

Note-se que nas communidades dos religiosos, ainda depois de descahir a primitiva observancia, não faltão bons entre os máos. O malignante genio dos hereges (a quem é summamente odioso o estado das sagradas familias, assim monacaes, como mendicantes, e até o nome de votos os enjôa) jubila, e pede-se alviçaras, quando encontra nas historias alguma podridão d'este genero em que picar como corvos, ou alguma immundicia que revolver como escaravelhos; não advertindo que maior peccado é o das suas heresias, e comtudo importa que as haja, para mui altos fins da divina providencia.

Diz a historia ao principio que aquella abbadia era riquissima, e diz depois que estava muito empenhada. Notavel paradoxo! Se tinha tão grossas rendas, porque havia de ter grandes empenhos? Porém torno a dizer:

como não havia de ter grandes empenhos, se tinha máos administradores? Que não importa que a fonte seja copiosa e perenne, senão que os canos não estejão rotos. Os grandes rios, como o Nilo, por isso se fazem grandes, porque correm muita terra; mas isto de fazenda, por quantas mais mãos correr, mais se irá diminuindo; e tambem o Nilo, se tivera no caminho as sete bocas por onde vasa no Mediterraneo, não chegaria lá com pinga. Rio-me dos que, por desviar estes desvios, dobrão guardas; pois é tanto como se dobrassem os ladrões. Com bom regimento póde até o pouco bastar para muitos; sem elle, nem a poucos alcança o muito. Todo o excesso, nos particulares, causa no commum penuria. De dous que estão no mesmo leito, se um puxa muito pela roupa para si, é força que o outro fique descoberto. Por isso a pelle de uns anda crestada, porque a de outros anda anafada.

Tendo pois empenhos a casa, recusava o novo eleito o cargo; já n'isto mostrava prestar para elle; porque vendo a sua obrigação de sustentar a casa, não via o modo de cumprir com esta obrigação. Galante cousa é por certo que uns fação os furtos por seu gosto, e outros lhe corra obrigação de remediar os damnos por sua honra; que uns mettão a mão onde não devem, e outros o hombro onde não podem.

— Não me ponhais no governo, que a casa padece grandes enfermidades, e eu não sou medico; acha-se mui falta e necessitada, e eu não tenho pão, nem panno, para lhe acudir. Ide pois pôr a corôa na cabeça a quem não premedita estes inconvenientes.

Mas no nosso caso logrou-se a eleição, porque o rei vinha prevenido; e não recebêra os 1,500 marcos por peita, senão por suspeita de que erão da casa, a cujo bem quiz ser seu depositario, e agora os restituio. N'esta acção exercitou muitas de varias e excellentes virtudes; de justiça commutativa, restituindo o alheio a seu dono; e de caridade e prudencia com os tres simoniacos, livrando-os opportunamente do encargo presente, e do perigo futuro, e castigando-os sem os infamar claramente.

LENDA DA MULHER MARINHA

(I. 405.)

Em Sicilia, certo mancebo robusto e animoso, e grande nadador, sahíra á prima noite a banhar-se no mar, por despicar-se, com este refrigerio, das calmas do dia. Começou pois a brincar lascivamente com as ondas, e a lavar-se por ventura com menos temperança do que pedia a presença de Deos, que um christão em toda a parte deve trazer diante dos olhos. Eis-aqui á luz da lua, cujos serenos raios parecia estarem tambem brincando com o tremulo espelho das aguas, vio que atrás de si vinha nadando outra pessoa, e que pegando d'elle o procurava mergulhar como por zombaria, do modo que o costumão fazer os muchachos quando andão travesseando uns com outros nas liquidas campanhas de Thetis. Lançando-lhe pois a mão aos cabellos, a foi le-

vando á tôa para terra; onde sahindo reconheceu que era mulher, e por extremo formosa. Com que os perigos chegavão a meia duzia; ocio, noite, solidão, sexo, fórma, desnudez; atirando todos a converter o nadar em damnar. Assentados ambos na praia, mas elle sem soltar os cabellos, perguntou-lhe:

— Quem és?

Não respondeu.

— Como te chamas?

Não respondeu.

— D'onde vieste, e quem veio aqui comtigo?

Perseverava muda.

Instou com outras varias perguntas, mollificadas com carinhos; mas não teve nem aquella diminuta satisfação que póde dar uma parede, ou um monte com os échos que d'elle resultão. E ainda que este mesmo silencio era sufficiente resposta para se entender que o empenho n'este caso não era seguro, todavia cegou-se a razão; e a mesma razão dicta que tomemos aqui a emprestimo o silencio, de quem occasionou a ruina. Levou-a depois para casa, coberta com a sua capa (deixemol-o, que depois saberá o que leva); e não se contentando com menos que com recebêl-a por sua mulher; achando que sobre a sua rara formosura, bem raro era tambem o dote de saber calar, e não lhe conhecerem parentes. E a seu tempo teve d'ella um filho mui lindo, com que vivia contente da eleição que fizera, e já não reparava no perpetuo silencio de sua consorte, attribuindo a defeito natural com que havia nascido.

Succedeu pois que um dia, vindo a visital-o um amigo seu, homem douto e prudente, lhe perguntou, a proposito do que se conversava, de que patria e geração era sua mulher.

— Atégora, respondeu elle, não o sei, porque a pesquei do mar, como enguia.

Sorrio-se o amigo, parecendo-lhe que gracejava.

— Ha tantos annos, proseguio o marido, que vivemos bem casados, e ainda está por ouvir-se a primeira palavra da sua boca.

— Que dizeis! tornou o amigo, é encarecimento, ou verdade lisa?

— Dir-vos-hei o que passou, respondeu elle; e contou-lhe o caso todo. De que admirado o amigo, rompeu dizendo :

— Pelo que eu vejo, essa não é mulher, mas demonio em figura d'ella. Não estranho porém tanto a sua malicia, como a vossa demencia. Eu havia de estar assim com esse peixe mulher, sem obrigal-a a romper tão obstinado silencio? Temos aqui as deosas Tacita e Muda, que a gentilidade dizia ser mãi dos Lares; ou outra Angerona, que pintavão com o dedo sobre a boca? Ah! bons açoutes n'ella, e logo o tirará fóra, e veremos claro o embuste.

O pobre marido, ouvindo estas palavras, ficou como quem começa a acordar de um pesado sonho. E logo, entrando em colera, pegou de uma adaga nua, e ameaçou a mulher, mandando-a que fallasse. E murmurando ella entre dentes umas semi-palavras barbaras, que se não deixavão entender, elle lhe intimou que,

se não respondesse claramente, lhe havia de apunhalar o filho diante de seus olhos. Então se abrio mais dizendo :

— Ai de ti, miseravel! que por obrigar-me a fallar, perdes uma mulher que te estava bem. Comtigo ficava, se permittisses que observasse o silencio que me encarregárão; mas já agora não me verás mais!...

Acabar estas palavras, e desapparecer, desfeita em vento, foi o mesmo. Deixa-se á nossa ponderação o assombro com que este homem ficou e viveu d'alli por diante.

Mas do filhinho, que faria? Não quiz negal-o por seu, uma vez que em suas acções mostrava não ser fantasma, mas de sua mesma especie. É de crer que n'este ponto se aconselharia com o mesmo amigo, que foi quem o tirou a elle de outro mar de enganos, pegando-lhe por outros cabellos de seus pensamentos communicados; o qual lhe poderia dizer que este caso era estupendo sim, porém não singular; e que os taes, procedidos de demonio incubo, ou succubo, não erão verdadeiramente filhos seus, senão d'aquelles que concorrem com os principios da geração humana, supposto que o demonio administrasse o mais que se requeria para fomento e nutrição da creatura. Deixou comtudo alguma duvida, se era ou não era este filho outro demonio em corpo apparente, o caso que depois lhe succedeu. E foi que, crescendo em annos, e seguindo os costumes do pai, quando um dia andava nadando com outros, veio de repente aquella mesma Serêa, e á vista de todos o levou comsigo, onde nunca mais foi visto.

CONVERSÃO ADMIRAVEL DE PEDRO PUBLICANO, PARA EXEMPLO DE QUANTO DEOS SE AGRADA DA ESMOLA, SUA GRAÇA TRIUMPHA DA NOSSA NATUREZA

(1. 410.)

Deu Pedro, o Publicano, uma esmola, cahio enfermo, e de tão grave accidente, que avisárão os medicos ser perigoso e mortal. Chegou aos ultimos apertos, e se lhe amortecêrão os sentidos e potencias, e por instantes aguardavão em sua casa que passasse. Estando assim, já sem accordo algum, foi levado a juizo particular, comparecendo sua alma no pavoroso tribunal da divina justiça. Presidia Christo nosso bem, assentado como juiz; sua māi santissima mui de perto assistindo; os santos em seus lugares mais abaixo; os anjos em pé á mão direita; os demonios á esquerda, accusando: Pedro manietado, suspenso e attribulado, no meio. Um anjo superior aos mais (claro está que seria o principe S. Miguel Archanjo) tinha umas balanças na mão, e disse aos demonios:

— Ponde d'esta parte as culpas que tendes contra este homem.

Oh! temeroso passo! Puzerão grandes e innumeraveis peccados; iras, juramentos, pragas, palavras insolentes, deshonestas e ociosas; oppressões, vinganças, sensualidades, dolos, embustes, rancores, cobiça, e

outras culpas, sem que se achasse (como elle depois contava) que desde que teve uso de razão houvesse cousa alguma, que, por ligeira que fosse, lhes esquecesse aos demonios, nem de obra, nem de palavra, nem de pensamento. Estando a balança carregada, e tão levantada a contraria, disse Christo nosso senhor:

— Deitai boas obras na outra parte.

Pedro, tremendo do rigor do juizo, e receioso da pronunciação da sentença, buscava, e revolvia na memoria com toda a attenção que deitaria n'aquella balança, e nada achava; com que sua pena e desconsolação era acerbissima. Respondêrão os anjos:

— Senhor, não achamos que pôr d'esta banda.

Pedro, ouvindo isto, tremia mais, e se traspassava de pura confusão e sentimento. Acudio um anjo, dizendo:

— Senhor, est'outro dia atirou este homem a um pobre com um pão de esmola.

Disse o Salvador:

— Venha esse pão, e ponha-se na balança das boas obras.

N'este caso Pedro já de boa vontade tomára haver dado ao pobre toda a carga, e ainda toda a sua fazenda. Puzerão pois o pão; e lentamente foi descendo aquella balança até igualar ouro fio com a outra dos peccados. Então ouvio que lhe disse o Salvador:

— Pedro, põe mais pão d'esta banda, e escarmenta; porque senão, aquelles que estão alli (apontando para os demonios) te hão de levar comsigo á pena e condemnação eterna.

E n'este tempo desappareceu a visão.

Melhorou de saude Pedro, tornou em si, e começou a discorrer e reconhecer o miseravel estado de sua vida e de sua alma; e já com mais luz dizia:

— Oh! Senhor, se um pão arremessado com enfado, mais do que dado por misericordia, pesa tanto, quem não dará de esmola quanto tem só por vos dar gosto? A este pão se inclinou vossa piedade e misericordia, e por ella vierão a igualar-se as balanças! Pois eu inclinarei, e renderei a minha alma e o meu coração a soccorrer os vossos pobres e mendigos.

Era este publicano riquissimo, e não tinha mulher, nem filhos; e assim em convalescendo, ordenou que ás suas portas se soccorresse largamente cada dia, sem limite, nem differença, a todos os pobres da cidade; não só de pão e mais viandas, mas tambem de vestidos e dinheiro. Succedeu em uma occasião que ia ver ao porto dous navios seus, que tinhão vindo carregados; chegando-se a elle um pobre nú, que tinha assim escapado de um naufragio, lhe pedio alguma esmola. No mesmo ponto Pedro, acendendo-se no amor de Deos e do proximo, despio a purpura de que ia vestido, e cobrio com ella ao pobre, e além disso lhe deu com que vestir-se, e voltou á casa a pedir outro vestido. E logo á tarde sahindo á praça, e sabendo que o pobre vendêra a purpura que lhe havia dado, entristeceu-se, pelo grande desejo que tinha de que elle a lograsse, e disse com sentimento:

— É possivel, que não tive eu a ventura de que o pobre lograsse o vestido que lhe dei!

Foi para casa; e aquella noite lhe appareceu nosso Senhor Jesus Christo vestido com aquella mesma purpura; e com alegre rosto lhe disse :

— Pedro, quem te disse que o pobre vendeu a purpura? Não é assim : a mim a deu, e desde essa hora a trago vestida.

Pedro, enternecido de ver tal bondade, respondeu :

— Tão curtas finezas, Senhor, vos obrigão tanto? Eu procurarei cada dia accrescental-as.

No seguinte dia começou a discorrer comsigo : Que farei eu por servir e dar gosto a tão bom Senhor? (e aqui as lagrimas cahião quatro a quatro). Dar tudo quanto tenho é mui pouco; dar-me-hei a mim mesmo, vendendo-me, para com o preço soccorrer mais aos pobres; e que muito será, se o mesmo Senhor se me deu a si proprio, e por meu bem quiz ser vendido e crucificado? Chamou pois ao seu mordomo, que era o mais confidente escravo que tinha, e lhe disse :

— Tu has de fazer o que eu te mandar, sob pena de que te entregarei aos barbaros, em cujo poder padeças toda a miseria.

Respondeu o escravo que obedeceria sem falta.

— Tu has de vender-me, disse Pedro, em Jerusalem; o preço procedido dal-o a pobres; n'esse navio partiremos dissimuladamente; entretanto darei ordem em minha fazenda para que se reparta toda em obras pias, e tu voltarás com poderes meus para acabar de executal-a; e has de jurar de não descobrir isso a pessoa alguma.

O mordomo, ainda que aos principios difficultou, ul-

timamente se rendeu aos preceitos de seu senhor, e tomou o juramento de guardar segredo.

Partidos já do porto, e desembarcados no que está mais vizinho a Jerusalem n'aquella costa, chegárão emfim áquella cidade, onde o criado de Pedro tinha um seu conhecido, ourives da prata, e lhe foi fallar sobre a sua venda, levando-o comsigo. Respondeu o homem que, desde a ultima vez que se tinhão visto, lhe havião succedido grandes trabalhos e perdas, com que se achava tão apurado de cabedaes, que não podia comprar escravos. Animou-o est'outro, dizendo que o daria barato, porque tambem necessitava (e a tudo se achava Pedro presente).

— Quanto quereis por elle? disse o ourives.

Respondeu o criado :

— Trinta dinheiros.

Pagou-os logo o ourives, entendendo que sempre na revenda ganharia; e ficou Pedro em sua casa por escravo, mais contente d'isso do que seu novo patrão podia imaginar. E o antigo mordomo, fallando outro dia com elle á parte, se entregou dos papeis e clarezas necessarias para o distracte de suas fazendas, com ordem de que as partisse todas a pobres sem ficarem de fóra os trinta dinheiros da sua venda; e a elle lhe deu liberdade. O qual chegado outra vez áquella cidade d'onde partíra, executou fielmente o que seu senhor lhe tinha encarregado, e logo se ausentou para a sua patria. Com que, não houve lugar nem via por onde se soubesse que era feito de Pedro, não obstante que depois de alguns mezes foi sentida a sua falta, e se fizerão

exactas diligencias para descobril-o, por parte do imperador, que já d'elle tinha conhecimento.

Mas tornando a Jerusalem, onde Pedro fica servindo em casa d'aquelle ourives, não tardou muito que esta começasse a luzir e crescer em felicidades por benção do céo, com tal abundancia e riqueza, que o amo, deixando o officio, pôz maior casa, e tomou muitos criados, e entre elles um mudo e surdo *a nativitate*, só para guardar a porta. Foi cousa notavel a opposição que todos elles tinhão com Pedro; tudo erão mexericos e calumnias, e pendencias que com elle armavão. E Pedro a tudo dissimulava; e para lhes causar menos embaraço, escolheu para cama um canto da estrebaria, na ultima mangedoura; e alli retirado, quando se via mais perseguido, dizia a Deos:

— Senhor do meu coração, assim me desamparais?

E logo lhe apparecia o Salvador do mundo, vestido com aquella mesma purpura, e na mão com os trinta dinheiros pelos quaes se vendêra Pedro, e lhe dizia amorosamente:

— Aqui estou comtigo, Pedro, o teu vestido me cobre, o teu dinheiro me soccorre, não te entristeças, padece por mim, pois eu padeci por ti.

D'alli a alguns annos vierão dous homens principaes da côrte de Constantinopla a visitar aquelles santos lugares; hospedárão-se em casa do amo de Pedro, que era já o mais estimado d'aquella terra. E estando elle á mesa com os ditos hospedes, e Pedro ministrando o necessario, reparou n'este um d'elles, parecendo-lhe que o conhecia; e dizia entre si:

— Não é este Pedro, o publicano, por quem o imperador mandou fazer tantas diligencias?

E logo em segredo para o seu companheiro :

— Reparai n'este escravo; não vos parece Pedro, o publicano?

Encarou este com attenção em Pedro, e disse :

— Este é, não ha que duvidar.

Quiz o amo de Pedro saber o que os dous entre si fallavão, e elles lh'o disserão.

— Este escravo, replicou o amo de Pedro, me vendeu um moço, meu conhecido, haverá tantos annos.

Pedro n'este passo, entendendo que estava conhecido, sahio logo da sala, e se foi á porta da casa, para fugir; e encontrando alli aquelle mudo e surdo, lhe disse :

— Surdo e mudo, ouve e falla, e abre a porta!

E elle lhe respondeu :

— Já ouço e fallo, e abro; e com effeito abrio a porta.

E Pedro, accrescentando-se-lhe o medo com este repentino milagre, se sahio com toda a pressa da cidade; e ao que se entende, se foi para o deserto, aperfeiçoar em vida contemplativa as suas virtudes.

O mudo subio á sala, onde os hospedes estavão com seu amo; e como todos sabião do seu natural impedimento, e o vião agora fallar e ouvir perfeitamente, admirados lhe perguntárão a causa. Respondeu que Pedro, ao descer, lhe mandou, em nome de Deos, que ouvisse e fallasse, e lhe abrisse a porta; e que no mesmo instante víra sahir-lhe do rosto um como relampago de

luz, o qual lhe tirára os impedimentos que tinha na lingua e ouvidos, e logo se sentíra capaz do uso d'estes sentidos. Buscárão a Pedro, e o não achárão; avisárão ao imperador, e feitas diligencias, não descobrírão noticias d'elle. Unicamente o mordomo, que o vendeu, escreveu o caso, até onde elle alcançou, e Pedro lhe tinha communicado. No dia grande do Senhor, em que se hão de revelar todas nossas obras, apparecerá claro o progresso e fim d'esta historia, para gloria da graça do mesmo Senhor, honra d'este seu servo, e confusão dos que, havendo-o seguido na carreira dos vicios, na das virtudes o não seguírão.

Esta é a memoravel historia de Pedro, o publicano, que com ameaças e promessas comprou o vender-se, e com milagres e fugida remio o não ser remido. Quando escravo ficou livre, opulento quando necessitado, e desterrando-se da patria, se empadroou cidadão na que o é de todos os santos. Foi baixel que alijou muita carga, por não fazer naufragio, e depois toda por fazer melhor viagem. Por achar mais a Deos, se não deixou achar dos homens; não buscou debalde a Christo, como a elle Cesar. Ao principio trajava purpura, como o avarento do Evangelho, e negava soccorro aos famintos, como Nabal; mas depois que foi posto em balança, como Balthazar, logo deixou o telonio, como Matheus, e vestio a Christo, como Martinho, até chegar a vender-se aos barbaros, como Sarapião. Gloria só a ti, ó Deos admiravel em teus santos; bem é que emquanto autor da Graça te excedas a ti mesmo emquanto autor da natureza! E pois de um grão de trigo, entregue á terra,

vens a povoar os campos de searas, tambem de um pão, entregue na mão do pobre, venhas a encher uma alma de immensos cumulos de virtudes.

OS AVAROS E OS PORCOS

(I. 424.)

O porco, como o mesmo nome declara, é animal immundissimo. O regalo e allivio que o homem tem em lavar-se, tem elle em enlodar-se.

Assim tambem o avarento! Que revolve, em que cuida, em que trata, senão em ajuntar dinheiro? E que é o dinheiro, e todos os bens terrenos, senão lodo? E o propheta Habacuc, ao ajuntar fazendas anciosamente, não lhe chamou senão atascar-se no lodaçal espesso. Como será pois odioso a Deos, que é purissimo espirito, e tambem aos espiritos, que tiverem alguma cousa de Deos? Do fartum gravissimo e horrivel bafio que S. Hilarião sentio na offerta de um avarento, já acima fallámos; no que Deos sente, a nosso modo de entender, abominando este vicio, ouçamos a S. Pedro Damião: « Nenhuma chaga ha, diz o santo, tão corrupta, que ao olfacto de Deos não seja mais intoleravel o vicio da avareza; e qualquer espirito infecto d'elle, o que fez amontoando os seus lucros sordidos, não é outra cousa, que converter as bancas e gavetões do seu telonio em latrinas.»

E comtudo aqui é onde elle se refresca; isto é o que lhe recende, e o consola. Juvenal allude áquella vilis-

sima acção do imperador Vespasiano, que havendo-lhe seu filho Tito estranhado que impuzesse e arrecadasse tributos até dos prostibulos das mulheres erradas, e de outras cousas immundas, elle lhe chegou o dinheiro aos narizes, dizendo : « E pois isto cheira mal? » Logo tambem por este titulo não póde negar o avarento que é porco.

Quando este animal anda pastando, se outro vem a fossar alli tambem, logo lhe ronca, grunhe, e o afasta com uma focinhada. E é tanta a sua voracidade, que se lhe falta que comer, come os animaes da sua mesma especie, ainda que sejão filhos, que é brutalidade cruel e contra toda a ordem da natureza. Assim fazem os avarentos, quando um quer tirar o lucro ao outro, injurião-se, demandão-se, acutilão-se.

Gracioso caso n'este particular o que succedeu a um ministro do dito Vespasiano. Tinha pactado interceder por elle sobre o despacho de certo pretendente que lhe promettêra boas luvas; e para que não se suspeitasse que fallava peitado, fingio ser seu irmão. Mas o imperador, que penetrou o estratagema, chamou a si o dito pretendente, e lhe tomou as luvas, promettendo o despacho. E quando o intercessor quiz fazer o seu officio, lhe disse :

— Buscai outro irmão; que esse era meu, e não vosso, e vos enganastes com elle.

Eis-aqui um porco dando focinhada no outro, pelo não deixar comer. E o que é peior, não succede isto só entre estranhos; senão que um avarento não se forra nem com seus amigos, parentes e irmãos.

Para apaziguar a dous irmãos que contendião sobre ser d'este ou d'aquelle uma lagôa de muita pesca, foi necessario a S. Gregorio Taumaturgo seccal-a milagrosamente com suas orações. Nem os proprios filhos escapão; porque os pais, se são avarentos, além de os tratarem com muita miseria, os mettem a todo o trabalho para comerem d'elles. Não fallo já de outro mais abominavel modo de comerem dos corpos de seus filhos e filhas, tambem por avareza.

Costumavão os Romanos nos seus espectaculos lançar na praça um touro atado com um urso, para os ver pelejar; e quando já estavão cansados e feridos, lhes soltavão um porco, que os acabava de matar. Assim no coração do avarento costuma este vicio vencer, ou pelo menos reprimir os vicios da ira e luxuria. Porque o miseravel treme de metter-se em empenhos, alargar-se em dadivas, sustentar brios, e talvez mudar casa, e perder patria.

E assim muitas vezes observa o quinto e sexto mandamento, por continuar em quebrantar o setimo. Mais: o porco tem os olhos mui abatidos para a terra; e o avarento não póde levantar o pensamento e affecto ás cousas do céo. Por isso David clamava:

— Inclinai, Senhor, o meu coração ás vossas palavras e doutrinas, e não para a avareza.

E ainda um gentio acertou a dizer: « Nenhum mortal póde levantar-se a contemplar as cousas divinas sem primeiro renunciar a consolação que tem no seu dinheiro e no seu corpo. »

Marco Varrão, nos livros de *Re rustica*, escreve, como

cousa que soube de certo, que houve em Arcadia, provincia da Grecia, uma porca tão grande e grossa, que não só se não podia já levantar do chão, onde comia e dormia, senão que uma rata, roendo-lhe o couro e carne, fez alli o seu ninho, onde pario e criou os seus filhinhos, sem que a sua hospeda, por sua muita corpulencia, os pudesse lançar de si. Assim o avarento cresce ás vezes tanto em substancia de cabedaes, que se não póde arrojar, nem revolver com elles; e succede vir então um criado, ou criada, ou parenta, metter-se em casa, onde occultamente o vai roendo, contente de achar alli onde á conta alheia sustente e agazalhe seus filhos e adherentes, que por pobres e famintos se podem comparar aos ratos.

Finalmente o porco, quando sente ou presume que o levão para o degolladouro, levanta o grito tão alto, que estruge, e ainda com a boca açaimada não cessa de grunhir o que póde.

E o avarento, quando chega a ponto da morte, todo se turba e afflige; tudo são ais e gemidos, não póde conformar-se, sente por extremo perder n'este mundo o bom lugar que achava, e achar no outro o máo lugar que tem.

Quem quizer ver um d'estes porcos, mui gordo por amor do pasto ser muito, e grunhindo por amor do golpe estar proximo, traga á memoria o caso de Agag tremendo diante d'el-rei Saul e lamentando-se :

— É possivel que assim separa a morte amargosa!

E ás vezes é tal este grunhir, que chega a desespera-

ções e blasphemias, como veremos nos dous seguintes casos.

O nosso V. P. Bartholomeu do Quental, fundador e primeiro preposito d'esta congregação, assistio a certo moribundo avarento, que tinha sentido por extremo haver dotado uma filha mais quantiosamente do que quizera, porque as circumstancias da occasião indeclinavel o constrangêrão ao desembolso. Por mais que instou em persuadir-lhe que se confessasse, nunca o pôde reduzir; até disse a seu companheiro que entrasse de novo a trabalhar com elle, porquanto a graça de Deos quereria concorrer por ventura com outro sacerdote.

Obedeceu o padre; porém tambem não pôde. Mostrou-lhe um crucifixo, exhortando o á contrição de seus peccados. Porém o enfermo, de cada vez mais inquieto e impaciente, metteu a mão de permeio, e apartou de si com desprezo a sagrada imagem, dizendo:

— Tire para lá, padre.

E assim morreu repetindo muitas vezes estas unicas palavras:

— Já não tem remedio.

Outro moribundo avarento, fazendo-lhe o confessor os recordos e admoestações que importão n'aquella tremenda hora, virava o rosto para a contraria parte, e não queria ouvir fallar senão do seu dinheiro. E assim mandou que lhe trouxessem uma gamella cheia de dobrões; e como quem se não podia acabar de despedir d'elles, dizia com voz tremula e saudosa:

— Oh! meu dinheiro! em ti está o meu auxilio, digão os sacerdotes o que quizerem.

E logo chegando o rosto para os dobrões, uma invisivel mão (que devia ser a do demonio) lhe marrou com a cabeça na gamella, e expirou o miseravel! Estas são as vozes blasphemas e desesperadas, ou grunhidos do avarento, quando vai arrastado para a morte. Logo verdadeiramente é um porco.

JUSTIÇA, MAS COM EQUIDADE

(I. 438.)

Equidade, que não é outra cousa que o dictame da razão natural na mente ou consciencia do bom varão, obrigado a mitigar a lei quando é necessario, deve o juiz ter diante dos olhos, todas as vezes que condemna ou absolve; e no principio do seu officio deve jurar de guardal-a; e por ella ha de interpretar os pactos; e por amor d'ella se ha de afastar ás vezes do que pede de si a natureza dos contractos, ou o teor das verbas do testador; e tambem outras vezes desprezar as solemnidades que o direito pedia; e finalmente ha de fazer conta que a justiça é regua, não de bronze, nem de chumbo, mas de madeira; não de bronze, porque este nunca dá de si, nem cede; não de chumbo, porque tambem amolga facilmente, e assim amolgado fica; mas de madeira, porque nas occasiões que é necessario averga e se arquêa, e logo por si torna a endireitar-se.

Isto supposto, formo d'aqui o argumento para o nosso

ponto. Se a equidade ha de estar tanto na mente do juiz, porque ha de estar tão pouco no coração do acredor? E se o juiz ha de usar de regua de páo, porque ha de o acredor usar só da de bronze? Porque ha de só attender ás razões da justiça com que requer o devedor diante do juiz, e nunca ás da misericordia com que o requer o devedor diante de Deos? De que serve opprimir e afogar ao miseravel, quando, por mais que o apertem, não paga, porque não tem; ou se vem a ter, é só variando de cruzes, e fazendo calvarios? Vemos esse tronco e cadêas, cheias de gente miseravel, que quasi não tem de comer, nem com que se cubra, e topa a sua liberdade muitas vezes no em que topava (ou ainda menos) a d'aquelle devedor do Evangelho, a quem seu acredor, lançando-lhe as mãos á garganta, queria afogar, que erão quatro mil réis. Por ventura o afogal-o era melhor arbitrio para cobrar d'elle, do que o esperar-lhe, como elle prostrado a seus pés lhe rogava? Por ventura a fome do pobre é prato do rico? Ou o padecer aquelle é arrecadar este? Queremos acaso renovar aqui, por outro modo, aquillo que fez o imperador Frederico, quando oppugnava Italia, que á falta de dinheiro para os soldos mandou acunhar moeda de couro, para que á vista d'ella pagasse depois quando tivesse? Queremos, digo, renovar este arbitrio, fazendo dinheiro do couro do pobre entalado na cadêa? Oh! saibamos fazer da necessidade, não digo já virtude, mas ainda conveniencia; que assaz conveniencia é escusar-se a demandas, poupar despezas de dinheiro e de tempo, que são mais consideraveis, conservar amigos e obrigados, e ter me-

lhor e mais seguramente armada a conta para com Deos, quando a pedir do que lhe devemos.

HORRIBILISSIMA VINGANÇA

(I. 443.)

Certo cidadão de Malhorca, que vivia com sua familia no campo, açoutára rigorosamente a um seu mouro, por não sei que desmancho, ou infidelidade nas cousas de casa; d'onde recresceu em seu peito tão dura indignação, que se resolveu a buscar a liberdade e vingança por um caminho summamente barbaro e execravel. Observada e offerecida opportuna occasião, em que seu senhor estava ausente, amarrou com fortissimos cordeis a mãi de familias, e tres filhinhos seus, cada pessoa de per si; e levou a todos á parte mais alta da casa, fechadas primeiro as portas d'ella com toda a segurança; e alli, sem fazer caso das vozes, lagrimas e ameaças da mulher, esperou ao seu patrão. Chegando pois este de fóra, e achando as portas fechadas, chamou pelo servo, e logo lhe começou a prometter castigo. Appareceu elle lá de cima á janella, e com grande liberdade e desengano lhe disse :

— Tu te agastas de tão pouco? Pois brevemente farei que até a vida te aborreça.

E sem mais detença, precipitou, desde o alto da torre, a dous meninos, que cahindo aos pés do pai, logo morrêrão; e pegou do terceiro para lhe fazer o mesmo. Não

sabia o desgraçado pai que conselho tomasse no repentino e grave de tal successo! Arrombar as portas era-lhe impossivel; buscar n'aquelle descampado quem o ajudasse, não salvava do perigo, antes o fazia mais presente! Começou com rogos e lagrimas a pedir-lhe perdão do passado, e jurou de lhe dar liberdade, comtanto que cessasse d'aquelle furor; porém o mouro, que sobre impio era astuto, e tinha bem estudada a tragedia, fingio se compadecia um pouco; e ponderando-lhe que a raiva que tinha era só contra elle a quem se pudera fazer algum mal, sem duvida nenhum faria aos innocentes, veio emfim a capitular, que se contentava com que elle seu patrão cortasse os narizes, e com isto se daria por satisfeito, perdoando as outras duas mortes que estava determinado a fazer. E quanto á promessa que lhe fazia de liberdade, lhe declarou que o não fazia por amor d'ella; porque soubesse de certo que já d'antes tinha prevenido o modo certissimo de a conseguir sem que alguem pudesse impedil-o. Emfim o desgraçado homem, quasi desatinado, se deixou enganar; e tirando um estojo, fez o que o seu escravo lhe demandára, parecendo-lhe que esse defeito teria depois algum artificial remedio; porém apenas assim o fez, quando vio cahir do alto o terceiro filhinho, juntamente com sua mãi, que logo morrêrão! Então foi o seu clamor e raiva, o seu implorar a vozes auxilio ao céo e á terra, e o ameaçar quantas atrocidades lhe cabião na imaginação e lingua. Disse-lhe o escravo com um desengano mui assentado e seguro :

— Não te disse já, que estava premeditado o modo

com que nenhum mal me pódes fazer, nem tirar a liberdade? Pois olha...

E dizendo isto despenhou-se tambem da torre, e rebentou nas mãos do demonio, que foi o autor de toda esta funestissima tragedia.

DANSA DE HELIOGABALO

(II. 4.)

Podemos referir o que usava o imperador Heliogabalo, moço que toda a sua vida gastou em profanidades, demasias e ridicularias, o qual mandava ajuntar em uma sala oito anãos, e oito de estatura agigantada, e oito côxos, e oito calvos, e fazia que bailassem todos, já misturados, já divididos, turma contra turma, e no mais aceso do festim, soltava-lhes de repente leões ou ursos, que estavão escondidos em suas jaulas, com cuja vista sobresaltados procurava cada um a toda a pressa pôr-se em salvo, se podia, e d'este modo se desmanchava o jogo.

LENDA DO FLAUTISTA IMPIO

(II. 13.)

Já que experiencias convencem melhor que autoridades e razões, ajuntarei outros casos portentosos, em

confirmação de como este máo costume de dansarem homens e mulheres, sem respeito aos lugares sagrados, agrada aos demonios, e por elles o castiga Deos severissimamente. Refere Thomaz Cantipratense, que em certa villa de Brabancia, em Flandres, por occasião da festa da dedicação de um templo, concorrêrão a dansar muitos mancebos e donzellas. Entre elles um tocou uma frauta, e bailou com tanta desenvoltura e lascivia, que a todos provocava a cantares pouco honestos. Sobre a tarde, recolhendo-se todos a suas casas, levantou-se de repente uma horrivel tempestade; porém o tangedor, sem medo algum, caminhando continuava o seu delirio. Eis que uma nuvem negra dispara um raio, o qual lhe decepou cerceo um braço, e lhe tirou a vida. Os da companhia, fugindo a toda a pressa, se escondêrão em umas matas; e pouco depois vírão vir dous cães ferozes, que levárão o braço d'aquelle desgraçado. Quizerão os amigos dar sepultura ao cadaver, e o parocho, que estava repugnante, veio emfim, por causas que allegárão, a admittil-o no alpendre da igreja; porém ao outro dia achárão a sepultura aberta, e o corpo menos; deixando-nos presumir que os demonios, havendo já embolsado o principal, que é a alma, vierão arrecadar o resto, que é o corpo.

LENDA DOS BAILARINS

(II. 15.)

Outro caso ao mesmo proposito se refere no *Espelho de exemplos*, e é dos mais extraordinarios e assombrosos que se lêm nas historias. No anno da salvação humana 1012, imperando Henrique II, succedeu em Saxonia, que um sacerdote por nome Ruperto, presbytero da igreja de S. Magno Martyr, havendo começado a celebrar a primeira missa da noite de Natal, não podia proseguir, por se achar distrahido com os estrondos de um baile que alli perto se fazia. E era que um homem plebêo, por nome Otherio, com outros quinze companheiros e tres mulheres, dansando e cantando todos juntos no cemiterio, fazião notavel ruido. Mandou-lhes pois o sacerdote dizer, pelo sacristão, que se quizessem aquietar, porque não era aquelle o modo agradavel a Deos de festejar noite tão santa; e zombando elles do recado com risadas e dichotes, como gente de pouco entendimento e menos temor de Deos, o sacerdote, acendendo-se em zelo da honra divina, e do decoro que a seu ministro sacerdotal se devia, disse:

— Praza a Deos que um anno inteiro bailem, sem parar!

Caso estupendo, ainda sómente ouvido, quanto mais visto! A boca do sacerdote o disse, e a mão do Omnipotente assim o executou. Amanheceu e anoiteceu o se-

guinte dia, e elles a bailar! Entrou a roda de novo anno, e elles sem sahirem da mesma roda da sua dansa! Passou um mez, e outro mez; acudia a gente attonita com tão raro espectaculo; dansando os achava, e dansando os deixava! Perguntavão-lhes uns uma cousa, e outros outra; a nada respondião, nem attendião : o seu destino, a sua tarefa, que continuavão com incessante diligencia, era só andar á roda, uns atrás dos outros, seguindo aos que os guiavão, e todos instigados do aguilhão d'aquella praga do sacerdote.

Não comião, não bebião, não mostravão cansaço, não se lhes gastou o calçado, nem se lhes rompeu o vestido, nem cahio sobre elles chuva. Da continua pista, ou calcadura, sumírão-se pela terra até mais acima dos joelhos; a si mesmos parece que intentavão sepultar-se vivos, ou abrir caminho por onde descessem a dansar ao inferno. Quiz certo mancebo tirar da roda a uma das tres mulheres, que era sua irmã. E pegando-lhe do braço com violencia, este lhe veio na mão, desmembrado do corpo, como se de uma pedra de linho separasse fóra alguma estriga; ou mettendo a mão na massa leveda, trouxesse algum pouco no punho. E ella, como se o braço fosse alheio, nada disse, nem gemeu, e foi proseguindo a dansa do seu fado, sem da ferida manar sangue!

Finalmente ao cumprir-se o anno, pelo Natal de 1013, veio áquelle lugar S. Heriberto, arcebispo de Colonia, e os absolveu da maldição; e introduzidos na igreja, os reconciliou com Deos. As tres mulheres, como sexo mais fraco, expirárão logo; pouco tambem durárão alguns

dos homens, dos quaes se diz que, depois de mortos, obrou Deos por elles alguns milagres, como significando o perdão de seus peccados, que por meio de tão custosa penitencia tinhão alcançado. Os mais que sobrevivêrão, sempre com o tremor de membros e espanto dos olhos, mostravão bem o terrivel caso que por elles havia passado. E cada um d'elles era uma estatua do escarmento, erigida para protestação da reverencia que se deve aos mysterios, aos ministros, e aos lugares sagrados.

BANQUETEADORES

(II. 35)

Bem varia tem a cabeça quem se deleita de que os outros fiquem com estomagos cheios para o louvarem!

Assistindo em Villa Franca D. Antonio de Althaide, segundo conde da Castanheira, fez um fulano Topete, homem nobre, mas de pouca renda, umas rijas festas com mesas esplendidas para os amigos e parentes; e ouvindo o conde contar o excessivo gasto d'ellas, disse:

— Já eu vi muitas vezes cabeça sem topete; mas topete sem cabeça, não, mais que agora.

Lucullo, cidadão romano, homem riquissimo, mas muito vanglorioso, gastava em cada cêa, com seus convidados, cinco mil filippéos, que era um certo dobrão de ouro que bateu Philippe, rei de Macedonia. Outra vez estando fóra de casa o vierão buscar de proposito duas personagens, convidando-se a cêar com elle aquella

noite; porém com partido de que não havia de mandar fazer apresto, nem ainda significar aos servos que tinha hospedes. Respondeu que era contente; porém que ao menos lhe permittissem dizer em que cenaculo queria lhe puzessem a mesa. Vierão n'isto Pompeo e Cicero (que erão os ditos dous hospedes) ignorando o mysterio do aviso. Custou a cêa duzentos sestercios, que são cinco mil cruzados; porque cada cenaculo tinha já determinada sua taxa para a cêa; e d'esta taxa era aquelle de Apollo, que elle nomeára aos servos. Pagárão-lhe os hospedes em admiração o que lhe gastárão em iguarias, de que Lucullo ficou muito mais satisfeito que elles. E tanta era sua vaidade, que de a ter tornava a ter outra, e por isso não receiava publical-a; porque outra vez escusando-se certos Gregos de continuar na sua mesa, visto que lhe fazião tão excessivas despezas, respondeu sorrindo-se :

— O que eu gasto não é por amor de vós outros, senão por amor de mim.

Lanço a esta linha mais outras duas parallelas. Marco Hyrcio tinha um viveiro de lamprêas, de que tirou seis mil para as cêas triumphaes de Cesar. O que triumpharia aqui a vaidade! O que reinaria o luxo! Como estaria glorificado o deos *Como*, que, segundo a gentilidade cria (ou fazia crer), era o presidente das glotonarias e comezainas! Ou que poderia aconselhar o demonio *Como*, senão comer, e mais comer?

Cleopatra, rainha do Egypto, que quantas acções fez tantas pyramides deixou erigidas á posteridade, umas de lascivia, outras de vaidade, fez que o seu Marco An-

tonio pescasse por sua mão peixes fritos, pondo debaixo das aguas da piscina busios mui déstros, que lh'o fossem pendurando subtilmente no anzol. Delio em vinagre uma perola de grandeza extraordinaria e valor incrivel, dizem que era estimada em *centies* H. S., que pelo computo de Budeo são duzentos e cincoenta mil cruzados; po ventura não quiz que faltasse a tão exquisito peixe vinagre exquisitissimo! N'estes, e outros semelhantes exemplos, taes importava fossem os sacrificios, qual era o deos a quem se dedicavão. O deos de semelhantes pessoas é o ventre e o appetite da gloria mundana; e assim os sacrificios havião ser corrupção e fumo..

A BEMAVENTURANÇA

(II. 63,)

Determinado tinha S. Agostinho consultar a seu amigo S. Jeronymo sobre o que sentia da gloria dos bemaventurados. Foi este no mesmo tempo chamado ao felicissimo numero d'estes; e por dispensação divina veio a dar-lhe a resposta desejada da consulta ainda não feita, e o que disse melhor será ouvil-o ao mesmo S. Agostinho.

— Estava eu, diz o santo, socegado no retiro da minha cellinha, revolvendo no pensamento quanta seria a gloria e alegria das almas bemaventuradas, porque desejava compôr sobre esta materia um breve tratado. Pegando pois do papel e penna para escrever a Jeronymo

santissimo uma carta, em que lhe pedisse me dissesse n'este particular o que sentia, subitamente entrou no aposento um resplandor ou claridade ineffavel, nunca vista cá no seculo, e que excede a explicação das nossas linguas; e juntamente uma fragrancia, que semelhança sua nunca experimentou o sentido. E logo do meio d'aquella luz sahio uma voz, que dizia: « Agostinho, Agostinho, que fazes? Intentas por ventura encerrar em breve vaso as profundezas do mar todo? Cuidas por ventura que poderás entender o que nem subir póde ao coração humano? De cousa que é infinita qual será o fim; e da que é immensa qual será a medida? Sabe que mais facilmente fecharás no punho a redondeza da terra, e farás que os celestes orbes cessem de seu perpetuo movimento, do que da gloria dos bemaventurados possas dizer ou entender a minima parte, até que não sejas, como eu, ensinado pela experiencia. » N'este ponto desappareceu a visão, na qual todos (ainda os que a lográmos só por este reflexo) temos juntamente a consolação e o desengano de que é tão grande o bem da gloria que esperamos, que ninguem póde entendêl-o senão quando chegar a possuil-o.

CONCILIO DOS MORTOS

(II. 109.)

Querendo Deos levantar um mui alto edificio de virtude na pessoa de sua serva Marianna de Jesus, deitou

primeiro mui fundos os alicerces da consideração da morte, cousa bem importante para o desprezo da vida. Caso maravilhoso! Por espaço de dous annos continuados, assim em casa como pelas ruas, se lhe representavão todas as pessoas em figura da morte, do modo que esta se costuma pintar. Via sómente a armação dos ossos; e quando andavão, sentia o ruido que fazião todas as conjuncturas do corpo, que via e ouvia como se se tocárão uns ossos com os outros. E com todas as que a chegavão a saudar, ou amigas que se offerecia abraçar, era da mesma sorte, que lhe parecia tocava e abraçava só os ossos, e os sentia mui frios. Todo o tempo que durou isto padeceu grandissimos horrores, temores, e tristezas mortaes. Se comia com alguma pessoa em sua casa, ou fóra d'ella, era como se estivera á mesa com uma morte; ao deitar-se, se achava e se via a si mesma feita morte; e do mesmo modo via a companheira, que dormia junto d'ella no mesmo aposento. Da vista d'estas pessoas lhe resultava algumas vezes sentir tambem o fortum dos mortos, muito mais vehemente que o das covas quando se abrem, o qual lhe durava todo o dia. Era cousa espantosa, que quando lhe fallava alguma pessoa, via como os ossos da barba e queixadas estavão pendurados da caveira sobre os ossos da garganta; e via todos os seus dentes, assim os dianteiros como os queixaes, tão esburgados de carne até as raizes, como tudo o mais, mas cada um posto em seu lugar; e quando a pessoa os movia para lhe fallar, ao levantar-se as queixadas soavão, e fazião ruido uns dentes com outros; e a cada syllaba que pronunciava, era

tanto o que abria a boca, que causava grande horror; porque cahia sobre a garganta toda aquella parte dos ossos, e para formar a falla se tornava a levantar, ajuntando-se com o queixo de cima.

Junto com este trabalho padeceu outro grandissimo com a respiração das pessoas que lhe fallavão; porque sentia proceder de dentro um tão asqueroso e corrupto bafo, que a traspassava toda, e lhe causava vehementes dôres de cabeça, e as palavras d'estas visões sahião lá como de um poço fundo. Considere-se que tristeza e desconsolação causaria, n'esta serva de Deos, assim a vista d'estas figuras, como o ruido dos seus movimentos, e o cheiro de terra como de sepultura, e a corrupção dos seus bafos, e a frieza d'aquellas ossadas vivas ao tocal-as; não cessando esta visão em dous annos continuos, de sorte que no espaço d'elles não vio pessoa alguma senão em figura de morte, e é certo que não as pudera conhecer e distinguir se não fôra Deos, supprindo, com o seu particular concurso, o que naturalmente faltava para o dito conhecimento!

Havendo pois Deos nosso Senhor mortificado tanto a esta serva sua, uma vez que se vio mais affligida desejou que o Senhor suspendesse por um pouco esta tribulação, e lhe mostrasse algumas pessoas em fórma natural e humana, para conversar com ellas. Estando com este vehemente desejo, de repente vio todo o aposento em que estava coberto e alagado (digamol-o assim) de mortes, que erão tantas, que não cabendo, se apertavão as ossadas umas com outras; e logo tomárão a esta serva de Deos no meio, e se assentárão no chão, e a fizerão

assentar comsigo, estando ellas á roda; de modo que, ainda que queria sahir-se d'alli, não podia mover-se por espaço de tres ou quatro horas, que durou a conversação que tiverão com ella. Pelo que foi força accommodar-se áquelle trabalho penosissimo, fazendo muitos actos de resignação e conformidade com a vontade divina. O que se propunha, e fallava na dita conversação, tudo era tocante á morte, e com vozes roucas e desconsoladissimas!

Uma morte dizia : que se ha de consumir essa carne! Outra respondia · que cada osso d'esses se ha de desconjuntar dos outros! Outra ponderava : que todos os gostos dos sentidos hão de perecer! Outra acudia : que ha de vir tempo em que nenhuma acção, nem de bem, nem de mal, ha de fazer o corpo! Logo sahia outra dizendo : o estatuto é certo, mas incerta a hora. E já outra começava a sua sentença : Oh! carne, flôr de feno, que brevemente murchas ! para que se carrega a alma das cousas da terra, que ha de largar todas? Outra dizia : para que trata com delicias o seu corpo, que ha de ser logo manjar de bichos? A esta sahia outra, clamando : vaidades, e tudo vaidade!

Do mesmo modo ião as mais mortes, todas em conferencia, dizendo cousas tocantes ao desengano da humana mortalidade.

E fazia isto na serva de Deos grandes effeitos de desprezo proprio, desejos de penitencia, compuncção de peccados, pezar de haver dado regalos ao corpo, e outros semelhantes, e chorava muito a cada sentença que se ia pronunciando; porque todas lhe penetravão o co-

ração, que parece lh'o retalhavão. Acabada esta conversação, desapparecêrão as mortes, e ficou a serva de Deos com o espirito levantado ás cousas eternas, e totalmente livre e solto de affecto ás inferiores e caducas; e d'alli por diante vio as pessoas do modo natural, como antes via.

Rogo ao leitor pio que não vá por este lugar de corrida e atropelladamente: pare, e considere; pare, e faça-se presente a esta espiritual conferencia das mortes, fazendo conta que com elle fallão, a elle avisão e desenganão. Veja como o mesmo Deos, para levantar edificio de virtudes em uma alma, primeiro a funda no conhecimento claro e firme de sua mortalidade. Este é o principio da philosophia christã; e o esquecimento d'este ponto tem destruido o mundo, e povoado o inferno! Todas nossas desordens nascem de estimar a presente vida, e não cuidar na futura; sendo só a outra verdadeiramente vida, e esta digna do nome de morte...

GRANDIOSAS EDIFICAÇÕES

(II. 114.)

Quanto á grandeza do sitio, ou assento, que occupava Roma, diz Vopisco que os muros tinhão de ambito cincoenta mil passos, que fazem doze leguas e meia, cada uma de quatro milhas, onde se incluião dezenove regiões, ou bairros, que erão como cidades, e não se contão os arrabaldes, que erão tão grandes, que chega-

vão ao mar Tyrrheno, distante de Roma doze milhas, como affirmão Dionysio e Plinio Segundo. Quanto á opulencia, era esta tanta, que entre os cidadãos romanos não era contado por homem rico o que não podia sustentar com as suas rendas uma legião, que pelo menos são quatro ou cinco mil homens. Seneca o philosopho fazia-lhe ter de seu valor de sete milhões e meio. E Lucullo, a quem por suas innumeraveis riquezas e servos chamavão o Xerxes com toga, podia hospedar com regalo e abundancia, e sem pressa nem embaraço, a vinte e cinco mil pessoas. E o que mais é, dizem que de cidadãos, não desiguaes a Lucullo em posses, haveria em Roma vinte mil largamente. O imperador Nero, havendo hospedado a el-rei Tyridates, por espaço de nove mezes (que forão os que se deteve na côrte), lhe dava cada dia para o prato vinte mil cruzados, que importão cinco milhões e quatrocentos mil cruzados; e ao despedir-se, lhe deu para o caminho dous milhões e meio. Quem quizer mais n'este argumento lêa a João Kofino, e a Justo Lipsio, e a Janno Jacobo Boissarto, que o tratou mui de proposito.

Grandes cousas são estas cá das telhas abaixo, e ainda assim as da monarchia dos Assyrios excedêrão, que não sem causa na estatua de Nabuchodonosor os pés erão de ferro, mas a cabeça de ouro; como significando que dos quatro imperios que precedêrão a vinda de Christo ao mundo, o ultimo, que foi o dos Romanos, excedeu em forças; mas o primeiro,que foi o dos Assyrios, em opulencia. Da sua primeira côrte, Ninive, diz a sagrada pagina que tinha tres dias de caminho para

passar de uma á outra parte. E um curioso moderno, fazendo-lhe as contas miudamente pela relação de Diodoro, conclue que se esta cidade se puzesse em Italia, occuparia quasi toda aquella provincia que se chama *Latium*, onde Roma estava. Claro é que tudo o mais que pertence ao esplendor, politica e magnificencia de uma côrte, havia de ser conforme a esta grandeza; principalmente constando das historias que el-rei Nino obrigou a todos os magnates da Asia a fazerem alli sua assistencia. Da grandeza de Babylonia basta, para formar-se conceito, a ponderação que fez Aristoteles : Que quando foi tomada, não o souberão os ultimos bairros senão ao terceiro dia.

E ainda deixando á parte os Assyrios e passando com a consideração ao reino da China, a côrte de Pekim, para se rodear, necessita de sete dias de jornada. E as riquezas d'aquelle rei erão tantas (hoje que este imperio se encorporou no de Tartaria, serão maiores) que, além de sustentar com grossos salarios todos os lugares de governo, justiça e lettras, que são innumeraveis, pagava tambem os soldos de todos os exercitos, e os de toda a guarnição e presidio do grão muro. E para que o leitor possa fazer conceito das immensas despezas que esta só addição importava, é de saber que o dito muro, que ainda hoje se conserva inteiro, tem de comprimento perto de duzentas leguas (supposto que um autor moderno o estende a quatrocentas); e pelas matriculas constava serem necessarios para o guarnecer, e para os presidios das praças de toda aquella fronteira contra a Tartaria, entre soldados de pé e de cavallo, seis contos

e setecentos e noventa e quatro mil e trezentos e cincoenta soldados; os quaes, se suppuzermos serem todos pagos a soldo de meio tostão por dia (não fallando nos cabos, que é certo havião de ter muito mais), importa a sua sustentação cada um anno trezentos e nove milhões e novecentos e noventa e dous mil cruzados. Chamo milhão a dez vezes cem mil cruzados. Bem se vê d'aqui a opulencia d'este grande rei; e que se Nero fôra a Pekim, bem o podia elle hospedar com tratamento, e grandeza tão superior, como o mesmo Nero hospedou a el-rei Tyridates em Roma.

Mas se fallamos em particular da magnificencia de edificios e fabricas, o Egypto levou muitas vantagens a Roma, de sorte que esta lá foi mendigar d'elle os obeliscos, ou agulhas, para se ennobrecer. Calderon, descrevendo o templo de S. Pedro *in Vaticano*, diz que não parece obra de homens, mas de gigantes; mas Diodoro, descrevendo uma das pyramides de Memphis, que elle de proposito foi ver e medir, e ainda hoje permanece contra a injuria de mais de tres mil annos que por ella têm passado, diz que lhe pareceu obra, não de homens, mas dos deoses. E na verdade, segundo aquella nação foi de todas a mais supersticiosa, e mettida na adoração dos demonios, bem póde ser que estes seus deoses, chamados com pacto, a ajudassem para edificarem n'ella maior soberba e vaidade. E já um autor hespanhol suspeitou o mesmo da fabrica dos muros da fortaleza do Cusco, no mundo novo, cujas pedras diz serem de tão disforme volume, que mais parecião penhas que pedras; nem se podia entender como alli fossem trazidas e col-

muito os ingratos; animaes que entre todos os outros são os que menos se domesticão e reconhecem a quem lhes dá de comer, e são mudos totalmente. Homem, que dando-lhe seu bemfeitor de comer, para comer tem boca, e não para o agradecer, não parece homem, senão peixe. Com razão os peixes erão excluidos dos sacrificios; porque sacrificio é especie de reconhecimento ao superior, e de acção de graças, e não servia para isto a figura da ingratidão.

PARABOLA DA VIUVA

(II. 146.)

Estava um dia o Senhor sentado no templo, defronte do gazophylacio, que era uma caixa onde se lançavão as esmolas para a fabrica do mesmo templo: vinhão muitas pessoas ricas, e botavão quantidades grossas. Veio depois uma pobrezinha viuva, e lançou dous ceitís de cobre. Julgou o Senhor que esta era opportuna occasião para dar doutrina a seus discipulos. Convocou-os, e lhes disse:

— De verdade vos affirmo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros.

Não reparo agora em que o Senhor affirme que mais erão aquelles dous ceitís do que aquell'outras offertas maiores; porque logo elle mesmo deu a razão d'isso, comparando o que ficava aos ricos, que era muito, com o que ficava áquella pobre, que era nada; e bem disse

S. Ambrosio, que mais valia um dinheiro tirado do pouco, do que um thesouro tirado do maximo; porque se ha de fazer o computo, não pelo que se dá, senão pelo que remanesce. No que reparo, é que o Senhor convocasse a seus discipulos para que n'isso mesmo reparassem e levassem doutrina! Esteve bem feito; porque certamente tinha muito que ver uma pobrezinha dar tudo o que tinha, só por dar alguma cousa; ficar sem sustento, só por não ficar sem caridade. E é bem que se saiba e se divulgue esta doutrina, tão mal aceita do mundo: Que os pobres tambem hão de dar, conforme podem. Oução pois, e vejão isto os discipulos do Senhor, porque hão de ser mestres do mundo, extirpadores de dictames falsos, e semeadores dos bons costumes!

FARINHA DE FARELOS

(II. 148.)

No anno da fome de 1694, na villa de Bretiandos (que é na provincia do Minho), um pobre homem rodeado de filhinhos, que lhe pedião pão, disse mui compadecido: « Não tenho que vos dar, mas vamos outra vez peneirar uns poucos de farelos que estão n'aquella teiga, a ver se lanção algum punhado de farinha. Assim o fez; e de uns pós que sahírão á pura diligencia de agitar a peneira, fez umas papinhas, mais para enganar que para satisfazer a presente necessidade. No mesmo tempo que estava occupado n'isto, bateu á porta outro pobre, que

vinha morrendo de fome, e pedia soccorro, como quem pede sacramentos.

— Irmão, respondeu o de casa, eu não tenho mais que o que vedes; chegai, e comamos todos; que Deos, que dá para uns, dará para os outros.

Esta largueza, tirada da mesma miseria pelo alambique da caridade, agradou tanto áquelle Senhor que se gloría do titulo de pai dos pobres, que o mostrou com um milagre; porque no seguinte dia (em que já não havia que esperar) reparou este homem esmoler que os mesmos farelos andavão á roda na teiga, como em redemoinho, e lançavão pó de farinha pela borda, como succede na pedra de um moinho quando trabalha. Recolheu pois a farinha que lhe bastava para o sustento d'aquelle dia, e o redemoinho cessou; e pelos dias seguintes (não averiguei quantos) succedia o mesmo, á vista de muitos que acudião a ver a maravilha, e forão testemunhas de que os farelos andavão á roda, e despedião de si farinha, sem mão humana bulir com elles.

MIL POR UM

(II. 151.)

Bertha, mulher do imperador Henrique IV, dando-lhe uma rustica um fio comprido, que acaso lhe foi necessario, depois que se servio d'elle lh'o tornou, dando-lhe tanta terra em comprimento, quanta alcançasse a medir com elle. Mansor, rei de Marrocos, alongando-se dos seus

na caça, veio já noite a achar-se perdido entre umas lagôas; mas divisando ao longe uma escassa lucerna, esta servindo de pharol conduzio seus passos aonde um pobre pescador estava armando ás enguias com candeio. Alli hospedado, ainda que não conhecido, quando pela manhã chegou a turba dos criados, pagou ao pescador o colmo com que o cobrio uma noite, com lhe dar muitos castellos e casas, que, muradas, forão principio da cidade de Elcabir, de que o fez principe. E chegou em pouco tempo a encerrar dentro quinhentas familias. Bom peixe pilhou este homem ao seu candeio! São mãos do jogo da fortuna!

Marchando Artaxerxes, rei dos Persas, varias pessoas lhe sahírão ao encontro, presentando-lhe cada uma o que podia. Não tendo um pobre que presentar, correu ao rio, e encheu as palmas d'agua, e lh'a offereceu n'ellas. Deleitou-se o rei com a boa vontade do pobre, e lhe mandou dar uma grande taça de ouro com mil daricos dentro.

El-rei Dario, sendo ainda homem particular, recebêra de um Grego, por nome Cyloson, uma capa de grã. Depois, dando-lhe em recompensa quantidade de ouro, não lh'o aceitou, dizendo: Que pedia antes para a sua patria Samos total isenção de tributos. E assim lhe foi concedido; com que chegou uma capa a cobrir toda uma cidade, por se não faltar á virtude do agradecimento de dons, ainda que limitados, filhos emfim da boa vontade, que é a que dá preço aos beneficios.

Todos estes heróes imitárão no retorno do beneficio os campos ferteis dando mais do que lhe semeárão.

O ANNEL DA BENÇÃO

(II. 158.)

Conta-se de D. Fernando Annes de Lima, filho de João Fernandes de Lima, progenitor da nobilissima familia dos Limas, que vio uma vez pelejar uma cobra com duas doninhas, sobre lhes entrar na cova onde tinhão os filhos, as quaes ora juntas, ora revezando-se, sustentavão a batalha, e defendião a porta; e das feridas se remediavão espojando-se em uma mouta de saramagos que alli estava, e mastigando d'elles, e logo tornavão á peleja confortadas. Porém como emfim fossem vencidas e afugentadas, aquelle capitão, que assistia curioso, desejando ver em que parava a briga, compadeceu-se da parte mais fraca, e matou a cobra com o bastão; e voltando para a barraca que tinha em campo contra os mouros, contou alli o successo aos camaradas. Eis que no meio da pratica, veio uma das doninhas por meio da gente, trazendo na boca uma pedra preciosa, e a foi pôr aos pés do seu libertador; a qual elle, engastada em um annel, deixou com a sua benção na casa dos Limas, morgado que é dos viscondes de Villa Nova de Cerveira, onde é estimado, e chamado por esta causa *O annel da benção*.

GRATIDÃO EM AGUIAS

(II. 158.)

Estavão uns rusticos trabalhando no campo; e tendo sêde, foi um d'elles por agua á vizinha fonte, onde vio uma aguia cingida com as roscas de uma serpente, que a queria matar, por mais que ella com brio e unhas queria defender-se. Levava o homem na mão a sua foucc, e mettendo-a por entre as roscas da serpente a cortou em pedaços, e a aguia voou livre. Tomou pois o rustico em uma vasilha a agua que ia buscar, e trouxe aos companheiros, da qual bebêrão; mas querendo elle fazer o mesmo, ao applicar o vaso á boca, baixou de repente aquella mesma águia, e com o impeto das azas lh'a derrubou, e entornou pela terra. Admirou-se do caso, por ser tão desusado; mas não entendeu o segredo d'elle, senão quando, d'alli a pouco intervallo, vio que um dos companheiros que bebêrão cahio morto, e todos os mais padecêrão ancias e tormentos nas entranhas. Com que se conheceu que a serpente tinha (como costumão) vazado a sua peçonha na fonte, e contra esse commum inimigo se ajudárão mutuamente o homem e a aguia, livrando um ao outro da morte.

GRATIDÃO EM LEÕES

(II. 159.)

Entre os outros jogos e espectaculos que se fazião no circo maximo, ou amphitheatro, para entretenimento do povo, se formou uma caça ou montaria de féras, entre as quaes um leão, por sua grandeza e ferocidade, levava mais os olhos de todos. Lançárão tambem na mesma praça alguns criminosos, para lutarem com as féras, e serem d'ellas despedaçados. Um d'estes réos era um homem natural de Dacia, escravo de certo varão consular. Arremetteu a elle o leão para o fazer leve pasto de seu esfaimado ventre (nem aquella miseravel victima esperava já outro sepulcro), quando de repente parou o leão, e o correu attentamente com os olhos, como que o conhecia de antes, e queria certificar-se. E já que acabou de conhecêl-o, se chegou manso e humilde, e o lisongeava movendo a cauda e lambendo-lhe as mãos, como se fôra um cachorrinho domestico; e o homem, conhecendo tambem ao leão, começou de afagal-o, e correr-lhe a mão pelas jubas. Levanta-se em todo o amphitheatro um confuso ruido de clamores; porque este espectaculo era para todos com razão mais admiravel que os outros. Foi chamado do Cesar o dito homem, e perguntado pela causa d'esta estranha maravilha; e elle com humildade simples contando a verdade:

— Sou, disse, um escravo, por nome Androdo, que estando em Africa com meu senhor, que n'aquella provincia era proconsul, por não poder tolerar suas crueldades e máo trato, fugi para os montes, onde buscando escondrijo contra os que me seguissem, e amparo contra os ardentes soes d'aquelle clima, vim a entrar em uma cova, que me pareceu mais occulta e retirada. Não tardou muito que o morador d'ella, que era este leão, viesse de fóra a recolher-se. Qual seria n'este passo o meu susto e pavor, o mesmo caso o explica; porém vinha a féra manquejando, e trazia suspensa no ar uma mão, e do modo que podia m'a mostrava, como pedindo-me remedio. Cobrei então animo com a necessidade do leão, e pegando-lhe da mão, vi que tinha n'ella cravado altamente um agudo abrolho, d'onde lhe procedia inchação da parte, com dôres que o fazião bramir. Tirei-lhe o abrolho, espremi-lhe o sangue podre e materias que tinha creado, e lhe vendei a mão com uma tira que rasguei do meu vestido, soffrendo o bruto a cura quietamente. E como tomou allivio na dôr, se estendeu a dormir junto a mim, sem tirar a sua mão das minhas, como que n'ellas sentia algum fomento. D'alli por diante, sarada já a ferida, todos os dias me trazia do que caçava, e eu torrando aos raios do sol os pedaços de carne de outros animaes, passei assim tres annos; até que, aborrecido d'este ferino modo de viver, deixei a cova, ao tempo que o leão andava fóra, e logo vim a cahir na mão de outros mais ferozes, que me conhecêrão e prendêrão, e levárão á presença de meu senhor, que é a causa

de ser agora lançado ás féras. E pelo que vejo, devia o leão ser tambem colhido, para ajuntar aos mais nos espectaculos d'este povo. A familiaridade e hospedagem de tanto tempo o tinha domesticado comigo, e por essa causa me não fez mal, antes mostra conservar a lembrança d'aquelle antigo beneficio que de mim recebeu.

Admirado, e juntamente gozoso o Cesar de ouvir a relação d'este caso, mandou que se escrevesse summariamente, e fosse passando a noticia a todo o povo, o qual, levantando clamor, pedio que Androdo fosse solto e livre, e lhe dessem o leão. Assim se executou, e d'alli por diante andava Androdo por toda a cidade levando comsigo o leão atrellado por um delgado esparto; e todos deitavão sobre elles flôres, e a Androdo davão esmolas de que vivia; e dizião:

— Este é o leão hospede do homem; este é o homem medico do leão.

CASTIGO DE REI

(II. 178.)

D. João II de Portugal, vendo preso um homem de baixa sorte, que tinha as barbas mui crescidas, perguntou a um ministro porque estava na cadêa; e sabendo, depois de varios rodeios com que lhe querião encobrir a causa, que esta era haver proferido contra sua real pessoa certa palavra atrevida e immunda, rindo-se, disse:

— Pois por isso tendes ha tanto tempo preso o homem? Soltai-o logo, e dai-lhe quatro mil réis para fazer a barba.

GRANDEZA E NADA

(II. 192.)

El-rei da China (monarchia em que se comprehendem quinze provincias, que podem competir com reinos) em algumas occasiões não admitte gente á falla senão estando mettido dentro em um horrendo dragão artificial, onde tem a sua tribuna, e um espelho, ou vidraça, por onde o vêm, como em reliquario; de sorte que assim como o sexo feminino, para augmentar a sua formosura, pede emprestada a das flôres, e perolas, e plumas, assim aquelle monarcha, para parecer terrivel, se emmascara com as apparencias de um dragão; e tão respeitado é dos outros principes, seus vizinhos, que uma carta sua, enviada no anno de 1596 para o imperador do Japão (senhorio tão vasto, que lhe chamão a ilha de sessenta e seis reinos), foi recebida com aquelle mesmo apparato e decoro que se viesse o mesmo rei em pessoa; porque toda a nobreza d'aquella populosissima côrte a foi buscar na liteira do mesmo imperador, que é de quatro cavallos, e toda de ouro e purpura.

O grão Mogor, ou Mogol, ostenta-se no seu throno, affectando glorificados visos de divindade. Cinge-lhe a cabeça diadema de raios de ouro brunhido. Toda a

real opa está cosida em perolas e diamantes, e outras pedras de grande valor. Mostra sobre um coxim precioso os pés descalços, á usança dos seus maiores; e lh'os estão ungindo muitas vezes com certa confeição liquida, de inestimavel custo e fragrancia. Tem na mão um grande globo, insignia de que é senhor do mundo. Estão em pé, diante d'elle, vinte reis feudatarios, e outros principes e senhores sem numero. Quando se digna de fallar, parece (por tramoia de certo engenho artificioso) que lança perolas pela boca; e todas suas palavras tomão, em um livro ou memorial de pergaminho, officiaes destinados para este effeito. Sustenta cinco mil elephantes, para pompa do seu estado; e quando sahe fóra a recrear-se, o leva um d'elles em rico throno, lavrado de feição que assenta com firmeza sobre o selladouro; e como o bruto vai com mantol de ouro e seda, e jaezes ricos nos pés e tromba, e outros adereços, presentindo a magestade que sobre si leva, ganha tal soberba e brio, que parece não caber pelas ruas. Pelejão tambem diante do imperador os outros elephantes, ensinados a este desafio pelos seus Nayres; e para que se não cheguem a matar, feito certo signal, logo se apartão obedientes, e vão ajoelhar ante o imperador, o qual manda premiar aos vencedores, que é dar-lhes feixes de cannas de assucar e aguardente, estillada no mesmo assucar, da qual gostão muito. Bem merecia este barbaro, por esta insolente affectação da divindade, semelhantes penas ás do rei Salmoneo, que, por fingir os trovões e raios de Jupiter, este o matou com um raio.

A esta mesma categoria pertence a soberania do grão Lama dos Lamas no reino de Tanchut; e a de Dejoces, rei dos Medos, que vedou, sobre graves penas, que ninguem em sua presença cuspisse, nem se assoasse, nem tossisse, nem se risse, nem lhe olhasse direito para o rosto; e a de Eumenes, rei de Pergamo, que dizia a seus irmãos: « Se me tratardes como a rei, vos tratarei como a irmãos; mas se me tratardes como irmãos, vos tratarei como rei; » e a do rei de Coulão na India Oriental, que além da dignidade real, goza tambem da pontificia, ao seu modo gentilico, e é Bramene Mór; e a do rei de Tartaria, que entra elle só por uma porta, e todos os mais da comitiva por outras duas collateraes. Todas estas singularidades pisa e escarnece a morte, arrasando os montes com os valles, porque uns e outros são a mesma terra. E muitas vezes, sem aguardar o juizo da morte, já tem feito o mesmo a fortuna!

MEMORIA

(II. 199.)

Que turbação e temor seja adversario da memoria, e como de tal devem acautelar-se os prégadores e oradores em acções publicas, é cousa que muitas vezes tem mostrado a experiencia, com riso de uns ouvintes e mágoa de outros. Parece-se aquelle officio com o dos bolatins sobre a maroma, que a cada passo têm o perigo

de cahirem, e muito maior se o apprehendem; porque da apprehensão nasce o temor, e do temor a quéda.

A nossa alma, immersa na materia e dependente de orgãos, não é emfim como as intelligencias separadas, em quem não ha esquecimento, e o que uma vez conhecêrão fica perpetuado. Porém puderamos os homens convir e assentar entre nós, que não fosse descredito e caso de honra vituperada o esquecimento repentino nas acções publicas; e que antes fossem reputados por nescios todos os que n'isso reparassem; como se uma falta accidental de memoria fosse o mesmo que ficar vencido em um desafio; ou como se o subir ao pulpito e cadeira fosse sahir a tourear de cavallo, onde uma sorte mal feita póde arriscar a vida do cavalleiro. Só restava o inconveniente de que esta liberdade por ventura se trocaria em patrocinio da negligencia, e madrasta da estudiosidade e do exercicio da mesma memoria, cujos seios se fazem tanto mais capazes, quanto mais depositos lhe damos a guardar.

Os Chinas, havendo de fallar ao seu rei em algum negocio, levão escriptas as formaes palavras que lhe hão de propôr, em uma taboinha de marfim, a qual entretanto têm levantada diante da boca, e serve de bordão á memoria se resvalar com a turbação, e juntamente de anteparo ao bafo, que seria desattenção barbara se a pessoa real chegasse a sentil-o. Tão crystallinas costumão ser as magestades, que até do halito dos pretendentes se empanão. De outras taboas vivas, e de maior custo, usavão os cavalheiros romanos, que, como erão tantos em Roma, e de tão differentes nomes,

officios e gráos, para acertarem a dar-se a saudação e trato competente a cada um, tinhão servos determinadamente applicados a este estudo, os quaes na occasião lembravão a seus senhores do que convinha: chamavão-lhes por isso *Nomenclatores*.

Não acho aqui tanta vaidade como no que refere Seneca de um Calvisio Sabino, tão pobre de memoria como abastado de fazenda, o qual tinha varios escravos, comprados por grande preço; e a um mandou que decorasse Homero, a outro Pindaro, a outro Hesiodo, e assim a outros autores, e quando se banqueteava com os amigos, e se tocavão na conversação varias erudições, sahia tambem com o seu pedacinho de verso, ou de fabula, assim em confuso, como lhe lembrava, e logo apontando para este ou aquelle servo, conforme o poeta cujo era o verso, lhe mandava que proseguisse, ou emendasse ao certo, e d'este modo se contentava com que houvesse memoria em sua casa, comprada por dinheiro, ainda que a não houvesse na pessoa propria, cultivada com estudo.

Alguns perdêrão a memoria por casos repentinos, e tambem por casos repentinos a achárão outros. D'estes seja exemplo o papa Clemente VI, que, por uma ferida casual que teve no alto da cabeça, quanto lia lhe ficava n'ella fielmente. E d'aquelles seja exemplo Artemidoro, que vendo um crocodilo (andão no rio Nilo, e comem gente, como os nossos jacarés no Brasil) foi tal o pavor que concebeu, que lhe varrêrão da memoria todos seus estudos até então adquiridos.

Ha tambem memoria artificial, da qual uma parte

consiste na abstinencia de comeres nocivos a esta faculdade, como são lacticinios, carnes salgadas, frutas verdes, e vinho sem muita moderação; e tambem o demasiado uso do tabaco; outra parte consiste no modo com que se exercita esta potencia, que deve ser com quietação, continuação e methodo, ou ordem, e repetindo em voz clara, e logrando as horas mais aptas, que são as da aurora, e a noite antes de se deitar. Outro consiste na medicina, tomando alguns remedios especificos, e guardando o regimento que aquella sciencia prescreve. Bem pudera aqui trasladar o que traz o doutor Christovão da Veiga, insigne professor d'ella na universidade de Coimbra, se em vulgar não tivesse alguns perigos para com curiosos imprudentes.

Finalmente outra industria consiste em alligar mentalmente os objectos que se desejão decorar, a outras noticias que já temos bem decoradas e dispostas por seus lugares; por este modo só, póde a pessoa que naturalmente não fôr obtusa repetir fielmente muitos milhares de nomes latinos, gregos, barbaros, etc., pela mesma ordem que lh'o dictavão, ou ás avessas do ultimo para o primeiro. Seneca repetio dous mil nomes, ouvidos uma só vez. O celeberrimo João Duns Escoto, gloria das escolas, defendeu a immaculada Conceição da Virgem Senhora Nossa publicamente em Paris; respondeu a duzentos argumentos, pela mesma ordem subsecutivamente que a principio lh'os propuzerão varios doutores, com grande admiração sua e de todos os presentes, e dos legados do papa Benedicto XI, que

mandou a este acto, para o autorisar conforme merecia a dignidade da materia cuja verdade se ventilava. É de crer que andou aqui especial protecção da mesma Senhora, Torre de David, de que pendem escudos contra muito maior numero de lanças.

Mas concluamos já este discurso. Dizer o papa Alexandre VI áquelle orador, desamparado da memoria, que o seu silencio orára muito bem, foi porque o tal silencio era testemunha da turbação que o assalteára, e esta do respeito á magestade pontificia, no que cumpria por seu modo com a admoestação do apostolo: « A quem devemos temor, mostremos temor; » e assemelhava as venerações devidas á pessoa do papa com as que se devem a Deos, cujas vezes elle tem na terra; porque das ineffaveis grandezas d'este Senhor tambem é louvor o silencio. Benigna e prudente foi aquella palavra do pontifice, e sem duvida serviria de afugentar a cerrada nuvem da tristeza e angustia com que se acharia coberto o coração do orador no meio de tão illustre consistorio. Assim fez el-rei de Portugal D. João II em certa occasião; pedíra elle de beber; e ao administrar-lhe a taça um fidalgo velho, que o servíra com satisfação nas guerras d'Africa, succedeu cahir-lhe o vaso da mão já tremula. Sorrião-se alguns cortezãos que assistião á real mesa, sobre os quaes voltando el-rei os olhos, com algum peso de severidade, disse:

— De que vos rides? Se aqui lhe cahio da mão a taça, não lhe cahio a lança em Africa.

Com esta discreta razão ficárão elles reprehendidos, e o velho consolado. Tão facil é aos reis e grandes se-

nhores, com uma só palavra, ou gesto do rosto, pôr animo aos desalentados, e conciliar vontades!

DIFFUSÃO

(II. 203.)

Os Lacedemonios erão em suas respostas, consultas e tratos, mui amigos da brevidade; d'onde veio chamar-se laconico o estylo breve, em opposição do asiatico, que é mui fraldoso e dilatado. Succedeu, pois, que diante d'el-rei Agis, que era lacedemonio, um embaixador dos Abderitas se alargou tanto em fallar, que parece não achava porta para se sahir da oração, ou arenga. Emfim acabou; e perguntando que resposta havia dar da sua embaixada, respondeu o rei:

— Direis que quanto tempo quizestes para fallar, tanto vos ouvi calando.

Com que lhe deu a entender a sua necedade, pela qual se fazia indigno de tratar com elle cousas sérias e de importancia.

Mais soffrido se mostrou ainda el-rei de Hespanha D. Felippe II com outro sujeito impertinente; mas não deixou este de ser estranhado por outro seu companheiro. Foi o caso, que dous sujeitos de certa communidade vierão a propôr e tratar certo negocio com sua magestade catholica. Tomou a mão para fallar o que era mais antigo, e se alargou demasiadamente. Ouvio el-rei (como costumava) com grande socego, e sem mos-

trar enfado; e logo perguntou ao companheiro se tinha mais alguma cousa de informar na materia. Este, advertindo que não podia el-rei deixar de estar cansado com tão comprida parlanda, disse com muita graça:

— Senhor, o que tenho que advertir de fóra parte, é que vossa magestade se sirva de nos despachar com brevidade; porque senão, será força tornar a dar sua informação meu companheiro.

LISONGEIROS

(II. 204.)

Passemos dos pretendentes enfadonhos, a julgar os cortezãos lisongeiros. Muito mais reprehensivel é o vicio d'estes que o d'aquelles. Sempre tomão as dôres por parte do seu principe; para onde quer que este inclina o cotovello, acodem logo a pôr debaixo almofadinha, como diz a escriptura: *Consuunt pulvillos sub omni cubito manus;* não porque se dôão de que o principe se moleste, senão porque lhe conste dos seus obsequios e attenções. Se presentirem segue outro rumo, logo virão tambem para alli a prôa. Dizeis que sim? sim, digo eu tambem; não quereis? eu tambem não quero. A sua vontade constróe-se pela do rei, e segue os mesmos tempos, e modos, e terminações, e generos, e casos; porque em cousas miudissimas procurão não discrepar do seu agrado. Por isso disse Innocencio III que o lisongeiro sabia muito bem aquelle versinho :

Et si nullus inest pulvis, tamen excute nullum.

Que ainda que no vestido do outro não haja pó algum, elle comtudo, suppondo que o ha, chega a sacudil-o (que é o genio que o Castelhano chama : *Quita pelillos*), porque morre por achar em que servir, e se vai atrás das occasiões d'isso pelo faro, como galgo á lebre. E como o fazer a vontade propria é cousa tão gostosa, e nos principes, que estão costumados a fazêl-a, tem cobrado maior força, d'aqui vem que se se não precatão com toda a reflexão e vigilancia d'esta peste dos aulicos aduladores, impossivel é não se embriagarem com veneno tão doce, tão occulto e tão domestico.

Lembra-me a este proposito o que li em uns cadernos da vida de D. Aleixo de Menezes, fidalgo de grande valor e prudencia, e outras prendas que o fizerão digno de se encommendar ao seu cuidado e ensino a criação d'el-rei D. Sebastião. Quiz este um dia sahir fóra a esparecer; e perguntando-lhe o estribeiro-mór que cavallo mandava sua alteza sellar, apontoù el-rei um que era rebelão, e duro de boca, e demasiadamente fogoso, que por isso mesmo o queria, porque sempre foi desprezador de perigos. Mas D. Aleixo, que estava presente, e via que se lhe acontecesse algum desastre sobre elle havião de carregar todos a culpa, pois sendo aio d'el-rei o não impedíra, acudio dizendo : « Senhor, escolha Vossa Alteza o cavallo que quizer; mas esse não, porque n'esse corre perigo o decoro de sua real pessoa. » Enfadado o rei com a repugnancia de D. Aleixo, empenhou-se mais em que n'aquelle havia de montar, e não em outro. « Pois, senhor (disse então D. Aleixo) se Vossa Alteza fizer contra a direcção do seu aio, no

que toca ao seu bem, desde aqui me haja por despedido do officio. » Sahio el-rei para outra sala mostrando gesto colerico pela liberdade da resposta; e um dos fidalgos que n'ella estavão, e tinha ouvido os échos da alteração, acudio logo mui obsequioso a beijar-lhe a mão, e applaudir o bom gosto, dizendo que as vontades dos reis erão soberanas e não escravas. El-rei, sem embargo de a paixão não ser pouca, e a idade não ser muita, conheceu logo o enganoso toque da adulação, e voltando para dentro os passos, disse:

— O' D. Aleixo, mandai sellar o cavallo que quizerdes; que já alli fóra me beijárão a mão porque vos fui desobediente.

Ha erros (e este foi um d'elles) que mais credito trazem ao emendar-se do que desdouro ao commetter-se!

AMOR E RIGOR

(II. 215.)

Mandando Ludovico Sforcia a Genova contribuir com certas quantias excessivas, foi o seu mensageiro, que a este negocio vinha, hospedado por um fidalgo d'aquella republica, e levado a um jardim; entre outras hervas cheirosas estava uma chamada basilica, que corresponde ao nosso mangericão. Disse-lhe o fidalgo que a tocasse levemente, e despedio de si fragrancia; tornou a dizer-lhe que a esmagasse entre os dedos, e

começou a cheirar mal. Então applicou o simil dizendo: « Deseja esta cidade que entenda o principe Ludovico, que se a tratar com mão leve a achará festiva e obsequente, e se fizer o contrario, achará tambem o contrario.

SÊDE DE RIQUEZAS

(II. 221.)

Todos os homens estimão grandemente o ouro e a prata. Verdadeiramente tanto o estimão, que não ha parte em todo o universo onde o não busquem, á custa dos maiores trabalhos do corpo e fadigas do espirito, e ainda com manifesto perigo da sua vida e salvação. É cousa esta que, a não ser tão commum, se faria incrivel e espantosa. Que lugar apontaremos no mar ou na terra, ou debaixo da terra, proximo ou remoto, profano ou sagrado, a que a cobiça se não atrevesse, e a fome do ouro não penetrasse? Dentro dos additos do templo o foi pesquizar Heliodoro, acompanhado de tantos ladrões quantos ministros cooperadores de sua sacrilega insolencia. Dentro dos corpos humanos o buscárão os soldados do imperador Tito, que sitiavão a nunca assaz lamentada Jerusalem, escalando em uma só noite a dous mil judêos, em cujas entranhas suspeitavão estar escondido este deposito. Dentro dos outros metaes o buscão ha muitos seculos os alchimistas e espagiricos, pretendendo que a Lua, Jupiter, Venus,

Marte, Saturno e Mercurio se lhes convertão em Sol; isto é, a prata, o estanho, o cobre, o ferro, o chumbo e o azougue em ouro. Debaixo do mar profundo o vão buscar de mergulho os busios onde houve naufragios. Dentro dos sepulcros não escapa aos sequiosos d'elle, e vez houve que o mesmo cadaver, a quem um d'estes intentou despojar de seus ricos adornos, se levantou para defender-se, e mettendo os dedos pelos olhos do aggressor, lh'os vazou fóra, em merecida pena de sua execravel cobiça.

Que direi do espedaçar os montes e retalhar os rochedos, picando-os ás vezes suspenso no ar por cordas o cavouqueiro, por não conceder outro lugar o arduo e talhado de suas fragas, para arrancar-lhes das entranhas, á violencia de ferro e fogo, e com despeza de humanas vidas a milhares, este anhelado bem, que a nossa cobiça persegue, indignada de que a natureza lh'o tirasse. Plinio escreve que em Hespanha ainda se vião poços abertos, com os nomes das pessoas que os mandárão abrir em tempo do capitão Annibal, dos quaes um, cavado em profundeza de mil e quinhentos passos, lhe rendia trezentos pesos de ouro cada dia. E nas Asturias se vêm hoje ruinas de montes inteiros, minados para o mesmo intento pelos Romanos. Depois de feitas muitas minas como abobadas, com incansavel porfia, estando já impendente a ruina, dava o mestre da obra signal; elle, e todos os mais mineiros, voavão, pondo-se á pressa em salvo; cahia o monte, desmembrando-se a si proprio, com um ruido espantoso e um flato impetuoso do ar subterraneo recluso. Olhão os

vencedores para a ruina da natureza, e todavia ainda não ha ouro, nem elles sabião que o houvesse; mas sómente a esperança do que desejavão foi poderosa para os metter em trabalhos e perigos tantos.

No nosso seculo ainda é mais viva e renhida a guerra que se faz aos miseraveis ouro e prata descobertos no novo mundo, porque o velho já estava exhausto da nossa insaciavel avareza. Com tal furor foi a cobiça no alcance da serra do Potosi, que o puzerão por portas; porque nas ilhargas da serra abrírão, á custa do que rendião as mesmas entranhas d'elle, covões mui compridos, que se ião a encontrar com outros, abertos pela parte superior; e aqui puzerão portas, e officiaes de contadoria, para assentar em livro os cestos de prata que se vinha desentranhando das profundezas do monte. Chegou alguma d'estas covas á altura de novecentas braças. Sobem e descem a este inferno os miseraveis escravos (quasi afogando-se com a grossura do ar subterraneo, inepto para a respiração humana) por escadas de couro crú de boi, com seus cepos a intervallos para descansarem. Um leva diante o archote aceso; seguem-o outros pegando-se com as mãos, e levando ao pescoço o seu alforge lançado para as costas, e cheio d'aquella terra e pedregulho, que, á força de marrões de ferro, esbrugárão do carcão que o encerrára, e depois moído e crivado ha de deitar de si a prata, cuja farinha sabe ajuntar a natureza do azougue, que com ella se amassa; e d'aqui feitas pinhas, e ausentado o azougue com a vizinhança do fogo, fica emfim a prata, que se bate, e ensaia, e embarca, e vem por Hespanha a todo o mundo, a vingar-se com

maiores estragos e mudanças do que ella padeceu até chegar áquelle estado.

Dizem que já esta serra do Potosi deu a ossada, e não é muito, pois tal pressa lhe derão, que só da prata pura que se quintou (isto é, se tirou a quinta parte para el-rei) desde o anno de 1575 até o de 1585, se acha pelos livros da razão haverem sahido cento e onze milhões de patacas; não entrando aqui a outra, que não é pura, nem a que se furta aos quintos, que não tem numero. E desde o anno de 1585 até o de 1604 ainda foi muito mais excessiva a quantidade. E comtudo nunca Hespanha esteve mais cansada e corrupta que d'esse tempo a esta parte; para que se veja a falsidade dos bens terrenos, pelos quaes se esgana e se engana tanto o genero humano, que até com sonhar n'elles se alegra e consola. Por isso os rabbinos fingírão do seu Coré, que tinha tão immensos thesouros, escondidos em tantas partes, e cheios d'elles tanto os caixões, cofres e covas, que só as chaves d'ellas, com serem de couro crú de vacca, para pesarem menos, carregavão trezentos camellos. A não entrarem no mesmo numero, bem havião de ver estes homens que ninguem lhes havia de crer este desaforado archiperbole; e muito menos o crião elles mesmos, pois o talhárão pela sua fantasia. Porém deleitavão-se com as especies de montes de ouro, como quem sonha; porque no que cada um estima e deseja, n'isto imagina, pelo consenso que tem com o coração a fantasia.

MINEIROS DO INFERNO

(II. 226.)

O mesmo é buscarem os homens as riquezas, sem receio do peccado, do que cavar em busca d'ellas até o inferno. Vejão lá se são mineiros ou trabalhadores d'esta cava os ministros de mãos não limpas; os simoniacos por via da lingua, da mão, ou do obsequio; os assassinos que sustentão a vida de tirar vidas; os dardanarios, ou atravessadores, para venderem mais caro; os tratantes que usão de peso e peso, isto é, um grande para comprar, e outro pequeno para vender, cousa que Deos muito abomina; as mulheres que comem do seu mesmo corpo, como féras damnadas; e finalmente todos os que ganhão pão com offensa do Altissimo, aos quaes puderamos chamar hereges ophitas; aos quaes se deve esse nome, derivado de *Ophis*, que em grego quer dizer cobra; porque tinhão costumada e ensinada uma cobra a lhes limpar o pão, e dizião que d'este modo ficava sanctificado á maneira de sacramento. E tal é o pão ganhado com peccado mortal, que o diabo lh'o lambe primeiro, como sanctificando o seu peccado a titulo de necessidade, ou de credito, ou de costume. Mas se o diabo agora lhes lambe, e faz suave o pão, depois lh'o fará amargoso, e então lhe sentirãõ o veneno que levava.

VOLCÕES

(II. 227.)

Sabido é que os montes volcanios, que vomitão fogo, provavelmente são portas subterraneas para o inferno. O padre frei Jeronymo de Monteflores, vigario geral da Ordem dos Menores Capuchinhos, levado, não de espirito de vã curiosidade, mas de piedade verdadeira, subio, ainda que com grande trabalho, ao monte Etna, ou Mongibelo, em Sicilia, junto á cidade de Catania. Estando de cima, contemplando a horrenda furna e estomago do monte, cuja disforme boca mostra ter uma legua de ambito, ouvio tres estalidos grandissimos, como tiros de artilharia grossa; e logo vio subir muitos globos de fogo, como ondas que crescião e tornavão a fazer resaca; e d'entre este fogo ouvio distinctamente lamentos e gemidos de homens e de mulheres, como que erão atormentados e mettião commiseração e horror. Applicou-se a ver se divisava alguns corpos humanos; porém só vio ondas de fogo, como de maré subindo e decrescendo, e percebia os ditos gemidos com a differença dos sexos quanto ao som; e teve por certo que havia alli almas padecendo tormentos por ordem da justiça divina.

Concorda com este caso outro mais admiravel, que refere S. Gregorio Magno, da alma d'el-rei Theodorico, que a partir d'este mundo, foi vista, por um santo eremita, ser levada presa entre S. João papa martyr e Sym-

maco patricio (aos quaes elle impiamente tirára a vida), e arremessada na fornalha de um d'estes montes volcanios, que está na ilha Lipares junto de Sicilia. Temos logo que o fundo d'estes montes são uma parte pertencente a algum dos infernos.

E comtudo houve homem (era clerigo, para ser mais vituperavel a sua cobiça) que, parecendo-lhe este fervor de fogo ouro derretido com a actividade das fornalhas subterraneas, lançou abaixo um caldeirão para o baldear acima; e como o fogo, no mesmo ponto que o tocárão as cadêas, as abrasasse, qual se fossem de estopa, buscou outros apparelhos mais fortes; e succedeu-lhe sempre o mesmo; e ainda não desenganado, andava (diz quem n'isto deu a memoria) traçando outro engenho para tirar o ouro desejado; não advertindo que isto mesmo era engenho e cadêas do demonio, com que o levava abaixo, e o submergia no peccado de sua avareza.

CONTO DOS TRES BEIJOS

(II. 228.)

É digno de admiração o caso que traz o padre Martim Del-Rio, onde se vê como, por cobiça de ouro, deu um homem osculos no demonio, e esteve a pique de ir ao inferno. No anno de Christo de mil quinhentos e vinte, em Basiléa, cidade principal de Allemanha, para a parte da antiga Augusta dos Rauracos, de cujas ruinas cresceu depois a mesma Basiléa, ha uma gruta ou caverna sub-

terranea, onde, não sei por que modo, entrou certo homem simples, alfaiate de officio, e caminhou pelo interior d'ella maior espaço do que outros curiosos até então tinhão andado, e depois contava estupendas cousas que alli víra.

Levando na mão aceso um cirio bento, foi ardendo, acompanhado sómente da sua simplicidade, até chegar a uma porta de ferro; depois da qual entrou em varias abobadas, e de uma e outra veio a sahir a uns jardins e hortas amenissimas, no meio das quaes estava uma aula magnificamente ornada. Entretanto n'esta vio uma donzella formosissima com os cabellos soltos, e na cabeça corôa de ouro; mas da cintura para baixo, perdida a figura humana, acabava em horrenda e escamosa serpente.

Esta, pegando-lhe pela mão, o levou a uma grande guarda-roupa, ou armario de ferro, sobre a qual estavão de bruços dous ferocissimos rafeiros, que com seus terriveis ladridos afugentavão a quem se chegava. Porém a donzella, com acção de quem os ameaçava, os fez calar. E logo, tirando do pescoço um mólho de chaves que trazia, abrio com uma d'ellas aquelle escriptorio, e tirou grande quantidade de varias moedas de ouro antigas, de ouro e prata, e tambem de cobre, das quaes deu não poucas ao tal homem, que elle depois mostrava.

E começou depois a contar-lhe com grande sentimento, como ella sendo filha de reis, e mui estimada por seu alto sangue e singulares prendas de discrição e formosura, depois, por certas cousas, fôra antigamente transformada n'aquelle meio monstro que via, á força

de conjuros e imprecações da arte magica; e que sabia, segundo a formula do encantamento, que nenhum outro remedio havia para tornar á sua primeira figura, senão o de receber tres osculos de algum mancebo tambem virgem; porque, feita esta circumstancia e diligencia, se desposaria com o seu libertador, dando-lhe em dote o grande thesouro que n'aquelle lugar estava escondido, e destinado para aquelle ditoso que por este modo a desencantasse. Então o homem, instigado da cobiça, chegou a dar-lhe um osculo, e o monstro n'este passo, pelo demasiado contentamento, dizia elle, que sentia por avizinhar-se a sua liberdade, fez tão horrendas visagens, que temeu o despedaçasse. E todavia, serenando-se outra vez o monstro, se atreveu a dar-lhe segundo osculo; mas como vio maiores mostras de furor e fealdade, não quiz dar o terceiro osculo.

Até aqui o relator da historia, não dizendo se contára tambem este homem o modo da sua sahida. Sómente diz que fôra levado de outros amigos a uma casa de Baccho e Venus; e depois nunca mais pudera atinar com a entrada da gruta. Bem convence este prodigioso caso o nosso proposto assumpto, de que a humana cobiça chegou a tal excesso, que até no mesmo inferno usca ouro.

O THESOURO ENCANTADO

(II. 254.)

Cópia de um auto que mandou fazer o ouvidor Simão de Paiva sobre um pouco de ouro que se achou no termo da villa de S. Romão.

Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de 1653, aos 16 dias do mez de Maio do dito anno, n'esta villa de Gouvêa, e pousada do ouvidor Simão de Paiva, que o é das terras do marquez da dita villa, por elle foi dito que á sua noticia chegára que um moço, chamado Pedro, morador na villa de S. Romão, que é a dita ouvidoria, achára umas peças de ouro nos Apriscos, termo da dita villa de S. Romão. E para effeito de saber a verdade do caso, mandára vir perante si o dito Pedro. O qual com effeito logo alli pareceu diante d'elle ouvidor e testemunhas, e em presença de mim escrivão lhe forão feitas as perguntas seguintes:

D'onde era, como se chamava, onde vivia, e filho de que pais era, e se achára algum thesouro ou peças, e em que parte, ou por ordem de quem, ou se acaso?

E logo por elle foi dito que se chamava Pedro, filho de Francisco Fernandes, natural de Travancinhos, termo da villa do Casal, comarca da cidade da Guarda, e de Maria Jorge, sua mulher, natural da dita villa de S. Romão, onde o dito seu pai veio com ella a casar-se, e ahi moravão os ditos seus pais, e entre os mais filhos, tiverão a elle Pedro, que, até o presente, sempre morou na

dita villa de S. Romão. E que sendo domingo de Lazaro, trinta do mez de Março do anno presente, a horas que o sol se ia pondo, caminhando elle para um moinho, que foi o de Manoel Tavares, com um sarrão de pão para o dito moinho, chegando a um barrocal que chamão os Apriscos (que é no termo da dita villa), e sahindo-se do caminho para o dito barrocal a uma necessidade, ouvio como um rugido de couro roçado por pedra; e olhando para onde soava, vio uma cobra, do comprimento e grossura de um moço de doze annos, com a pelle e rosto, e o mais feitio de cobra, e sómente lhe pareceu que tinha na cabeça cabellos de mulher louros e formosos, de comprimento de um palmo, nedios não crespos; a qual cobra estava sobre uma pedra meia enterrada, que mostrava descoberto mais de tres varas, e lhe parece que era pedra immovel, a qual tinha para uma das partes uma greta grande, ou abertura, que lhe parecia por dentro ser dourada, ou de ouro. E por a cobra fazer uma demonstração para a terra que está junto ao dito penedo, elle Pedro, assim atemorisado e confuso da visão, olhando para onde a cobra fazia a dita demonstração, vio como cousa de ouro enterrado na terra. E n'este comenos se recólheu a cobra n'aquella greta, ou abertura da pedra, deixando porém a cabeça de fóra, virada para elle Pedro. E logo tirando de uma faca, á vista da mesma cobra, que tinha n'elle postos os olhos, foi descobrindo terra onde víra luzir o dito ouro; e achou logo uma argola artificial do feitio de aselha de cabeceira de contador, caixão, ou escriptorio, por não ser aberta nas duas pontas por força; senão brunhida,

e de feitio como se servisse de sobredito. E continuando com a dita argola, achou mais outras duas do mesmo feitio e grandeza, umas sobre as outras em pé, e não deitadas. E acabando de tirar as ditas argolas, olhando para onde a cobra estava com a cabeça fóra da dita abertura ou greta do penedo, a não vio; antes vio que a dita abertura ou greta estava tão fechada como se alli nunca houvera mais que a mesma pedra toda massiça, como até hoje se vê. E passado isto, se foi andando com as argolas na mão para o dito moinho, como o sarrão de pão ás costas, sendo já noite fechada. E dormindo no dito moinho aquella noite, tornou ao outro dia, já sahido, pela mesma parte onde o caso lhe acontecêra; e olhando para a pedra onde víra de antes sumir-se e esconder-se a cobra, víra sobre a dita pedra uma mulher que lhe pareceu de rosto muito branca, e formosa, e os olhos pretos, e com os cabellos do mesmo feitio, e postura e côr, que os tinha visto na cobra, e lhe pareceu que tinha sobre a cabeça um volante muito raro e transparente, com listas negras. A qual visão de mulher disse para elle dito Pedro, com falla delgada, como de mulher, em lingua portugueza : « Não te pudeste ter sem dizer aos pastores o que achaste? » E respondendo-lhe elle Pedro que não tinha algibeira onde esconder as argolas, lhe disse a dita mulher :

— Mettêl-as-has entre o couro e a camisa.

E logo desappareceu a dita mulher, sumindo-se no dito lugar como se não estivesse n'elle nada. Do que ficou elle Pedro sobresaltado e atemorisado, e para desmaiar. E vindo para a dita villa de S. Romão, já n'ella

era publico que tinha achado as ditas argolas; porquanto no dia em que as achou, antes de chegar ao moinho, encontrou um moço por nome Manoel, filho de Antonio João, da dita villa, a quem as mostrou. E logo pelo dito Pedro foi mostrada uma d'ellas (curja grandeza e fórma vai ao pé d'este auto plantada), e as outras duas deixára em poder do Dr. Antonio Ferrão de Carvalho, prior da dita villa de S. Romão, etc.

Deixo o resto do auto, por evitar prolixidade. Contém que o dito Pedro tomou o juramento de que fallára verdade em tudo o sobredito, e que não tornára ao dito lugar. Seguem-se depois os nomes das testemunhas, e do escrivão, que era Antonio Pimentel de Mesquita. E ultimamente a fórma pintada da argola, e outra fé do mesmo escrivão de como o ouro d'elle se tocou e pesou, e se achou ser verdadeiro, e ter de peso seis onças menos seis oitavas.

AGOUROS

(II. 242.)

Os artemagicos, e as bruxas e feiticeiras aproveitão-se dos braços dos defuntos; o qual dizem que lhes serve de cirio ardendo, emquanto de noite fazem o seu maleficio nas pessoas que estão dormindo; e accrescentão que o braço começa a arder pelos dedos com uma luz rôxa e sulfurea, mas acabada a obra fica inteira; porque o demonio o acendia, ou representava aceso. Este

nosso commum inimigo, a quem Christo Salvador nosso chamou homicida desde o principio, e Isaias, na interpretação de Tichonio, morto abominado, e cadaver podre, e o anjo que fallava com santa Isabel de Sconangia, morte antigua, sempre nas suas operações affecta usar de cousas mortas, e esta boa lição ensina a seus bons discipulos. Entre os mais insignes se conta Juliano Apostata, do qual se escreve que, marchando com o seu exercito contra os Persas, entrou em uma escura cova, onde, havendo celebrado horrendos e diabolicos sacrificios, a mandou fechar e pôr-lhe guarda. Depois de morto miseravelmente n'aquella batalha, entrárão os curiosos, e vírão (horrendo espectaculo!) uma mulher pendurada pelos cabellos, o peito e ventre escalados, de cujos figados havia o impio Juliano feito supersticiosas observações e agouros para a victoria em vão esperada, e para a desgraça não em vão temida.

DETRACTORES

(II. 247.)

Dous principes da Persia, andando á caça, encontrárão a Mileto, monge santo; e porque este desprezou adorar os seus idolos, amarrado a um tronco o assetteárão, um de uma outro da outra parte. Quando o santo vio a cruel morte que lhe preparavão, disse com espirito prophetico :

— Porque vos haveis concertado para derramar san-

gue innocente, amanhã a estas horas vos matareis um ao outro com vossas mesmas frechas. Zombárão como impios, mas como impios pagárão dentro do dito termo peremptorio. No seguinte dia, vindo a colher a caça nas redes, escapou d'ellas um veado, e ambos a cavallo derão a correr trás elle, um tomando por uma parte, e outro pela contraria; e chegando ambos a descobril-o no mesmo tempo, disparárão juntos as settas, e, sem acertar a féra, se cravárão um ao outro, cahindo logo mortos. Isto que fizerão aquelles barbaros com as settas, fazem os murmuradores com as linguas; ao mesmo tempo que ferem com ellas a terceira pessoa innocente, a si mesmos se matão, porque mutuamente cooperão com o peccado um do outro, que é morte da alma.

MÁS LINGUAS

(II. 273.)

Havendo fallecido D. Henrique de Menezes, que governava a India, com fama de valor e justiça, fallou-se de suas prendas em roda de outros fidalgos; e sahio um, tachando n'elle certo defeito. Porém acudio Heitor da Silveira, dizendo :

— Outro defeito maior tenho eu sabido de D. Henrique; foi não desterrar da India quantas más linguas havia!

Tres defeitos descobrio em si este murmurador, por não cobrir um de seu proximo. Primeiro, dizendo-o em

publico. Segundo, desacreditando, quando os mais louvavão. Terceiro, fallando de pessoa já defunta. No primeiro se pareceu com o impio Cham, que chamou a seus irmãos para verem a descompostura de Noé; no segundo com a mosca, que pica na immundicia, ao mesmo tempo que as abelhas nas flôres; no terceiro com a hyena, animal feroz e traidor, que costuma desenterrar os cadaveres para comer d'elles.

Mas logo levou o pago; que como deitou a lingua fóra, lh'a picárão com a agudeza d'aquella resposta. Consiste o chiste d'ella em que, parecendo que o golpe se encaminhava a uma parte, a ferida cahe sobre a outra, e o murmurador, quando se espera ajudado, se acha de repente reprehendido. Parece-se este modo de conceito com o que usão alguns engenhos travessos, louvando a pessoa ou a cousa para a deslustrar; ou pelo contrario abatendo-a, para exaltal-a mais. Seja exemplo do primeiro modo o que disse Marcial de certo poeta ladrão dos versos alheios : « Dizem que estes versos não são de fulano? Não têm razão : porque elle os compra pelo seu dinheiro; e o que cada um compra é muito seu. »

E o que dizia o outro, comendo manjar branco com outros amigos :

— Valente manjar branco!

— Que tem de valente? disserão elles; e respondeu :

— O que lhe falta de gallinha.

E do segundo modo seja exemplo o que respondeu um subdito ao seu superior, que agastado dizia :

— Porque? Eu sou aqui negro?

— Sim senhor, tornou o subdito; porque lhe podemos chamar todos o pai.

Com que ficou consolado, de que a confiança com que o tratavão era de filhos e não de senhores.

Porém ainda que a resposta de Heitor da Silveira esteve boa quanto ao despique da murmuração, menos boa esteve quanto ao meio que arbitrava contra as más linguas, que era desterral-as. Onde as linguas fossem, ião os corações; e emquanto estes se não emendão, impossivel é emendar aquellas. A mordaça da lingua maledica deita-se-lhe por dentro, consumindo e apartando com a presença de Deos os máos pensamentos, que no coração têm a sua origem. Outra boa receita para o mesmo mal, quando algum subdito murmura do superior pelo carregar demasiadamente, se lê na Regra de S. Pacomio, que foi dictada por um anjo; onde se ordena que ao murmurador por cinco vezes lhe mostrem com razões a verdade, e como o seu vicio lhe é prejudicial; e não sarando assim, o levem á enfermaria, e o tratem como doente, sem lhe dar occupação alguma.

Porém caso que o intento seja não emendar, mas sómente não ouvir as linguas murmuradoras, desterrar todas seria deixar a terra deserta. Tão geral é este vicio, que podiamos temer aqui os inconvenientes que Seneca temia da lei promulgada contra os ingratos. Apenas bastarião quantos tribunaes e juizes ha para dar expediente n'esta causa; porque quem ha que não pudesse ser autor e juntamente réo? Além de que, não convem que todos saibão quão grande é a multidão dos ingratos,

porque á vista d'ella se perderá a vergonha do tal vicio. Do mesmo modo podemos discorrer ácerca dos murmuradores, que desterral-os seria fazer transmigração dos povos, e plantar novas colonias; e então juntos perderião a vergonha do seu peccado. Assim a perdem os que se ajuntão na casa da conversação, como se forão (diz um autor discretamente) escolas publicas e academias, onde, como em cadeira de pestilencia, lê a detracção lições d'aquelles dous titulos de direito : Digestis do estado dos homens, e Digestis d'aquelles que são notados de infamia.

FERVENÇAS DO APPETITE

(II. 288.)

Quatro leguas de Coimbra, junto a Cantanhede, ha uma fonte rasteira, areosa e turva, que sempre está como fervendo, e por isso lhe chamão as fervenças. Tem esta maravilhosa natureza, que tudo o que lhe lanção dentro attrahe e sorve, seja tronco, ou animal, ou vestido, ou qualquer outra cousa; em lhe tocando na extremidade, a vai puxando para dentro com summa força, e em breve desapparece. Tal é a violencia do vicio da carne : Fervenças de corpo, que se não governão pela razão. E assim não reparão no que sorvem, uma vez que sorvão; deixo, por não offender a pudicicia, de exprimir exemplos em que as fervenças sorvêrão até cadaveres, até brutos, até demonios succubos, ou incubos.

Só com a graça de Deos podemos resistir a estes impetos; mas quer o Senhor que cooperemos com ella, fugindo até das extremidades do perigo, onde póde arrebatar-nos.

O CADAVER REPULSO

(II. 304.)

Certo abbade por nome Thomaz, vindo á cidade de Theopolis, a negocios de seu mosteiro, o chamou Deos para si em Daphne, e o enterrárão os clerigos de um arrabalde delicioso de Antiochia, no templo de Santa Eufemia, no sepulcro dos peregrinos; e logo no seguinte dia enterrárão na mesma cova uma mulher, pondo o seu corpo sobre o d'aquelle abbade. Foi isto pelas sete horas da manhã; mas ao meio-dia achárão o cadaver da mulher fóra da cova. Não sem admiração do caso, tornárão á tarde a enterral-o no mesmo lugar, e na manhã seguinte vírão que outra vez o tinha a terra expellido. Portanto derão-lhe outra sepultura, e aquietou-se. D'alli a poucos dias succedeu ser enterrada outra defunta n'aquella cova de Thomaz; e tambem a arremessou de si fóra da terra. Então foi conhecida e venerada a santidade do varão cujo corpo alli descansava; e avisado o patriarcha veio buscal-o com copiosa cleresia; e entre luzes, e psalmos, e louvores a Deos, foi trasladado para a cidade, onde lhe derão lugar no cemiterio dos Martyres, edificando-lhe em cima uma capellinha ou oratorio.

LENDA DAS CAVEIRAS

(II. 308.)

O padre Fr. Boaventura de Cerdenha, capuchinho, sendo guardião do convento de Ceret, para ter um despertador da morte mais presente (cujo esquecimento é a causa de todas as nossas desordens), trouxe para a sua cella uma caveira; e logo, á sua imitação, os mais religiosos levárão cada um sua, tomando-as do adro da igreja d'aquelle lugar. Na seguinte noite as caveiras que estavão distribuidas pelas cellas começárão a levantar um grande murmurinho e estrondo, de que os frades, confusos e perplexos, por ignorarem a causa, tomárão não pequeno espanto. Alguns dias levárão este trabalho com paciencia : porém como o ruido continuasse, communicárão-se reciprocamente, dizendo cada qual o que sentia na sua cella, e vierão a entender que a inquietação procedia das caveiras; e por conselho do dito guardião, as lançárão todas no carneiro dos religiosos. Mas logo aquella noite, estando o mesmo Fr. Boaventura em oração na igreja, ouvio dentro do carneiro grande reboliço, como de pessoas que se davão batalha. Chegou-se pois á campa que servia de porta, e pelas gretas percebeu claramente o alvoroço. Deu parte a outro religioso prudente, por nome Fr. Paulo de Genova; e determinárão ambos certificar-se, pondo-se n'aquelle lugar em oração outra noite, a hora desusada. Apenas se puzerão,

quando ambos sentírão o ruido, como que os ossos dos defuntos pelejavão. Removendo pois do coração a cobardia, removêrão tambem a campa do carneiro; e acesa luz, descêrão, entrárão, e vírão (notavel caso!)... todas as caveiras dos religiosos postas á parte direita, em fórma e ordenança de esquadrão militar; e as dos seculares que tinhão vindo do adro (ficando um claro em meio) estavão á mão esquerda, tambem formadas em linhas, e como a ponto de presentar combate. Conhecida e publicada pela casa a maravilha, o juizo que se fez d'ella foi que não era Deos servido de que as caveiras dos homens profanos e amigos de brigas estivessem no mesmo lugar com as de uns religiosos pacificos e espirituaes; porquanto n'aquella terra tinhão durado muito tempo bandos e dissensões, com odio mais que vatiniano entre os seus moradores, de cujos corpos devião de ser as ditas caveiras que se trouxerão do adro. Pelo que mandou o guardião que alli fossem repostas, e cessou logo o ruido.

DEGENERAÇÃO DE PORTUGAL

(II. 314.)

As espadas largas degenerárão em cotós, e os capacetes se trocárão em perucas; já o pente em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca publicamente na cabelleira, alvejando com polvilhos. Cheirão os homens a mulheres; não a Marte, mas a Venus. Quem

havia de imitar ao grande Albuquerque, prendendo a barba no cinto, se já não ha novas de cintos, nem de barbas? Quem haveria de sahir aos leões em Africa, se é mais gostoso estar no camarote em Lisboa, gracejando com as farçantas, e atirando-lhes já com chiste, já com dobrões? Ou como se havião adestrar em ambas as sellas, andando pelas ruas bamboleando nas seges. Amolleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que veneramos, devendo aborrecêl-os; e nós, que estamos no fim da terra, ficamos no meio do mar de suas depravações.

PALAVRAS TORPES

(II. 314.)

Drexelio, no seu Phaetonte, exemplifica o vicio da lingua obscena, com o que succedeu a certo rustico, que havendo engolido inteiros muitos caracóes pequenos, carregou depois a mão no copo, e se deitou junto ao lar a dormir soltamente, com a boca aberta. Mas os caracóes, buscando com o tempo sua vida e liberdade, desandárão, costa arriba, o mesmo caminho por onde tinhão descido; e, quaes os companheiros de Ulysses da cova de Polyphemo, vierão um e um sahindo pela boca do rustico; porque a elles não lhes tocava discernir se andavão pela terra ou pela cara, se pelas hervas ou pelas barbas, senão só pôr-se em salvo d'aquella lobrega caldeira viva, onde os querião cozer em vinho.

Assim no somno do descuido, ou negligencia, sahem as palavras obscenas do interior que tinha concebido pensamentos feios.

LENDA DE S. JACOBO

(II. 350.)

Jacobo, mancebo de pouco menos de vinte annos, considerando á luz de celestial graça a vaidade e miserias do presente seculo, e as grandezas do futuro, elegeu a vida solitaria e fez seu assento em uma cova, não longe da cidade chamada Porphirião, que é na Phenicia, junto ás raizes do Carmelo, onde, perseverando quinze annos em santos exercicios de oração, mortificação e caridade, foi tal o seu progresso, que teve as graças de expellir demonios, curar enfermos, entender as divinas escripturas, e converter á fé de Christo muitas almas dos samaritas. O demonio, que á semelhança de cal, então se acende e ferve quando lhe lançamos agua, assanhou-se, e quiz expellir a quem o expellia; e para isto suggerio a um d'aquelles gentios o modo inventado por sua invejosa malicia, o qual, convocando á casa do seu sacerdote todos os amigos e parentes, lhes fez a proposta, e tomou os pareceres; e a resulta d'elles foi subornar com vinte cruzados a certa mulher tambem infiel, de ruim vida, e não ruim cara, para que tentasse ao servo de Deos, promettendo-lhe outros vinte se o

fizesse cahir, porque seguindo-se d'aqui a sua infamia publica, tambem se seguiria a expulsão desejada.

Sahe a mulher, inflammado seu coração com tres negras fachas infernaes, inveja, cobiça e luxuria; e chega, alta noite, a bater á porta da caverna onde o santo solitario habitava, o qual não foi prompto e facil em abrir; e se bem, insistindo ella em rogos, e protestos, e conjuros, abrio emfim; tanto porém que vio mulher, assustado como se visse alguma sombra má do outro mundo, tornou a dar-lhe de golpe com a porta na cara, e recolheu-se a orar; que foi fechar não só a cella á hospedagem, mas o coração a ruins pensamentos. Vinha ella bem petrechada de malicia; e assim insistio nos aproxes, batendo, e clamando : « Servo de Deos, tende misericordia de mim, que me acho n'esta soledade e escuridão, exposta a evidente perigo de ser manjar de féras! »

Esta bala fez brecha, porque deu em coração brando e consciencia delicada; e sabia Jacobo que n'aquella paragem vagueavão de noite féras. Receiando pois excluir a Christo, pelo reter, e não pesando que o perigo proprio espiritual devia prevalecer ao corporal alheio, tornou a abrir, e recolheu a supplicante, a qual com prevenida simulação respondeu que era de um mosteiro vizinho, cuja prelada a mandára arrecadar umas esmolas; e por errar as veredas, a colhêra a noite n'aquella soledade. Jacobo, costumado a não mentir, creu que lhe não mentia. Pôz-lhe luz, e pão, e agua, e retirou-se a outro interior apartamento que a cova tinha com distincta porta.

Comeu e fingio descansar um pouco a fraudulenta hospeda; e correndo a noite mais adiante, começou segunda bateria á segunda porta, usando de outro estratagema. Dava sentidos ais, e suspiros, e tombos pela terra, pedindo ao santo que lhe valesse. Abrio elle uma fresta; vio os signaes de que padecia algum repentino accidente; perguntou que mal tinha. Mal de coração, respondeu ella, mentindo. Já isto bastava para que a Jacobo lhe lembrasse que o Evangelho manda que ajuntemos com simplicidade de pombas a prudencia de serpentes.

Porém só lhe lembrou que tinha curado outras varias enfermidades com o signal da cruz. Sahio pois, acendeu lume, aquentou oleo bento, e começou a fomentar-lhe o peito, fazendo muitas vezes o signal da cruz sobre elle, e ella, significando experimentar allivio, lhe rogou continuasse com o remedio; e Jacobo, com o desejo repartido entre a caridade do proximo e a que se devia a si proprio, tomou por arbitrio, para não faltar a uma e outra obrigação, repartir tambem as mãos. Com a direita continuava a fomentação da fingida enferma, e com a esquerda, mettida no lume, evitava sentimentos impuros.

Durou este prodigioso e exquisito duello do exercicio da caridade contra o da castidade duas ou tres horas; de sorte que a mão esquerda se assou toda, e queimados os ligamentos, cahírão os dedos. E nem por isso a constancia do servo de Deos fraqueava; porquanto a tentação instava furiosamente por entrar, e para não entrar demandava todo este repucho. Valha-te Deos, Jacobo!

Não pódes ser valente sem que sejas temerario? Quem te mette a alliviar a dôr de um proximo, com evidente risco de perderes a Deos? Ou a quem deves tu amor, se a este senhor o não deves? Mas elle quiz esta vez apiedar-se, mettendo tambem a mão no fogo de sua caridade, que arde vivo na fornalha de seu amoroso peito.

Tendo pois o combate chegado a este ponto, declarou-se a victoria por parte da graça contra a natureza, e o infernal inimigo não só fugio, senão que deixou no campo as armas para trophéo do vencedor. Foi o caso que vendo a mulher tão raro espectaculo, qual era queimar um homem a sua propria mão por não consentir em tentação contra a castidade; e por outra vendo-se a si mesma tão escrava do contrario vicio, que por limitado interesse viera comprada a procurar a ruina de um varão santo, entrando-se toda de espanto, e coberta de um horror sagrado, se lançou a seus pés clamando: « Ai de mim, miseravel! Ai de mim, que estou feita lago de peccados, e covil de demonios! Triste de mim, que não sou creatura humana, senão monstro de horrendas maldades! » E logo revelou e referio ponto por ponto a fraudulenta cilada dos samaritas, e o damnado intento e preço torpe com que alli a mandárão. Então foi que o servo de Deos vio a cara do perigo descoberta; então reconheceu a altura do poço em cujo bocal andára saltando confiadamente, e não sabia ainda se cresse que estava fóra d'elle.

Mas logo, como quem apanha a espada ao seu competidor, se voltou a converter aquella mulher gentia. E já bem catechisada, a remetteu ao bispo d'aquella

cidade, por nome Alexandre, o qual a baptisou, e recolheu n'aquelle mosteiro, para que alli servisse a Deos com verdade, d'onde fingíra haver vindo para servir ao demonio. Visitou depois pessoalmente a Jacobo, e o confirmou com doutrina em seus santos propositos.

E logo, convocado o clero, e publicado o caso, mandou expulsar de toda aquella região os perfidos samaritas que pretendêrão expulsar ao santo por meio d'aquella mulher; e esta, para que a victoria contra Satanaz fosse perfeita, chegou a tal perfeição de vida, que tambem expellia dos corpos os demonios, cujo instrumento fôra em outro tempo para expellir o Espirito Santo.

Com a notoriedade de caso tão estrondoso, e com a visita do bispo Alexandre, cresceu a fama de Jacobo, e o concurso da gente a buscar n'elle para suas necessidades remedio, consolação em seus trabalhos; e obrou o servo de Deos outros muitos milagres, com que o demonio, estimulado e ancioso de provar a mão em segundo conflicto, foi de longe dispondo os meios e urdindo a trama. Abalava-lhe o coração com movimentos de vangloria, porque as occasiões d'ella erão alli frequentes e inevitaveis. Determinou pois o servo de Deos mudar de sitio e esconder-se ao mundo.

Andando pelo deserto veio dar em um rio, ao longo do qual tinha a natureza cavado uns barrocaes altos; e alli, vendo uma lapa accommodada ao proposito, fez nova morada, ajuntando as noites com os dias em oração e lição das santas escripturas, e outros exercicios de penitencia.

O mantimento erão só hervas, que a vizinhança da agua creava; depois plantou uma hortazinha, em cuja cultura negava as horas ao ocio, sem as negar ao allivio. Não conseguio porém o intento do seu retiro, porque a fama de suas virtudes, pela continuação de trinta annos que alli morou, se divulgou tanto, que de vinte e trinta mosteiros assaz remotos concorrião monges, além de outra muita gente do seculo, a buscar n'elle oraculo em suas duvidas, lenitivos em suas tribulações, e remedio em suas enfermidades.

Tão excelso edificio de virtudes não tinha por ventura o alicerce da humildade, proporcionada a tanta altura, e por isso permittiria Deos que padecesse ruina. Esta solicitava a todo o empenho o inimigo, nunca esquecido de quão vergonhosamente ficára, n'aquell'outra batalha, não só vencido, mas despojado. Entrou pois (com permissão do Altissimo) no corpo de uma donzella, filha de pais ricos, e vexando-a por muitos dias, com excessiva mágoa d'elles; quando já foi hora de entabolar o seu jogo coberto, começou a clamar por boca da energumena, que só Jacobo o eremita o podia desalojar d'aquella casa.

Ouvindo isto o pai, tratou logo de prevenir o necessario para a jornada; e depois de tomar informação do lugar onde o servo de Deos morava, lh'a levou á sua presença, em companhia de sua mãi com alguns criados. E lá vai Satanaz com a sua espada na cinta (que é a mulher); havendo buscado outra mais nova, porque lhe torceu a primeira. Prostra-se o pai da donzella aos pés de Jacobo, propõe o seu pio requerimento, implo-

fando a misericordia de Deos, por meio da virtude que a seu servo communicava.

— Tende compaixão de mim, dizia elle, com mais lagrimas que palavras, são já vinte dias que não deixa este inimigo comer, nem beber, a esta opprimida creatura, que por suas mãos parece quer despedaçar-se. Desejo-lhe o remedio, porque sou pai; não lh'o posso dar, porque sou peccador; ouvi-me vós, para que Deos vos ouça.

Jacobo sem detença alguma pôz-se em oração com espirito tão applicado e forte, que até o lugar onde tinha dobrados os joelhos estremecia. Afiados já os gumes d'esta espada do espirito, levanta-se, chega ao rosto da obsessa, assopra n'elle com alento vivo, e diz :

— Em nome de Jesus Christo, Filho de Deos Omnipotente, sahe, maldito! sahe, maldito! d'esta creatura sua.

Se alguem vio saltar fóra da toca a cobra que n'ella se escondia, quando sentio dentro o fogo que a crestava, fará conceito ou semelhaça de como n'este passo sahio d'aquelle corpo a serpente antiga; porém sua malicia era mais alta e refolhada do que então se presumia. Sahia, mas para melhorar de posto, e desde os olhos e rosto da donzella cuspir invisivel e mortifera saliva ao coração de seu expugnador, mais fervoroso do que cauto. Louvárão a Deos todos os presentes, e particularmente se alegrárão os pais da donzella; porém vendo que ficára em terra meia morta, e que apenas depois de algumas horas recobrára os sentidos, temêrão que o inimigo segundasse a entrada d'aquelle castello; e ro-

gárão apertadamente ao servo de Deos que ficasse de guarda alguns dias, até assegurar a retirada. Para isto lhe deixárão a filha mui perto da sua estancia (oh! indiscrição! vai o demonio logrando seus designios), consentindo n'isso Jacobo com sincera caridade; o qual não cerrando bem as janellas, por onde (como disse o propheta) sobe a morte, nem curando de guardar primeiro a sua fazenda do que a alheia, abrio fenda capaz de metter unha o demònio para a fazer maior. Emfim estando tudo preparado para dar a avançada, tanta foi de repente a força da suggestão, tal o ardor da concupiscencia atiçada com o seu sopro, tal a escuridade e turbação do juizo, e tal o envite da occasião opportuna, que Jacobo, sem pôr diante o abysmo em que se despenhava, nem os thesouros da graça, juntos com tanto trabalho em quarenta e cinco annos, que em um instante perdia, se abalançou á offensa de Deos, e emfim ardeu Troya! Que se lhe dá agora ao demonio que a victoria fosse alcançada por engano!

Então parece que acudindo innumeraveis espiritos malignos ao tremendo estampido causado da ruina de tão grande torre, se davão pressa uns a outros a que não ficasse pedra sobre pedra.

— Pois que farás agora, coitado? lhe dizião ao coração. Que farás, desamparado de Deos, a quem desamparaste? Qne dirá de ti o mundo, a quem não parecias do mundo, mas do céo? O mal que fizeste, já nem Deos póde fazér que não esteja feito; o ponto agora está em cobril-o. Não tens para isso mais que um meio; mata essa que te matou, e lança-lhe o corpo n'esse rio. Que

tardas? Isto convem-te, e se o has de fazer, importa ser logo; porque seus pais não tardão aqui muito. Avia : já agora, que mais monta um homicidio que um estupro? são mãos perdidas; mas sempre reservas que se não perca o teu credito.

Estes erão os conselhos que lhe dava o inimigo, e Jacobo os admittio cego, e os executou cruel, ingrasando erro em erro, cada vez mais enorme. Já faz tão infielmente o encommendado officio de guarda d'aquella desgraçada, que até a vida lhe rouba, e por ventura a salvação. Já executa de fóra maior estrago n'ella do que o mesmo demonio executára dentro.

Obedecêra Deos á sua voz, para Jacobo expulsar d'aquelle corpo ao demonio, e Jacobo obedece agora ao demonio, para expulsar d'elle aquella alma. Oh! quanto vai de um homem assistido de Deos, ao mesmo homem já desamparado! Deos nos livre de nossos peccados occultos, antes que venhão a parar n'estes manifestos! Mas continuemos a historia, que ainda a tormenta corre furiosa.

Havendo Jacobo tirado a vida a quem tirára a honra, e lançado seu corpo no rio, de sorte que não pudesse apparecer, então lhe começou a apparecer a fealdade enormissima que commettêra. Pasmava de si mesmo, e de si mesmo desejava fugir, por subtrahir-se ás penetrantes punhaladas de sua consciencia. Sahio-se, deixando aquelle posto, mais polluto em breves horas do que o sanctificára em trinta annos de penitencia; sahio-se, sem saber ainda para onde seus errantes passos o levavão. Aqui lhe começou a cruzar outro vento mais tor-

mentoso, que foi o da desesperação. Via-se por momentos sossobrado. Deliberou lançar-se ao seculo, d'onde antigamente sahíra para servir a Christo; porém este benignissimo Senhor, cuja natureza é bondade, e cuja obra é misericordia, olhando para si mesmo, e tambem não se esquecendo do traballo que em seu serviço empregára aquelle servo, filho emfim de Adão, isto é, terreno e fragil, acudio-lhe no perigo extremo, dirigindo seu caminho por onde estava um mosteiro, onde podia achar bons conselheiros.

Entrou Jacobo, sem saber porque, nem para que; fallou aos monges; foi recebido com caridade; puzerão-lhe de comer; nada aceitou, porque seu coração nadava em fel de amarguras. Fallavão-lhe de Deos; com esta memoria crescia a turbação, e marejavão as lagrimas. Fazião-lhe perguntas; porém outras mais apertadas lhe fazia a consciencia, que não tinhão resposta. Emfim abrio-se de golpe, e rompe de dentro uma precipitada represa de ais, de gemidos, de lagrimas, de queixas, e de brados, com que poderião condoer-se as mesmas pedras, quanto mais os corações. Aqui veio opportuna a lanceta das perguntas, rasgando mais aquella vêa que começára a abrir-se; e emfim sangrou-se, declarando o tragico de sua ruina, e lamentàndo o irremediavel de sua desgraça.

— Não é irremediavel, disserão aquelles servos de Deos. Tambem David, tambem Pedro, cahírão de mui alto; para o prodigo, que volta da região remota, são os braços do pai sahindo a recebêl-o; para a ovelha perdida, e depois achada, são os hombros do bom pas-

tor, e os parabens e festas de seus amigos e vizinhos. Fiai-vos, irmão, da misericordia de Deos, que é infinita; e se a redempção de Christo é copiosa, porque a fazeis limitada? Ou porque crêdes que é noite antes do sol posto?

Com semelhantes razões procurárão aquelles monges reprimir, como com fortes cabos, os balanços d'aquelle vaso, para que não désse á costa da desesperação. Porém ainda que algum tanto o sustiverão, tornou logo outra resaca, e deu com elle fóra d'aquelle porto. Despedio-se dos monges, os quaes fazião o que ainda de longe podia valer-lhe, que foi ajudal-o com orações.

N'esta segunda derrota, tornou a benignidade de Deos a lançar-lhe cabo a que se pegasse. Encontrou Jacobo um monge, que, reparando no melancolico de seu semblante, o obrigou a vir comsigo para a cella, onde elle se ia recolhendo.

Tudo isto erão fructos e retornos do bem que Jacobo, no tempo de sua abundancia, tinha feito a outras almas, trazendo-as para Deos. Aqui o tratou este novo hospede humanissimamente; pôz-lhe a mesa com toda a pobreza rica que possuia. Rogou-lhe que se alentasse; recusou Jacobo desabridamente; prostrou-se-lhe o santo aos pés, protestando não se levantaria d'elles sem lhe aceitar aquella caridade. Emfim venceu-o. Depois pedio-lhe que com sua santa doutrina o alliviasse (note-se a discrição com que se fez enfermo para se fazer medico) das grandes afflicções que attribulavão seu coração.

— Ai de mim! disse Jacobo ferindo o peito, que doutrina ha de dar aos servos de Deos escravo do demonio?

Se eu tomar na boca o nome de Christo, mandará do céo sobre mim raios que justamente me consummão. Ai de mim! (e as lagrimas quatro e quatro se impellião umas ás outras) vêdes estas cans? eu as manchei torpemente. Vèdes estas mãos parte queimadas, parte seccas como raizes? eu as enchi de innocente sangue. E aqui foi relatando a sua passada tragedia.

Começou então aquelle caritativo irmão a confortal-o, e exhortar á confiança na misericordia divina, com tão copiosa doutrina, e tão suave modo, que, qual chuva da tarde nas campinas gretadas da seccura, fez n'aquelle desconsolado animo notavel fructo; porém todavia não o pôde reduzir a que ficasse em sua companhia. Dando-lhe pois provimento para o caminho, e acompanhando-o por espaço de cinco leguas, sem cessar entretanto de lhe recordar os saudaveis documentos da penitencia e confiança em Deos, ultimamente se despedio d'elle, com abraço e osculo de paz em Christo.

Foi Jacobo proseguindo o caminho, que levava para povoado; porém o seu anjo por ahi mesmo o conduzio para termo mui differente. Declinando um pouco da vereda, vio um sepulcro antigo, fabricado a modo de cova, onde, entrando, achou muitas ossadas de defuntos, já meio comidas do tempo. Pareceu-lhe proporcionado sitio para chorar alli á vontade seus peccados. Concertou, e fechou como pôde a antiga porta da cova, que já quasi não era porta, e logo, amontoando para um lado os esqueletos, no lugar que entre elles lhe ficou livre se pôz de joelhos; e alli, batendo nos peitos, e desatando-se em lagrimas, começou os dolorosos threnos de seu

coração contricto e humilhado. Oh! que suave e que perenne musica ouvírão alli os anjos! Oh! como estava cada vez mais perto de Deos aquelle penitente, que se imaginava mui longe! Bemdita seja a efficacia da graça de Jesus Christo! Mas não forão estes sómente os seus effeitos.

Quanto tempo perseverou Jacobo n'esta vida entre mortos?

Dez annos.

De que se sustentava em idade tão pesada, em lugar tão horroroso á natureza, e em exercicios de tanta penitencia?

Unicamente das hervas que nascião ao redor d'aquelle sitio, sahindo a colhêl-as só duas vezes na semana.

Succedeu pois haver em toda aquella região circumvizinha uma grande secca, e chegou a calamidade a tal aperto, que os povos fazendo contínuas preces e grandes penitencias, não havia imagem de santo nem reliquia a que não recorressem. O bispo d'aquella terra, varão santo, orando instantemente pelo remedio das suas ovelhas, teve revelação de que no deserto em um sepulcro morava um santo velho, cuja oração seria efficaz para impetrar de Deos a chuva desejada. Convocando pois o clero e povo, forão todos demandar a cova, onde Jacobo estava bem descuidado de tal visita e proposta.

Tanto que o avistárão, lhes ferio os olhos e os corações o aspecto de varão tão veneravel; não lhes parecia verem senão a humildade e penitencia, e a elevação do espirito ao céo retratadas; logo o santo prelado se confirmou na esperança de que era aquelle sujeito capaz

de obrigar a divina clemencia ao beneficio que se lhe pedia.

Saudou-o, propôz-lhe ao que vinha, rogou-lhe não differisse o remedio. Jacobo não fez acção de vivo, mais que bater nos peitos, abaixar os olhos, e dizer:

— Misericordia com este miseravel peccador!

Rogárão tambem os mais o mesmo.

Jacobo fez tambem o mesmo; e suas repetidas instancias nunca d'elle tirárão outra.

Voltão-se pois desconsolados; dobrão os jejuns e supplicas a Deos nosso Senhor. O' pai de piedade, clamava o santo bispo, não sejão meus peccados causa de tornardes a encolher a mão de vossa liberalidade, que já tinheis estendida. Dizeis que só éste santo vos póde mover a vós, e nós vemos que só vós o podeis mover a elle. Aonde pois havemos de recorrer? Aqui está o sacrificio, porém falta-nos o altar.

O Senhor, que já estava movido, pois ensinára como o moverião, respondeu:

— Tornai a persuadir-lhe que me peça, porque a sua oração me agrada.

Assim se fez, e dito está, se irião com presteza e alvoroço.

Chegando o bispo á presença de Jacobo, lhe relatou o que da parte do Senhor lhe fôra mandado. Então dando Jacobo de si algum abalo, e carregando todo o clero e povo com vozes e gemidos, emfim orou, crendo em Deos, sem crer em si. E durante a sua oração, que foi larga e fervorosa, antes de abaixar as mãos, toldou-se o céo de nuvens, e começárão a chover enchentes, não

sei se diga de agua, se de misericordia. Qual fosse a alegria de todos n'este caso, elle mesmo o diz mais claramente.

Rendêrão a Deos as graças, e tambem ao seu servo; que elle escolhêra por instrumento de sua misericordia, o qual ficou para com todos em mui levantado gráo de reputação; e d'alli por diante começou aquelle sepulcro a ser frequentado de enfermos e obsessos; e Jacobo, sentindo em si restituida a graça do Senhor para remediar a todos, não se atreveu a repugnar-lhe, obrando porém sempre com tal desapropriação de si mesmo, que nada o abalava do seu nada, onde tinha assentados com sciencia experimental os solidos fundamentos da humanidade.

N'aquelle mesmo anno da fome, vindo o bispo visitar ao servo de Deos, elle, sabendo estar proximo o seu fim, lhe pedio que o enterrasse n'aquelle mesmo sepulcro, e o bispo prometteu de o fazer. Foi a hora d'este chamamento tão preciosa para Jacobo, como tinha sido desejada; e subio sua ditosa alma a morar na região dos vivos, depois de bem purificada n'aquella habitação dos mortos. Celebrou alli o bispo exequias, e andando os annos, e não cessando os milagres, edificou igreja, onde collocou seu corpo com a devida decencia. Sua festa é a vinte e oito de Janeiro, dia que os martyrologios latinos assignão tambem a S. Callinico martyr; nome que se interpreta Victoria formosa. Tal é na verdade a de qualquer martyr. Porém não foi menos formosa e galharda a victoria que o nosso Jacobo alcançou do demonio já vencedor, e de si mesmo já vencido.

Póde o leitor, movido com esta relação admiravel á devoção do santo, fazer uma recapitulação d'ella, fingindo-lhe gravado em seu antigo monumento este moderno epitaphio ou elogio.

BICHOS TRANSFORMADOS EM PEROLAS

(III. 2.)

Vivendo o glorioso padre S. Domingos em Roma, visitava uma mulher enferma e grande serva de Deos, que vivia recolhida em uma torre junto á porta Lateranense. Chamava-se Bona, e concordavão com o seu nome as suas virtudes, especialmente a da sua admiravel paciencia na enfermidade que padecia, que era ter um horrendo cancro que lhe comia os peitos, onde a mesma podridão das materias creava muitos bichos. Por vêl-a S. Domingos tão enferma, e tão alegre com as tribulações, a costumava visitar, e administrar-lhe os sacramentos da confissão e communhão sagrada. Um dia, depois de lhe haver applicado estes salutiferos remedios da alma, quiz ver tão asquerosa e maligna chaga; e, ainda que com difficuldade, dispôz Deos que o alcançasse, porque lhe tinha inspirado que o pedisse.

Quando Bona se descobrio, e o santo vio o cancro e os bichos fervendo na chaga, e com isto a alegria da enferma com o seu trabalho, e como por elle não cessava de render graças e louvores a Deos, muito se commoveu á compaixão; porém muito mais de desejo de

tirar um d'aquelles bichinhos, e guardal-o como reliquia. Porém Bona, proposta esta segunda petição, não consentio que o tirasse senão debaixo de promessa que lh'o havia de tornar a pôr em seu lugar, como ella fazia aos que lhe cahião no chão, porque os estimava muito.

Chegou pois o santo, e tirou um bicho; mas assim como o pôz na palma da mão, se lhe converteu em uma formosissima perola. Ficárão admirados o santo e os frades que o acompanhavão; os quaes lhe persuadião que ficasse com a perola, porque, não sendo bicho, já não devia restituil-o. Porém Bona porfiou tanto, que emfim lh'a tornárão ao seu primeiro lugar, e logo tambem a perola se tornou á sua primeira fórma.

Orou então o santo, e lhe fez o signal da cruz sobre os peitos; e, ao descer a escada da torre, logo toda a carne cancerada, e os bichos que n'ella tinhão mesa e pousada, lhe cahírão em terra; e começou a crear outra nova carne, ficando com saude perfeita em breve tempo.

RELIGIOSO RENEGADO

(III. 8.)

Disfarçado em vestidos seculares um religioso de certa ordem, assistia em Sulapur, praça, nas Indias Orientaes, do dominio do grão Mogor.

É notavel a opinião que geralmente têm os indios, imaginando que todos os Europêos são artilheiros; porém mais notavel o engano com que os Europêos se apro-

veitão d'esta opinião. Porque, em querendo fugir, ou por crimes, ou por liberdade, se passão com este nome ás suas terras, e lhes basta para terem de comer.

Na dita praça se achavão de muitas nações varios artilheiros; e este religioso, com titulo de condestavel, os governava. Isto sabido, é bem que supponhamos outra noticia para melhor intelligencia do caso. E é que n'aquellas terras dos mouros é costume inviolavel que todo o que não é mouro (seja elle christão, judêo, ou gentio), se acaso lhe fizerão algum aggravo, e quer vingar-se, se ha de fazer primeiro mouro. Declarado já por tal, a mesma justiça dá logo satisfação ao aggravado, segundo a qualidade do delicto. O mesmo se estila se tem dividas, e não as quer pagar, porque em se acolhendo á lei de Mafoma, goza n'este sagrado d'esta immunidade civel; e nada deve (senão o corpo e alma ao demonio), nem aos acredores é concedida acção de cobrarem o seu.

Isto supposto, governava esta praça um abexim (assim chamão aos Ethiopes do Preste João), e são estes abexins por seu valor e fidelidade muito estimados n'estas terras, e lhe chamão Sedy Saibó, que quer dizer, Senhor Abexim.

Estava pois um dia este governador dando audiencia, quando, entre outros pretendentes, appareceu este disfarçado religioso; o qual, fazendo-lhe salama, já ao modo de mouro, lhe disse tinha com elle em segredo uma palavra.

Respondeu que lhe esperasse até o fim da audiencia; com que ficou mais de tres horas em pé, estando todos os mouros assentados. Depois de todos idos, lhe pergun-

tou o governador que queria, e respondeu que a noite antecedente lhe apparecêra Mafoma, e lhe dissera que, se queria salvar-se, se fizesse mouro.

Dizendo isto, cruzou as mãos no peito, e com grande submissão pedio ser admittido a lei tão santa. O governador, que era christão occultamente, olhou para elle com admiração e estranhez, dizendo:

— Não és tu padre dos christãos?

— Sim, senhor.

— Pois que motivo tens para deixar a lei em que foste criado, e tomar a dos mouros? Se alguem te aggravou, dize-m'o, porque eu te vingarei de quem quer que fôr; e se alguma cousa deves, declara-o, que eu te prometto de pagar por ti, por crescida que seja a quantia.

Então jurou o apostata que ninguem o aggravára, nem a alguem devia cousa alguma; mas que só queria ser mouro para se salvar, porque lh'o ordenára assim Mafoma.

Assombrado o governador, lhe ordenou que se fosse para casa, e que ao outro dia, depois de bem considerada a materia, fallarião, porque podia ser que no entretanto o alumiasse Deos.

Replicou o apostata que se não cansasse com elle, porque depois de muitos dias não daria outra resposta, e estava já resoluto a fazer a vontade de Mafoma.

Confrangeu-se o governador com resposta tão determinada; e chamando um criado, lhe mandou trouxesse o seu boxá (é um panno forte, e quadrado, que tem na ponta uma fita larga : aqui mettem o mais resguardado do fato, e o amarrão de sorte que fica um fardinho

bem feito e seguro), o qual mandou desatar, e despedio o criado. Tirou depois elle mesmo uma bolsa do comprimento de dous palmos (era de grã); e de dentro d'ella tirou outra de brocado; e, abrindo-a, tirou um crucifixo muito bem acabado e perfeito; e depois de o beijar, e pôr nos olhos, o mostrou ao apostata, perguntando-lhe se conhecia aquelle Senhor.

Respondeu, pondo a mão direita no alto da cabeça (que é entre mouros cortezia) : *Azaret Inaiquè Nixana hect*; que quer dizer : esta é a imagem do Sagrado Jesus. Então com colera o governador :

— Pois dize, maldito, és tal que queres deixar um senhor que te creou e depois de muitos tormentos te remio em uma cruz, para seguir os embustes de Mafoma? Estás fóra de ti? Deixas a luz por ir buscar as trevas? O céo pelo inferno? E' possivel que tendo tu tão alta dignidade, como é a de sacerdote, tens um tão baixo espirito, que queres passar de ministro de Deos a escravo do demonio? Creio sem duvida que este inimigo tens no corpo, porque, a não ser assim, não fôra possivel o que vejo. Ora, arrepende-te, não te faças mouro, que eu te prometto de te favorecer toda a vida; e em acabando este governo, bem sabes que sou capitão de tres mil cavallos, e que para gastar me sobeja dinheiro; com que determino trazer-te por meu companheiro, e tudo isto, e ainda mais farei por ti, só para que me pagues em ouvir de confissão as vezes que eu quizer, e o pedir.

Tudo isto disse o governador com os olhos banhados em lagrimas; e com elles muito enxutos ouvio tudo o

apostata, sem responder palavra; de sorte que imaginou o governador o tinha já reduzido. E assim lhe perguntou com brandura :

— Pois que dizes, padre meu?

— Que tendes muita razão no que dizeis, respondeu o apostata, mas nada comigo tem lugar, porque eu hei de ser mouro; assim que, escusai de vos cansar com quem teve a ventura de ver a Mafoma, e de obedecer-lhe.

Sobremodo se enfureceu aqui o governador, chamando-lhe *Nacaranè*, que quer dizer renegado, com outras palavras affrontosas. E por remate lhe disse :

— Vai, maldito, faze o que te parecer; com advertencia, que se tiver noticia que a pessoa alguma dizes o que entre nós passou, logo te darei *soly;* que é o mesmo que espetal-o.

E' n'estas terras a forca um madeiro bem fixo na terra, e muito agudo na outra ponta; é alto como um masto, e por elle vão guindando acima o delinquente, até que o assentão na ponta aguda, e lh'a mettem como espeto; depois puxão dous verdugos pelos pés até que a ponta apparece sahida no alto da cabeça; e assim deixão o justiçado ás aves, que não tardão muito em o comer. Com este ameaço se sahio o apostata da presença do governador, e d'alli se foi á casa do Cabazy dos mouros, onde fez a protestação da seita de Mafoma, e pedio os ministros, que com elle forão circumcidal-o á sua casa. Ficou de cama muitos dias, por causa do golpe que lhe derão, de que morrem não poucos. Depois que se levantou, teve por premio casarem-o com

uma moura, com mais um cruzado cada dia, sobre sessenta que tinha cada mez por condestavel. Assim ficou muito contente.

Não sei, diz o relator da historia, o fim que teve; mas não é necessario inquiril-o, porque é certo que a morte dos peccadores é pessima.

CARIDADE

(III: 20.)

S. João Columbino, indo ouvir missa em companhia de outro servo de Deos por nome Francisco, vio á porta da igreja um pobre, meio nú, e todo leproso, e coberto de chagas e bostellas. Commovidas suas entranhas de compaixão com este espectaculo de miseria, o tomou ás costas, e levou para sua casa, com animo de tratar da sua cura e regalo. Era João casado, e tanto que sua mulher vio diante de si aquella fealdade e horror do leproso, e sentio o máo cheiro que de si lançava, fez ascos, e levantou clamores proprios d'aquelle sexo quando se não acompanha da estimação das virtudes, nem sabe contemplar a Christo em seus pobres. Bem puderamos aqui dizer com um autor pio :

> Vês o pobre; mas descansa
> Teu coração sem piedade;
> Quando no amar ha verdade,
> No soccorrer não ha tardança.

Muito mais queixas e enfado mostrou quando vio que

o santo lhe pedio que consentisse em deitarem aquelle mesmo leproso no seu mesmo leito conjugal. Disse, mui irada, que o podia fazer; porém soubesse que nunca mais lhe faria n'elle companhia.

Fez o beato João pela aplacar com razões espirituaes; porém estas não tinhão por então muita entrada n'aquelle coração duro, nem a sua paixão concordava com os exemplos de Christo.

Entretanto o servo de Deos lavou com agua quente ao leproso por suas proprias mãos, e o alimpou com muita brandura e caridade, e o accommodou na cama; e para vencer de todo o horror da sua natureza, bebeu d'aquella mesma agua com que o lavára.

E logo, fechando-lhe as cortinas do leito, voltou á igreja para ouvir missa, deixando mui recommendado á sua mulher que tivesse sentido no seu leproso, se necessitasse de alguma cousa, emquanto elle voltava. Ella, picada do remorso da consciencia pela pouca caridade que mostrára ao pobre, e muita repugnancia á de seu marido, quiz ir logo visitar o leproso. E assim como abrio a porta da camara aonde ficára deitado, sentio tão excessiva suavidade de cheiro, que não havia na terra com que se poder comparar, e logo parecia delicada viração de outro superior paraiso, e assim não se atrevendo a entrar, tornou a fechar a porta, e começou arrependida a chorar o desamor que mostrára áquella amavel figura de Christo.

Não tardou o beato Columbino, que com seu companheiro vinha de ouvir missa, e trazia comsigo alguns doces para o seu enfermo, que lhe comprára de cami-

nho. E vendo a sua mulher chorosa e magoada, perguntou, e soube a causa; e logo entrando á pressa na camara, sentio a mesma extraordinaria fragrancia, com grande admiração sua. Cresceu esta mais em todos, quando, ao abrir as cortinas, não vírão no leito pessoa alguma.

E ficárão então entendendo que nosso Senhor Jesus Christo, tomando aquella fórma de leproso, se dignára fazer aquelle particular mimo a seu servo João, para crear em seu coração novos augmentos da caridade para com os pobres enfernos. E á vista d'este prodigio, a mulher do beato Columbino lhe deu licença para que, desatado do vinculo do thoro conjugal, servisse livremente a Deos, e despendesse com os seus pobres a fazenda que quizesse; de que elle ficou mui contente, entregando-se de todo ás obras da caridade do proximo, e exercicio das mais virtudes.

DIFFUSÃO DE LUZES

(III. 40.)

Que ninguem acende a lucerna, e a mette debaixo do alqueire. E o Espirito santo diz pelo ecclesiastico: — não escondas a sabedoria, injuriando a sua formosura. E por Salomão, Livro da sabedoria, a qual diz elle que aprendeu sem ficção e a communicou sem inveja: —

D'estes avarentos, que tendo muito, nada prestão, se póde dizer o que no saco de Roma pelos Hespanhóes

disse um soldado, que, entrando em um convento, e achando tudo já despojado, só vio um frade grande lettrado, que ficára entrevado em uma cama; e o pôz sobre um burrinho, e o levou pela cidade, apregoando: *Quem merca esta carga de lettras?* Verdadeiramente o sabio, que não fez outros sabios, tem lettras, mas lettras entrevadas, lettras ás costas da estulticia, e qué necessario que outrem as apregôe, para que se saiba que alli estão, e isto mesmo é signal que as lettras ainda não são perfeitas; pois a arvore então se aperfeiçoa, quando fructifica.

LINGUA MALEDICA

(III. 54)

Quão pouco bastará para destruir a honra de um homem, e arruinar irreparavelmente sua familia e descendencia, se não medirmos as palavras; se nos levarmos do orgulho de verificar qualquer presumpção mal fundada; se imaginarmos que ganhamos perdões em dizer mais do que importa e se nos pergunta; se não soubermos discernir entre zelo sem sciencia, e caridade prudente? Simão Mago, o que disputou com o apostolo S. Pedro, contava a dous de seus discipulos, Nicetas e Aquilla (que depois alumiados do céo o deixárão, e seguírão ao apostolo), que uma vez, mandando-lhe sua mãi Rachel que fosse ao campo segar, elle, vendo alli a fouce, lhe mandára se puzesse logo a caminho, e fizesse

seu officio; e a fouce se levantou, e foi por si mesma, e segou dez tantos mais que outros segadores. Isto claro está que foi por obra do espirito Paredro, com quem o Mago tinha o pacto.

Mas applicado ao nosso intento. Esta fouce póde ser symbolo da lingua maledica, em pontos de gerações; porque os outros, que murmurão de particulares defeitos pessoaes de seus proximos, segão poucas espigas, porém a lingua que corta pela limpeza do sangue, verificando duvidas, ou revelando occultos, ou levantando aleives, esta fouce sega de um golpe por familias inteiras; aqui anda a mão do demonio. Veja pois cada um como usa da sua lingua, porque esta materia tem muito difficultosa restituição, e ha morte (que tambem tem a sua fouce, de que ninguem escapa) e depois ha juizo, que se não engana como o dos homens; e depois nada mais, senão sempre inferno.

CONTAGIOS DE PESTE

(III, 61.)

Em Nougardia, cidade famosa da Russia, se levantou um contagio tão truculento, que dentro em seis mezes sorveu oitenta mil pessoas, com tal pressa, que a gente andando pelas ruas de repente cahia morta; e os que levavão a enterrar os cadaveres, não acabando a acção, se ajuntavão ao seu numero; e assim as bocas das covas

cheias, porém abertas, chamavão por outros que as cogulassem.

A ilha Egina (que é entre Attica e Peloponeso) ardeu antigamente em tal peste, que a varreu de toda a especie humana, escapando unicamente el-rei Caco, a cuja petição diz a fabula que Jupiter, para tornar a povoar a ilha, fez homens das formigas que tinhão ficado na tóca de um antigo carvalho. No anno de 1628 infestou a Lyão de França uma pestilencia tão brava e accelerada, que levava cada dia muitos centos de pessoas, a maior parte sem sacramentos. Chegou a mortandade a mais de cincoenta mil vizinhos. O contagio era tão forte, que sahindo tres homens de almoçar, ao cahir um d'elles morto subitamente, o outro que foi a levantal-o cahio tambem sobre elle, e o mesmo succedeu ao terceiro, cahindo sobre os dous; que parece fazia aqui a peste o que os muchachos fazem com as cartas de jogar, derrubando com uma todas as mais que se seguem em carreira; ou o que fez a setta do famoso Bulhões em Jerusalem, que enfiou de um tiro tres aves que voavão umas diante das outras. O desamparo era tão extremo, que um homem por não carecer de sepultura a abrio a si mesmo, e se metteu dentro, e cobrio com terra como pôde. Outros se cosião a si mesmos as mortalhas, envolvendo-se n'ellas. O padre Francisco Bouron, Borgonhez, da companhia de Jesus, levado do fervor da caridade, obrou n'esta calamidade maravilhas em serviço dos enfermos. Ferido emfim do mal (que para elle não era senão grande bem, pois consummava seus trabalhos e coroava seus merecimentos), já quasi agonisando, se

foi á cama do padre Ignacio Pomponio, que se achava no mesmo transe, e alli lhe administrou o sacramento da extrema-uncção, e logo entrando na mesma cama se ageitou, e accommodou de modo que o padre Pomponio lh'a pudesse tambem administrar a elle; e ainda que com grande difficuldade, emfim o fez, e ambos expirárão.

Admira, ó leitor meu, os preciosos fructos que comsigo traz a caridade, especialmente a que se professa mais fraternalmente na vida religiosa.

Que a causa das pestilencias são peccados dos reis escandalosos, e do povo juntamente, consta do caso de David, quando recenseou seus vassallos. Costuma tambem Deos punir com este rigoroso açoute os aggravos e perseguições da Igreja catholica. Quando Nero (affronta do genero humano) derrubou aquelle admiravel par de columnas do templo de Deos, Jachin e Booz, quero dizer, quando martyrisou aos principes dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, levantou-se tão furiosa pestilencia, que diz Suetonio que em Roma, em espaço de um outono, entrárão nos livros das contas da morte trinta mil enterros ou funeraes. Quando Vespasiano martyrisou a S. Lino successor de S. Pedro, e a S. Apollinario, bispo de Raucana, e a outros santos, diz Nicephoro que ardeu Roma de modo que muitas vezes morrião a dez mil por dia. Quando Constantino, imperador, filho de Leão Isaurico, verificando a prophecia de S. Germão, patriarcha de Constantinopla (que vendo que ao baptisar-se estravára na pia, prognosticou que aquelle menino havia de manchar e afear a Igreja catholica), assolava os templos,

espedaçava as sagradas imagens, e fazia por violencia que as freiras se juntassem com monges, e outras horrendas insolencias, veio sobre Constantinopla tão furiosa peste, que durou tres annos, e quasi a deixou deserta, ficando os adros, claustros, hortas, vinhas, lagos, entulhados de cadaveres. Quando o imperador Henrique III perseguio ao papa Gregorio VII e enthronisou em S. Pedro de Roma a Gilberto anti-papa, mandou Deos uma peste, de cuja braveza não escapou soldado algum dos com que tinha presidiado a Roma, e o mesmo Henrique morreu de improviso infelizmente.

A peste tem causas naturaes, que, complicadas no devido modo para exercer sua actividade, e não impedidas do autor da natureza, sahem no tal effeito. Isto é commum entre os autores, que escrevendo de varias pestes que houve em varios tempos e lugares, notão e assignão particulares causas d'onde se originárão. Santo Agostinho, fazendo menção de uma horrenda peste africana, a attribue á multidão de gafanhotos, que mortos infeccionárão o ar. Seneca a attribue a halitos da terra corruptos, que se levantão acima (e nos terremotos é mais facil o levantarem-se, por isso se lhes segue pestilencia). A peste que, em Pelusio, extinguio setenta mil pessoas, diz Paulo Emilio, procedêra da fome e incommodos do cerco que aquella cidade padeceu por um anno. A' mesma causa attribuem os escriptores a que correu por toda França no anno de 1225, e outra em Roma em tempo de Pelagio II, a uma grande cheia do Tibre; e outra em Allemanha e Flandres no anno de 1315 ás muitas chuvas que alagárão as terras. Podem-se ver,

além dos referidos, Philippe Ingrasia, George Agricola, Jacobo Delechampio, e Mercurial.

Porque entre todos é mui notavel e digno de se ler o caso e origem da horrenda pestilencia de Milão, pelos annos de 1630, quero aqui referil-o mais por extenso, copiando-o a trechos, ou por fragmentos, do padre Fr. José de Madrid, traductor do padre Fr. Marcellino de Pise, chronista dos capuchinhos, o qual se reporta a José Ripámoncio, varão celebre entre os escriptores do seu tempo, e chronista d'aquella cidade. Foi esta calamidade assumpto geral dos autores, prégadores e poetas d'aquelle tempo; só em Madrid se fizerão ao caso mais de duzentos sonetos, sobre os quaes sahio Antonio de Soliz e Ribadaneyra com este burlesco, que ponho n'este lugar separado, por ser o espirito d'elle mui diverso do que pede a seguinte narração lamentavel:

Cielos! despues de tantos años, este?
Pobre de mi, Milan amilanada!
Mas que a polvos, a versos apestada;
Que avrá soneto que a la peste apeste.

Aqui de Dios, poetas, turba agreste,
No me bastava estar polvorisada?
Amainad, amainad la sonetada;
Que mal por mal, me quiero mas mi peste.

Piedad, ó peste de segunda mesa!
Menos rigor, que ya de peste patas,
Y no ay aca san Roques de conceptos.

La otra cessó ya, y esta no cessa;
Ay de mi; que del fuego di en las brasas!
Ay de mi; que de peste di en sonetos!

POBRES

(III. .78)

Conselheiros pouco pios e politicos falsos, nunca faltão nas aulas dos principes. Esta era a discreta queixa de Luiz XI, rei de França, quando dizia : « De tudo tenho muito no meu reino e palacio; só de verdade pouco. »

Porque não aconselhou este cortezão o arbitrio que se usa na China, onde, com haver mais gente que em toda Europa, não apparece um pobre? Porque o magistrado obriga aos parentes mais chegados, ou ao mais rico d'elles, a sustentar os que empobrecêrão; e não podendo nenhum d'elles, corre o sustento por conta do fisco real. Porque lhe não aconselhou que sahisse com um decreto semelhante ao que fez Henrique II, rei de França, em que mandou que cada cidade ou villa tivesse cuidado dos seus pobres, distribuidos pelas parochias? Porque lhe não propôz, para a imitação, o que fez o papa S. Fabiano, que elegeu sete diaconos, que, repartidos pelas regiões ou bairros de Roma, inquirissem das necessidades de pessoas miseraveis, e as remediassem, anticipando a esmola á sua queixa ou diligencia? E finalmente, porque o não exhortou a crescer na beneficencia, lembrado que esta é um sacrificio de grande aceitação diante de Deos, e de que os leigos, e todo o estado, idade e sexo póde ser sacerdote, conforme aquillo do apostolo : *Beneficentiæ autem, e communionis nolite oblivisci : ta-*

libus enim hostiis promeretur Deus? Eis aqui a verdadeira politica, fundada no amor de Deos; mas com esta, sendo mais clara, não atinão os olhos da prudencia humana, porque estão costumados ás suas trevas.

BREVIDADE NOS DESPACHOS

(III. 80.)

Passando el-rei D. Sebastião do paço de Xabregas para o mosteiro, chegou uma mulher a presentar-lhe um memorial. Recebeu-o, e entregou-o a um fidalgo dos que o acompanhavão. Ella, affligida, disse:

— Senhor, corre minha honra perigo na tardança.

Pôz n'ella os olhos el-rei com aquelle affecto de pai, que foi tão proprio de seus antepassados para com os seus vassallos; pedio recado de escrever, e alli mesmo despachou o memorial dizendo:

— Os negocios d'esta qualidade em toda a parte devem ter despacho prompto.

—

Semelhante presteza em despachar se escreve de Viroldo, duque de Lithunia, o qual até estando á mesa ouvia os requerimentos, assignava os papeis, recebia as embaixadas.

De João Corvino, governador do reino de Hungria, dizem que em qualquer parte, em pé, e sentado, e andando, e a cavallo, sempre ia administrando as obriga-

ções de seu officio. O imperador Trajano, de alcunha — o herva parietaria — (porque em todos os edificios que fez mandou pôr o seu nome na parede), estando de partida contra os Dacos, ao passar por Roma lhe sahio uma viuva, clamando justiça contra os homicidas de um seu filho; e o Cesar, desmontando do cavallo, a ouvio benignamente, e satisfez a seus desejos.

Ha negocios e occurrencias que se lhes deve acudir como se tangêrão a fogo. Que ridiculo seria o que chamado para apagar um incendio respondesse mui repousado: Em almoçando eu vou logo? Gabelliano foi réo de morte por deter tres dias o aviso de uma conjuração que lhe foi delatada; e fundou-se a sentença em que, em ordem a acautelar o proprio damno, podia cada um ser incredulo ou animoso, mas em ordem a salvar o alheio, quem mais teme melhor satisfaz á sua obrigação. Importa que o espirito do principe e do magistrado tenha alguma porção ignea que o incline a fazer o seu officio, não frouxamente, mas com promptidão e viveza; porque a caridade, que, pelo que toca ao bem proprio, ha de ser paciente, pelo que toca ao bem do proximo ha de participar ás vezes algum tanto de impaciencia: *Interdum* (disse S. Bernardo a Eugenio, papa) *impatientem esse probabilius*. E esta é a indole boa, que Seneca descobria até n'aquillo que em outras occasiões podia ser reprehensivel. E essa é a que mostrou aquelle rei, cujo coração approvou Deos dizendo que era conforme ao seu, quando respondeu logo á mulher Thecuitis, que lhe pedia um seguro tal para lhe não matarem a seu filho: « Quem ousar a tocar-te, traze-m'o aqui. Viva

Deos, que nem um só cabello ha de cahir da cabeça de teu filho. »

Veja-se como prendeu depressa n'este espirito a chamma do zelo, tanto que cahio sobre elle a faisca da injustiça ainda só fingida, como aquella era. Tanto que o agente se approxima ao paço (diz o philosopho), logo resulta acção, e tanto que o miseravel se chega ao poderoso, logo ha de haver amparo; tanto que o injuriado recorre ao juiz, logo ha de haver satisfação.

Aquelle leproso que pedio saude a Christo, apenas explicou o seu desejo, sem petição expressa e formal: « Senhor, se quereis, podeis alimpar-me; » quando logo o Senhor lhe respondeu : « Quero, fica limpo ; » e estendendo a mão o tocou e sarou. De sorte que por este caso podiamos com mais razão dizer o que lá o outro da velocidade dos notarios, que tomavão por penna as palavras mais depressa do que outrem lh'as pronunciava.

Assim parece que a lingua do leproso não tinha bem declarado a sua petição, quando a mão do Senhor a tinha já remediado. E em outra occasião, representando-lhe o centurião como um seu criado estava paralytico, respondeu logo o Senhor: « Eu irei, e o curarei. » E a Dimas o mesmo foi metter-lhe o memorial, do que pôr-lhe desde a cruz por despacho: — Logo e como pede: *Hodie mecum eris in paradiso.*

Assim como quem dá logo dá duas vezes, assim parece que despacha duas vezes quem despacha bem, e logo. Despacha uma vez, concedendo a mercê; e despacha outra, atalhando passos, cuidados e despezas.

A el-rei D. João II, de Portugal, chegou um preten-

dente, pedindo certo officio. Já está dado, disse o rei; e o pretendente lhe rendeu as graças, beijou a mão, e despedio-se. Suspeitou o rei que não percebêra a repulsa, e disse : « Vinde cá : de que me déstes as graças? — Pela mercê, respondeu, que Vossa Alteza me acabá de fazer. » Tornou o rei : « Que mercê vos fiz eu? — Senhor, disse ultimamente o homem, a de desenganar-me, sem me remetter a ministros; porque n'isto me poupou muitos passos, e enfado, e dinheiro, que havia desembolsar sem proveito. »

N'estes damnos não reparão os ministros e seus officiaes, e retendo as causas, e derretendo as partes tanto tempo, que na sua mão parecem estar os papeis não só presos, mas já mortos e sepultados, porque lhes poem uma pedra em cima, que é mais do que dizia o adagio antigo : Pendural-os de um torno, ou cabide; para significar a negligencia e descuido nos negocios. Ha causas (se não são das que morrêrão desesperadas) que podem competir com João dos Tempos, de quem dizem que viveu trezentos sessenta e um annos; se não parão de cansadas, pelo menos andão tão de vagar, que tudo se vai em *Manda, remanda, manda, remanda;* e com este manda e remanda se faz eterna a demanda; e com este espera, re-espera, o pobre emfim desespera; porque estes modicos se fazem tão immodicos, que o mesmo Job não se haveria com elles, se entre os seus trabalhos se contára o de andar em demandas e requerimentos.

Dizem que Habis, filha d'el-rei Gorgon, por haver sido criada nos bosques com leite de uma cerva, sahio ligeirissima no correr. Estou considerando que leite

mamaria uma d'estas causas ou requerimentos na mão dos ministros e seus officiaes, que não ha remedio a fazêl-a correr; se beberia o leite da preguiça do Brasil (a quem os Castelhanos chamão por ironia *Perillo ligero*), que gasta dous dias em subir a uma arvore, e outros dous em descer! Mas não é adequado o simil; porque a preguiça do Brasil anda devagar, mas anda; e a preguiça do reino e seus ministros, a cada passo pára e dorme; dous mezes para entrar um papel, e parou; outros dous para subir a consulta, e tornou a parar; outros dous para descer abaixo, e temol-a outra vez parada; mais tantos mezes para se verem os autos; mais outros tantos para se formar a tenção; mais tantos annos para embargos, appellações, suspensões, dilações, vistas, revistas, réplicas, e tréplicas; ó preguiça do Brasil, já eu digo, não por ironia, senão por boa verdade, que tu, em comparação da preguiça do reino, és *Perillo ligero*.

Diz Plinio que o lavrador que se não encurva sobre o arado, prevarica; isto é, faz os sulcos da terra torcidos, e sendo torcidos, claro está que hão de sahir mais compridos do que podião ser, pois a linha recta sempre é a mais breve. Parece-me que d'aqui procede, pelo não attribuirmos a peiores causas, serem tão compridos e prolongados os sulcos, ou caminhos, que faz uma causa na mão de um ministro. São compridos, porque não são rectos; e não são rectos, porque elle não se encurva sobre a banca, não se inclina sobre os livros, não se applica ao seu officio, e isto é o mesmo que prevaricar. Se aquelle rei que nos motivou com a sua acção este discurso não pegára logo da penna, e se inclinára a pôr

o despacho do memorial, já prevaricava da rectidão do seu officio, e já o sulco d'aquelle requerimento se torcia e prolongava.

SENTENCIAR PARA SI

(III. 14*.)

Em uma terra do Brasil, fazendo-se uns jogos em que se corria um pato, houve duvida entre dous aventureiros a qual d'elles pertencia. Constituírão arbitro a José de Anchieta, pela opinião que todos tinhão de sua condição affavel. Succedeu estar alli presente um menino, mudo de nascença, e o dito veneravel padre lhe mandou decidisse a contenda. Suspensos todos, que sentença daria um menino, e que resposta um mudo, fallou este, e disse:

— Meu é o pato.

E d'alli por diante ficou com a lingua desimpedida, e levando o pato, ficou dirimida a competencia, com regozijo de todos.

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

(III. 147.)

S. Goar, sacerdote, natural de Aquitania, em França, foi viver a Trigozia, que é uma região de Allemanha a

alta, junto do rio Rhim, na diocese de Treveris, onde em uma igreja de S. João Baptista fazia vida exemplarissima, orando, prégando, hospedando peregrinos, e obrando muitos milagres. Não podia aqui tardar muito a inveja do commum adversario, para que esta, sem elle o pretender, fosse na mão de Deos o ventilabro, que mostrou ao mundo como Goar era grão, e não palha.

Tinha o bispo de Treveris, que se chamava Rustico, dous criados na sua familia por nome Albiuvino e Adaluvinò, homens de juizo atravessado e lingua solta, os quaes desejavão achar no santo materia de calumnia; e vendo que por agasalhar caritativamente os hospedes e peregrinos, comia com elles, e anticipava as horas do comer, quizerão inferir d'aqui, pela depravada logica da sua malicia, que as virtudes e milagres de Goar erão falsas, uma vez que se não fundavão em abstinencia, conforme o estylo dos mais santos. E logo o declarárão ao bispo, por saberem tinha sitio para semelhantes denunciações, dizendo que competia ao seu officio castigar e desterrar boatos falsos.

Rustico, obrando conforme o seu nome, tanto que ouvio, creu, e lhes mandou que trouxessem Goar á sua presença. Partem estes alvoroçados com a nova commissão, chegão á pousada do santo, e lhe dão o recado; elle os recebeu com a alegria e humanidade costumada; ao outro dia, em que havia de seguil-os, manda preparar-lhes almoço; não aceitárão senão provimento para os alforges, e n'esta mesma hora chegou um pobre, e com este comeu o santo, tendo já rezado e celebrado missa: acção que elles interpretárão por glotoneria; e assim

partírão logo diante, para que o bispo tivesse mais cheios os ouvidos quando Goar chegasse.

Mas apertando a calma ao meio-dia, ordenou Deos que sentissem tanta fome e sêde, que temêrão cahir mortos.

Desviárão-se um pouco da estrada a buscar uma ribeira, e a achárão totalmente secca; recorrêrão aos alforges, e tambem disserão que não tinhão em seu poder nem uma migalha de pão. Obrigados pois da necessidade, se lançárão em terra; e quando chegou o santo, lh'a communicou Albiuvino, o qual lhe disse: « Filho, devêras advertir que Deos é caridade, e quem obra com caridade está em Deos, e Deos n'elle. Os bons officios d'esta virtude, que hontem e hoje quiz exercitar comtigo e teu companheiro, attribuiste a vicio; por isso ordenou o Senhor dar-vos esta correcção, para que, castigados, aprendais a conhecer e estimar a caridade, que é vinculo de perfeição. »

Dizendo isto, vio tres cervas correndo ao longe, e em nome da Santissima Trindade lhes mandou que parassem.

Obedecêrão logo, até que chegou a ellas, e as ordenhou; e logo as mandou tornar ao seu caminho, que levavão; e voltando ao lugar onde jazião os dous desmaiados, os refocillou com o leite.

Depois que tornárão em seu alento, forão todos á ribeira, que estava secca, e a vírão com a mesma affluencia que antes tinha; e nos alforges achárão o provimento que tinhão trazido de casa do santo, por cujos merecimentos obrava Deos tão repetidas maravilhas de que

Albiuvino e Adaluvino estavão admirados, temendo que os matasse Deos de repente, por se haverem atrevido a molestar a seu servo, em cuja defensa vião a omnipotencia divina posta em campo.

Chegados pois a Treveris, já sobre a tarde, o santo visitou primeiro a igreja, e encommendou a Deos o bom successo da sua vinda, porque lhe dizia o coração que não era chamado com boa intenção.

Entretanto os dous familiares referírão ao bispo tudo o que havião passado, o qual, como tinha máo coração e era indigno da luz do céo, todos aquelles milagres attribuio a arte magica e pacto com o demonio, como antigamente fizerão os escribas e pharisêos com Christo, e os tyrannos com os martyres; e com o nome de embustes e feitiçarias os começou a contar aos clerigos com que estava.

Entrando depois á sua presença S. Goar, desejou achar onde pendurasse a capa; e vendo a um canto da casa uma reste do sol que entrava por uma greta de um postigo, pareceu-lhe madeiro que atravessava de parede a parede, e sobre elle largou a capa, e o raio do sol a sustentou firmemente, como se fôra um capeiro.

Rustico, que o estava vendo, e tudo construia no seu errado sentido, o chamou a si, e com rosto de indignação e desprezo lhe perguntou que homem era elle, que não tendo excellencia alguma de virtudes, pois era um comilão e bebedor, se atrevia a seccar rios e mugir cervas, e fazer do sol capeiro, ou moço de guarda-roupa?

O servo de Deos deu razão de si, dizendo com toda a submissão e singeleza que elle não mugíra as cervas

com encantamentos, senão em nome da Santissima Trindade; nem imaginára que pendurava a sua capa no raio do sol, senão em um madeiro; e que a ribeira a fizera ter agua, movido da caridade, por soccorrer a necessidade de agua que seus proximos padecião; e que, no tocante a comer e beber pela manhã com os seus hospedes, sabia Deos que não era por estimulo da gula, senão da condescendencia e humanidade com os peregrinos, para mais os alegrar e fazer promptos para ouvirem a palavra de Deos.

Estando o santo dando esta satisfação, entrou um clerigo de camara, por nome Leobigio, com uma criança nos braços, que era um menino engeitado, de pais incertos, e tres noites antes o tinhão exposto na pia, que era um marmore redondo e concavo, onde semelhantes penhores se expunhão, conforme o costume d'aquella cidade; e apparecendo algum rico que se movesse a criar e doutrinar a tal creatura, ia á presença do bispo, com cuja autoridade se lhe confirmava esta entrega.

N'esta occasião pois se offereceu ser levado a Rustico aquelle menino; e elle a reputou por mui opportuna para acabar de fazer exame das virtudes de Goar, que tão mal assombradas parecião a seus caliginosos olhos.

— Aqui temos, disse mui ufano para os circumstantes, com que provar se as obras d'este santão são de Deos ou de Satanaz; se em Deos se funda, faça fallar a esta criança de tres dias, e declarar-nos expressamente quem são seus pais!

Notavelmente affligido e conturbado se vio o santo n'este passo.

— E' possivel, dizia elle dentro no coração, que o meu prelado seriamente me manda intentar milagres! Procedi atégora em boa fé e com simplicidade; agora hei de fazer reflexões; e quem obriga ao Senhor do céo e da terra a deferir a tal petição; maiormente quando a revelação póde envolver prejuizo da honra alheia? Mas se não peço, e Deos não faz o milagre, dous gravissimos damnos vejo inevitaveis : um, que me hão de punir por mago, com sentença capital; outro, que todos os fracos se hão de escandalisar de minhas obras e doutrina; e quanto atégora lucrei para Deos com sua graça, tanto, com esta sua permissão, desmancha e mal logra o demonio. Emfim, Deos meu, que eu por força hei de ser santo, e santo grandemente milagroso, sob pena de ser hypocrita, e hypocrita pactario com Belzebuth.

Isto meditava o santo mostrando no rosto as ancias do coração; e no mesmo tempo Rustico o apertava a sahir ao desafio; e todos os circumstantes tinhão n'elle os olhos applicados, com summa expectação.

Emfim, Goar, movido d'aquelle espirito certo, discreto e subtil que tudo move sem mover-se, estendeu os braços ao céo, e orou n'esta fórma :

— Christo, filho de Deos vivo, que pela redempção dos homens te aniquilaste, unindo a ti a fórma de escravo, digna-te de mostrar com este teu escravo, ainda que indigno, a tua misericordia, e o poder de tua virtude na presente necessidade; para que este prelado e este povo conheção que a ti amo, a ti adoro, e a ti desejo servir sem fingimento.

Feita esta breve oração, volteu-se animoso para

aquelle clerigo que tinha nos braços o menino, e perguntou quantas noites tinha de nascido ? E respondendo elle que tres, disse :

— Beatissima Trindade, a ti invoco.

E logo para a creatura :

— Menino, em nome da mesma Beatissima Trindade, eu te conjuro e mando que digas logo claramente os nomes dos pais que te gerárão.

Caso estupendo! No mesmo ponto estendeu o menino a mão, e apontou para o bispo, e disse :

— Este bispo Rustico, que presente está, é meu pai, e minha mãi se chama Flavia.

Quem poderá explicar bem quanta fosse n'este ponto a confusão e vergonha do pobre Rustico? Não é muito que a face lhe ficasse mui vermelha, pois a bofetada era da mão de Deos; e defende este Senhor aos seus servos pelos mesmos fios que seus inimigos os vexão e attribulão. Queria infamar, e ficou infame; de um santo queria fazer um feiticeiro, e vio-se como de pastor estava feito lobo, e de pessoa sagrada sacrilega. Tentou a Deos por mão alheia, e Deos o rechaçou a elle por mão propria, deixando-o puxar pela lingua, que foi testemunha *contra proferentem*.

O innocente exposto deixou exposto o culpado, parece que dedignando-se de que seu pai, por natureza, lhe confirmasse differente pai por privilegio. Em má hora foi embicar nos jejuns do proximo quem tão proximo tinha o documento de que não guardava abstinencia de carne.

Mas, não cortando o fio da historia, Goar ainda ficou

mais envergonhado; porque não esperava que o seu braço feriria ao mesmo que lhe dera o impulso. Logo seu coração mandou aos olhos lagrimas compassivas.

Rustico, já mais cortez e mais mudo desde que fez fallar os mudos, se lhe lançou aos pés, e lhe pedio perdão da injuria e temeridade; e o santo, sem perder de vista a luz do proprio conhecimento, o exhortou com razões brandas a uma rija penitencia, e lhe aconselhou pedisse a muitos o ajudassem com as suas, e offereceu da sua parte a de sete annos continuos, se o Senhor das vidas e da graça lhe concedesse espaço e auxilio para esta obra. Com isto se despedio o santo, havendo posto duas capas ao sol, a sua para lh'a sustentar, e a da hypocrisia do bispo para lh'a seccar e consumir.

CADA QUAL NO SEU

(III. 157.)

O dictame ou maxima de se não introduzir a pessoa no que lhe não toca, traz comsigo importantissimas utilidades para a paz, assim interna e do proprio espirito, como externa das republicas, das curias, dos tribunaes, das familias, e das communidades religiosas. Se se observasse attentamente, não se experimentarião os graves inconvenientes e continuos dissidios que resultão de se metterem ou deixarem metter os confessores com as temporalidades dos seus penitentes; os prégadores com as politicas do reino; os subditos mal contentes com a

reforma dos superiores; os seculares com as eleições, e dignidades, e capitulos dos regulares: os frouxos, e distrahidos, e de vida commum, com a reforma e escrupulos dos timoratos, e dos novamente convertidos a Deos; os servos e criados, com os procedimentos e designios de seus amos; e os vizinhos, com os dos seus vizinhos; e não haveria tantos rabugentos e indiscretos, que onde quer fazem a sua Lacedemonia, para promulgar leis a todos como Lycurgos.

A VERDADE

(III. 166.)

Qual é aquella formosura,
Que vestir-se não procura
Por maior honestidade?
A verdade.

Que cousa ha no mundo tal,
Tão sincera, clara e igual,
Que a Deos e aos homens agrade?
A verdade.

Que aprende o sabio? que encobre
O peito traidor? E ao nobre,
Que o rende tão por vontade?
A verdade.

Quem fez amavel e grato,
Inda aos barbaros, o trato
Da humana sociedade?
A verdade.

Que receia o delinquente,
Se o seu crime não é patente
A' luz da publicidade?
A verdade.

Quem da opprimida innocencia,
Com dolo, ou com violencia,
Haverá que se apiade?
A verdade.

Qual é o garrote duro
Do hypocrita, do perjuro,
Da traição, da impiedade?
A verdade.

Combatidos da tormenta,
Que ancora forte sustenta
Os corações em igualdade?
A verdade.

E que alma tem a historia,
Que a faz, nas azas da gloria,
De idade passar em idade?
A verdade.

E de que ouro se lavra
Tão fino a real palavra,
Que prova na adversidade?
A verdade.

Ambas as taboas da lei,
Que eu mal cumpro, e bem a sei,
Que cifrão com brevidade?
A verdade.

Virgem e mãi! Deos e menino!
Deos em cruz! Deos uno, e trino!
Quem a crêl-o persuade?
A verdade.

E que lampada phebea
Illustra para que crêa
No Tau a gentilidade?
A verdade.

Nos corações que são seus,
Que escreve o dedo de Deos
Com summa velocidade?
A verdade.

Quem certifica ao propheta,
Ou ameace ou prometta,
Com infallivel claridade?
A verdade.

Com que vence o martyr furias,
Ferro, fogo, affronta, injurias,
Em paz e serenidade?
Com a verdade.

E a que sahio do deserto
Voz clamante, indice certo,
Que demonstrou na cidade?
A verdade.

Com que armas só n'um dia
Corações tres mil rendia
De Cephas a actividade?
Com a verdade.

Quem polio dentro d'um instante
De Saulo o bruto diamante
Para sol da christandade?
A verdade.

Perguntas e desacatos
De Annás, Herodes, Pilatos,
Quem supportou com humildade?
O que é verdade.

Quem póde na causa extrema
Apparecer sem que tema
De Christo a severidade?
Só a verdade.

E quem dá no Empyreo a tantos
Milhões de milhões de santos
Eterna saciedade?
A verdade.

Oh! visão admiravel! nunca eu canse
De andar no teu alcance
Por graça e liberdade,
Adorando-te em espirito e verdade.

Alguns pasquins contentão-se só com a graça ou discrição, e se abstêm da mordacidade; como aquelle que tocava no cardeal Bona, varão pio e douto da ordem de Cister, em tempo de conclave para se eleger novo pontifice, dizia : *Qui timet Deum faciet Bona.* E no seguinte dia appareceu ao pé a resposta : *Papa Bona, non est bona conjugatio;* mas tornou no outro dia a réplica : *Esset Papa bonus, si Bona Papa foret.* Outros não só picão, senão que ferem.

A um cardeal, D. N. Nino, puzerão este, notando-o de ambicioso da tiara : *Que pide el Nino? Papa.*

A Urbano VIII, que era dos Barbarinos, porque tirou do Pantheon umas traves de bronze para fazer a confissão de S. Pedro, que é de bronze dourado, sendo que nas vezes que Roma foi saqueada, nunca n'isto bulírão os barbaros, puzerão este pasquim : *Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini.*

Discreto foi tambem (e mais doutrinal que picante) o pasquim que se pôz contra o rei de França que hoje governa; o qual amoestado repetidas vezes pelo santissimo padre o papa Innocencio XI ácerca de suas regalias, prejudiciaes á liberdade ecclesiastica, sempre se deu por innocente ou justificado. Sahio pois este distico :

Correxit Gallus Petrum ploravit et ille :
Nunc Petrus Gallum corrigit, ille negat.

Outras vezes o pasquim é de ambulatorio, e vai buscar a casa do vivo, ou a sepultura do morto, de quem detrahe.

Assim fizerão a um governador, que, chegado de novo á cidade, com grande desejo de administrar justiça, mandou pôr á sua porta este glorioso rotulo, que só compete a Christo Senhor nosso. *Orietur in diebus ejus justitia;* porém logo lhe escrevêrão atrás do *Orietur* um *M*, e ficou dizendo *Morietur in diebus ejus justitia.*

E a Pedro Aretino Toscano, grande murmurador, puzerão por epitaphio:

Qui giace l'Aretin, Poeta Tosco:
D'ognuno disse mal, fuor che di Dio:
E iscusosse col dir: Non lo cognosco.

A's vezes o pasquim custa bem caro a quem o põe. No anno de 134, movendo guerra contra Flandres Philippe de Valois, rei de França, pintárão os contrarios um gallo nas bandeiras com esta letra: « Vencerá o rei dos gallos quando este gallo cantar. » Porém o rei fez apertar tanto os punhos aos seus, que matárão do exercito contrario 19,800 soldados.

Contra Sixto V sahio um pasquim tão atrevido e exulcerante, que o papa mandou publicar que a qualquer pessoa que delatasse o autor daria uns tantos mil escudos, e tendo crime lhe perdoaria a vida. O dito autor, temendo ser descoberto, determinou-se a delatar-se a si mesmo, pedindo o perdão e o premio promettido. Ouvio Sixto com serenidade, e mandou logo passar duas ordens: uma para um ministro da fazenda, que lhe contasse os tantos mil escudos; outra para outro ministro da justiça, que lhe cortasse a mão com que escrevêra; porquanto a sua promessa fôra só de perdoar a vida. Por certo,

ainda que elle se anticipou, não ganhou por mão, salvo o que ficou comendo com a esquerda, que a direita, por uma leve pena, levou outra bem grave.

GRANDES HOMENS, PEQUENOS

(III. 196.)

A proposito da breve estatura do beato frei João de la Cruz, é digno de se notar como Deos nosso Senhor, que tudo dispõe com summa ordem, conta e medida, quiz que a natureza desfavorecesse com esta mesma falta a muitos varões illustres em sabedoria, dignidade e santidade. S. Paulo, aquelle gigante de santidade que ficava sobreeminente ás estrellas, e lhe não fazia bojo o mundo todo, foi pequenino de corpo (como notou Chrysostomo), e o mesmo nome, na interpretação de alguns, o denota.

O mesmo S. João Chrysostomo, que olhava sobranceiro aos imperadores, tambem era pequeno, e nada gentil-homem; refere-o Radero no Viridario.

O mesmo diz de S. Gregorio Nazianzeno, e alguma cousa peior. Ribadaneyra diz a mesma falta do doutor maximo, S. Jeronymo.

Santo Antonino, arcebispo de Florença, por sua pequenez lhe chamárão assim, diminuindo o nome proprio de Antonio; e foi tal monstro de memoria, que de treze annos sabia de cór o direito canonico.

O mesmo dizem outros de S. Gregorio Turenense, de S. Marculfo, S. Constancio Mancionario, e beato João

Capristano. Bartholo, que na jurisprudencia foi de estatura tão agigantada, como a fama celebra, na do corpo apenas chegou a mediocre.

C. Licinio Calvo, que contendeu com Cicero sobre a primazia da eloquencia, era tão baixinho, que uma vez, para ser ouvido, se atrepou a um cepo; por onde Catullo lhe chamou Salicippio.

Galeacio Gonzaga, mais avultado no nome e sobrenome que no corpo, venceu em desafio a Bacicaldo, mariscal de França, de estatura desmarcada; o qual jurou de nunca mais vestir armas.

Os padres Luiz de Molina e Cornelio A. Lapide, bem se sabe quão grandes coryphêos forão, um na theologia especulativa, outro na expositiva, e forão de apoucada estatura.

O mesmo escreve o padre João Eusebio do padre João Fernandes Toledano, ambos da companhia, mas o espirito foi de marca maior; subia-se no exercito sobre um tambor para prégar aos soldados.

O mesmo Eusebio diz na vida do padre Pedro Espiga, natural de Calher em Sardenha, e tambem da companhia, que foi tão desmedrado de corpo, que de sete annos ainda se não podia ter em pé; e para entrar na religião mandárão primeiro a medida da sua estatura a santo Ignacio, que estava em Roma, para que determinasse se se havia de aceitar; porém na virtude tão espigado, como se póde ver na sua vida.

O beato Miguel Gedrocio, da ordem dos conegos regulares de S. Maria de Metro em Polonia, varão milagroso, que morreu no anno de 1485, foi anão. Todo este regi-

mento póde ir debaixo da conducta do santo Zacheo, que se trepou á arvore para ver passar a Christo; e o Senhor se dignou de hospedar-se em sua casa; e S. Pedro o ordenou bispo de Cesarea em Palestina.

OS SETENTA CAMELLOS

(III. 225.)

Frontonio, verdadeiro servo de Deos, aproveitando cada dia mais no estudo de o temer e amar, concebeu horror á vida commum nos povoados, e desejo de outra mais segura nos desertos. Convocados pois outros socios do mesmo espirito (que serião setenta entre todos), lhes fallou assim:

— Que temos nós, irmãos, com este mundo miseravel e maligno? Renunciar sua companhia e vaidades quanto pudermos, é o que nos importa para conseguirmos a vida celestial. Vamo-nos ao ermo, sem levar comnosco cousa alguma, onde, pelo exercicio das virtudes e da oração, mãi de todas, nos façamos discipulos do mais alto magisterio do Espirito Santo, para alcançarmos a felicidade que não perece, entrando na nossa origem d'onde sahimos.

Ouvida a proposta, abraçárão a resolução; sendo o uniforme parecer de todos bom signal de que a regia o Espirito Santo. E levando comsigo não mais que umas sementes de hortaliça, e uns sachos accommodados para cultivar a terra, partírão alegres; e assentárão sua ha-

bitação entre as incultas brenhas e bruta penedia do deserto.

E Frontonio não orava só por si, mas por todos, lembrado do que disse o apostolo :

— Não busco o que é util para mim, senão a muitos, para que se salvem.

Passado assim algum tempo, já o era de serem tentados pelo commum adversario, o qual lhes começou a suggerir ao pensamento como a vida dos solitarios era durissima e insupportavel; e que mais acertada eleição fôra habitar no povoado.

D'aqui procedêrão a murmurar interiormente, dizendo : Para que quiz Frontonio, nosso padre, que os racionaes vivessem com as féras, e a carne humana conversasse com os troncos e com as pedras? Por ventura os que morão nas cidades e villas não se podem salvar, e só quem vive só ha de ver a Deos? Não fazem elles tambem obras santas e louvaveis? Quem ha de passar esta vida sem comer, a modo de anjos, se emfim não somos anjos, senão homens? Dormir pouco, trabalhar muito, e jejuar sempre, como se podem concordar? Diga-o a extrema debilidade de nossos geolhos, em que apenas nos podemos suster.

Ouvio Frontonio o murmurinho ; e antes que se bandeassem e viessem juntos a lhe propôr alguma novidade, já empenhados n'ella, se anticipou, dizendo-lhes com paternal caridade :

— Para que irritais a Deos, murmurando dentro em vossos corações, e dizendo que não se encerra o servir a Deos só em viver solitario? Não podemos viver a modo

de anjos? Fallemos ao superior, para nos mudarmos ao povoado; porque alli, sendo vistos, seremos soccorridos? E mais atégora no deserto nunca vos faltárão raizes de hervas, nem ficastes dia algum sem comer. Trazei tambem á memoria a sentença do nosso Salvador, quando disse a seus discipulos:

— Não queirais cuidar no que comereis ou bebereis, ou com que vos cobrireis; porque estes cuidados são de gentilidade, e bem sabe o Senhor o de que necessitais. Buscai em primeiro lugar o reino de Deos, e o seu agrado, que tudo o mais vos será accrescentado, porque se elle dá de comer aos passarinhos, e não desampara os corvos, como poderá desamparar a seus servos, que o trazem no coração e buscão sua presença pela oração continua? Isto disse o santo abbade, e accrescentando a sentença que acima fica referida, concluio: « Eia pois, irmãos, não nos succeda o que por semelhante peccado n'este mesmo deserto succedeu ao seu povo, quando lhe enviou a praga das serpentes de fogo. Esperemos que o Senhor virá quando nos convenha, e elle fôr servido. » Com isto a murmuração cessou por algum tempo, mas a tristeza não se desterrou d'aquelles corações.

Succedeu n'este comenos que estando na cidade dormindo na sua cama certo homem mui abundante dos bens da fortuna, um anjo do Senhor lhe appareceu em sonhos, e disse:

— Tu te regalas e banquetêas, e vives em fartura; e a meus servos no deserto até pão falta! Levanta-te d'ahi, e madruga, e reparte com elles do que te dei em abun-

dancia; que já para este fim t'o dei, e para te constituir curador do meu rebanho. É minha vontade que a tua esmola seja refeição dos meus pobres, que vivem no deserto espiritualmente, e se fiárão de mim, que sou seu Senhor. Olha que obedeças sem falta e sem detença, porque senão, quebrarei comtigo, e trocarei as mãos.

Acordou o rico atemorisado; considerou na visão; saltou fóra da cama antes que a primeira luz apontasse; mandou convocar seus amigos, parentes e criados fieis, e estando juntos lhes relatou o succedido.

— Eu, disse, estava a bom levar, dormindo esta noite no meu leito; eis que vejo um anjo do céo, o qual me disse: « Tu aqui, nadando em regalos; e meus servos no ermo sem pão! Levanta-te, e manda-lhes de tudo o que te dei, que eu te faço procurador de meu rebanho. » E ameaçou-me se não obedecesse promptamente. Eu me acho por uma parte carregado com um preceito de Deos, e por outra totalmente ignorante de como hei de cumpril-o. Dar esmola, sim quero; mas não sei a quem; vêdes aqui abertas as mãos que hão de dar; porém as que hão de receber, não as vejo. Que deserto, que rebanho, que servos de Deos são estes? Por isso vos enviei a chamar, para ver se entre tantos, e mais velhos que eu, descubro alguma noticia que sirva ao presente caso, ou algum conselho que n'elle me dirija.

Proposta assim a questão, não teve outra resposta que o pasmo dos circumstantes. Voltando uns para os outros, e encolhendo os hombros, mudamente confessavão que não sabião. Nem era facil o sabêl-o; porque o tal rebanho fizera o seu aprisco no reconcavo de um

fragoso monte desconhecido de qualquer pessoa humana.

Passado pois aquelle dia, entrou a noite, e entrou tambem o mesmo anjo a intimar a sua ordem, já não só de palavra, mas juntamente com obra, fustigando ao pobre rico com açoutes, que se deixavão bem explicar no que requerião; e de mais a mais, promettendo á maior detença maior severidade. Não lhe ia ao homem tão bem na cama, que se deixasse de levantar diligente. Tornou logo a pedir conselho aos seus, e juntamente que se informassem de outros; e mostrando os vergões e feridas : « Eis aqui, dizia, não sem lagrimas, como eu vos fallo verdade, e como o anjo me falla de rijo; terrivel procuradoria é esta, que nem posso renuncial-a, nem servil-a. A isto todos calavão, porque nenhum sabia do retiro e estancia d'aquelles vivos a Deos, e mortos para o mundo; porém um dos circumstantes, que era dotado de maior prudencia, fallou assim :

— Se quereis, senhor, tomar o meu conselho, creio que vos será saudavel. Vós tendes setenta camellos; carregai-os de tudo aquillo que se deixa entender poderá necessitar gente que vive retirada da correspondencia com o povoado; e lançai-os todos em requa pela estrada que leva para o deserto. Se o negocio é de Deos, elles irão e tornaráõ salvos, porque quem vos tangeu a vós, os tangerá a elles. Mas se é embuste do demonio, que tem licença de vos sangrar por esta via os cabedaes, soffrei com paciencia, que mais damnoso será resistir-lhe. E se este voto vos descontenta, buscai melhor conselheiro.

A todos pareceu bem o arbitrio. E em continente o rico, começando a servir a sua procuradoria, occupou toda a familia, que era mui numerosa, e fez carregar sessenta e cinco camellos de varios generos comestiveis, e os outros cinco do mantimento proprio para os mesmos camellos; discorrendo comsigo, que se alguem os encontrasse, sem guia humana, teria compaixão d'elles, e á mão com que os soccorrer. E logo, enfileirados uns aos outros pelos cabrestos, e pendurada no dianteiro sua campainha, os pôz na boca da estrada, sem mais outra guia que a Divina Providencia, a quem encommendou sua fazenda com muitas lagrimas; e um servo seu vio que toda a requa caminhou direita, costeando as raizes de um monte, até que desappareceu de vista.

A quarto dia d'esta partida (como depois se entendeu), estando os monges á hora de nona congregados na obra de Deos (que assim chamavão á oração), chegou o camello dianteiro a parar, dobrando as mãos á porta da ermida onde elles estavão psalmeando; e com o estrepito das muitas vozes não percebêrão o tinir da campainha. Só o santo abbade, que estava mais junto á porta, e por esta ser muito estreita occupava toda com a sua estatura, foi o que primeiro vio, e se alegrou com a benção que Deos lhe mandava em desempenho de sua fidelissima providencia; mas sem mostrar no gesto novidade, deixou perfazer os divinos officios. E então, levantando a voz, lhes lançou em rosto a sua desconfiança e pusillanimidade, dizendo :

— Onde estão agora as vossas queixas, onde as vossas

murmurações? Sahí fóra, e vereis se têm Deos cuidado dos seus em qualquer parte!

E logo tomando semblante de amoroso pai, continuou :

— O Senhor inspirou a um homem de prudencia e cabedaes que nos mandasse a fartura que vedes. Vinde, descarreguemos estes animaes, e demos-lhe seu penso, que vêm cansados.

Então os monges, levantando todos as mãos ao céo, e cheios seus olhos de gozosas lagrimas, e seus corações de alegria, e novo vigor de espirito, derão muitas graças a Deos; e começárão a descarregar os camellos, e lhes lavárão os pés; e dos seus mesmos apparelhos lhes fizerão mangedouras, e lhes lançárão o comer que vinha prevenido nas cinco cargas; e além d'isso lhes derão refresco de muita herva, que forão colher pelas partes d'aquelle sitio que já conhecião. E logo no outro dia de manhã, Frontonio, por evitar em si e nos seus o vicio da avareza, mandou que de tudo o que fôra trazido ficasse só metade; e a outra a tornassem a pôr nos camellos, distribuida igualmente por todos, para ser igual o allivio da carga. E d'este modo os remetteu outra vez pelo deserto, como quem repartia, com o dono da offerta, as sobras do convite que elle fizera a Deos em seus servos.

Estava aquelle rico um dia (e era já o oitavo) em sua casa com seus amigos, os quaes o consolavão no cuidado que o affligia ácerca do successo que haveria tido a sua fazenda, quando um d'elles, que tinha o ouvido mais esperto, percebeu ao longe, com uma rajada de

vento, o som da campainha; e applicando-se mais, disse :

— Eu cuido que ouço a campainha da vossa requa, desde a altura d'aquella serra.

Sahírão todos, e não tardou muito que se certificárão da verdade, vendo com grande alvoroço todos os setenta camellos, do modo que os tinhão mandado, sem desastre, nem lesão alguma. Derão a seu amigo os parabens do feliz successo d'aquella empreza, o qual alegre excessivamente, e fazendo estimação do espirito dos servos de Deos, que não havião querido aceitar mais do que por então necessitavão, fez um grandioso banquete geral para muitos pobres, pelos quaes repartio tambem o retorno que viera do deserto; tomando elle para si, e dando a cada amigo e parente sua parte n'aquelle que reputava mimo de Deos, em que tocárão as mãos dos seus servos; e d'alli por diante (emquanto viveu o santo abbade) cada anno por aquelle mesmo tempo os provia de todo o necessario, entrando tambem na offerta outros homens ricos, em cujos corações o Senhor, por meio d'este maravilhoso exemplo, espertára este affecto de caridade; e por outra parte Frontonio cuidava com grande vigilancia de os sustentar com o alimento da palavra de Deos, exhortando-os juntamente com suas virtuosas acções a fazerem grandes progressos no caminho do espirito.

A CAIXINHA MARAVILHOSA

(III. 248.)

Em Constantinopla houve um homem de bons respeitos, por nome Theodorico, que desejando alar-se da grande pobreza em que cahíra, pedio dinheiros a usuras a um judêo riquissimo, para empregar em varios generos, e mercanciar com elles. Pedio-lhe o judêo fiador, e Theodorico, valendo-se da sua fé (bens de raiz em Christo, que a fortuna não pudera levar-lhe) lhe offereceu por fiador ao mesmo Christo, se elle o quizesse aceitar.

— Eu, disse aquelle infiel, não tenho o vosso Christo por Deos; mas basta-me que fosse homem justo e propheta; e assim o aceito, se elle sahir á fiança.

— Vós bem sabeis, tornou Theodorico, que dar-vos a Christo em pessoa não me é possivel; mas dar-vol-o-hei em imagem; vamos á igreja, e estai de bom animo, que eu sei que ha de desempenhar-me no dia em que conchavarmos; além de que, eu em todo o caso ficarei por vosso escravo, e com obrigação de principal devedor, para dar-vos o dinheiro.

Reduzio-se o judêo aos partidos do christão, por ventura que com maligna intenção de se vingar depois na sagrada imagem se não arrecadasse o emprestimo, ou de tentar a Deos a ver o que succedia; ou o que é mais certo, porque o mesmo Deos lhe quiz tocar o coração para o fim que logo referiremos.

Entrados pois em uma igreja de Nossa Senhora, onde estava a sua imagem com o menino Deos nos braços, Theodorico, depois de adorar e orar, communicando-lhe os apertos da sua necessidade, e implorando os favores da sua misericordia, levantou-se, e pegando da mão do menino, ajuntou com ella a do judêo, em fé de que se lhe obrigava como fiador; e logo o judêo, voltando para casa, lhe entregou o dinheiro diante de testemunhas; e Theodorico fez o emprego que lhe pareceu mais seguro e rendoso; e fretando uma náo, se embarcou com a fazenda para Alexandria, famoso emporio do Egypto, onde, como a mesma pessoa que escolhêra por fiador fazia tambem a de seu parceiro e agente, em breve tempo fez taes avanços, que pôde carregar outras náos por sua conta. Porém esqueceu-lhe o dia certo em que havia de pagar, não lhe lembrando senão a vespera; descuido de que tomou grande pena e tristeza, vendo como, por culpa sua, ficava o seu fiador desacreditado com os infieis, que sem duvida havião de blasphemar e escarnecer, quando elle o tinha ajudado e favorecido tão copiosamente, que pudera ter satisfeito muito maiores dividas. Emfim achando que este negocio não havia de ter remedio senão por via da mesma fé por onde tivera principio, fez comsigo esta conta :

—A mim, basta-me pagar ao meu fiador, que, como Deos, está em toda a parte, e elle poderoso é para mandar entregar o dinheiro na mão do credor antes de passar o dia e hora assignalada.

Dizendo isto, contou a moeda e a metteu em uma

caixinha bem cerrada, e com lettreiro que dizia : Recebe, Abrahão (assim se chamava aquelle onzeneiro), o dinheiro que me entregaste.

E logo n'aquella mesma noite, antecedente ao dia da paga, vai-se á praia, e entrega a arquinha ás ondas, dizendo :

— Senhor, por este mar, que é creatura vossa, e em que continuamente estais mostrando o brâço do vosso poder, mandai esta nossa divida á mão de quem toca, a tempo que a vossa, que lhe déstes de meu fiador, fique desempenhada.

Caso maravilhoso! Aquella noite foi a caixinha navegando largos mares; e pela manhã se achou arrimada á parede da casa de Abrahão, que morava junto á lingua da agua. Sahindo um criado, e reparando n'ella, lhe quiz lançar mão; porém ella lhe fugio para dentro do mar. Foi dar conta d'isso a seu amo; veio este, e a caixinha logo abordou; elle a recolheu, e sentindo o peso, lendo o lettreiro, recordando que o presente dia era o final do prazo concertado com o seu devedor, não deixou de admirar-se do caso; porém logo lhe veio outra onda de infidelidade, attribuindo-o a mero acaso; guardou o dinheiro, que era taxadamente a quantia do emprestimo e usuras, e metteu a caixinha debaixo da cama. Passados alguns tempos soube como Theodorico chegára a Constantinopla muito possante; foi logo a fallar-lhe, e pedir-lhe satisfação da sua divida. Respondeu Theodorico que já lhe tinha remettido o seu dinheiro. Negou Abrahão havêl-o recebido. Devolveu-se a causa a um juiz, o qual mandou que, presentes as

partes diante d'aquella mesma sagrada imagem, jurasse o credor como não estava pago. E o judêo, carregando uma iniquidade sobre outra, tomou diante de muitos sobre si o juramento falso. Mas apenas tinha proferido a palavra, quando o Menino Deos, fallando claramente pela sua imagem, lhe disse :

— Mentes, que em tal lugar e tal hora recebeste e contaste o dinheiro, e escondeste a arquinha d'elle debaixo da tua cama.

Ficárão todos os presentes admirados de caso tão patente, tão raro e tão maravilhoso. Contra testemunha tão abonada, que podia replicar o perfido? Confuso e convencido, declarou toda a verdade. E logo, entrando a luz sobrenatural a descobrir-lhe outras verdades que mais lhe importavão, pedio humildemente ser instruido nos mysterios de nossa santa fé, e recebeu o sagrado baptismo; e outros muitos de sua familia e nação seguírão o seu exemplo publicamente, com grande alegria da igreja, e gloria de Deos, autor de todo o bem.

DE BISPO EM ESCRAVO

(III. 253.)

Devastando o rei dos Wandalos a Campania, levára da cidade de Nola, onde S. Paulino era bispo, muitos captivos para Africa. A mãi de um d'estes, que lhe coubera por patrão o genro do mesmo rei, veio bus-

car-lhe o resgate ás portas da caridade de Paulino, por saber que a nenhum pobre se fechavão. Mas elle, que para remediar as hostilidades do inimigo tinha já mettido a saco toda sua casa :

— Não tenho, disse, que te dar, senão a mim mesmo; leva-me comtigo, e vende-me, e com o meu captiveiro redime o de teu filho.

Não julgou a mulher que tão preciosa offerta se lhe fazia devéras; mas Paulino, valendo-se da eloquencia em socorro da misericordia, de modo persuadio com a lingua o que lhe nascia do coração, que a mulher aceitou aquelle penhor vivo e espontaneo, para sorte de outro ausente e violentado. Passa o santo com ella á Africa; fallão com o genro do rei; pergunta elle :

— Que officio sabe Paulino?

Respondeu este que o de hortelão.

Effectua-se a troca e resgate, fica o bispo na mão com o sacho para cultivar a horta alheia, em lugar do bago com que regia a igreja propria. Conversado, descobrio cada dia mais sua discrição e sabedoria; para o seu patrão a lograr melhor, queria que todos os dias lhe trouxesse á mesa hortaliça fresca, ou flôres e hervas cheirosas. Disse-lhe um dia este honrado hortelão que puzesse em bom côbro as suas cousas, porque seu sogro brevemente morreria. Levada esta palavra como mysteriosa aos ouvidos do rei, desejou elle ver o autor d'ella, e qual era a cortina d'onde lhe sahia oraculo tão funesto. Para este fim jantou com o genro; veio Paulino como costumava; o rei tanto que o vio se estremeceu e enfiou; e por meio de sua filha disse ao genro :

— Que entendia ser verdadeiro aquelle annuncio fatidico; porquanto na noite antecedente se víra a si por sonhos presentando em um tribunal horrivel, onde um dos juizes era aquelle mesmo escravo; e por sentença d'elles lhe era tirado da mão um flagello ou açoute que n'ella tinha. Disse-lhe tambem que inquirisse de Paulino quem era, porque não parecia homem popular.

Assim o fez o seu patrão com tal instancia, e tantos conjuros, que emfim Paulino descobrio a verdade. Então começou o senhor a temer e reverenciar o seu escravo; e lhe disse que pedisse o que quizesse, para ser remettido á sua igreja com a devida honra.

— Nenhum outro beneficio, respondeu o santo, me pódes fazer que tanto estime, como a liberdade de todas as minhas ovelhas que vierão captivas a esta região.

Dito e feito; por toda Africa se buscárão e conduzírão logo, e lhe forão entregues; e em náos carregadas de trigo vierão com o seu pastor aportar á Italia. E o rei dentro em poucos dias acabou os de sua vida, para quietação da igreja, vexada então com este horrivel flagello.

PEQUENAS CAUSAS

(III. 255.)

Que Deos nosso Senhor costuma usar de instrumentos debeis e contemptiveis para confundir e destruir as cousas grandes e fortes, ainda que o não dissera S. Paulo, o estão dizendo muitos exemplos. Cercada es-

tava a cidade de Nisibis da cavallaria persiana; orou Sant-Iago bispo, e veio outro exercito de mosquitos, que mettendo-se pelas ventas e orelhas dos cavallos, e pelas trombas dos elephantes, tudo turbárão e descompuzerão de sorte, que foi preciso retirar-se o inimigo. Os muros de Jericó não vierão ao chão atormentados com bateria de colubrinas, ou de vaivens bronzeados, nem com a invenção diabolica do ouro fulminante (que poucos grãos d'elle bastão para furar uma grossa lamina de ferro), senão tocando os sacerdotes sete trombetas do Jubilêo, e ao ponto dado seguindo-se o barbariso de todo o exercito clamando. As forças de Sansão Nazareno, com que quebrou queixos de leões, matou mil Philistêos de um só impeto, rompeu fortissimas prisões, como o fogo rompe um fio de estopa, e abalou columnas, como se forão verdes cannas, não lh'as pôz Deos proximamente nos ossos, nem nos nervos, senão em sete cabellos da cabeça. Quem defendeu o romano Capitolio e Torres Tarpeias da irrupção da gente franceza? Quiz Deos, para confundir os seus deoses, que fosse o grasnar dos patos, que espertárão as sentinellas; d'onde veio a gracejar santo Ambrosio, dizendo :

— Que com muita razão devia Roma aos patos o reinar, porque estes velavão quando os seus deoses dormião; e por isso n'aquelle dia anniversario levava o pato os sacrificios que havia de levar Jupiter, e que justamente davão os deoses a vantagem aos patos, pois os patos defendêrão que não fossem roubados os deoses.

O CAVALLEIRO E A MOSCA

(III. 256.)

Em Hespanha, certo freguez da casa do jogo sahindo-lhe um dia todos seus lances asares (ou caniculas, como dizião os Romanos) pedia nesciamente a Deos que o ajudasse a ganhar, sendo que o ganhar o engolfaria mais no vicio, que a Deos desagrada tanto. Como vio que os dados ateimavão na infelicidade, e que já tinha parado e perdido até os proprios vestidos, soltou a lingua em blasphemias, e acendeu-se em colera contra o mesmo Deos. E já totalmente cego da paixão que o demonio atiçava, que faz? Vai-se á casa, e sem detença se arma de ponto em branco, peito, espaldar, grevas, capacete, e murrião com viseira; e montado a cavallo com lança na mão, sahe á praça, e lança este desafio publico, dictado pelo inferno, e copiado pela sua demencia: que elle affirmava que Deos era nada, e se alguem quizesse, por parte d'elle, sahir a defendêl-o, alli o esperava para sustentar o que affirmava. Os que este repto ouvírão, uns desfechárão em riso, outros se occupárão de pasmo, e ninguem respondeu, porque todos suppuzerão ser loucura. Mas não ficou a causa de Deos destituida. Veio logo uma mosca, e entrando-lhe pela viseira, tão viva e incessantemente o picou e inquietou, que o obrigou a tirar o murrião; e tanto que o rosto lhe ficou descoberto, então fez a mosca mais ligeiras e amiudadas as

suas investidas, de sorte que o nosso D. Roldão, ou Orlando furioso, apeando-se, cosia o rosto com a terra, e o amparava com as mãos para defender-se. Porém como a importunação durasse já muito, isto mesmo o fez considerar que não era successo casual, senão creatura que acudíra ao desafio para abater sua soberba, e castigar sua impiedade. Da qual pedio perdão a Deos com reconhecimento humilde, e aos proximos do escandalo que lhes dera com o seu desatino. E logo a mosca o deixou, porque já tinha feito o officio a que viera, armada com a potencia obediencial a seu Creador. E não foi este desengano do taful pequeno lucro que tirou do jogo, temer aquelle Senhor, sem o qual nada são as armas.

O FIDALGO LADRÃO

(III. 259.)

Certo fidalgo fizera de noite um furto muito em secreto; e fidalgo ás escuras, suppõe-se que bem póde ser ladrão; porque não ha para elle vileza onde não ha testemunhas d'ella. Ao outro dia, visitando uma sua parenta obsessa do demonio, esta o recebeu com rosto alegre, e termos cortezãos, dizendo : « Bemvindo seja o nosso amigo, agora sois dos nossos; esta noite fizestes cousas com que muito nos alegrámos. » Ouvindo aquelle peccador o remoque tão claro, e sentindo-se tocado no vivo de sua chaga, foi logo confessar-se, e voltou á mesma

casa. Mas a parenta não lhe fez já tanto agasalho. Perguntou-lhe elle se o conhecia, e respondeu:

— Conheço, mas não tanto como antes.

Considerou o homem se por ventura haveria sido a confissão diminuta. Repetio a mesma diligencia o melhor que soube, e perguntando outra vez se o conhecia, respondeu o maligno espirito:

— Parece-me que ouvi fallar em ti.

Ia a vocação divina esforçando os seus raios no peito d'aquelle arrependido; determinou fazer tôtal mudança, deixou o seculo, e entrou na religião do seraphico padre S. Francisco, começando seus santos exercicios por uma confissão geral. Andando o tempo, succedeu avistar-se outra vez com aquella endemoninhada (que é trabalho este que costuma durar muitos annos), e tornou a fazer-lhe a pergunta de se o conhecia. Respondeu o demonio:

— Não sei quem és, nem jámais te vi!

SINGULAR PENITENCIA

(III. 316.)

Não tocão em vicioso extremo os confessores que por particular luz do céo se sentem movidos, e conhecem que n'este ou n'aquelle caso fará maior fructo a penitencia mais leve. Tal foi o que succedeu ao grande apostolo das nossas Indias, o glorioso S. Francisco Xa-

vier, com um soldado portuguez que havia já dezoito annos que se não confessava; nem já curava de sua alma, como se se despedíra das esperanças da salvação.

Procurou o santo embarcar-se com elle na mesma náo; e pouco a pouco, sem descobrir-lhe o seu intento, travou amizade com elle. E como lhe teve ganhado o animo, veio um dia a perguntar-lhe em boa conversação quanto tempo havia que se confessára. Respondeu, sem assustar-se, que dezoito annos tinhão já passado que não chegára aos pés do confessor.

— Causa devieis ter! disse o santo, porque os outros fieis não costumão deter-se tanto.

— A causa foi, disse o soldado, porque o meu padre vigario me não quiz absolver; e como vi que não podia emendar-me, tive por escusado buscar a confissão.

Tornou então o santo com grande serenidade de animo e de semblante:

— Andar! o vigario faria conforme o que entendeu; mas se vós quereis, façamos nós cá isso ao meu modo. Cuidai nos peccados, e eu vos ajudarei a que vos lembrem, e logo vos absolverei.

Assim o fez o soldado, com muitas lagrimas e suspiros, que mostravão a verdade do seu arrependimento. E o santo lhe pôz de penitencia só um Padre nosso, com uma Ave Maria, de que o penitente ficou admirado; mas o santo lhe disse que elle o ajudaria a satisfazer por seus peccados. E logo, entrando-se no espesso do vizinho bosque (porque tinhão sahido á terra quando o ouvio de confissão), tomou uma rigorosa disciplina de sangue, com cujos golpes ficou o soldado tão abalado e compun-

gido, que d'alli por diante voluntariamente se entregou á vida penitente e reformada.

CONVERSÃO DE S. EFREM

(III. 345.)

A conversão admiravel de S. Efrem Syro, rasteira planta que subio depois a ser contada entre os cedros de Deos, por eminente em doutrina e piedade, referida por elle mesmo, quando já monge, a outros seus socios, foi d'este modo:

Era rapaz travesso e mal costumado. Tocou na pedra mordida do cão, que, conforme a Plinio, se lhes pegava genio briguento e injuriador dos proximos.

Mandado por seus pais a um lugar vizinho, encontrou no campo uma vacca prenhe; e ás seixadas a perseguio por muitas horas, até que o animal se despenhou em uma barroca, e rebentou; e de noite as féras o comêrão. Era de um pobre rustico, o qual, encontrando a Efrem, lhe disse:

— Filho, viste por ahi uma bezerra prenhe?

Mas elle não só lhe não respondeu á pergunta, senão que o carregou de palavras injuriosas, que tambem foi apedrejal-o.

D'alli a um mez, mandado outra vez ao mesmo lugar, a tempo que já dos montes cahião as sombras mui compridas, e uns pegureiros que o vírão lhe aconselhá-

rão se recolhesse com elles, differindo o restante da jornada para dia claro. Ficou; e n'aquella noite, entrando uma alcatéa de lobos nos curraes, devassou e espalhou grande parte do gado, cujos donos imputárão a culpa a Efrem, dizendo que lhes mettêra ladrões dentro; conjecturando-o por ventura da demasiada esperteza que n'elle vião, ou de alguma fama que lhes chegára de sua condição trabalhosa.

Negava elle com juramento; porém como os que mais jurão mais mentem, o entregárão preso ao juiz. E já a vacca, por isso mesmo que a matárão, vai parindo.

No carcere achou outros dous presos por graves crimes; um de adulterio, outro de homicidio. Passados n'aquella reclusão quarenta dias, que para a sua impaciencia forão annos, vio em sonhos um mancebo, de senhoril presença e terrivel aspecto, o qual lhe dizia :

— Efrem, que fazes n'este carcere?

— Senhor, respondeu o muchacho, com vossa vista estou tão atemorisado que desmaio.

— Não temas, tornava elle, cobra animo, e conta-me a tua causa.

Alentado Efrem com este invite, dizia :

— Senhor, o caso é que meus pais me mandárão a tal lugar; colheu-me no caminho a noite; uns pastores me chamárão, agasalhei-me com elles; logo aconteceu n'aquella noite ter o gado destruição; dizem agora que eu fui espia de ladrões, e que os metti dentro. E eu tal não fiz; estou innocente.

O mancebo então, sorrindo-se, dizia :

— Bem sei eu que estás innocente n'este caso; porém

tambem sei que não ha muito tempo mataste (bem te lembra) a bezerra d'aquelle homem pobre. Portanto conhece que em Deos ha justiça, e que seus juizos são um abysmo grande. Tambem estes dous teus camaradas não delinquírão na materia que tu ouviste e d'elles se publica. Porém faze-lhes tu perguntas, e verás como merecêrão o que padecem.

N'este passo desappareceu a visão; acordou Efrem, fez reflexão sobre o que acabava de sonhar; teve o por ensino do céo; e pela manhã, conversando com os companheiros, lhes perguntou a causa da sua prisão.

Respondeu um :

— Que estava alli por homicida, mas que era testemunho falso.

Respondeu outro :

— Que por adultero, porém que tal crime não commettêra.

Efrem, que em uma noite dormindo sabia já tanto como elles ambos acordados, replicou :

— E tereis vós outros delictos pelos quaes vos castiga a justiça divina?

Respondeu o do homicidio :

— Contarei a verdade : não ha muitos dias que, passando eu por tal rio, vinhão mais atrás de mim dous homens, entre os quaes, não sei porque (mas para isto basta o ser homens), se levantou uma pendencia, e logo um d'elles derribou ao outro da ponte abaixo; o qual, lidando com a morte, me pedio a mão para se salvar; e eu, podendo-o livrar, não quiz, por mais que me rogou e deu vozes; antes, como maligno, e sem miseri-

cordia, me parei a ver de longe como se acabou de afogar. Bem reconheço já ser esta a causa verdadeira de me imputarem aquell'outro homicidio falso.

— Pois tambem eu (entrando aqui o outro camarada com a sua deposição) descobrirei o meu peccado. Erão dous irmãos soldados, que lhes ficára de seus pais herança grossa; e não querendo dar partilhas a uma sua irmã viuva, machinárão excluil-a, levantando-lhe que fôra achada em torpeza contra o decoro de sua geração e estado. Promettêrão-me quinhentos dinheiros se jurasse contra ella n'esta causa : assim fiz, levado do interesse. E ficou a viuva despojada da parte da herança que lhe tocava. Por isso padeço agora, que quanto no crime de adulterio que me assacão, não me accusa a consciencia. Mas tu, menino, dize-nos tambem porque estás aqui?

Então Efrem relatou a segunda parte da sua historia, e reperguntado, veio a contar tambem o seu crime antecedente.

D'alli a tres dias entrárão os minitros por ordem do juiz, e levárão a todos tres á sua presença, carregados de ferros. Mandou elle chegar o primeiro : perguntado do homicidio, negou constantemente; para supprir a meia prova, o mettêrão a tormentos; soffreu, ajudado da verdade, e mandou o juiz que o soltassem. Entrou o segundo tambem despido, e só coberto com uns trapos, e vendo Efrem que por esta conta tambem elle havia de ir a tormento, desfazia-se em lagrimas, e quasi desmaiava. E a gente, rindo-se, lhe dizia :

— De que choras, rapaz? Quando fizeste o mal não

tinhas medo, e agora, que te não hão de valer as lagrimas, choras? Pois logo te hão de pôr no cavallete.

Efrem, ouvindo isto, tremia, e faltavão-lhe as forças.

O segundo preso tambem soffreu, e sahio livre.

Efrem (contentando-se a justiça com o susto que padecêra) foi remettido outra vez ao carcere, onde esteve solitario outra quarentena; no fim da qual trouxerão os alcaides outros tres presos, e lançando-lhes grilhões, se forão.

Com esta nova companhia esteve outros trinta dias, que os contava mui bem, porque desejava o ultimo.

N'este tempo, estando dormindo, tornou a ver aquelle mesmo mancebo, o qual lhe disse :

— Que vai, Efrem? Perguntaste o que te encommendei áquelles primeiros dous homens?

— Sim senhor, respondeu Efrem em sonhos; e contava-lhe tudo o que elles lhe tinhão dito.

Disse então o mancebo :

— Pois, vês os justos juizos de Deos? Ora, para que melhor os conheças, sabe que d'estes tres, que agora estão comtigo, dous são aquelles irmãos soldados que excluírão da herança a sua irmã viuva, e o outro é o que precipitou o homem da ponte. E dizendo isto, desappareceu.

E Efrem pela manhã perguntou aos tres a causa da sua prisão. Os dous soldados respondêrão :

— Bem nos pódes crer, que ambos estamos innocentes nos crimes que nos imputão, a um de homicida, a outro de adultero; porém não nos faltão outros peccados.

O terceiro disse :

— Tambem eu não padeço sem causa, mas não é a de que me criminão, que é haver feito uma morte.

Informou-se Efrem das causas verdadeiras, e elles lhe contárão o que já tinha sabido. E Efrem referio tudo o que por elle e pelos outros dous tinha passado. De que admirados temêrão e louvárão a Deos, dizendo : Só Deos faz cousas admiraveis e grandes. E todos chorárão amargamente.

Passados tres dias, mandou o juiz presentar ante o seu tribunal todos quatro. Levárão-os maniatados pela cidade, concorrendo muito povo a vêl-os. Os primeiros que entrárão no tormento forão os dous soldados. Efrem, havendo-lhe sahido bem o lenitivo das lagrimas, tornou a chorar. E os ministros dizião : Tem por certo que se da outra vez escapaste, agora has de provar a que sabe o tormento. Mandou o juiz atormentar por muitas horas na roda aos dous soldados, os quaes não só confessárão os crimes impostos, mas tambem o verdadeiro. E logo, cortando-lhes as mãos direitas, os enforcárão.

O mesmo succedeu ao outro terceiro, o qual confessou tambem o caso do homem da ponte; e o que não fizera, e lhe impunhão. E o juiz o mandou enforcar, cortadas primeiro ambas as mãos, por uma que não deu a quem lh'a pedia na extrema necessidade. E proseguindo no officio, disse :

— Dispão esse moço, e venha á minha presença.

Assim se fez; e veio coberto só com uns farrapinhos, tremendo e chorando, e dentro do seu coração orava a Deos, dizendo :

— Senhor Deos omnipotente, livrai-me d'este aperto, para que seja monge, e vos sirva.

Mandou o juiz que o amarrassem estendido de pés e mãos, e o açoutassem com nervos de boi. (Note-se o castigo como concordava com aquella primeira culpa.) Disse então um dos assessores para o juiz : Senhor, se vos parece, fique este cachopo para outro juizo, que é já hora de jantar. Assentio o juiz, e ordenou que o levassem para o carcere, preso com grilhões.

Aqui esteve solitario mais outros vinte e cinco dias. No fim dos quaes tornou a fallar-lhe em sonhos o mesmo anjo do Senhor, dizendo :

— Que vai, Efrem? Estás já certificado que o mundo se governa por justos juizos de Deos, e que não ha n'este Senhor iniquidade?

— Sim, Senhor, disse Efrem, mas já que me tendes feito tantas mercês, tirai-me d'esta prisão, para que seja monge, e sirva a nosso Senhor Jesus Christo.

O anjo, sorrindo-se, respondeu :

— Ainda irás a exame mais outra vez, e então serás solto.

Tornou Efrem :

— Senhor, tenho muito medo dos açoutes com nervos de boi, e da cara do juiz.

— Bom fôra, respondeu o anjo, que tu não fôras travesso; e não virias a este lugar. Mas já que foste, que te posso eu fazer? Mas não temas, já falta pouco, virá outro juiz, e te livrará.

E dizendo isto, desappareceu.

Depois de cinco dias, veio outro juiz, conhecido dos

pais de Efrem; o qual, passados outros sete dias, perguntou quem estava no carcere, e ao oitavo o mandou vir á sua presença, e o conheceu. Porém por se mostrar recto, informou-se da causa. E achando-se já que não fôra Efrem o que fizera mal aos gados, o mandou soltar. E elle, assim como o desatárão e lhe derão os seus vestidos, qual xara sacudida do arco intenso, partio correndo para um monte, onde estava um mosteiro, e se lançou aos pés do abbade, e como quem repete uma lição bem decorada, lhe contou tudo o que fica dito, e por remate lhe pedio que o recebesse em sua companhia e disciplina. Admirado o ancião, dizia entre si: Grande edificio se conjectura d'esta planta! Recebeu-o, e sahio um santo Efrem; com especial graça (entre outras muitas) de consolar afflictos e opprimidos.

EXCELLENCIAS DE MARIA

(I.I. 281.)

Foi Maria Santissima virgem, mas de que modo virgem? Acaso como as outras virgens, e só com excesso de maior pureza? Não: senão virgem, por um modo tambem virgem; isto é, unico e singularissimo; que é ser juntamente mãi, ficando sua virgindade não só impervia, senão via do verbo humanado. Foi remida por Christo; mas de que modo remida? Por ventura como os outros remidos, e só com a differença de a sanctificar Deos mais cedo? Não: senão por um modo mais alto e

digno, que foi a preservação, eximindo-a de entrar no pacto feito com Adão. Foi martyr : mas de que modo martyr? Dando a vida por Christo como os outros martyres, e só com a vantagem de maiores penas? Não : senão por outro modo mais realçado, que foi a morte mystica por compaixão, e crucificada não só na cruz, senão no mesmo Christo. Pois assim tambem foi a Senhora humilde : mas humilde por outro modo mais fino, e quilatado, e superior a todas as comparações; isto é, por uma aniquilação essencial, e vacuidade plenissima, que não sabemos declarar, nem ainda conceber. De sorte que a santidade de Maria é um monte, que onde os montes das outras santidades têm os cabeços, ahi tem ella os fundamentos.

O ABRAÇO DO MORTO

(III. 294.)

Confessava certo religioso a um mercador, que vivia mui enredado em usuras e outros vicios. E ainda que lhe dizia alguma cousa de doutrina, não o desenganava claramente. No Deuteronomio ordenava Deos que a captiva com quem seu senhor quizesse casar aparasse as unhas.

Quanto este usureiro tinha compridas as unhas, tanto seu confessor as tinha aparadas, para o não arranhar com a reprehensão; porque a sua alma se casava com alguns interesses de que estava captiva, e por esta via

lhe vinha habito novo, e alguns regalos para a cella. Adoeceu o mercador, morreu sem restituir, e foi-se ao inferno.

Na seguinte noite tocárão á portaria d'aquelle convento onde morava o confessor, e o chamárão nomeadamente: não valêrão escusas, houve de sahir.

— Siga-me, padre, disse a pessoa que o chamára.

Chegando a um lugar apartado, descobrio-se: era o mesmo defunto; disse-lhe em voz horrenda:

— Conheceis-me?

Respondeu o religioso quasi sem alento:

— Não sois fulano, que morreu hontem?

— Eu sou, disse o defunto, morto não só para este mundo, senão para Deos eternamente; e pois vós fostes d'isto tambem a causa, não me desenganando, manda o juiz de vivos e mortos que leveis tambem a mesma pena..

Dizendo isto se abraçou com elle; abrio-se a terra, e tragou a ambos! O companheiro, que foi testemunha do caso, foi depois relator d'elle.

CONFESSORES DE REIS

(III. 297.)

Da rainha catholica D. Isabel referia sua neta D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III de Portugal, que dizia que nunca jámais consultára medico, ou legista, ou theologo, que lhe não respondesse conforme o que

ella desejava. Por onde, no reino de Aragão antiguamente, attendendo-se a fazer o coração e lingua do confessor d'el-rei mais livres por via da independencia, era costume ser elegido para o tal officio, não por determinação do mesmo rei, senão em côrtes pelos estados do reino, e com lei de que o rei lhe não pudesse fazer bem, nem mal. E na verdade não era este costume destituido de boa razão politica, uma vez que os confessores reaes mais fazem as partes de ministro da republica do que de ministros do sacramento da penitencia; e dando tantas vezes ouvidos ás pretenções e queixas dos vassallos, rara os dão aos peccados do principe.

S. Raymundo, segundo geral da ordem dos prégadores, sendo confessor d'el-rei d'Aragão, o reprehendia severamente para o ajudar a romper os fortes laços de uma torpe amizade com que andava enredado; que é vicio que perdeu a estranhez e fealdade para com semelhantes sujeitos, como se a lei divina admittíra excepção de pessoas, ou pudesse padecer prescripção alguma. Vendo pois o santo que as recahidas do enfermo mostravão ser os propositos d'elle falsos, e as suas reprehensões inuteis, pedio licença para passar a outra terra. Negou-lh'a o rei, e prohibio, sob pena capital, que nenhuma embarcação o passasse.

— Não importa, disse Raymundo no seu coração, que eu me aparto por me não apartar da graça de um Senhor a quem obedecem os mares e os ventos, e a cujas plantas servirão as ondas tão immoveis como terra firme.

Vai-se direito á marinha, forma sobre si e sobre as ondas o signal vivifico da cruz, estende sobre a liquida

campanha o seu pobre manto, soltando-o dos hombros, como se do estaleiro desamarrasse um navio bem fabricado. Entra, e se assenta n'elle, fazendo do bordão leme e do escapulario vela, e se faz ao mar alto, á vista do mesmo rei, e da sua aula, que desde as janellas do palacio o admiravão, tão novo argonauta. E a fé, que lhe pagava o frete e prevenia a matalotagem, lhe fez aquella prodigiosa náo mais ligeira e vocal que a fatidica Argos de Jasão, de quem disse Claudiano que a sua madeira fallava, e mais equipada e fiel que as náos da ilha *Pheacia* [1], de que Homero cantou que não necessitavão de instrumentos, nem de marinheiros, e que per si mesmas conhecião os portos onde ião dirigidas. Porque dentro em seis horas fez sangradura de cincoenta e tres leguas, e surgio enxuta nas praias de Barcellona, concorrendo innumeravel povo a ouvir os mudos clamores d'esta maravilha, a qual se duplicou entrando o santo no seu convento ás portas fechadas. Assim obrou Raymundo, penha forte no animo como no sobrenome, porque entendeu ser mais seguro confiar-se das ondas que do coração do impio; e que mais teria de miseravel o seu naufragio em terra, se ficasse, do que de milagrosa a sua navegação na capa, se partisse.

[1] Propriamente fallando *Pheaces* erão os habitantes da ilha; a ilha chamava-se *Scheria*, que se julga ser a que depois se chamou *Corcyra*, hoje *Corfú*.

ADAGIOS PORTUGUEZES

(III. 383.)

O adagio, *Dava-lhe o vento no chapeirão*, etc., explica bem o desprezo que o humilde faz de si mesmo, e procura que os outros fação d'elle, deixando-se ir sem arte para onde o deitão. Uma das muitas excellencias da lingua portugueza é a cópia de semelhantes adagios, tão claros, breves e sentenciosos, que podem ser uns como canones ou regras da vida economica, ethica e politica, ensinadas pela experiencia.

Ajunto alguns poucos que me occorrem :

Cale o que deu : falle o que recebeu.
Em tempo e lugar, o perder é ganhar.
Mais val um toma, que dous te darei.
Por dar esmola não mingua a bolsa.
O marido barca, a mulher arca.
De tal acha, tal racha.
Amor de menino, agua em cestinho.
Todos os tombos da inguia são para a agua.
Viuva rica com um olho dobra, com outro repica.
Azeite, vinho e amigo, o mais antigo.
Velho amador, inverno com flôr.
Não dá quem tem, senão quem quer bem.
Quem com cães se deita, com pulgas se levanta.
Onde irá o boi, que não lavre?

E outros a milhares, com quem nenhuma comparação têm os dos Gregos e Latinos, nem no peso da doutrina, nem na energia da significação, como se póde ver no seu compilador Paulo Manucio.

TITULOS POMPOSOS

(III. 384.)

É proprio de animos altivos tomar titulos e appellidos arrogantes, que são uns como pennachos, cujos canhões estão arraigados na vaidade do seu cerebro.

El-rei Sapor se assignava : participe das estrellas, irmão do sol e da lua.

Um rei de Bisnagá tinha por sobrenome : o esposo da boa ventura, Deos das provincias grandes, mestre e doutor dos que não sabem fallar, estremecimento das oito partes do mundo.

Outro sultão turco se intitulou por carta sua : Salmandro omnipotente, prefeito do inferno e dominador da figueira secca.

Cleopatra se chamava rainha das rainhas.

Cayo Caligula, imperador romano, pai dos exercitos, e filho dos arraiaes.

Clearco Pontico, tyranno dos heracleotas, pôz a seu filho por nome Ceramion, que quer dizer, raio.

Um rei dos Arabes, no tempo de Veremundo rei de Hespanha, tomou por nome Alhagio, que quer dizer, sobrancelha, pelo fasto e soberania que esta palavra significa.

A este modo pois se prezava tambem Attila do appellido de flagello de Deos.

JORNADA SUBTERRANEA OU ESTUPENDA DESCIDA DE UM NECROMANTICO VIVO ÁS PROFUNDEZAS DO INFERNO A BUSCAR UMA QUINTA

(III. 443.)

Houve um landgrave de Turingia, por nome Ludovico, grande tyranno e homem perverso, que tinha por consolação vexar os povos com tributos e extorsões, e despojar as igrejas de suas possessões e herdades. Repetidas amoestações teve de pessoas timoratas e graves, que não usurpasse o alheio e restituisse o tyrannisado; porém era o mesmo que procurar que o ethiope mudasse a pelle negra, ou o leopardo a sua remendada.

Emfim, morreu Ludovico em seus peccados, que é o mesmo que não ter a sua morte fim. Cortou-se esta arvore, e cahio para o norte, para dar pasto ao fogo, pois não dera fructos a Deos. Deixou dous filhos, um do mesmo nome de Ludovico, que morreu na primeira guerra de Jerusalem, que se fez no tempo do imperador Frederico; e outro por nome Hermano, que lhe succedeu no senhorio. Este Ludovico foi bem acondicionado; e pelo menos tinha de bom o não ser tão máo como os outros tyrannos d'aquelle tempo; e estimulado de curiosa e mal ordenada piedade, desejou saber o estado da alma de seu pai, para o que publicou um edicto, que se alguem se atrevesse a dar-lhe certeza d'este ponto, e juntamente signal claro de que o não enga-

nava com embustes, elle lhe daria em premio uma boa herdade ou quinta.

Este edicto ouvio um soldado, que vivia com tal pobreza e miseria, que o mesmo viver lhe enfadava; e logo lhe pareceu que para remedial-a via uma grande porta aberta.

Tinha um irmão clerigo, que fôra mui pratico (boa parte para clerigo!) na arte diabolica da necromancia; e entendendo que por esta via podia averiguar o segredo que o landgrave desejava saber, pedio ao irmão que mettesse a mão n'este negocio, pois podia, e o fim era bom (que até aqui chegão as lettras de um soldado). Escusou-se o clerigo, dizendo que verdade era que com certos conjuros costumava chamar o demonio, e saber d'elle o que queria; porém que já havia muito tempo que deixára esta arte. Bem mostrava n'esta resposta que a sua detestação d'este peccado não era qual merecia a enormidade e graveza d'elle.

Assim o soldado esforçou a instancia, propondo-lhe os trabalhos e affrontas que padecia pela pobreza; e que se um irmão não remediava a fome de outro, e a honra de ambos, de quem se podia esperar n'estes lances misericordia? Emfim, tanto lhe disse, tanto o importunou, tanto lhe pintou a urgencia do seu trabalho, a facilidade do meio e a grandeza do premio, que o clerigo se determinou a ir-lhe buscar a quinta dentro ao mesmo inferno. Abrio os seus livros (que já estes houverão de estar queimados, para elle não tornar a queimar-se), fez os seus conjuros, e o demonio, que não é vagaroso para o nosso mal, veio no mesmo ponto, mostrando-

se mui solicito de sirzir a ruptura da amizade antiga.

— Muito me peza (lhe disse o clerigo, começando por um como acto de contrição ás avessas do outro, com que o peccador se torna do diabo para Deos) muito me peza de haver-me apartado de ti ha tanto tempo; rogo-te que digas onde está a alma do landgrave, meu senhor.

— Se queres ir comigo, disse o demonio, eu t'o mostrarei.

— De boa vontade o veria, replicou o conjurante, se se pudesse ver sem perigo da vida.

Então o demonio o assegurou, dizendo:

— Eu te juro pelo Altissimo, e pelo seu tremendo juizo, que se te confiares de mim, eu te leve e traga sem lesão nem damno algum.

Temeridade summa é fiar-se alguem da palavra do demonio, ainda jurada, porque supposto que elle ás vezes a guarda, ou por temor das penas accidentaes que se lhe aggravão quebrando-a, ou porque, com esta especie de fidelidade, engana melhor os seus pactarios e enthesoura justiça que allegar contra elles diante de Deos, comtudo esta mesma simulada fidelidade é incertissima, e emfin como de apostata confirmado em deslealdade a Deos, e odio implacavel ás suas imagens, que são as almas. Porém não obstante, o nosso clerigo confiou-se do demonio, e o levou, e pôz ás portas do inferno; d'onde olhando para dentro, vio o lugar que achárão os que perdêrão a Deos. Vio umas regiões, sobre toda opinião e conceito espantosas, cheias de diversos generos de penas e tormentos, em cuja compa-

ração parecião cousa de zombaria e riso o touro em brasa de Phalaris, o gral e pilões de Anaxarco, a carfia moderna dos Turcos, e o culeo antigo dos Romanos contra os parricidas.

Vio mais particularmente a um fero demonio, de um rosto formidavel, sentado sobre um poço, coberto com tampa que parecia de bronze; com cuja horrivel vista ficou todo tremendo, e como attonito; e n'este passo o demonazio do poço deu uma grande voz, e disse ao demonio de fóra, que estava com o clerigo:

— Quem é esse que tens comtigo? mette-o cá.

A isto respondeu o demonio de fóra:

— É nosso amigo; e lhe jurei por tua grã potencia (note-se como variou aqui a fórma do juramento, para dar homenagem ao demonio maior; ou a principio tinha usado de equivocação, entendendo por Altissimo, a Lucifer), que lhe não faria damno algum, e lhe mostraria a alma do landgrave seu senhor; para que vendo-a, publique, por todas partes, tua immensa virtude e poderio.

Como isto ouvio o demonio do poço, removeu a tampa de bronze e mettendo dentro uma trombeta de metal, a tocou com tanta força, e com um som tão horrivel e destemperado, que ao clerigo lhe pareceu que todo o mundo se estremecia, e que os eixos da redondeza da terra se sacudião um com o outro.

D'alli a uma hora larga começou o poço a vomitar lavaredas e faiscas de enxofre; e entre ellas appareceu do miseravel landgrave sómente a cabéça e pescoço; e voltando o rosto para o clerigo, lhe disse:

— Eis-aqui, eu sou aquelle desventurado landgrave

que algum tempo fui teu principe, e prouvera a Deos que nunca fôra nascido!

O clerigo lhe disse :

— Eu sou aqui mandado por ordem de teu filho, para que possa ser sabedor do teu estado, e me digas se em alguma cousa te podemos favorecer.

Respondeu :

— O meu estado já o vês; quanto ao mais, o que te digo é que se meus filhos quizessem restituir ás igrejas as possessões com que me alcei injustamente, e que elles agora possuem a titulo de herança, algum allivio accidental teria em meus tormentos.

Assim pedia o rico avarento o allivio da pinga de agua no dedo de Lazaro; porém foi-lhe negado, como aqui foi tambem negada a restituição, conforme logo ouviremos.

Replicou pois o clerigo :

— Não me hão de crer.

Tornou o condemnado :

— Eu te darei um signal, que ninguem o sabe senão eu e meus filhos.

E tanto que lhe deu o signal, o demonio do poço tornou a refundir abaixo o condemnado.

O clerigo, havendo cumprido com a sua extraordinaria e perigosissima mensagem, foi reposto em sua casa pelo demonio; e ainda que não perdeu a vida, comtudo veio tão perdidas as côres e as forças, e tão desfigurado o gesto, que apenas podião, nem elle ter-se em pé, nem os conhecidos conhecêl-o.

Foi depois fallar aos filhos do landgrave. Relatou-

lhes o que víra, com a força e desengano de quem na verdade víra; sellou a relação com dar-lhes o signal revelado; porém nada aproveitou clareza tanta, para que aquellas harpias abrissem as unhas, soltando as usurpadas possessões da igreja.

A humanidade de Ludovico sómente se estendeu a dizer-lhe, com bom termo, que dava credito ao signal que lhe descobria, e que não duvidava haver visto e fallado com o seu pai, pelo que estava prompto para lhe cumprir a promessa.

O clerigo, considerando por ventura que a dita quinta ou fazenda seria tambem mal adquirida, respondeu desenganadamente :

— Senhor, fica-te com a tua quinta, que eu quero tratar do que mais convem á minha alma.

E deixando tudo, entrou na religião de Cister, onde procurou soffrer e tolerar todo o trabalho temporal, por escapar do eterno.

TREMENDO COMPANHEIRO

(III. 492.)

Frei Domingos, carmelita, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros que tinhão ido tomar ordens, se lhe ajuntou no caminho um moço mui confiado, fallador e atrevido; e na pousada porfiou que havia de agasalhar-se ao mesmo aposento e cama de frei Domingos,

Na mesa não assistio á benção, nem ás graças, entrando e sahindo, e inquietando a todos.

O servo de Deos se pôz a rezar, e depois se deitou vestido; e querendo pegar do somno, tornou o moço a entrar, fallando disparates, e não o deixando repousar. Começou emfim a despir-se, e despio até a camisa; e ao tempo que frei Domingos o ia a reprehender d'aquella immodestia, vio que despia tambem a pelle. Aqui já devia entender que não era moço, mas demonio; e, costumado a semelhantes tramoias, quiz ver esta em que parava.

Lançou o demonio a pelle de arremessão sobre uma mesa; e logo destramente com um dedo esgravatou e tirou fóra um olho, e depois o outro, e os accommodou com tento, emparelhados em lugar seguro. Depois tirou os dentes, pondo-os em outro lugar por sua ordem enfileirados. Depois foi tirando os nervos, e musculos, e vêas, e finalmente a carne, raspando dos ossos com vagar e curiosidade; e ficou como pintamos a morte em esqueleto, e assim se foi a metter na cama com frei Domingos, espalhando-lhe pelos vestidos e cama o sangue e miolos.

Sentia o servo de Deos sobre si aquella viva morte mais pesada e mais fria que os Alpes. Que remedio para expellir tão horrenda e molesta companhia? Deu em fazer fervorosos actos de amor de Deos; e com o verdadeiro calor d'elles foi pouco a pouco desfazendo aquella fantastica ossada.

Pela manhã o estalajadeiro, não apparecendo aquelle hospede, fez pagar por elle a frei Domingos, pois fôra

seu camarada. Não faltavão a este servo de Deos louvores humanos; e assim era necessario que lhe não faltasse açoute dos demonios.

DO IMPERADOR FREDERICO

(IV. 4.)

Costumava dizer este monarcha :

— Tomára que os meus conselheiros deixassem ás portas do palacio duas cousas, porque sem ellas entenderião melhor o que me aconselhavão, e eu saberia discernir entre os votos.

Perguntado que duas cousas erão estas, respondeu :

— A simulação e a dissimulação.

Simular é fingir o que não é; dissimular é encobrir o que é. E com esses dous parches ficão os olhos do principe tapados, para não atinar com a verdade; sendo que a primeira condição, necessaria para reger, é saber; e até o mesmo Deos, se por impossivel o considerarmos com ignorancia, por conseguinte o devemos considerar sem bom governo.

Não ha pobre tão extremamente necessitado de pão para sustentar a vida, como ordinariamente o estão os principes de verdade para sustentar o governo. Primeiro que lhe chegue a aportar dentro dos ouvidos uma verdade limpa e clara, ha maiores difficuldades do que

em chegar uma náo da India a salvamento; porque primeiro ha de passar por muitos mares, e escalas, e temporaes, e tufões, e baixos, e calmarias, e piratas, que a corrompem, immutão e adulterão.

Causino diz que ha uns povos que fallão ao seu rei por esgravatanas; n'elles temos por ridicularia barbara o que nos Europêos é estylo mui ordinario.

Os mais dos reis não ouvem senão por esgravatanas, que são os ministros e cortezãos que elles têm ao redor de si; e como umas são mais largas, outras mais estreitas, outras torcidas, e todas de metal differente, fazem differentes sons, que não deixão conhecer bem a verdade. Já se o conselheiro tem prendas de doutrina e facundia, póde (diz o mesmo autor em outro lugar) fazer grandes damnos á verdade; porque os engenhosos provão o que querem, e os eloquentes sabem enfeitar a mentira de modo que agrade. E emfim a sua utilidade é a que faz a maior parte da consulta, caminhando para esse fim com passos subrepticios de razões sophisticas.

Pelo que o principe, que com animo efficaz deseja noticias rectificadas e coadas (digamol-o assim) das fezes da simulação e dissimulação, do modo que póde ser n'este escuro e mentiroso seculo, ha de entre escolher com grande attenção os ministros e votos; ha de receber pacificamente, e ainda premiar a liberdade com que lhe fallarem (que isto é fazer bom surgidouro e desembarque áquella náo que lhe traz de longe a verdade); ha de provar o zelo com que lhe fallão, se é ou não verdadeiro; tomando-lhes (como discretamente

disse o padre Antonio Vieira) a medida pela cintura; porque se o zelo os come a elles, achará que estão consumidos, e faltos de honras e riquezas; mas se elles comem do zelo, achará que estão gordos, e cheios de possessões e dignidades. E além d'isto ha de ter de fóra parte, compradas occultamente com salarios competentes, muitas linguas que o avisem continuamente, e livros com seus indices e rotulos distinctos, e guardados debaixo de chave particular, onde a memoria ache as noticias promptamente, quando para algumas resoluções fôrem conducentes. E em achando mentira certa nas ditas linguas, cortal-a com o castigo que merece quem engana ao seu rei, e não usar mais d'ellas; porque as ditas noticias são os cruzados, patacas e dobrões immateriaes com que se menêa a interior republica das potencias do rei; pelo que merece grande pena quem lhe falsifica ou cercêa esta moeda.

O glorioso S. Carlos foi um dos principes ecclesiasticos em que se vírão com maravilhosa concordia os muitos acertos com os poucos annos; porém não erão poucos os monitores secretos (este nome lhe pôz o santo) que tinha de sentinella em toda a sua diocese, pois passavão de trezentos; por cuja via (melhor que o Argos de cem olhos) sabia tudo que era licito inquirir e digno de saber.

Por outra parte os conselheiros, e quaesquer outras pessoas que desejão, por serviço de Deos e pelo bem commum, que a sua verdade seja bem recebida, ponderem que a verdade é tambem rainha de mui alto estado, a qual é razão que leve diante seu aposentador;

e este officio compete de juro á prudencia. Sem esta não terá aquella o lugar que merece, e se retirará envergonhada.

Conta-se que Cassandra, amada por Apollo, se esquivou d'elle com varios subterfugios; porém largava-lhe algumas esperanças, para alcançar d'elle o dom de adivinhar; e tanto que o conseguio, zombou do amante, o qual, enfadado da treta, como lh'o não pudesse já revogar, impôz-lhe uma pensão ou maldição; que Cassandra prophetisasse sempre verdade, porém que ninguem lhe désse credito. Assim succedeu; porque nem annunciando a futura ruina de Troya, patria sua, aproveitou para a cautela.

Bem sabem os versados na mythologia que as fabulas da gentilidade erão a sua theologia, cujos segredos querião os doutos occultar ao vulgo por este modo. A moralidade, pois, que se encerrava n'esta fabula, era que a liberdade de dar bons conselhos, emquanto se não quer sujeitar á harmonia dos modos e differenças das pessoas, tempos e lugares, não faz o pretendido effeito nos que ouvem, ainda que acerte no que prophetisa. Está mui virgem e mui esquivo o tal espirito, e devia conjugar-se com as notas da solfa apollinea, isto é, com os dictames da prudencia, que a fazem ser bem ouvida. D'este modo era Catão Uticense, do qual diz Cicero que o seu sentir era optimo; porém mais damno que proveito fazia ás vezes na republica, porque fallava como se esta fôra a que Platão fantasiou quasi divina, e não as fezes da que fundou Romulo terrena.

Mas porquanto são raros aquelles em quem se achão

juntas a inteireza de Cassandra e a harmonia de Apollo, a liberdade zelosa, com o modo vestido de todas suas circumstancias, aqui deve entrar outra vez a prudencia do principe, para relevar a que falta no seu ministro, e aproveitar-se da substancia da verdade. Porque sempre lhe ha de luzir mais o sustentar-se com verdades cruas, do que com mentiras bem cozinhadas. Na China, quando é occasião de se darem parabens a alguma pessoa, por algum bom successo, quem os dá veste-se de festa. Aconteceu que um rei estava gravemente irado contra um seu ministro, porque o reprehendêra com liberdade maior do que elle julgava decente á excelsa soberania de sua pessoa. E vio-se representado n'este caso o que escreveu Plinio, que em Dalmacia ha uma profunda cova, onde, lançando-se qualquer pedrinha, se levanta de dentro uma tempestade ou redemoinho; porque na verdade taes são os monarchas e os poderoros, com qualquer palavra, ou gesto, ou aceno, que interpretão injurioso á sua grandeza. Soube pois d'este dissabor a rainha sua mulher; e vestindo-se de festa, entrou á sua presença. E perguntando o rei a causa de tal novidade, lhe disse ella :

— Venho, senhor, dar a Vossa Magestade o parabem de terdes (como me veio á noticia) um ministro tão excellente que vos adverte de vossos descuidos; este é quem mais vos ama, e por isso este é quem mais deveis amar, e ainda soffrer.

Com esta discreta e breve advertencia amainou a ira do rei, e restituio á sua graça aquelle ministro.

N'este caso temos um exemplo pratico do que dizia-

mos. No que esta rainha obrou, mostrou zelo quanto á substancia, prudencia quanto ao modo. E no que disse, mostrou que ainda que o ministro houvesse excedido na liberdade, devia ser tolerado, e ainda estimado pela recta intenção de seu bom animo.

HABEIS FRECHEIROS

(IV. 9.)

Pelo exercicio bem continuado (que é o melhor mestre, como lhe chamou Cicero) chegão alguns frecheiros a tão feliz destreza, que tudo o que destinão com a vista pregão infallivelmente com a setta. A Philippe, rei de Macedonia, pregou Aster Olinthio uma no olho direito; e porque não parecesse casual o tiro, escreveu primeiro n'ella este recado : « Aster a Philippe manda este portador da morte. »

A Alexandre Magno foi presentado um indio que passava a setta por um annel; se bem não quiz fazer a experiencia diante d'aquelle monarcha, por não aventurar a fama. Outro, por nome Avo, vendo que seu competidor armava contra elle o arco, anticipando-lhe com summa agilidade, disparou o seu, e lhe cortou a corda; e logo segundou com outra, e lhe ferio a mão. Notavel foi tambem a destreza n'esta arte do imperador Domiciano; o qual, mandando a um muchacho abrir a mão, e os dedos espalhados, entre dedo e dedo, sem os offender, ia pregando as settas.

Mais feliz, porque mais perigosa, foi semelhante experiencia para um Godo por nome Tocho, que se jactou em presença d'el-rei Haraldo, de que, pondo-se qualquer pequeno pomo na ponta de um baculo, certamente o cravava com o primeiro tiro. O rei barbaro mandou logo pôr em lugar de baculo a um filho do mesmo Tocho, e sobre a sua cabeça o pomo, para que, se o errasse, ficasse castigada sua jactancia! elle, posto em tão estreito aperto, que havia de perder o credito se quizesse salvar o filho sem perigo, mandou ao moço voltar o rosto para a contraria parte, para que não tremesse ao ver sacudir a setta, e o avisou que persistisse immovel com a cabeça direita, porque assim importava a ambos. E logo, com despejada confiança, tirou da aljava tres settas; e sem demora, por não fazer esperar mais ao palpitante coração do filho, assentou uma, e a disparou tão innocentemente como lhe convinha, e como promettêra. Admirou-se o rei, e perguntou:

— Porque apparelhaste tres settas, se a experiencia devia fazer-se só com a primeira?

Aqui Tocho, formando da lingua tambem arco, e da palavra tambem setta, lhe disparou outra ainda mais atrevida.

— Se errasse, lhe disse, com damno de meu filho, as outras duas erão para ti, e para alguem que por ti acudisse; pois não era bem que a innocencia levasse a pena, e a violencia injusta ficasse impunida.

Os arimaspos, povos de Scythia, onde agora estão os ducados de Plescovia e Novogrado, na Moscovia, desde

pequenos se costumão a fechar um olho para reforçarem a vista do outro, e metterem a mira mais certa ao disparar as settas. D'aqui veio fingirem, ou crerem os autores, que esta gente não tinha mais que um olho. E Eustachio diz que isto significa o seu appellido; porque Ari na lingua scythica quer dizer um, e Maspo, quer dizer olho.

Nas ilhas Baleares, para costumarem os muchachos a acertar o alvo, não lhe dão de almoçar até o não acertarem. Com que juntamente os pais atirão a exercitar os filhos, e os filhos a não ficar sem almoço. Mas não era d'estes o nosso frecheiro que ferio ao Cesar; antes póde ser que estivesse já almoçado, conforme a mão e a vista trocárão os objectos.

Mais se pareceu com outro que vio Diogenes, tão certo no errar, que, passando-se do lugar afastado onde estava vendo para junto do alvo, disse por motejar a sua imperícia:

— Porque acaso me não fira, busco o lugar mais seguro.

O APPELLIDO VASCONCELLOS

(IV. 20.)

Quanto ao appellido Vasconcellos (familia tambem illustre n'este reino), Leitão de Andrade, nos seus dialogos, dando por autor ao padre Antonio Soares de Albergaria, no livro dos brasões e armas de Portugal, diz

que, mandando um rei de Leão a certo cavalleiro á conquista de uma praça de mouros, elle lhe obedecia de má vontade, por temer que em ausencia sua lhe ganhasse certo rival ou competidor uma senhora com quem pretendia casamento, e que o rei, alcançando este seu receio, lhe disse:

— Vas con zelos; mas vai, que eu te guardarei.

E assim o fez, casando-o depois com ella; e d'aqui tomárão seus filhos por sobrenome Vasconcellos. Porém o mais certo é que o tomárão de um lugar assim chamado.

BOAS RESPOSTAS

(IV. 37.)

Perante Philippe, rei de Macedonia, requeria Machetas sua justiça. Dormitou o rei, e depois sentenciou pouco conforme á razão.

— Appello, clamou Machetas.

E o rei, indignado, perguntou para quem?

— D'el-rei dormindo, para el-rei acordado!

Ao duque de Orleans, subindo a empunhar o sceptro, suggerírão alguns:

— Agora póde Vossa Magestade tomar satisfação dos aggravos que tem de seus emulos.

Mas respondeu generosamente:

— Não vinga el-rei de França os aggravos do duque de Orleans.

O seguinte caso é de duas pessoas, que, trocando-se, cada uma fez discretamente o papel da outra.

Deitando-se a dormir el-rei Philippe o Prudente uma tarde em que havia de ir a umas festas, disse a D. Diogo de Cordova, seu camarista, que o despertasse a tempo. D. Diogo se ficou adormecido em uma cadeira. Acordou el-rei, e chegando-se a D. Diogo, lhe disse :

— Desperte Vossa Magestade, que é já tarde.

Acordou D. Diogo, e no mesmo ponto respondeu :

— Deixa-me dormir, D. Diogo, que ainda não é hora.

Siga-se rei a rei. Andava D. João II de Portugal esparecendo pelas ribeiras do Tejo, e disse a alguns ministros de justiça que o acompanhavão a cavallo que corressem. Respondeu um em nome de todos :

— Nós não sabemos correr senão atrás de ladrões.

Tornou el-rei gracejando :

— Pois correi uns atrás dos outros.

Esta palavra pesada é, e do que os que não querião correr podião correr-se; porém o modo com que o rei a disse a podia fazer leve.

Vio um ermitão ao arcebispo de Colonia armado em campo, entre tropar de soldados, e admirou-se. Disserão-lhe que era juntamente duque e fazia como tal a sua obrigação.

Respondeu, dando á cabeça :

— E se o duque morrendo repentinamente fôr ao inferno, onde ha de ir o arcebispo?

Tinha-se convertido a Deos certo mancebo; e succedendo encontrar-se em outra terra com uma mulher

que fôra occasião de seus vicios, fez que a não conhecia. Ella chegou-se, e descobrindo o rosto, disse com modo carinhoso :

— Eu sou aquella.

Respondeu, dando ao passo :

— Pois eu não sou aquelle.

De todos estes ditos consiste a graça em fazer uma pessoa o papel de duas.

REPENTES

(IV. 47.)

Ha engenhos felizes nos repentes, o que lhes concilia particular graça aos seus conceitos, que parecem flôres, não cultivadas, mas apparecidas como por encanto. Junto das saudosas aguas do Mondego estavão uns estudantes em dia de sueto, e vendo vir pelo rio uma cabaça, a tomárão por assumpto dos seus versos. Depois que os outros disserão, disse um por remate do certame :

> Zombou de tantas cabeças
> Uma cabaça vazia,
> Cheia como zombaria !

D. Thomaz de Noronha, fidalgo de discrição mui celebrada n'este reino, vendo fallar uma pessoa de sua familia com certa mulher suspeitosa, perguntou o que

era. E foi-lhe respondido que era uma adella, a quem se procuravão uns coraes. Disse então de repente :

A adella com quem fallais,
Boas novas não ha d'ella :
E o que vós fallais com ella,
Co'os coraes não o córais.

Conhecêmos aqui em Lisboa um homem que glosava motes (por difficultosos e paradoxos que fossem) sem deter-se mais do que emquanto corria a mão pelo bigode, torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propôz o marquez de Fronteira o seguinte mote :

A mais formosa que Deos.

E elle, levantando os olhos pensativos, e fazendo a acção costumada, sahio logo com a seguinte glosa :

Com duas donzellas vim
Hontem de uma romaria :
Uma feia parecia ;
Outra era um seraphim.
E vendo-as eu assim
Sós, sem os amantes seus,
Perguntei-lhes : anjos meus,
Quem vos pôz em tal estado?
Disse a feia, que o peccado !
A mais formosa, que Deos !

ARREBIQUES DE CORTEZÃOS

(IV. 70.)

O que o padre Matta desejava, que os cavalheiros tratassem da composição de seu interior com aquelle cui-

dado que tratão da exterior, nunca foi facil; mas hoje, particularmente n'esta côrte, é mais arduo ainda do que serem santos; porque para o serem bastava metade d'este computo.

Tanto se têm demasiado no luxo e na vaidade! Desde o bico do pé até a cabeça, anda um d'estes cavalheiros bizarros (ou qualquer d'estes bizarros, ainda que não sejão cavalheiros) armado de vaidade e de estudos da sua compostura, que são captiveiros de espirito, corrupções dos costumes, da republica, e despezas da sua fazenda, ou talvez da fazenda que não é sua.

Lembra-me que chegando Francisco de Brito Freire, fidalgo bem conhecido n'este reino, aos pés de um confessor d'esta congregação, e fallando-se no luxo d'estes tempos, disse, apontando para a sua volta :

— Aqui trago pendurados ao pescoço 120 homens de cava.

Queria dizer que lhe custára o que podia bastar para metter na cava das suas vinhas um jornal de 120 trabalhadores.

Hoje volta de vinte mil réis, ou cabelleira de trinta, são muito ordinarias e despreziveis.

Ha volta de cem mil réis, e cabelleira de duzentos; e não se falla no que a cabelleira custa depois a sustentar com os officiaes que frequentemente a pentêão, e com oleos, e polvilhos, e bolsas, e empadas de pão, que vão ao forno, com os massacrocos, ou canudos de cabellos dentro (em lugar de aves, ou de peixes), para alli ganharem, com a efficacia do fogo, a fórma de anneis mais duravel.

Bem sei eu quem deve ser o forneiro d'estas empadas. Porque um autor grave testemunha que elle, e quasi toda Italia, vio uma mulher que lhe fallava o demonio no ventre; e o nome que este tinha, e pelo qual, chamado para os conjuros, acudia, era *Cincinnatulo*, nome diminuto de *Cincinnato*, que é o que os Romanos davão aos moços que usavão d'estes cabellos torcidos em anneis ou calamistrados.

Este demonio pois Cincinnatulo, ou Enfeitadinho, é o que deve ter por officio o formar estes canudos de cabellos, e dar-lhe no forno a sasão devida, para que os moços saião á praça, e entrem no páteo das comedias, ou nas igrejas, mui enfeitadinhos.

Peza-lhes a estes cincinnatulos de serem feitios da mão do Creador; e parece-lhes que não sahírão d'ellas do modo que havia de ser, e assim tratão quanto podem de emendal-o.

— Este pé havia de ser mais pequeno : que remedio lhe darei? Ajudando-o por detrás com o salto do sapato, ficará mettido quanto á perspectiva em linha diagonal, cuja base necessariamente sahe mais breve; ou tambem ficará escondida sua grandeza entre topes, ou rosas de fitas, ou armando os furos da fivella longe do peito do pé, ficará grande parte d'elle pertencendo ao anterior da perna.

— Esta testa não me serve, havia de ser mais espaçosa e escampada, que assim denota generosidade de coração e comprehensão de juizo. Pois que remedio? Se os cabellos são proprios, arripiem-se para cima, bem de raiz, como sibylla que começa a vaticinar. Se são

alheios, v. g., de algum herege do Norte, ou de algum cavallo (que tambem d'estes se misturão nas cabelleiras), abre-se com navalha quotidiana no meio da testa um angiporto, capaz de surgir n'elle esta pretendida vaidade.

— Senhor! que nós bem sabemos e estamos vendo que esta testa é mais pequena, e esse cabello está rapado, e as suas raizes negras apparecem entre o mais bosque louro.

— Para que trazeis ahi esculpido o signal da vossa estulticia?

— Não importa; assim se usa, sou eu só o tolo?

— Já estamos conchavados em que vai de apparencias, e nenhum se póde rir de outro. Estas barbas, que Deos deu aos homens, não me servem : não são mais que uma tyrannia da liberdade do rosto, uma semelhança de féra do matto, ou de Nabuchodonosor nos sete annos de sua metamorphose. Fóra barbas! todos somos ecclesiasticos, ainda os soldados. Ande na mão uma tenazinha, para, em apparecendo cabello, tirar de raiz seus atrevimentos; especialmente os que pretendem communicar uma sobrancelha com a outra.

— Sim, mas o beneficio da navalha, se não é frequente, priva muito da gentileza : e nós na côrte fazemos papel de Narcisos ou de Adonis, e não papel de Alcides ou Heitores na campanha.

— Pois venha o barbeiro cada vez que quizermos; e escolha-se o mais apurado no officio, que nos esteja brincando com a cara boa parte da manhã, e dando-lhe varias lavagens e sabões.

— Mas o rosto, que emfim nem sempre sahe das mãos da natureza com taes proporções que a fórma prevaleça á materia, que lhe havemos de fazer? Seja feio, mas galhardamente feio (como disse um poeta); desculpal-o-hemos com as mais galas e enfeites que acompanhão o corpo; franjões de ouro nos canhões das luvas, botões de diamantes nos punhos do camisote, gravata em que vamos enrolando o pescoço, tendo mão fortemente na ponta d'ella um criado, para que nos fique mui justa, e o sangue rebentando pelas faces.

Tambem não faltaráõ tranças e fitas, e côr e cheiros; e até, para lavar os entre-dedos dos pés, não faltará cada noite agua de Cordova. E para estes apparelhos teremos, como têm as damas, um aposento determinado, que se chama toucador... Pois não nos envergonhamos de nos prezarmos de lindos, sendo homens?

— De quem nos havemos de envergonhar, se todos somos uns?

Porém o certo é que o diabo, ao metter-lhes estas invenções, lhes tirou esta vergonha. Fui notar que o autor da vida de S. Norberto, fundador dos conegos premonstratenses, fallando de quando o santo despio os vestidos preciosos que trazia, e se vestio de um surrão branco de cordeiro, diz assim :

— Despio, e deitou de si um demonio vario de muitas fórmas; isto é, os vestidos de grande estimação e abundante vaidade.

Disse discretamente; porque considerando a figura de um cavalleiro do tempo, vestido ao uso, não é outra cousa que estar vestido de um demonio de tantas e tão

varias fórmas quantas são as modas que se vão cada dia inventando, por abundancia de vaidade.

MANICHÊOS

(IV. 88.)

Manes foi de nação persa, escravo comprado de uma certa velha por cuja via houve á mão os livros de um Buddas, que se hospedou e morreu em sua casa, dos quaes bebeu infinitos erros e loucuras. Começou a dar-se a conhecer pelos annos de 277, mudando (por encobrir sua vileza) o nome proprio, que era Lubrico, ou Curbico, em Manes, que na lingua persiana quer dizer vaso, como em competencia de S. Paulo, a quem Christo chamou vaso da sua eleição, para levar seu Santo Evangelho ás gentes; porém na verdade Lubrico não foi senão vaso de ira, reprovação e contumelia.

E porque os Gregos interpretavão o nome Manes de Mania, que é certa especie de doudice ou furor, e Manichêo quer dizer o que semêa insanias e doudices, seus discipulos, por desviar o opprobrio d'esta etymologia, lhe accrescentárão um N, dizendo-se *Mannichêos*, isto é, os que semêão manná, acreditando com isto sua falsa doutrina como vinda do céo.

Publicava este filho de Satanaz que elle era o Espirito Santo promettido por Christo.

Tinha doze principaes discipulos, á semelhança dos doze apostolos, a que chamava mestres, esquecido de

que o Senhor prohibio aos seus este arrogante titulo; e á semelhança dos setenta e dous discipulos, tinha outros tantos bispos e presbyteros, com seus diaconos ordenados pelos mestres, dos quaes os mais fervorosos erão enviados a varias regiões, a propagar a sua seita.

A mais turba se chamavão Eleitos, ou Escolhidos; e os que pretendião, mas ainda não erão admittidos, se chamavão Audientes. Assentava como principal fundamento, que havia dous Deoses, ambos coeternos, um que era principio do bem, outro do mal, que é o diabo; e dizia que este já de sua propria essencia e natureza era máo.

Dizia mais que a terra, e toda a carne que n'ella se cria, era coeterna a Deos; e que o homem a principio fôra creado em fórma de besta, e que o sol era de figura triangular e redonda, e por conseguinte a mesma tinha Christo, pois elle era o sol material que vemos medir os dias e annos.

Adoravão pois os manichêos ao sol (e por seu respeito tambem a lua), voltando-se com o rosto para elle, e de noite para a lua, e, nos tempos que esta não apparece, viravão-se para onde o sol havia de renascer.

Ensinavão tambem que o Padre Eterno habitava em certa parte incognita; mas o verbo em uma virtude do sol, e a sabedoria na lua, e o Espirito Santo no ar; e que o homem, quanto á alma, procedia de Deos, como verdadeira parte de sua substancia; porém quanto ao corpo, fôra feito pelo diabo.

Persuadião-se que a alma, assim nos homens como nos animaes, tambem era racional, e nas plantas tam-

bem sensitiva, com verdadeira dôr quando as cortavão e desfructavão.

E não obstante a unidade d'esta alma geral, dizião que cada homem tinha duas almas, uma de bom principio, outra de máo, as quaes entre si pelejavão.

E admittião a transmigração das almas, estendendo-a até os animaes e plantas, especialmente áquellas de que o homem comia, para as quaes dizião que a sua alma se mudava; e a de qualquer matador, depois de sua morte, para o corpo do morto; mas as dos seus Audientes, para os corpos dos Eleitos; e a mais turba dos seus infieis, para os animaes e féras; e que depois d'esta transmigração, os homens se convertião em mulheres, e as mulheres em homens.

Com que de homens e mulheres, e de toda a casta de animaes e arvores, fazião uma ôlha podrida, tal como os seus entendimentos confusos e implicados, e mexidos por Satanaz.

Uma vez admittido que as plantas tinhão sentido e dôr, davão por illicito o cultivar os campos; porque isto não podia ser sem fazer muitas mortes, ou quasi homicidios; e assim os Eleitos não tiravão de qualquer arvore uma só folha. Pois que remedio para comerem quanta fruta quizessem?

Dizião que os seus Audientes podião colhêl-a para lhes offerecerem, porque a intuito d'este obsequio lhes era perdoado o seu delicto.

E sendo todos manjares como cousas materiaes, feitos pelo demonio, que traça darião para todavia comerem até fartar-se? Primeiro que os levassem á boca, amal-

diçoavão e injuriavão o seu Creador. V. g., ia o Audiente matar uma perdiz : punha-se guizada no prato ; offerecia-se ao Eleito, e este dizia magistralmente : Maldito seja quem te creou! digno é de toda a blasphemia e opprobrio!

E logo feita esta diligencia (como purificação do immundo d'aquelle manjar) trinchava, e dava com elle no estomago; porque com o tempero do tal protesto não fazia mal á crença do verdadeiro manichêo e Eleito professo.

Blasphemavão do Decalogo, negando ser obra do Deos bom. Negavão tambem os prophetas, dizendo haver sido ensinados por algum dos principes das trevas.

Mutilavão o Evangelho conforme lhes parecia; e introduzírão outro, *segundum Thomam*, feito por um discipulo de Manes, d'aquelle nome.

Dizião que a substancia do filho de Deos não era a mesma que a do Eterno Padre, senão uma só parte d'ella; e que Christo viera a livrar as almas sómente, e não os corpos, e que para isso não tomára verdadeiro corpo; senão que só por apparencia exterior encarnára, nascêra, morrêra, e resuscitára; porém que para nós, que temos corpos verdadeiros, não havia resurreição, nem dia de juizo.

Com semelhante impiedade affirmavão que S. João Baptista não crêra em Christo, e que se condemnára. Por odio que tinhão a todas as cousas materiaes, negavão o culto e honra dos martyres; e se indignavão de que os catholicos celebrassem a pascoa e pentecostes em memoria d'estes mysterios.

Supposto que usavão do baptismo, dizião ser de nenhum fructo. Fazião irrisão do adoravel e augustissimo mysterio da Eucharistia, negando que de pão se fizesse por transubstanciação o corpo de Christo. A materia da sua eucharistia, de que davão communhão aos seus, misturando-a com farinha, prohibe o pudor e honestidade declaral-a em vulgar; e era a mesma que Satanaz ensinára já de antes aos hereges gnosticos. Aborrecião e prohibião severamente o matrimonio, chamando diabolicas as suas leis. E se alguns dos seus Audientes casavão, lhe mandavão que impedisse a geração. Com que, se todos os homens fossem manichêos (como elles desejavão), era impossivel haver manichêo algum pelo tempo adiante. Condemnavão nos catholicos a virgindade, e tambem a esmola, por ser subsidio material do pobre. Desprezavão a dominação e jurisdicção dos magistrados e ministros. Tinhão para si que toda a guerra erra illicita e injusta; e por isso blasphemavão de Moysés, que despojára os Egypcios. Tudo na sua opinião se governava por fado, com absoluta e irrevocavel necessidade, e por conseguinte os peccados erão inevitaveis e forçosos; e o principio ou origem d'estes era sómente o diabo, e não o livre arbitrio humano; porque esse negavão de plano.

Sobre o fundamento falsissimo de que o corpo era feito pelo diabo, assentavão que era bom e louvavel fazerem-lhe contumelia com quantas torpezas e immundicias quizessem. Convocados pois os Eleitos, e tambem as Eleitas, nas noites das suas vigilias solemnes, e apagadas todas as luzes, fazião cousas horrendas, seme-

lhantes ás dos gnosticos, sem guardar mais differença nem pejo do que se fossem demonios. Algumas mulheres honestas entrárão enganadas; de uma diz Santo Agostinho que lhe valeu o clamar em altas vozes para escapar do conclave diabolico. E com serem tão devassos n'estes abominaveis vicios, por outra parte erão tão escrupulosos e ceremoniaticos, que se abstinhão de vinho e carne; e uma classe d'elles, chamados os catharistas, isto é, purificadores, que se prezavão de reformados, tinhão por crime horrendo provar ovos, queijo ou leite.

O anzol fraudulento, de que usavão para attrahir sequazes e ajuntar discipulos (e assim o fizerão com Agostinho), era a promessa falsa e jactanciosa de ensinarem um modo admiravel e simples de se introduzir com Deos, e ficarem livres de todo o erro e allumiados pelo Espirito Santo; e confiadamente affirmavão que todos os catholicos estavão cheios de superstições, e que a igreja romana primeiro obrigava a crer ás cegas; porém que elles primeiro mostravão a razão, não pretendendo que alguem cresse sem examinar o que havia de crer. Divulgavão os livros de Manes, ornados com apparatosos titulos e exquisita elegancia de palavras e figuras rhetoricas, para attrahir os ouvintes e compradores. Era livre aos manichêos tomar a religião dos christãos ou dos judêos, ou a dos ethnicos e pagãos; persuadindo-se que tudo era um, porque sempre adoravão um Deos, principio do bem. E finalmente, para dizermos de uma vez suas maldades, usavão de arte magica e invocação dos demonios. Claro está que doutrinas e costumes aprenderião de taes mestres!

O NÃO POSSO E O NÃO QUERO

(IV. 117.)

O não posso dos negligentes, e o não quero dos contumazes, valem quasi o mesmo; e se o não posso não é tão claramente immodesto, o não quero é mais ingenuamente verdadeiro.

VANTAGENS DA INCITAÇÃO

(IV. 117.)

A noz, o burro, o sino e o preguiçoso,
Sem pancadas nenhum faz seu officio;
Esta é fechada, aquelle vagaroso,
Um cala, o outro jaz sem exercicio;
Mas tanto que do ferro, ou páo nodoso,
Os duros golpes lhes sacodem o vicio,
O fructo abre, o animal pés amiuda,
O metal clama, o preguiçoso estuda.

BELLA RESPOSTA

(IV. 119.)

Tratando-se, no sagrado Concilio Tridentino, da reformação de varios estados de pessoas, quando houve

No anno pois de 1611 acudio, como é costume, grande multidão; mas com tão pouca religião e piedade, que muitos não se envergonhárão de bailar grande parte da noite, até dentro em sagrado, e de fazer alli outras cousas mais abominaveis, com tanta dissolução, que a Virgem, alli adorada na sua imagem, não quiz attender aos titulos que exaltão sua clemencia, senão aos que respeitão a sua pureza. Porque á meia-noite foi vista baixar do céo áquelle monte; e tendo nas mãos duas tochas acesas, pegou fogo ás estancias de proposito fabricadas para hospedar os peregrinos; e em menos de hora e meia derrubou e abrasou tudo, ficando mortas n'aquelle lugar mais de 1500 pessoas, parte entre as chammas, parte entre as ruinas. E para que constasse claramente que não fôra casual infortunio, mas vingança do céo irado, a mesma Virgem, ao descer desde o alto com o fogo nas mãos, se deixou ver de cinco pessoas, que havendo ficado vivas, contestárão o caso com juramento; e servio de confirmação (horrorosa para os olhos, e desenganada para os juizos) haverem-se achado entre os mortos muitos homens em trajo de mulheres, e muitas mulheres em trajo de homens; para que se tirasse de permeio aquelle unico distinctivo que pudera separar a communicação nos bailes e na hospedaria.

Eis-aqui as indulgencias que estes ião ganhar á igreja; eis-aqui a adoração da Virgem que os levava.

Perdôe Deos áquelles a quem toca atalhar estas affrontas da honra divina, e esta perdição das almas; perdôe-lhes, digo, o não acabarem de ter entendido que romarias, sendo no mesmo tempo e no mesmo templo,

com dissolução e sem cautela, para homens e mulheres, estão convertidas em feiras de peccados de gula, ira, furto, soberba, vaidade e luxuria; porque polvora e fogo, nem diante de Deos hão de caber juntos!

VAIDADES DE SENHORES

(IV. 156.)

Os grandes do mundo affectão roçar-se com a divindade, e mostrar seus assomos de omnipotencia. E se lhes falta a luz da fé, de que pende a manuducção do conhecimento proprio, sahem em atrevimentos bem ridiculos; quaes forão os que acima já referimos de Xerxes açoutando o mar porque lhe derribou uma ponte, e o de Cyro retalhando o rio Gindes em 360 vallas. Accrescentemos agora o de um imperador romano, que mandava dourar-se as barbas e se punha mui sisudo e immovel dentro em um nicho, para que o adorassem. Alexandre Magno ainda se inchou mais de sua presumpção; porque não sómente se queria respeitado como cousa divina, senão que cressem podia constituir Deos a quem elle quizesse! O caso tambem fica referido.

Os lisongeiros (que raramente faltão aos lados d'estas personagens) são os folles que lhe mettem mais vento no coração. Ponho exemplo nos agalaris do serralho do grão turco, que são uns moços do serviço do palacio, distribuidos em varias ordens e ministerios, e todos es-

colhidos e de boa presença, que não causem tristeza ao grão senhor. Têm guarda de eunuchos brancos, e andão cabeça rapada e com coifa, e uns tufos que lhe cobrem as orelhas. Estes agalaris assistem á mesa do sultão, entre outros chocarreiros que o divertem com gestos e ditos ridiculos; e elle, lançando-lhes algum pedacinho de pão como a cães, correm todos depressa a levantal-o, e o repartem entre si em migalhas, como reliquias de summa estimação, de que o sultão fica mui ufano e satisfeito.

Assim passa tambem nos palacios dos outros reis; porque todos têm ao redor de si muitos agalaris, que com seu prompto abatimento procurão dar-lhes exaltação em todas as cousas; e qualquer palavra que o rei diz, qualquer acção que faz, qualquer vontade que mostra, a celebrão, publicão e canonisão; e estão á espreita das occasiões para ganharem sempre graça com o rei.

Assim o pretendêrão fazer com el-rei Canuto I, rei de Inglaterra; porém este se portou com tal discrição e modestia, que elles ficárão bem reprehendidos, e sómente Deos glorificado. Foi o caso que estando este rei desde a praia, espalhando os olhos pelas aprazíveis lhanuras do mar sereno, um fidalgo dos que alli se achavão lhe disse :

— Oh! bemaventurado tu, rei, que dominas o mar e a terra!

— Quero (respondeu elle) fazer experiencia do meu dominio, que tanto exaltas.

E logo chegando-se para onde a maré vinha esten-

dendo a sua jurisdicção, com successivos augmentos, disse fallando com as ondas :

— Mando-vos que não chegueis aqui, nem vos atrevais a offender-me.

Apenas tinha posto o fingido preceito, quando, quebrando-se na praia uma onda mais soberba, o salpicou todo, deixando-lhe os vestidos mal parados; então voltando-se para os da sua comitiva, disse :

— Não está pelo meu mandado, como vós dizeis; porque tem outro rei; segui-me, que eu vôl-o mostrarei.

E logo deu os passos para uma igreja que ficava proxima, onde tirando da cabeça a corôa, a pôz na de um crucifixo : e nunca mais usou d'esta real insignia, dizendo ser propria do Senhor, que unicamente é Senhor, e a quem todas as cousas obedecem.

FIM DO TOMO PRIMEIRO

PARIS. — TYP. DE SIMÃO RACON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

de se fallar dos cardeaes, disse não sei quem dos que estavão presentes :

— Os illustrissimos e reverendissimos cardeaes não necessitão de reforma.

Ouvindo isto o arcebispo de Braga, entrou-se de zelo, e levantou a voz, dizendo :

— Os illustrissimos e reverendissimos cardeaes necessitão de uma illustrissima e reverendissima reforma.

OCULOS MORAES

(IV. 121.)

Ha oculos lavrados em tal fórma que as cousas pequenas representão como grandes; e outros, pelo contrario, que as cousas grandes representão como pequenas. A malicia ou ignorancia humana tambem usa d'esta optica : com os primeiros oculos vê as faltas das pessoas ordinarias, a quem despreza : com os segundos as das pessoas sublimes de quem depende.

Conta-se que caminhando certo homem douto de Baviera para Tyrol pela Austria inferior, adoeceu de febres, e veio a morrer em uma aldêa. Antes que o padre cura do lugar o enterrasse, o juiz da terra com os vereadores, arrecadando e revolvendo as malas do defunto, encontrárão alli com um microscopio, que é um vidrinho concavo lavrado por arte dioptrica, onde mettidas as cousas pequenas apparecem de disforme grandeza, de sorte que até um cabello se vê oco por dentro, como

uma canna. N'este oculo estava então mettida uma pulga; e como aquelles rusticos não tivessem noticia de semelhante instrumento, e vissem dentro bulir um bicho de estranha e monstruosa figura, quanto mais olhava um e olhava outro, mais se admiravão todos. Vierão emfim a persuadir-se que era demonio familiar, encerrado alli por pacto, como costumão fazer os magicos, em alguma redoma ou em um escriptorio. Então cresceu o horror nos da consulta, e dizião :

— Pois se este homem era artemagico, e assim morreu miseravelmente, sem desfazer o pacto, não se enterre em sagrado!

Durou tempo a controversia; até que, ou de proposito, ou acaso aberto o vidrinho, sahe a pulga, e trocou-se o horror em riso de uns e confusão de outros.

Eis-aqui em figura o que passa no avaliarmos os defeitos ou peccados do proximo! Em pessoas a quem desprezamos, ou lhes não somos bem affectos, uma pulga nos parece um demonio; mas em outras de quem dependemos, e a quem veneramos, um demonio nos parece uma pulga; aquellas são para nós excommungadas; estas metteremos até em um sacrario. Oh! quem fizera em pedaços este microscopio da nossa malicia, que tão falsamente representa os objectos!

LENDA DO SACERDOTE NU

(IV. 122.)

Veio chamado á presença do arcebispo de Braga um

sacerdote que, esquecido da precisa obrigação de seu alto gráo, era amigo de Bacho e Venus; e querendo aquelle santo prelado dar-lhe reprehensão, começou perguntando-lhe como se chamava; respondeu :

— Fulano de Benevides.

Tornou o arcebispo :

— Melhor vos chamárão de Bene-bibis, e de Male-vivis.

No anno de 1590, na cidade de Huete do bispado de Cuenca em Hespanha, um sacerdote, distrahido com certa occasião do mesmo genero de *Male-vivis*, entrou na sacristia do uma parochia para dizer missa, e com effeito se revestio, e pôz no altar. Mas, levando depois o sacristão as galhetas providas, vio (tão claramente que não pôde duvidar que o víra) que o tal sacerdote no altar estava nú e em carnes, e que tinha por acolytho um demonio, cujo horrendo aspecto o atemorisou de modo que, perdendo o sentido, cahio pelos degráos do altar abaixo. Tornando em seu accordo, recolheu-se á sacristia, e esperou pelo sácerdote, e vio como depunha os ornamentos, e que ficava nos seus habitos de ecclesiastico, de que se maravilhou muito, duvidando se se enganára na primeira vista, ou n'esta segunda.

Communicou o caso a outros amigos seus, que, levados da curiosidade, vierão no seguinte dia ouvir missa do mesmo sacerdote, e forão testemunhas do mesmo prodigio.

Divulgou-se pois o caso por toda a cidade, e só o mesmo sujeito o não sabia, sendo que de boa razão, e por obra de caridade, o devião avisar primeiro. Uns

crião, outros não crião, outros duvidavão; quizerão desenganar-se por seus proprios olhos, e encheu-se a igreja de gente a ouvir a missa do dito padre. E com effeito o virão no altar em carnes, e o demonio levando-lhe o missal, e ministrando como acolytho!

Um padre da companhia de Jesus, que fôra a ver o mesmo espectaculo, movendo-se á compaixão, fallou á parte ao sacerdote, e lhe declarou a causa de tão geral concurso, não costumando a ouvir a sua missa mais que duas ou tres pessoas, e o exhortou á penitencia; e elle, deixando-se penetrar do desengano e sentimento que tão estranha e publica demonstração merecia, deixou aquella occasião, confessou-se com muitas lagrimas, fez rigorosa penitencia; e depois tornando á mesma igreja o virão todos com vestiduras riquissimas, e que um anjo, levando o missal diante, lhe ministrava como acolytho, com que recuperou a opinião e honra perdida.

LENDA DO INCENDIO MILAGROSO

(IV. 139.)

No reino de Napoles, e confins de Campania Feliz, ha um monte ermo, que toma o nome de uma igreja de grande devoção, com o orago de nossa Senhora, e se chama o Monte da Virgem. Pela festa do Espirito-Santo concorre tanta gente circumvizinha á indulgencia d'aquella igreja, que talvez se contárão juntas seis mil pessoas!

CATALOGO

DA LIVRARIA

)E B. L. GARNIER

RIO DE JANEIRO

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, MESMA CASA, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6, E PALAIS-ROYAL, 215

Todos os livros mencionados neste catalogo poderáõ tambem ser mandados pelo correio mediante o augmento de 15 °/. sobre o preço dos mesmos

Nº 23

OBRAS PRINCIPAES

JORNAL DAS FAMILIAS

BLICAÇAO MENSAL, ILLUSTRADA, LITTERARIA, ARTISTICA, RECREATIVA, ETC.

ORNADO DE FIGURINOS, VINHETAS, GRAVURAS SOBRE AÇO, AQUARELLAS, SEPIAS, PEÇAS DE MUSICA, DESENHOS DE TRABALHOS SOBRE TALAGARSA, DE CROCHET, DE PONTO DE MEIA, LÃA E BORDADOS, MOLDES DE VESTIDOS, CAPAS, E EM GERAL DE TUDO O QUE É CONCERNENTE A TRABALHOS DE SENHORAS.

A redacção d'esta linda publicação, unica no seu genero em portuguez, é a mesma e a da *Revista Popular*, já conhecida de ha quatro annos pelo seu talento e pela ıralidade que preside aos seus escriptos, que serão sempre variados, instructivos ımenos. A confecção material tambem nada deixa a desejar; a impressão é feita n muito esmero, e das gravuras musicaes, etc., estão encarregados os melhores istas de París.

AS ASSIGNATURAS SÃO ANNUAES :

Para a côrte e Nitherohy. 10 $\not{S}$ 000
Para as provincias . . . . 12 $\not{S}$ 000

LIVRO DE LEMBRANÇAS

Ou memento diario, dando por cada dia do anno meia folha de papel em branco para fazer qualquer assento ou lembrança, e contendo : Uma lista dos principaes habitantes da côrte com suas moradas e profissões, um calendario, os ministerios, os dias de gala e feriados, todos os detalhes relativos á partida dos correios, com a tabella do porte para fóra do imperio, segundo a convenção feita com o governo francez, a taxa dos preços dos carros publicos, as horas de sahida dos vapores tanto do exterior como da côrte, a taxa do sello das lettras, um quadro do anno civil para facilidade de calcular-se os dias entre duas datas, e um de reducção dos pesos e medidas, uma taboa do cambio da moeda ingleza em reis, um quadro de juros de qualquer somma de 1 a 24 %, etc., etc.

Todos reconhecem a utilidade d'este livro. Como memorial, tem-se sempre á vista, *dia por dia*, qualquer assento ou lembrança de qualquer cousa que se tenha de fazer ou que esteja feita; e assim é o unico meio de evitar esquecimentos muitas vezes prejudiciaes, tornando-se por isso indispensavel a todos os particulares, casas de commercio, escriptorios, administrações, etc., etc.

1 volume elegantemente encadernado... 2 $ 000

RELIGIÃO

CASTIGO DE DEOS. 1 vol. brochado. . . . . 5 $ 000

DEVERES DOS HOMENS, ou Moral do christianismo explicada por Silvio Pellico.
1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 500

† **LIÇÕES SOBRE A INFALLIBILIDADE** e o poder temporal dos papas, pelo Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

NENIA IMPROVISADA, recitada e offerecida a SS. MM. o Imperador e a Imperatriz do Brasil por occasião de celebrar-se a missa pelo anniversario do passamento da Senhora D. Maria II, pelo Dr. José Thomaz d'Aquino. 1 vol. br. 2 $ 000

NOVISSIMAS ORAÇÕES SACRAS e panegyricas, por um Benedictino. 2 vol.
brochados. . . . . 2 $ 000
Encadernados . . . . 3 $ 000

RESPOSTA DE UM CHRISTÃO ÁS PALAVRAS D'UM CRENTE, pelo padre Bautain. 1 vol. brochado. . . . . 5 $ 000

SERMÕES DO PADRE JOAQUIM DA SOLEDADE PEREIRA. 2 vol. in-4 brochados. . . . . 5 $ 000

TENTATIVA DE PONTIFICIDIO, ou o attentado dos Jesuitas contra a vida do papa Pio IX, opusculo manuscripto expedido de Roma para todas as cidades catholicas, relatando todos os precedentes e circumstancias que attingírão a este doloroso e horrivel acontecimento. 1 vol. brochado. . . . . 4 $ 000

LIVROS DE EDUCAÇÃO, CLASSICOS DE INSTRUCÇÃO, ETC.

ADAPTAÇÃO DO NOVO CURSO PRATICO, ANALYTICO, THEORICO E SYNTHETICO DA LINGUA INGLEZA, de T. Robertson, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por Joaquim Russell. 3 vol. in-4. . . 10 $ 000
Cada volume contendo 20 lições vende-se separadamente ao preço de. 4 $ 000

ADAPTAÇAÕ do novo curso pratico, analytico, theorico e synthetico da lingua ingleza, de **T. ROBERTSON**, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por Joaquim Russell, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica para uso do Imperial Collegio de Pedro II, 3ª edição, 3 vol. in-4 encadernados. 15 $ 000
Cada volume vende-se em separado.. . . . . 5 $ 000

Inutil seria fazer a apologia do methodo de Robertson, hoje quasi que geralmente adoptado para o ensino das linguas vivas, e ainda para o das mortas; convinha porém que accommodado fosse elle á mocidade que falla o idioma portuguez, e para esse fim importava que houvesse quem, possuindo amplo conhecimento das duas linguas, mostrasse as relações que entre ellas existem, e quaes as suas differenças caracteristicas. D'esse trabalho incumbio-se o Sr. Dr. Joaquim Russell, a quem longa pratica do magisterio habilitára para introduzir entre nós um systema cuja proficuidade é reconhecida por todo o mundo civilisado. Desapparecêrão as difficuldades, outr'ora quasi que insuperaveis, que se oppunhão ao estudo do inglez, e hoje qualquer pessoa, ainda sem o soccorro de mestre, poderá, graças a Robertson e ás judiciosas applicações que do seu methodo fez o Sr. Dr. Russell, aprender com perfeição e em muito pouco tempo uma das mais necessarias linguas que se fallão nas cinco partes do mundo.

A LINGUA FRANCEZA ENSINADA PELO SYSTEMA OLLENDORFF. Novo methodo pratico e theorico confeccionado para os Brasileiros pelos professores Carlos Jansen e Francisco Polly. 1 vol. in-4° encadernado.

Este Methodo, o mais seguido hoje na Europa, recommenda-se á primeira vista pela singeleza da forma, e pelo desenvolvimento facil, mas constante, de seu abundante material.
Diz o Sr. Ollendorff no prefacio de suas obras :
« Meu systema de ensinar uma lingua moderna tem por base o principio que quasi toda a

pergunta encerra o material da resposta que se deve ou póde dar. A pequena differença entre a pergunta e a resposta explica-se previamente de maneira que o alumno nenhuma difficuldade encontrará em responder ou mesmo em formar outras semelhantes phrases. Como pergunta e resposta são analogas, o alumno, ouvindo proferir a primeira, facilmente saberá pronunciar a segunda. Este principio é tão evidente, que salta á vista ao abrir este methodo. »

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ, traduzidas do original inglez por DE FOË. . . . . 5 $ 000

Robinson Crusoé é uma d'essasobras primas que chegárão ás extremidades do mundo conhecido e forão traduzidas em todas as linguas. A obra de Daniel de Foë é, na verdade, uma das mais interessantes e uteis que se possa offerecer á mocidade. « E' impossivel, disse um critico judicioso, achar uma ficção mais seguida, um interesse mais vivo, lições mais aproveitaveis. »
Uma boa traducção d'esta obra prima não póde portanto deixar de ser bemvinda. A que acabão de dar á luz os Srs. Garnier irmãos merece a todos os respeitos ser bem acolhida pelo publico. Consta de dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras.

AVILA (JOSÉ JOAQUIM DE). **Elementos de Algebra.** 1 vol. in-4. . . . 2 $ 600

— **Elementos de Algebra** para uso dos collegios de instrucção secundaria. 1 vol. in-4. . . . . 3 $ 000

— **Elementos de Arithmetica.** Compendio approvado pelo conselho de Instrucção Publica, e adoptado pelo Imperial Collegio de Pedro II, pelas escolas publicas, e por muitos collegios da côrte e do interior. 1 vol. in-4.

— **Elementos de Arithmetica** (Resumo), Compendio adoptado pelo conselho director da Instrucção Publica, com approvação do governo, para uso dos collegios de instrucção primaria. 1 vol. in-4.

Sendo as sciencias mathematicas um dos ramos de conhecimentos mais necessarios para o uso da vida, indubitavel é que presta relevante serviço quem põe-nas ao alcance das juvenis intelligencias. E' por certo um d'esses felizes iniciadores o Sr. major do corpo d'engenheiros e lente jubilado da escola de marinha José Joáquim d'Avila, autor da obra supramencionada. Conforme o juizo de pessoas competentes, consultadas officialmente, as obras do Sr. major Avila que de preferencia deve consultar a juventude para a boa comprehensão d'estas materias, servindo de prova d'esta aperção o benigno acolhimento com que foi recibido, e a sua adopção não só para o Collegio de Pedro II e Escolas militares, como ainda para as classes d'instrucção primaria ao municipio da côrte e da provincia ao Rodizanino.

† **BARKER** (ANTONIO MARIA). **Compendio da doutrina christã,** que, para se salvar, deve cada um saber, crer e entender. 1 vol. brochado . . . . . . 2 $ 000

— **Compendio de civilidade christã,** para se ensinar praticamente aos meninos. 1 vol. brochado . . . . 2 $ 000

— **Rudimentos arithmeticos,** ou taboadas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir, para por ellas se ensinarem aos meninos pratica e especulativamente as quatro operações dos numeros inteiros, com as principaes regras dos quebrados e decimaes. 1 vol. brochado . . . . 2 $ 000

— **Syllabario portuguez,** ou Arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes. . . . . 4 $ 000
Cada parte vende-se em separado. . . . . 2 $ 000

— **Bibliotheca juvenil,** ou Fragmentos moraes, historicos, politicos, litterarios e dogmaticos extrahidos de diversos autores e offerecidos á mocidade brasileira. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . 2 $ 000

CATECHISMO DE NOÇÕES GERAES explicadas á primeira infancia, publicado para uso das crianças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil, pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA, da primeira idade, por Cyrillo Dilermando da Silveira, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado . . . . 2 $ 000

D'entre as numerosas grammaticas que se tem escripto para o ensino da lingua portugueza nem uma póde competir em clareza, methodo e concisão com a que ora annunciamos. D'esta verdade convencêrão-se o Conselho director da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte e a Directoria geral da instrucção publica da provincia do Rio de Janeiro, adoptando-a para o uso das escolas primarias. Pondo em contribuição as doutrinas dos melhores grammaticos, soube o Sr. Cyrillo Dilermando extrahir d'ellas o que era absolutamente indispensavel e comprehensivel á primeira infancia, a quem particularmente consagra o seu livro. Enumerando com rara precisão as regras, colloca embaixo de cada pagina, com as respectivas referencias, um questionario; satisfeito o qual, fica o alumno por si mesmo convencido de saber a sua lição sem que necessite recorrer a outro. Numa palavra o *Compendio de Grammatica portugueza* do S. Cyrillo é uma das obras mais elementares que possuimos, e cujo merito abonão não só as approvações que acima citámos, como o favoravel acolhimento que tem recebido tanto nesta como nas demais provincias do imperio.

DICCIONARIO ITALIANO-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-ITALIANO, por Antonio Bordo. 2 fortes vol. in-8 grande, bem encadernados. . . . 14 $ 000

Ficou por muitos annos esquecido entre nós o estudo da lingua italiana, apezar de sua reconhecida utilidade, da sua nomeada belleza, e da facilidade com que, em razão da sua analogia com o idioma brasileiro, podia ser adoptada pelos litteratos de nossa terra: não faltárão recommendações de homens illustrados, que, compenetrados da necessidade de popularisar no Brasil a litteratura classica italiana, a mais rica talvez entre todas, para desenvolver no paiz o genio litterario e apurar o nosso gosto, conseguirão por fim que fosse ensinada em cadeiras publicas; hoje portanto tornou-se a lingua italiana de uso geral, e necessaria entre pessoas illustradas; nenhuma das senhoras brasileiras de delicada educação póde ignorar um idioma que adquire, fallado por ellas, ainda maior graça e suavidade. O Diccionario do Sr. *Bordo*, composto á vista dos mais distinctos escriptores da Italia, e em conformidade com o grande Diccionario *della Crusca*, offerece não sómente o mais rico thesouro de vocabulos exactamente traduzidos, como as regras de sua verdadeira pronuncia, e torna-se sufficiente para perfeita intelligencia de qualquer obra italiana, sendo, além d'isso, o primeiro e unico auxilio para a traducção da lingua italiana em portuguez ou da portugueza em italiano.

DICCIONARIO DAS PALAVRAS DE CORNELIO NEPOS, pelo Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, obra approvada pelo conselho de instrucção publica e adoptada no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-12 encadernado. 1 $ 500
A mesma obra com o Cornelio. 1 vol. encadernado. . . . . 2 $ 000

ELEMENTOS DE ARITHMETICA para instrucção primaria, por Joaquim Romão Lobato Pires. 1 vol. encadernado.. . . . . 1 $ 500

ELEMENTOS DE GEOMETRIA, Trigonometria rectilinea e espherica, por Bezout. 1 vol. in-8 com estampas, encadernado. . . . . 3 $ 000

ELEMENTOS DE PHILOSOPHIA, compendio apropriado á nova forma de exames da escola de medicina do Rio de Janeiro, por Moraes e Valle. 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. . . . . 6 $ 000

ENCYCLOPEDIA DA INFANCIA, ou primeiros conhecimentos para uso dos meninos. 1 v. in-12, illustrado com muitas lindas gravuras.

Esta pequena obra é uma d'aquellas cuja leitura póde ser de mais proveito para os meninos. E' illustrada com lindas gravuras, e contêm. sob uma forma agradavel, os elementos dos primeiros conhecimentos. Pelos titulos de alguns capitulos d'este livro poder-se-ha apreciar a sua utilidade : Aos meninos que começão a ler. — Deos creador de todas as cousas. — O universo. — O sol. — As estrellas. — Os planetas. — A terra. — A lua. — Eclipses da lua e do sol. — O homem. — Homens de differentes côres. — Os animaes. — Os quadrupedes. — As aves. — Principaes povos e cidades da Europa. — Principaes povos e cidades da Africa. — Principaes povos e cidades da America. — Principaes povos e cidades da Oceania. — Povos mais celebres da antiguidade. — Religião dos Gregos e dos Romanos ou a Mythologia. — Divisão do tempo. — Principaes linguas antigas.

ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMOS da lingua portugueza, por D. Fr. F. de S. Luiz, 2 tomos encadernados em 1 vol. . . . . 4 $ 000

÷ **ESTUDOS SÔBRE O ENSINO PUBLICO,** pelo Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. 2 vol. brochados. . . . . 7 $ 000

GRAMMATICA DA LINGUA ITALIANA, seguida de algumas observações por ordem alphabetica, por Falletti. 1 vol. brochado . . . . 2 $ 000

LIÇÕES MORAES E RELIGIOSAS, para uso das escolas de instrucção primaria, com approvação do Exmo Bispo Capellão-Mór conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrucção da provincia do Rio de Janeiro, por José Rufino Rodrigues Vasconcellos, chefe de secção da 4a directoria geral da secretaria de estado dos negocios da guerra, cavalleiro da ordem de Christo, membro fundador e ex 1o secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro. 1 vol. in-8. . . . . 2 $ 000

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA. Excerptos dos principaes autores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas; obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores actuaes da lingua portugueza, e dirigida por Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho; 2a edição publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fernando, de Portugal.

MANUAL DA CONVERSAÇÃO E DO ESTYLO EPISTOLAR para o uso dos viajantes e da mocidade das escolas; **Portuguez-francez**; por Carolino Duarte. 1 vol. elegantemente cartonado. 1 $ 000

— **Portuguez-inglez,** por Carolino Duarte e Clifton. 1 vol. elegantemente cartonado. . . . . 1 $ 000

MANUEL DE LA CONVERSATION et du style épistolaire à l'usage des voyageurs et de la jeunesse des écoles; en six langues : **Français-Anglais-Allemand-Italien-Espagnol-Portugais,** por Clifton, Vitali, Ebeling, Bustamante e Duarte. 1 vol. relié . . . . 3 $ 000

÷ **METHODO FACIL PARA APRENDER A LER.** 1 vol. encadernado. . 500

NOÇÕES PRATICAS E THEORICAS DA LINGUA ALLEMÃA, compostas para servirem de compendio no Imperial Collegio de Pedro II, por Berthold Goldschmidt, professor no mesmo collegio. 2 vol. in-8 brochados. . . . 7 $ 000

Encadernados . . . . 8 $ 000

Em duas partes divide-se esta interessante obra: na primeira busca o autor familiarisar o alumno com a lingua allemãa por meio de dialogos, exercicios e trechos litterarios. Buscando de preferencia para assumpto d'esses dialogos objectos triviaes, chama d'esta arte sobre elles a attenção, ao passo que fixa-os na memoria fazendo-os decorar e copiar repetidas vezes. Consagra a segunda parte ao estudo das regras, acompanhando-as logo da necessaria applicação. O emprego dos exames, ou questionarios, collocados no fim de cada regra, tem a summa vantagem d'adestrar os alumnos na conversação, obrigando-os a estudarem e repetirem essas mesmas regras. O methodo do Sr. professor Goldschmidt tem todas as vantagens do ensino pratico sem participar de nenhum dos seus vicios, habilitando o alumno desde a primeira lição a construir orações semelhantes ás que são dadas para modelo.

Importante é a segunda parte d'estas *Noções*; porquanto nellas encontrar-se-hão com a maior simplicidade as regras fundamentaes da grammatica, com a mais completa maneira de declinar os substantivos, assim como de conjugar os verbos regulares e irregulares, que, como é geralmente sabido, constituem a maxima difficuldade no estudo de qualquer lingua.

Reconhecida, como está, a vantagem de cultivar-se o idioma de Gœthe e de Schiller, nem um methodo nos parece para isso mais azado do que o do esclarecido professor do Imperial Collegio de Pedro II.

NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA-FRANCEZA, ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um Tratado dos verbos irregulares e de exercicios progressivos para as differentes forças dos discipulos, por Edouard de Montaigu. 2 nitidos vol. in-8 encadernados. . . . . 4 $ 000

Esta grammatica, fructo de muitos annos de pratica e experiencia, foi acolhida com applauso á sua apparição, não só pela imprensa brasileira, como tambem pelos professores.

Muito longo seria enumerar tudo quanto se disse a seu respeito; limitar-nos-hemos pois a transcrever aqui a opinião do *Jornal do Commercio* do 21 de novembro de 1861.

« O Sr. Garnier acaba de prestar mais um serviço ao ensino publico, imprimindo um d'esses livros uteis que nunca serão de mais, por maior que possa ser o seu numero. E' uma *nova grammatica franceza* escripta em portuguez pelo Sr. Eduardo de Montaigu, cuja longa pratica do magisterio o habilitava a conhecer a fundo as necessidades d'esta especie de ensino. Já tinhamos, é verdade, alguns bons trabalhos nesta especialidade; mas como nunca será possivel attingir a perfeição, sempre ha de ser um verdadeiro serviço apresentar outros novos, que, aproveitando o que nos anteriores houver aproveitavel, lhes vão pouco a pouco corrigindo os defeitos.

« A obra que temos presente recommenda-se pela clareza da exposição, e sobretudo pelo desenvolvimento dado a todas as partes do discurso, e especialmente aos verbos, que, como diz o autor, são a chave da lingua. Encontramos tambem a conjugação completa de todos os verbos irregulares simplices, com a indicação dos compostos que por elles se conjugão, o que é sem duvida um grande auxilio para os principiantes, e mesmo para os que já sabem alguma cousa.

« O methodo seguido é o que tão geralmente vai sendo adoptado, e que consiste em logo em seguida ás regras offerecer exercicios, por meio dos quaes o discipulo, applicando-as, fique insensivelmente com ellas gravadas na memoria, sem o aborrecido e enfadonho trabalho de decora-las, que é o que tantas vezes faz esmorecer o alumno.

« A obra divide-se em dous volumes, dos quaes o primeiro contém o que em rigor compõe uma grammatica, comprehendida a syntaxe, assaz minuciosamente explicada, afóra um vocabulario das palavras mais usadas nas duas linguas, emquanto o segundo é exclusivamente dedicado a progressivos exercicios praticos, que, ao passo que vão gradualmente iniciando os discipulos nas especialidades e finuras da lingua, o familiarisão com o estylo e os nomes dos mestres da litteratura, de cujas obras são tirados os differentes modelos que se apresentão.

« Obras como esta com prazer as registramos, abstendo-nos todavia de fazer comparações e estabelecer preferencias, que só podem ser dictadas pela pratica e exercicio do professorado. »

NOVA RHETORICA BRASILEIRA, pelo Dr. Antonio Marciano da Silva Pontes, obra approvada pelo conselho director e adoptada para o Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 5 $ 000

Encadernado. . . . . 6 $ 000

NOVO SYSTEMA PARA ESTUDAR A LINGUA LATINA, por Antonio de Castro Lopes. 2 edição melhorada. Autorisado pelo Conselho de Instrucção Publica, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, e em muitos outros da côrte e das provincias. 1 vol. in-8. . . . . 5 $ 000

PINHEIRO (Conego Dr. J. C. Fernandes). **Catechismo da Doutrina Christãa**, composto para o ensino dos alumnos do Instituto dos Meninos Cegos; obra adoptada pelo Conselho de Instrucção publica para as escolas primarias da côrte, pelo Imperial Collegio de Pedro II, e muitos outros da côrte e do interior, approvada pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo do Rio de Janeiro. 1 vol. in-8 grande. . . . . 1 $ 000

Bem ardua é a missão do que tem d'explicar ás enfantis intelligencias os sublimes mysterios da religião do Christo; e por isso, apezar da grande abundancia de catechismos e cartilhas, poucos ha que preenchão o seu fim. Neste ultimo caso está incontestavelmente o que para o uso dos jovens cegos compoz o Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, quando foi pelo governo imperial incumbido de lecciona-los. Espargindo o perfume da elegancia e das graças do estylo, plantou a fé nesses corações que só á descrença parecião condemnados, e por veredas semeadas de flores conduzio seus neophytos ao redil da Igreja. Numa mui lisongeira carta que lhe dirigio, e da qual por modestia apenas dá-nos um extracto, reconhece o sabio bispo do Rio de Janeiro a excellencia do methodo do douto ecclesiastico, e recommenda o seu catechismo, cuja orthodoxia solemnemente proclama. Accedendo ao convite do santo prelado fluminense, apressou-se o Conselho da instrucção publica do municipio da côrte, e a Directoria das aulas da provincia do Rio de Janeiro, d'adopta-lo para o uso das classes primarias, exemplo este seguido por grande numero de collegios e casas d'educação. A terceira edição, que ora annunciamos, foi consideravelmente melhorada pelo autor, refundindo o seu plano em ordem a torna-lo cada vez mais apropriado ao seu fim, e annexando ao catechismo um appendice com as orações mais necessarias á vida d'um verdadeiro christão.

— **Curso elementar de litteratura nacional.** 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris.. . . . . 7 $ 000

De ha muito que sentia-se a necessidade d'um livro destinado á analyse das obras que no rico idioma de Camões e de Caldas se tem escripto.

Incompletos, e pela mór parte compostos em linguas estranhas, erão os trabalhos até agora entregues ao dominio publico, e vergonhoso era que, possuindo a mocidade brasileira e portugueza noções mais ou menos completas das litteraturas antigas e modernas, ignorasse quasi que completamente o que de bom possuia na sua. Para encher esse vazio, que por experiencia conheceo no magisterio exercido no Imperial Collegio de Pedro II, emprehendeo o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro a confecção d'um *Curso elementar de litteratura nacional*. Desejoso de comprehender em limitado espaço abundancia de materia, incluio o illustre professor no seu trabalho a historia litteraria portugueza e brasileira, a bibliographia e a analyse summaria das obras de maior vulto escriptas num ou noutro lado do Atlantico. A maior imparcialidade dicta os seus juizos, e nem uma animosidade, nem um falso patriotismo envenena suas apreciações. Composta para o uso dos alumnos do ultimo anno do Imperial Collegio de Pedro II, tem a obra o cunho didactico, reunindo em si todas as vantagens de semelhantes escriptos.

— **Episodios da historia patria** contados á infancia, obra adoptada pelo conselho director da instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . . 2 $ 000

Derramar os conhecimentos uteis por todas as classes da população é por certo tarefa digna d'encomios; muito maior porém é o serviço ao paiz prestado, quando, deixando a sua cadeira

academica, vem sentar-se um litterato no banco das escolas, ensinando aos meninos os primeiros rudimentos da historia patria. Neste ultimo caso acha-se o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, que, na phrase do S. Norberto, *ao passo que escreve para os sabios, com elles repartindo suas lucubrações, não se esquece da infancia, esboçando-lhe sem apparato d'erudição, ou alarde d'historiador, esses quadros da historia patria que tão facilmente se prestão á comprehensão infantil pelo seu colorido tão natural e tão cheio de novidade.*

Em trinta capitulos dividem-se a obrinha que annunciamos, e nelles se enumera o que ha de mais notavel nos annaes brasilicos, expostos com a maior simplicidade, e destinados a serem lidos com prazer, e, se possivel fôr, decorados pela infancia d'ambos os sexos. E' um admiravel diorama, que, variando sem cessar de vistas, recreia a imaginação e fortalece o espirito. »

RECREAÇÃO BRASILEIRA, scientifica e moral, dedicada á mocidade de ambos os sexos, por SEBASTIÃO FABREGAS SURIGUÉ. 1 vol. brochado. 320

THESOURO JUVENIL, ou noções geraes de conhecimentos uteis para uso das escolas, por LUIZ FRANCISCO MIDOSI. 1 vol. brochado . . . . 6 $ 000

TRINOCQ (CAMILLO). **CURSO DE ESTUDOS ELEMENTARES.** Collecção de Tratadinhos separados, contendo as mais uteis noções ácerca dos principaes ramos de conhecimentos, comprehendendo :

— **Primeiro Livro de Leitura,** contendo : Syllabario, Orações, Historietas, Noções de Arithmetica, Modelos de Lettra manuscripta. 1 vol. in-8. . . . 1 $ 000

— **Resumo da Geographia Geral,** antiga e moderna, 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Mythologia.** 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia Santa,** contendo o Antigo e o Novo Testamento. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa** Antiga. 1 vol. in-8. . . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa,** durante a Idade Media. 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa** Moderna. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da America.** 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Elementos de Algebra.** 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Elementos de Geometria.** 1 vol. in-8, com estampas. . . . . . 1 $ 000

— **Elementos de Astronomia,** seguidos de uma noticia ácerca do Calendario. 1 vol. in-8, com um Planisphero celeste. . . . . 1 $ 000

Resumir em estreito quadro os factos que mais convem ao joven conhecer; coordenar o todo de maneira a ter entre suas partes relação e nexo; pôr estes conhecimentos ao alcance de todas as intelligencias pela simplicidade e concisão da redacção, eis o trabalho que o Sr. Camillo Trinocq emprehendeo. A experiencia do autor durante os muitos annos que se dedicou ao ensino tem-lhe provado que o melhor modo de apresentar á mocidade os elementos da sciencia era de tornar-lhe interessantes as noções, muitas vezes fastidiosas, por conterem desenvolvimentos fôra de seu alcance. Afim de exercer a memoria e a intelligencia dos alumnos sem cansaço, cada obra que compõe esta collecçao acha-se dividida em capitulos, os capitulos em secções ou paragraphos de poucas paginas, e cada uma das divisões é seguida de um questionario por onde o pai de familia, o mestre ou mestra, podem conhecer se o discipulo tem comprehendido o conteúdo de suas lições. Ora essa interrogação frequentemente repetida, e feita com desvelo, tem a vantagem de habituar cedo o alumno a exprimir-se com facilidade, de gravar sem esforço os factos em seu espirito, e, devendo elle dar conta da lição, de volve-lo mais attento, e por consequencia de abrir-lhe assim melhor as ideias : a reflexão é o ponto capital

de um bom methodo. Posto em pratica nas escolas, este modo de ensino, tão simples quão facil, ha de amenisar a tarefa do professor, ao mesmo tempo que ha de tornar mais proveitosos os estudos do alumno. Pois os Srs. directores de estabelecimentos de educação, e os pais de familia, não podem escolher obras mais apropriadas para um bom ensino elementar, porque na realidade não ha ainda um curso tão methodico e tão claro e que offereça num quadro tão limitado uma reunião de conhecimentos e de factos tão variados.

VOCABULARIO BRASILEIRO para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza, por BRAZ DA COSTA RUBIM. 1 vol. brochado. . . 1 $ 000

HISTORIA, GEOGRAPHIA, ETC.

ATLAS DE GÉOGRAPHIE ANCIENNE ET MODERNE à l'usage des colléges et de toutes les maisons d'éducation, dressé par C. V. MONIM ET A. VUILLEMIN. 1 vol. in-fol. relié. 8 $ 000

BRASILEIRAS CELEBRES, pelo Sr. J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. encadernado. . . . . 2 $ 000

Forma esta galeria de quadros historicos consagrada ao sexo feminino a primeira parte d'uma monumental obra que com o accordo e collaboração do Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro vai ser publicada com o titulo de PANTHEON BRASILEIRO, na qualseraoi admittidos todos os que pelo seu saber, serviços e virtudes, tornárão-se credores da gratidão naco nal. O livro do Sr. Norberto, de que fazemos menção, forma o proscenio d'esse inagestoso templo da gloria patria.

CASTRIOTO LUSITANO, ou Historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes : obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistárão a independencia nacional; por FR. RAPHAEL DE JESUS. 1 vol. in-4. ornado com o retrato de João Fernandes Vieira e duas estampas historicas. . . . . 5 $ 000

COMPENDIO DE GEOGRAPHIA offerecido ao governo de S. M. I., e por elle aceito, para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-8. encadernado . . . . 2 $ 500

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-4, encadernado. . . . . 2 $ 400

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol in-4, encadernado. . . . . . . 2 $ 400

O pensamento que levou este distincto publicista a escrever um curso d'historia universal, cujas duas primeiras partes ora annunciamos, foi por certo mui louvavel e digno d'incitação. Quiz o Sr. Dr. Rocha subtrahir seus jovens compatriotas á exclusiva influencia dos livros francezes, que, além de corromperem a linguagem vernacula pela falta que tem a mocidade do necessario antidoto, apresentão desfigurados os factos historicos quando a gloria ou o interesse do seu paiz a isso os convida. Accresce que nos compendios francezes occupa a historia de França um lugar tão saliente, tã grande desenvolvimento se lhe dá, que quasi desapparece a dos outros povos. Para sanar este inconveniente, compoz o autor a que nos referimos um resumo historico dos tempos antigos e medios, abrangendo os factos de maior magnitude, e que por isso mais facilmente se guardão na memoria da mocidade. Realçando a lucida exposição do seu assumpto com graças do estylo, conseguio fazer uma obra que não só se torna de absoluta necessidade nas aulas, como ainda deve ornar todas as livrarias.

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos, por J. B. CALOGERAS, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica, com approvação do Governo Imperial. 2 vol. in-8, encadernados. . . . . 6 $ 000
O mappa vende-se em separado, preço. . . . . 2 $ 000

É o periodo da idade media o mais importante da historia por ser nelle que apparecêrão os povos que podemos considerar como progenitores dos que hoje capitaneão a civilisação. Distinctos escriptores hão consagrado suas pennas em diffundir luzes sobre o chaos que occulta a embryologia da moderna civilisação, e obras verdadeiramente monumentaes hão apparecido, principalmente em nosso seculo, quando os estudos d'erudição historica começárão a ser cultivados com ardor. Difficil porém sendo a acquisição de semelhantes obras, escriptas todas em linguas estranhas, ficava a juventude privada do fio conductor para penetrar em tal labyrintho. Conhecendo essa deficiencia, incumbio-se o Sr. J. B. Calogeras de suppri-la, organisando um compendio, onde, a par de solida erudição espargida em paginas de brilhante colorido, depara-se com a clareza e ordem indispensaveis nos livros elementares. Para que melhor comprehendida fosse a exposição que fazia, enriqueceo o seu compendio com quadros synopticos que num relance d'olhos despertão as reminiscencias e fortificão a memoria. Recommendamos esta obra aos estudiosos da historia.

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, e particularmente da Historia Grega, seguido d'um compendio de Mythologia. 1 vol. in-8, encadernado. . 2 $ 000

COMPENDIO DA HISTORIA ROMANA. 1 vol. in-8, encadernado. 2 $ 000

COMPENDIO DA HISTORIA SAGRADA, com as provas da religião por perguntas e respostas, para o uso das escolas. 1 vol. in-12, encadernado. 1 $ 000

† **COMPENDIO DA HISTORIA UNIVERSAL**, por VICTOR DURUY, ministro da Instrucção Publica de França e ex-Professor de Historia no Lyceo Napoleão; traduzido pelo padre FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA, Professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-8. . . . .

ECHO DA GUERRA (O) : **Baltico, Danubio, Mar Negro**, por LÉOUZON LE DUC; traduzido por D. P. E SILVA, ornado de 4 retratos. 1 vol. in-8 brochado. 2 $ 000
Encadernado. . . . . 2 $ 500

EPITOME CHRONOLOGICO DA HISTORIA DO BRASIL, para o uso da mocidade brasileira, composto pelo Dr. CAETANO LOPES DE MOURA, dedicado (com per-

missão especial) pelos editores a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, ornado do seu retrato e d'um mappa do Brasil. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . 3 $ 000

HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRASILEIRO, por J. M. Pereira da Silva. Esta obra formará de 4 a 5 volumes, ao preço cada um de 5 $ 000

HISTORIA DO BRASIL, traduzida do inglez de Roberto Southey pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris . . . . 36 $ 000

A obra de Southey sobre o Brasil é um monumento historico de que se deve ufanar a terra de Santa-Cruz. O autor é um dos escriptores mais distinctos da soberba Inglaterra, e gozou dos fôros de poeta laureado. A sua historia, escripta imparcialmente e á vista de numerosos documentos ineditos que seu tio obtivera em Portugal, além das melhores obras dos autores portuguezes e brasileiros, vem preencher uma falta sensivel, e que descuido fôra deixar existir por mais tempo.

A traducção, devida á penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, é digna de ser apreciada pelos puristas da lingua portugueza.

Apezar de ter bebido as suas informações em fontes puras, a obra de Roberto Southey resente-se de alguns erros devidos á falta de informações que forão reveladas posteriormente. Esses pequenos senões desapparecem ante as elucidações do Sr. J. C. Fernandes Pinheiro, abalisado archeologo brasileiro.

A imprensa da capital e das provincias do imperio recebeo com applauso a noticia da publicação d'esta obra, e a transmittio d'este modo a seus leitores:

« O livro que o Sr. Garnier vai publicar brevemente é uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« De tudo quanto se tem escripto sobre o Brasil, a obra de Southey é talvez a unica digna de attenção; dista tanto dos panegyricos de Reybaud como das petas aleivosas que á nossa custa o pintor Biard impinge aos Parisienses.

« Southey observou com criterio e escreveo quasi sempre com imparcialidade; apreciou justamente os factos, fallou com independencia. A edição ingleza da *Historia do Brasil*, hoje quasi esgotada, encontra-se difficilmente, e só póde adquirir-se por um preço fabuloso. Vertendo-a para o portuguez, não sei se o Sr. Garnier faz bom ou máo negocio, mas incontestavelmente presta um serviço aos Brasileiros.

« O Sr. conego Fernandes Pinheiro incumbio-se de rectificar em algumas notas uma ou outra apreciação menos exacta do escriptor inglez, corrigindo, em face de documentos posteriormente descobertos, pequenas faltas que se encontrão no livro de Southey. E' mais uma riqueza para a nova edição. Além de tudo isso, teremos a satisfação de ler a historia de Southey na lingua vernacula, que é para nós mais facil do que a ingleza. »

(*Correio Mercantil.*)

« Vamos finalmente ter uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« E' o melhor trabalho que tem sahido de uma penna estranha a respeito da nossa historia patria, e a falta que agora se repara constituia uma vergonha para nós.

« Roberto Southey prestou-nos um serviço, que nunca lhe agradecêrão.

« A traducção é feita pelo Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro.

« A edição, nitida e elegante, foi mandada fazer pelo Sr. B. L. Garnier. »

(*Diario do Rio de Janeiro.*)

« Brevemente será publicada pelo Sr. Garnier a excellente *Historia do Brasil* de Roberto Southey, traduzida em portuguez, e annotada pelo Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, cujo nome é tão vantajosamente conhecido na litteratura do paiz, cuja historia lhe é devedora de uteis e importantes trabalhos. » (*Correio da Tarde.*)

« Ninguem ha que deixe de ter conhecimento d'este magestoso monumento erguido á gloria nacional por mão estranha : poucos paizes são os que conhecem por propria leitura e que contêm esta excellente obra em suas estantes. Para isto concorria não só a sua carestia, por tornar-se cada vez mais rara, como por ella ser escripta em inglez, idioma infelizmente pouco cultivado entre nós.

« Graças, porém, á solicitude do Sr. B. L. Garnier pelo desenvolvimento litterario da noss patria, vai ser dada ao prélo e proximamente será distribuida aos assignantes uma excellen versão da referida historia, devida á classica e elegante penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, va tajosamente conhecido pelas suas publicações na *Revista Popular*, assim como pelas versõe das obras de Gilbert e Wilson a respeito dos bancos e do credito publico.

« Cremos que, depois d'esta transformação por que vai passar a historia de Southey, será ell mais lida pelos Brasileiros e Portuguezes, e ainda pelos povos que fallão a lingua castelhana por isso que ahi depararáõ com muitos capitulos relativos aos annaes dos povos hispano-ameri canos. Ganhando d'esta arte mais um bom livro para a nossa litteratura pelo que diz respeito linguagem, conseguiremos que lida e estudada seja a nossa historia em uma de suas mais pura fontes.

« Como complemento de tão util obra, incumbio-se das notas e esclarecimentos de que ca rece o texto o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. O nome de Sª. Sª., o ardente zelo que ten constantemente mostrado pelas cousas patrias, abonão sufficientemente a perfeição do trabalh que sobre si tomou, e fazem-nos esperar que rectificadas sejão as inexactidões que escapárão a illustrado historiador inglez, já pela carencia de documentos, já pela sua manifesta antipathi contra a religião catholica, já finalmente pelo resentimento que vota contra as nações rivaes d sua, como a hespanhola, a hollandeza e a franceza.

« Dando aos leitores tão agradavel noticia, congratulamo-nos com o digno editor pelo pen samento que acaba de levar a effeito. » (*Correio Paulistano.*)

HISTORIA DO CONSULADO E DO IMPERIO, por A. Thiers. 11 vol. in-4 ornados de numerosas estampas, brochados. . . . . 33 $ 000
Encadernados . . . . 44 $ 000

HISTORIA SAGRADA ILLUSTRADA para o uso da infancia, seguida d'um appendice; contendo : 1° uma relação analytica dos livros do Antigo e Novo Testamento; — 2° uma tabella chronologica dos principaes acontecimentos; — 3° um vocabulario geographico explicativo dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia. — Composta pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. in-8. . . . . 2 $ 000

MAPPAS DO IMPERIO :

— **Pará e Alto Amazonas**. . . . . 2 $ 500
— **Maranhão**. . . . . 2 $ 500
— **Ceará**. . . . . 2 $ 500
— **Rio-Grande do Norte e Parahyba**. . . . . 2 $ 500
— **Pernambuco, Alagôas e Sergipe**. . . . . 2 $ 500
— **Bahia**. . . . . 2 $ 500
— **Espirito Santo**. 2 $ 500
— **Rio de Janeiro**. 2 $ 500
— **S. Paulo**. . . . . 2 $ 500
— **Santa Catharina**. 2 $ 500
— **S. Pedro do Sul**. 2 $ 500

— **Minas Geraes** (2 folhas) . . . . 5 $ 000

— **Goyaz** (2 folhas). . . . . 5 $ 000

— **Mato-Grosso** . . . . 5 $ 000

— **Piauhy** . . . . 2 $ 500

— **Imperio do Brasil** (2 folhas). . . . . 7 $ 000

— **Planta do Rio de Janeiro**, levantada pelo engenheiro inglez da Companhia do Gaz John Edgar Ker, por occasião de fazer as medições para o estabelecimento do gaz na côrte; 1 magnifica e grande folha impressa sobre excellente papel e collada sobre panno, envernisada, com páos, propria para ser dependurada em casas de commercio, escriptorios, gabinetes de estudo, salas, etc. . . 7 $ 000

PLANISPHERIO TERRESTRE, indicando as novas descobertas, as Colonias Europeas, e as linhas maritimas dos navios de vapor que fazem escala nos principaes portos de commercio, traçado por A. Vuillemin, geographo; traducção e correcção de Carolino Duarte. (1 folha de 1 metro 30 cent. de comprimento sobre 90 cent. de largo.). . . . . 6 $ 000

Este planispherio, executado com extremo cuidado por M. Vuillemin, facilita particularmente o estudo da geographia, e permitte encerrar o todo do mundo em todas as suas partes.

Além de todas as novas descobertas que nelle figurão, está completamente ao nivel do progresso da sciencia.

Os diversos estados, suas possessões e colonias estão indicados por uma mesma côr, que torna a procura commoda e facil. Está preparado de maneira a poder ser com vantagem collocado em uma sala de jantar, sala de espera, em um vestibulo, etc.

MEMORIAS PARA A HISTORIA DO EXTINCTO ESTADO DO MARANHÃO, cujo territorio comprehende hoje as provincias do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará e Amazonas; colligidas e annotadas por Candido Mendes de Almeida. Tomo 1°: **Historia da Companhia de Jesus** na extincta provincia do Maranhão e Pará, pelo padre José de Moraes, da mesma companhia. 1 vol. in-4 de 554 paginas, brochado 6 $, bem encadernado. . . . . 7 $ 000

Esta obra constará de quatro volumes de mais de 500 paginas cada um, de que só o primeiro se acha publicado Os outros sahiráõ brevemente á luz.

É de muito interesse para as pessoas que cultivão a historia nacional, visto como formará uma collecção de todas as obras ineditas ou raras, de merecimento, que tratão da historia d'aquella parte do imperio.

Todas as obras que fizerem parte d'esta collecção serão acompanhadas de notas, e, sendo preciso, de mappas e planos indispensaveis á elucidação do texto, de modo a remover as duvidas e obscuridades ácerca da data de algum feito memoravel, do lugar do nascimento de algum Brasileiro illustre, da situação precisa de estabelecimento colonial ou aldeia hoje não existente, mas de interesse historico; bem como sobre a exactidão de nomes de individuos notaveis, hordas selvagens e povoações antigas, etc.

O primeiro volume publicado, e que se acha á venda na livraria Garnier, contêm a primeira parte da obra do padre José de Moraes, da Companhia de Jesus, que trata da historia d'essa celebre corporação no Maranhão e no Pará. Esta parte foi a unica que escapou do confisco feito ha um seculo nos papeis e bens dos Jesuitas.

A par dos feitos notaveis dos filhos d'esta congregação, vem muitos outros sobre o descobrimento, povoação e progresso d'aquellas provincias do norte, de que não havia noticia nas obras que correm impressas; e bem assim sobre o estado dos indigenas que as habitavão, das missões

que se emprehendêrão para attrahi-los ao gremio do christianismo, e sobre as lutas que travárão os colonos já com as indigenas, já com os Jesuitas que defendião sua liberdade, sendo muitos factos comprovados com documentos ineditos e importantes.

As pessoas que não quizerem possuir toda a collecção podem comprar qualquer das obras que se colleccionarem, quando a materia comportar um volume ou exceder, tendo nesse caso a obra titulo peculiar que dispense o de *Memorias*, o que já acontece com o primeiro tomo, que póde ser encadernado sem numeração, com o titulo de *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia de Maranhão e Pará.*

TRATADO DE GEOGRAPHIA ELEMENTAR, physica, historica, ecclesiastica e politica do Imperio do Brasil; obra inteiramente nova, composta pelo Dr. Amedeo Moure e pelo lente V. A. Maltebrun, dedicado a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, imperador do Brasil, e ornado de seu retrato. 1 vol. in-8, encadernado. . . . . 3 ₰ 000

VARÕES ILLUSTRES (Os) **do Brasil** durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva. 2 vol. in-4, brochados, 8 ₰ 000, encadern.. . 10 ₰ 000

Esta obra, nitidamente impressa em Paris, mereceo elogios, pela sua materia e linguagem, de muitos jornaes francezes, portuguezes, italianos e allemães; é a historia politica, litteraria e scientifica do Brasil em quanto colonia.

DIREITO, ECONOMIA POLITICA, FINANÇAS

COMMERCIO, ETC.

ANALYSE SOBRE A ESCRIPTURAÇÃO COMMERCIAL. 1 vol. in-4, brochado. . . . . 1 ₰ 000

ASSESSOR FORENSE (O), ou formulario de todas as acções commerciaes segundo o regulamento commercial de 25 de novembro de 1850, contendo : os modelos de todas as petições, despachos, termos, autos, allegações, embargos, sentenças, e finalmente todos os termos dos processos; seguido do processo das quebras, quer no juizo commercial, quer no juizo criminal, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4, encadernado. . . . . 8 ₰ 000

Esta obra, elaborada com muito cuidado e minuciosidade, é de incalculavel proveito, não só para todas as pessoas do fôro, como mesmo para as que se dão á vida do commercio. É um excellente guia para a propositura de qualquer acção, seu andamento e solução no fôro commercial.

CAPITAL, CIRCULAÇÃO E BANCOS, por James Wilson, traduzido pelo Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira Castro. 1 vol. in-4, impresso e encadernado em París. . . . . 6 $ 000

Tal é o titulo da obra (complemento quasi indispensavel do Tratado dos Bancos de Gilbart), formada da serie d'artigos que nos annos de 1844-1847 publicou no *Economista* o illustrado James Wilson. Ninguem desconhece a subida importancia dos objectos de que tratou, importancia tanto mais reconhecida no Brasil, onde as questões financeiras prendem-se ao futuro do paiz e constituem o principal embaraço para os estadistas. Assim pensando o Sr. Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira e Castro, verteo para a linguagem vulgar a obra do economista inglez, prestando d'esta arte verdadeiro serviço aos que não possuem cabal conhecimento da lingua de Adão Smith para poder comprehender e apreciar o original.

CODIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRASIL, contendo não só toda a legislação alterante ou modificante de suas disposições publicada até o fim do anno de 1860, como todas as penas de seus differentes artigos calculadas segundo os seus gráos e as diversas qualidades dos criminosos, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4, brochado 4 $ 000, encadernado. . 5 $ 000

Tendo muitas vezes notado que a maneira generica por que forão redigidas as disposições do Codigo Criminal Brasileiro, subordinadas apenas a regras geraes applicaveis ás suas differentes hypotheses, dava lugar a graves enganos na imposição das penas, importando elles nullidades nos processos com incalculavel prejuizo da justiça, por isso emprehendeo o Sr. Dr. Cordeiro a presente edição do mesmo Codigo, em que, sem alterar nem de leve o seu texto, designa no emtanto as penas em seus differentes gráos, e já proporcionadas á qualidade do criminoso, quer seja autor, quer complice, tentador, e ainda complice da tentativa.

Com elle qualquer pessoa póde de momento saber a pena correspondente ao crime na autoria, na tentativa e complicidade, seja qual fôr o seu gráo, e isto sem perda de tempo, sem fadiga de calculo, e sem receio de erro.

COLLECÇÃO DE ACORDAOS que contêm materia legislativa proferida pelo supremo tribunal de justiça desde a epocha da sua installação, por A. X. de Barros Côrte Real e J. M. Castello Branco, bachareis em direito. 2 vol. in-4, brochados 8 $ 000, encadernados. . . . . 10 $ 000

COLLECÇÃO da Legislação Portugueza desde o anno de 1603 até o de 1826, isto é, desde as ordenações philippinas até á carta constitucional, compilada por José Justino de Andrade Silva. A collecção completa é dividida em seis series, e formará 24 a 25 volumes in-folio. A primeira e segunda serie, que comprehendem, aquella a legislação de 1603 a 1640 em 5 vol., e esta a de 1641 a 1683 em 3 vol., estão publicadas; as outras series publicar-se-hão successivamente. Preço da assignatura, cada vol. brochado . . . . 6 $ 000
Encadernação inteira. . . . . 8 $ 000

COMPENDIO DE ECONOMIA POLITICA, precedido de uma introducção historica, e seguido d'uma Biographia dos Economistas, Catalogo e Vocabulario analytico, por Blanqui. 1 vol. in-8, brochado 1 $ 000, encadernado. . 1 $ 500

† **CONSULTOR CRIMINAL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro criminal, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4. . . . . 8 $ 000

† **CONSULTOR COMMERCIAL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro commercial, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4. . . . . . . 8 $ 000

† **CONSULTOR CIVIL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro civil, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 grosso vol. in-4, encadernado. . . 8 $ 000

Este interessantissimo trabalho foi feito pelo systema adoptado por Corrêa Telles em sua obra intitulada *Manual do Processo Civil*, com as suppressões, alterações e accrescimos exigidos pela legislação, estylos e pratica do fôro brasileiro.

Contendo toda a parte theorica e pratica do processo civil, e formulas de todos os seus incidentes, torna-se de summa vantagem para todas as pessoas da justiça, já por indicar os melhores meios de propôr-se e seguir qualquer acção, já por se encontrar os exemplos de todos os autos, termos e mais peças do processo.

Contendo, além d'isso, as attribuições de todos os juizes e tribunaes, suas incompatibilidades, e bem assim os deveres dos outros empregados do fôro, dispensa esta obra grande quantidade de praxistas e livros de legislação, por cita-la em todos os casos em que é mister.

CONSULTOR ORPHANOLOGICO ácerca de todas as acções seguidas no fôro orphanologico, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4. . . . . 8 $ 000

CORTEZÃOS (Os) **e a Viagem do Imperador,** ensaio politico sobre a situação, por L. M. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

DICCIONARIO JURIDICO-COMMERCIAL, obra muito util aos que se dedicão ao fôro e ao commercio, por J. Ferreira Borges, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4, encadernado. . . . . 7 $ 000

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas, por Feliciano Antonio Marques Pereira. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

ENSAIO SOBRE A ARTE DE SER FELIZ, por Joseph Droz, da Academia Franceza. 1 vol. brochado 1 $ 000, encadernado. . . . . 1 $ 500

ESTUDO SOBRE O CREDITO RURAL E HYPOTHECARIO, pelo Dr. L. P. de Lacerda Werneck. 1 vol. in-4, bem encadernado. . . . . . . 6 $ 000

A importancia do credito territorial é conhecida hoje em todos os paizes onde elle tem sido posto em pratica. Ora, o autor d'este livro, reunindo em commodo volume toda a theoria dos bancos territoriaes exposta de uma maneira accessivel a todas as intelligencias, addicionou-lhe uma collecção de estatutos de bancos europeos, e outros documentos que tornão o livro de grande utilidade, não só aos profissionaes, como tambem aos lavradores, proprietarios urbanos, banquoiros, e em geral aos homens praticos.

ENSAIO sobre o direito administrativo, com referencia ao estado e instituições peculiares do Brasil, pelo visconde do Uruguay. 2 vol. in-4, brochados. 10 $ 000
Encadernados. . . . . 12 $ 000

Esta obra, fructo de muitos annos de experiencia, é sem duvida a mais importante que tenha sido publicada aqui sobre semelhante materia, como melhor se poderá julgar pelo indice de alguns capitulos :

Definições, divisões, distincções. — Influencia da divisão territorial, população e riqueza. — Divisão do poder executivo. — Do gracioso e do contencioso. — Da responsabilidade ministerial no contencioso. — Do nosso contencioso administrativo. — Dos tribunaes administrativos.

— Do processo e recursos administrativos. — Dos agentes administrativos. — Dos conselhos administrativos. — Do conselho de estado nos differentes paizes da Europa e no Brasil. — Do Poder moderador. — Da centralisação; suas vantagens e seus inconvenientes. — Applicação ao Brasil das instituições administrativas inglezas, americanas e francezas.

ESTUDOS SOBRE COLONISAÇÃO, ou considerações sobre a colonia do senador Vergueiro, por C. PERRET GENTIL. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

MANUAL DO EDIFICANTE, DO PROPRIETARIO E DO INQUILINO, ou novo tratado dos direitos e obrigações sobre a edificação de casas, e ácerca do arrendamento ou aluguel das mesmas, conforme o direito romano, patrio e uso das nações; seguido da exposição das acções judiciarias que competem ao edificante, ao proprietario e ao inquilino, accommodado ao fôro do Brasil, por ANTONIO RIBEIRO DE MOURA. 1 vol. bem encadernado. . . . . 6 $ 000

MANUAL DOS JUIZES DE DIREITO, ou collecção dos actos, attribuições e deveres d'estas autoridades, por J. M. PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, encadernado. . . . . 4 $ 000

MANUAL DOS PROMOTORES PUBLICOS, pelo Dr. JOAQUIM MARCELLINO PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, brochado. . . . . 3 $ 000
encadernado. . . . . 4 $ 000

MANUAL THEORICO-PRATICO DO GUARDA-LIVROS, seguido do roteiro dos correios terrestres entre esta côrte e as provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, S. Paulo, Mato-Grosso e Goyaz, por JOÃO FRANCISCO DE ARAUJO LESSA. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 8 $ 000

O curso theorico-pratico de escripturação mercantil composto pelo Sr. Lessa é assaz conhecido para que necessitemos de preconisa-lo. Todos os que hão lido este importante trabalho são concordes em reconhecer nelle uma clareza e brevidade que muito abonão os conhecimentos de seu autor. Reunindo ao conhecimento professional da materia longa pratica de suas diversas applicações, conseguio o Sr. Lessa escrever uma obra que será d'ora avante consultada por todos os que se entregão á contabilidade e escripturação dos livros de commercio.

METHODO FACIL DE ESCRIPTURAR OS LIVROS por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer a escripturação por meio de um só registro, por EDMOND DEGRANGES; traduzido em portuguez por MANOEL JOAQUIM DA SILVA PORTO, e offerecido aos Portuguezes e Brasileiros que se dedicão ao commercio. 1 vol. in-4, com mappas. . . . . 5 $ 000

PIMENTA BUENO (Dr. JOSÉ ANTONIO). **Apontamentos sobre o processo civil brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 6 $ 000

— **Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 9 $ 000

— **Direito publico brasileiro** e analyse da constituição do Imperio, 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. . . . . 10 $ 000

PINHEIRO FERREIRA (SILVESTRE). **Indicações de utilidade publica,** offerecidas ás assembleias legislativas do imperio do Brasil e do reino de Portugal. 1 vol. in-8. 500

— **Projecto de um banco** de soccorro e seguro mutuo. 1 vol. in-4. . . . 500

— **Breves observações sobre a constituição politica da monarchia portugueza,** decretada pelas côrtes geraes extraordinarias e constituintes, reunidas em Lisboa no anno de 1821. 1 vol. in-4. 500

— **Manual do cidadão em um governo representativo,** ou principios de direito publico constitucional, administrativo e das gentes. 3 vol. in-4. 6 $\not{s}$ 000

— **Noções elementares d'ontologia.** 1 vol. in-4. 500

— **Projecto d'um systema de providencias** para a convocação das côrtes geraes e estabelecimento da carta constitucional. 1 vol. in-4. 500

— **Projecto de codigo geral** de leis fundamentaes e constitutivas d'uma monarchia representativa. 1 vol. in-4. . . . . 1 $\not{s}$ 000

— **Observações sobre a carta constitucional** do reino de Portugal e constituição do imperio do Brasil. 1 vol. in-4. . . . . 1 $\not{s}$ 000

— **Projecto de codigo politico** para a nação portugueza. 1 vol. in-4. 2 $\not{s}$ 000

— **Constituição politica do imperio do Brasil** e carta constitucional do reino de Portugal. 1 vol. in-4. . . . . 3 $\not{s}$ 000

— **Observations sur le guide diplomatique de M. le baron Ch. de Martens.** 1 vol. in-4. . . . . 1 $\not{s}$ 000

— **Essai sur la psychologie,** comprenant la théorie du raisonnement et du langage, l'ontologie, l'esthétique et la dicéosyne. 1 vol. in-4. . . . . 2 $\not{s}$ 000

— **Projet de code général** des lois fondamentales et constitutives d'une monarchie représentative. 1 vol. in-4. . . . . 1 $\not{s}$ 000

— **Précis d'un cours de droit public.** 2 vol. in-8, reliés. . . . . . 8 $\not{s}$ 000

— **Qu'est-ce que la pairie?** 1 vol. in-4, broché. 500

— **Essai sur les rudiments de la grammaire allemande.** 1 vol. in-4 broché. 500

— **Principles of political economy,** by M. CULLOCH, abridged for the use of schools, accompanied with notes, and preceded by a preliminary discourse by PINHEIRO FERREIRA. 1 vol. in-8. 1 $\not{s}$ 000

PRELECÇÕES DE ECONOMIA POLITICA, pelo Dr. PEDRO AUTRAN DA MATTA ALBUQUERQUE, lente da faculdade de direito do Recife, 2ª edição melhorada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e elegantemente encadernado em Paris. . 6 $\not{s}$ 000

« Facilitar o conhecimento da sciencia economica aos que o desejarem ter, e mórmente aos alumnos das faculdades de direito do Recife e de S. Paulo, que são obrigados a estudar este ramo da sciencia social, foi o que moveo-me a compôr e publicar estas prelecções. Compendiar o que

se tem escripto sobre a sciencia, ligar os pensamentos e exprimi-los com clareza e precisão, não é tão fácil como talvez pareça a muitos que se não derão a este trabalho. Não é tambem plagio, porque o resumo das doutrinas dos outros, a ordem e ligação das ideias, a clareza e propriedade dos termos, e a construcção regular da phrase, são do compendiador. Nisto esmerei-me, a fim de dar a estas prelecções um *feitio* meu que lhes desse alguma apparencia de novidade. »

(*Do prefacio do autor.*)

RAMALHO (Dr. Joaquim Ignacio). **Elementos do processo criminal** para uso das faculdades de direito do imperio. 1 vol. in-4 brochado. . . . . . 4 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000

— **Pratica civil e commercial.** 1 nitido vol. in-4 brochado. . . . . 10 $ 000
Encadernado. . . . . 11 $ 000

Esta obra já é bastante recommendavel pelo nome bem conhecido de seu autor sem precisar de outro commentario. Diremos sómente que vem preencher uma grande lacuna na litteratura forense brasileira, pois que não havia para os estudantes um livro que de uma maneira clara e concisa determinasse os principios da competencia segundo a natureza de cada causa; prescrevesse o modo de instaurar o processo e a maneira de defender-se; expozesse as leis da discussão, as regras da prova; determinasse como se dão as sentenças, se reformão e se executão.

Diz o autor no seu prefacio :

« As alterações por que tem passado a legislação civil e commercial depois de nossa emancipação politica, mórmente quanto á organisação judiciaria, já requerem um trabalho methodico e systematico, onde os principiantes encontrem facilmente quaes as innovações do direito e das formas de que elle se reveste, dispensando-os do arduo trabalho de estudar, sem um guia, os escriptores de nosso fôro, que escrevêrão debaixo da influencia de uma legislação em parte abrógada por leis modernas.

« Foi pois nosso fim facilitar á mocidade estudiosa os meios de se habilitar para um dia servir melhor ao paiz. »

REGULAMENTO PARA A CASA DE DEPOSITO DOS CADAVERES que fôrem achados, approvado pelo aviso da secretaria da justiça de 4 de janeiro de 1854. 1 vol. brochado 200

REGULAMENTO PARA A COMPANHIA DE PEDESTRES DO MUNICIPIO DA CÔRTE, approvado por aviso de 15 de novembro de 1853, 1 vol. brochado. 200

SYSTEMA FINANCIAL DO BRASIL, por Candido Baptista de Oliveira. 1 vol. brochado. . . . . 3 $ 000

SYSTEMA METRICO DECIMAL considerado nas suas applicações, por Pedro d'Alcantara Lisboa. 1 vol. brochado.. . . . . 4 $ 000

THEORIA DO DIREITO PENAL applicada ao codigo penal portuguez comparado com o codigo do Brasil, leis patrias, codigos e leis criminaes dos povos antigos e modernos, offerecida a S. M. I. o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, por F. A. F. da Silva Ferrão, 8 vol. in-4 brochados. . . . . 20 $ 000
Encadernados. . . . . 28 $ 000

TRATADO PRATICO DOS BANCOS, por James William Gilbart, traduzido

pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro. 3 vol. in-4 impressos e encadernados em París. . . . . 16 $ 000

Tanto alcance tem nas modernas sociedades a organisação e theoria dos bancos, que pensámos que nem uma pessoa póde ser estranha a ellas. Acabando-se felizmente o tempo em que guardados erão os peculios em chapeados cofres, e depositando hoje todas as classes da população as suas economias nesses estabelecimentos, fóra é de duvida que legitima seja a curiosidade que a todos instiga de estudar os principios pelos quaes são elles regulados. Se este conhecimento é a todos mui honravel e necessario, torna-se um dever de consciencia para os que por alguma forma tem a gerencia da fortuna publica, os quaes não podem ignorar as regras por onde se dirigem as operações de credito, nem desconhecer a historia das causas e consequencias das crises commerciaes. Conscio d'estas verdades, e por outro lado sabendo de quão pouco vulgarisada seja entre nós a lingua ingleza o Sr. Dr. L. J. d'Oliveira e Castro, apressou-se em verter para à portugueza a melhor obra que sobre tal objecto existe em Inglaterra, quiçá em toda a Europa e America, cuja apparição não pouco contribuio para rectificar certos equivocos em que laborão alguns dos nossos economistas e financeiros, contribuindo para que sob melhor aspecto se encarasse a questão bancaria, ainda ha pouco tão agitada, a qual em nada tem perdido d'interesse e gravidade.

MEDICINA, HOMŒOPATHIA

MAGNETISMO

† **AGENDA MEDICAL**, ou Memorial do medico pratico, que contêm : 1° O emprego e dose dos medicamentos energicos e perigosos; 2° Os medicamentos novos e recem-descobertos, as suas propriedades, seu emprego, suas doses; 3° Algumas for mulas officinaes e magistraes; 4° A tabella dos venenos e contra-venenos; 5° Conselhos medicos para uso de todos; 6° Indicação dos medicamentos assignalados no Agenda; 7° As molestias em que são empregados; pelo Dr. Chomet. 1 bonito vol. em forma de carteira, elegantemente encadernado. . . . . 2 $ 000

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CHOLERA-MORBUS, pelo Dr. M. C. Pereira de Sá. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

GUIA THEORICA E PRATICA DAS MOLESTIAS VENEREAS, pelo Dr. Chomet. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . 3 $ 000

Esta obra é o fructo de muitos annos de pratica e de experiencia. Com ella qualquer pessoa póde se curar a si mesma sem o auxilio do medico.

HISTORIA E DESCRIPÇÃO da febre amarella epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850, por José Pereira Rego. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

INSTRUCÇÕES CONTRA A CHOLERA EPIDEMICA, ou conselhos sobre as medidas geraes que se devem tomar para preveni-la, seguidos do modo de trata-la desde sua invasão, pelo Dr. A. J. Peixoto. 1 vol. brochado. . . . 1 $ 000

MAGNETISMO E MAGNETOTHERAPIA, ou a arte de curar pelo magnetismo segundo a escola moderna, por perguntas e respostas, pelo conde Francisco de Szapary, magnetisador e magnetopatha; traduzido do francez por J. H. T. C. de Miranda, magnetisador e magnetopatha. 1 vol. in-4 encadernado.. . 4 $ 000

MANUAL HOMŒOPATHICO, 3ª edição correcta e augmentada com um pequeno trabalho das molestias da pelle, e com a nova materia medica homœopathica; obra util aos medicos, boticarios, curas, pais de familia, chefes de estabelecimentos, fazendeiros, e a todos os praticos conscienciosos e esclarecidos, pelo Dr. Emilio Germon. 1 vol. in-4 brochado.. . . . . 3 $ 000
Encadernado. . . . . 4 $ 000

MEMORIA ÁCERCA DA LIGADURA da arteria aorta abdominal, precedida de algumas considerações geraes sobre a operação do aneurisma, e seguida de uma estampa lithographada que representa um novo porta-fio e sua posição durante a operação, pelo Dr. Candido Borges Monteiro. 1 vol. brochado. . . . 1 $ 000

† **MESMER. APHORISMOS SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL**, contendo a arte de magnetisar ensinada em 17 capitulos. 1 vol. in-4 brochado. . . 2 $ 000
Encadernado.. . . . . 2 $ 500

PECCADOS DOS ALLOPATHAS e sua cegueira, ou falso systema que elles seguem ha tantos seculos. 1 vol. brochado. 32

POESIAS, LITTERATURA

ASSUMPÇÃO (A), poema composto em honra da Santa Virgem, por Fr. Francisco de S. Carlos; nova edição precedida da biographia do autor e d'um juizo critico sobre a obra pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. in-8 encad. 3 $ 000

Cada vez mais raro tornando-se o mui celebre poema de Fr. Francisco de S. Carlos, entendêmos que prestariamos verdadeiro serviço ao publico se dessemos d'elle nova edição. Desejando porém que expurgada d'erros sahisse ella, e ao mesmo tempo fosse enriquecida d'algum trabalho previo congruente ao merito do autor e da sua obra, dirigimo-nos ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, que obsequiosamente prestou-se ao nosso anhelo, corrigindo o exemplar que lhe démos, e escrevendo, para serem collocados em frente da nova edição, um bellissimo estudo biographico sobre o seraphico poeta, assim como uma judiciosa e imparcial apreciação do poema. Assim melhorada, pensamos que mais digna do favor publico se tornará a obra.

que sabe adubar todas as suas producções. Seus versos, cheios de graça e naturalidade, são a mais completa physiologia da sociedade, com todos os seus vicios, paixões e ridiculos, a mais perfeita escola de costumes, a mais fina e delicada lição que á juventude se possa offerecer para subtrahir-se aos escolhos submarinos que o oceano do mundo occulta. Com vigor são traçados alguns typos, com sombrias côres debuxados alguns paineis, e com a nemeses da indignação profligados vicios infelizmente hoje mui communs; nada ha porém de pessoal e directo, nada que pelos mais castos ouvidos deva deixar de ser ouvido. Esperamos com segurança que o juizo dos leitores seja consentaneo ao nosso.

OBRAS DO BACHAREL M. A. ALVARES DE AZEVEDO, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. JACY MONTEIRO, terceira edição correcta e augmentada com as **Obras ineditas**, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor, 3 vol. in-8 primorosamente impressos e encadernados em Paris. . . . . 9 $ 000

É um dos mais populares nomes da litteratura brasileira o de M. A. Alvares de Azevedo. Dotado de uma ardente imaginação, empregava as mais ousadas imagens, e possuidor de um cabedal de conhecimentos muito além do que em tão verdes annos se poderia esperar, fundia-os no molde da sua poderosa individualidade. Bem caberia a Alvares de Azevedo o epitheto de *menino terrivel*, dado por Chateaubriand a Victor Hugo: era um gigante, cujos primeiros passos approximavão-o á meta. As obras de Alvares de Azevedo, tão bem aceitas no Brasil, não o forão menos em Portugal, como se póde ver nas *Memorias de litteratura contemporanea*, do illustre litterato Lopes de Mendonça.

Esgotadas se achando as duas primeiras edições, que mal podêrão satisfazer a avidez do publico, pensamos prestar um serviço ao paiz dando novamente á estampa essas tão almejadas poesias. E é esta 3ª edição, além de correcta, de um preço mui diminuto e ao alcance de todos.

OBRAS POETICAS DE MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhada de documentos historicos, por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 2 vol. in-8. . .

†**O OUTONO.** Collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 3 $ 000
Encadernado.. . . . . 4 $ 000

PEREGRINAÇÃO PELA PROVINCIA DE S. PAULO — 1860-1861, — por AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4. . . . . 7 $ 000

POESIAS SELECTAS DOS AUTORES MAIS ILLUSTRADOS ANTIGOS E MODERNOS. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 2 $ 500

Esta obra recommenda-se aos pais de familia e directores de collegios pela boa escolha das poesias que a compõem; até hoje sentia-se a falta de uma boa obra neste genero, que preenchesse o fim desejado; podemos asseverar que a mãi a mais extremosa póde dar este livro a sua filha sem temer pela sua innocencia; os homens encarregados da educação da mocidade podem ter a certeza de encontrar nesta collecção as poesias mais proprias para formar o coração, ornar o espirito e apurar o gosto dos seus discipulos.

REVELAÇÕES. Poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que tem apparecido entre nós. O preço de cada exemplar encadernado é. . . . . 5 $ 000

O nome do Sr. A. E. Zaluar é de ha muito tempo considerado como um dos mais sympathicos e conhecidos da nossa moderna litteratura.

Ha no emtanto muito tempo que os seus admiradores esperavão com anxiedade ver reunida em um tomo a preciosa collecção de seus versos escriptos depois do volume que publicou em 1851 com o titulo de DÔRES E FLORES.
Este desejo acaba de realisar o editor das REVELAÇÕES.
A obra que annunciamos, tendo apenas chegado da Europa, foi saudada unanime e lisongeiramente por toda a imprensa fluminense. E' esta uma das provas mais inequivocas do seu merecimento.
As REVELAÇÕES é um volume de escolhidas composições poeticas, dividido em quatro partes — O *Lar, Ephemeras, Musa Fraternal* e *Harpa Americana*. E' difficil escolher em tão rico e variado jardim quaes são as flores mais perfumadas e bellas.

ROMANCEIRO (O), por A. GARRETT. 3 vol. in-8 encadernados. . . . 9 $ 000

POESIAS TERNAS E AMOROSAS. 1 vol. in-8 brochado. 640

SOMBRAS E SONHOS, poesias de JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 4 $ 000

URANIA, canticos, 1 vol. nitidamente impresso e encadernado. . . 5 $ 000

URANIA. Collecção de cem poesias ineditas, por D. J. G. DE MAGALHÃES. 1 vol. in-8, nitidamente impresso sob a vista do autor e elegantemente encadernado. . . . . 4 $ 000

ROMANCES, NOVELLAS, ETC.

† **A MORTE MORAL.** Novella dividida em quatro partes : 1ª Cesar; 3ª Antonieta; 3ª Hannibal; 4ª Almerinda; Epilogo. Um livro preto, por A. D. DE PASCUAL. 4 vol. br. . . . . 8 $ 000
Encadernado.. . . . . 12 $ 000

ANECDOTAS E HISTORIETAS, ou escolha de 650 tiradas de varios autores, que até ao presente muitas não sahirão á luz. 1 vol. brochado. 500

A QUANTO SE EXPÕE QUEM AMA, novella que em todo o seu contexto não admitte a lettra A, composta por JOSÉ JOAQUIM BORDALO. 1 vol. brochado. 320

ARMINDA E THEOTONIO, ou a consorte fiel, historia portugueza verdadeira. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

ARTE DE AMAR, dedicada ás damas. 1 vol. brochado. 200

BARBEIRO (O) GASCÃO e o toureador castelhano, facto historico, 1 volume brochado. 200

BRAVO (O), romance de Fenimore Cooper. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

CAMILLA, ou o subterraneo. 1 vol. brochado. 300

CARTAS DE ECHO E NARCISO, por ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, 1 volume brochado. 500

CASTELLO-BRANCO (Camillo). Anathema, romance. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 2 $ 500

— **A filha do arcediago.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 2 $ 500

D. NARCISA DE VILLAR, legenda do tempo colonial, pela indigena do Ypiranga. 1 vol. brochado. 2 $ 000

DOTE (O) DE SUZANINHA, ou o poder de si-mesmo, por J. FIÉVÉE. 1 volume brochado. 500

DOUS (Os) MATRIMONIOS mallogrados, ou as duas victimas do crime, romance historico tirado da viagem do Cusco ao Pará, pelo Dr. JOSÉ MANOEL VALDEZ, da qual é um episodio. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

DRAMA NAS MONTANHAS (Um), por X. DE MONTÉPIN. 1 vol. in-8. 1 $ 000

DUMAS (Alex.). Aventuras de Lyderico. 1 vol. brochado. 500

— **A Casa Phenicia,** ou Memorias de um edificio. 1 vol. brochado. . . . 500

— **Os Estudantes.** 1 vol. brochado. 500

— **Historia de um morto.** 1 vol. brochado. 500

DUMAS (Alex., filho). Sophia Printemps. 2 vol. brochados. . . . 2 $ 000

Encadernados. . . . . 3 $ 000

ELISA, ou a virtuosa Castro, romance original portuguez. 1 vol. brochado. 500

FORÇA (A) de uma paixão, historia verdadeira de dous amantes, succedida em Lisboa. 1 vol. brochado. 300

GALATEA, egloga. 1 vol. brochado. 500

HISTORIA da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, traduzida do castelhano em portuguez por CARLOS FERREIRA LISBONENSE. 1 vol. brochado. 500

HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA, mulher do imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o imperador mandou matar a esta senhora por um testemunho que lhe levantou o irmão de Lodonio, como escapou da morte e dos muitos trabalhos e fortunas que passou, como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que de primeiro. 1 volume brochado. 300

HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO, traduzida do francez. 1 vol. brochado. 400

HISTORIA DE NAPOLEÃO, traduzida em portuguez sobre a 21ª edição de París. 1 vol. brochado. 400

INFORTUNIOS (Os) e os amores de Luiz de Camões. 1 vol. brochado. . . 400

ISABEL, ou os desterrados de Siberia, por Mme Cottin. 1 vol. encad. . 1 $ 600

KOCK (Paulo de). Carotin. 1 vol. in-8 brochado. . . . . 3 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000

— **Um Galucho.** 4 vol. in-8 brochados. . . . . 4 $ 000
Encadernados. . . . . 6 $ 000

LISARDA, ou a dama infeliz, novella portugueza, por Eliano Aonio. 1 volume brochado. 320

LIVRO (O) DAS PENSIONISTAS, ou escolha de historietas traduzidas do francez por meninas estudiosas, offerecidas a suas camaradinhas. 1 vol. brochado. 320

LIVRO DO INFANTE D. PEDRO de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por Gomes de Santo Estevão, um dos doze que forão em sua companhia. 1 vol. brochado. 500

MARQUEZ (O) de Pombal, por Clémence Robert. 1 vol. in-8 br. . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 500

MARTHA, romance, por Max Valrey. 3 vol. brochados. . . . . . 3 $ 000
Encadernados. . . . . 4 $ 500

METUSKO, ou os Polacos, por Pigault-Lebrun. 1 vol. in-4 brochado. . 1 $ 000

NOVAS CARTAS AMOROSAS, por uma apaixonada, edição mui augmentada. 1 vol. brochado. 200

† **O GUARANY.** Romance brasileiro por J. de Alencar. 2ª edição correcta. 2 vol. in-4 nitidamente impressos e encadernados.. . . . . 10 $ 000

OITO DIAS NO CASTELLO. Romance por F. Soulié. 1 grosso vol. in-4° brochado. . . . . 3 $ 000
Encadernado. . . . . 4 $ 000

OURIKA, ou historia de uma negra, historia verdadeira. 1 vol. brochado. . 320

PERIGO (O) DAS PAIXÕES, conto muito moral, seguido de uma analyse sobre as paixões. 1 vol. brochado. 300

RAPHAEL E A FORNARINA, linda novella, por Méry. 1 vol. in-4 brochado. 800
Encadernado. . . . . 1 $ 500

ROLDÃO AMOROSO, ou aventuras d'este famoso paladino. 2 vol. in-12 encadernados.. . . . . 3 $ 200

ROMANCES E NOVELLAS, por J. Norberto de Souza e Silva. 1 vol. in-4 brochado. . . . .
Encadernado. . . . .

O romance, disse Lamartiue, é a poesia do povo; é por seu intermedio que póde-se diffundir pelas classes menos esclarecidas os grandes principios de religião, moral e amor da patria. E o vaso figurado por Tasso, cujas bordas são untadas de mel, é a realisação do preceito do velho Horacio quando mandava juntar o util ao doce. Entre os cultores d'este genero de composição cabe distincto lugar ao Sr. J. Norberto de Souza e Silva, que no volume supra-indicado escolhe assumptos brasileiros, derrama a instrucção religiosa e moral, e moldura seus quadros com descripções e pinturas tiradas da nossa natureza e inspiradas pelo nosso céo. Não prejudicão o erudito os arabescos da imaginação; assigna a cada cousa a sua parte, e, procurando deleitar, instrue.

SIMPLICIDADES DE BERTOLDINHO, filho do sublime e astuto Bertoldo, e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãi. 1 vol. brochado. 400

SUE (Eugenio). A Inveja. 1 vol. in-folio brochado. . . . . 4 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000
— **A Ira.** 1 vol. in-folio brochado. . . . . 2 $ 000
Encadernado. . . . . 3 $ 000
— **A Salamandra**, romance-maritimo. 3 vol. in-8 brochados. . . . 3 $ 000
Encadernados. . . . . 5 $ 000
— **A Soberba.** 1 vol. in-folio brochado. . . . . 6 $ 000
Encadernado. . . . . 8 $ 000

TESTAMENTO que fez Manoel Braz, mestre sapateiro, morador em Malhorca, estando em seu perfeito juizo, approvado pelos senhores deputados da casa dos vinte e quatro, registrado pela casa do café da rua Nova, e visto por todos os curiosos. 1 vol. brochado. 200

TRIPEIROS (Os), romance chronica do seculo XIV, por A. C. Lousada. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 600

ULTIMA (A) HORA d'uma sepultada. 1 vol. brochado. 320

ULTIMA MARQUEZA (A), par E. DE MIRECOURT. 1 vol. in-4 br. . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 600

VIDA E ACÇÕES do celebre Cosme Manhoso, com os logros em que cahio por causa da sua ambição, seus trabalhos e suas miserias. 1 vol. brochado. . 320

PEÇAS DE THEATRO

BRUTO, tragedia de VOLTAIRE. 1 vol. brochado. 640

CASAL (O) DAS GIESTAS, drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo, por FRÉDÉRIC SOULIÉ, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br. . 1 $ 000

CASTANHEIRA (A) ou a Brites papagaia, entremez. 1 vol. brochado. . . 320

CAVALLEIRO (O) DA CASA VERMELHA, episodio do tempo dos Girondinos, drama em 5 actos e 12 quadros, por A. DUMAS e A. MAQUET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

CHICARA (Uma) DE CHÁ, comedia em 1 acto, livremente traduzida do francez por A. P. DOS SANTOS LEAL. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

CLARA HARLOWE, drama em 3 actos, entremeiado de canto, por DUMANOIR, CLAIRVILLE e GUILLARD, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 $ 000

DOUS (Os) SERRALHEIROS, drama em 5 actos, por FÉLIX PYAT, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. . . . . 1 $ 000

ENGAJAMENTO (O) na cidade do Porto, comedia em 1 acto. 500

ESTALAGEM (A) da Virgem, drama em 5 actos, por H. HOSTEIN e TAVENET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

FECHAMENTO (O) DAS PORTAS, farça dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro. 1 vol. brochado.. 500

GASPAR HAUSER, drama em 4 actos, por ANICET BOURGEOIS e D'ENNERY, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

HEROISMO BRASILEIRO (O), ou o naufragio da corveta **D. Isabel**, drama maritimo em 3 actos, composto por D. José Joaquim Francioni, offerecido e dedicado aos Srs. officiaes da Marinha e Exercito do Brasil no anno de 1861. 1 vol. brochado. . . . . 2 $\not{s}$ 000

INGLEZES (Os) no Brasil, comedia em 2 actos, por D. José Lopes de la Vega. 1 vol. brochado. 500

MADEMOISELLE DE BELLE-ISLE, drama em 5 actos, por Alex. Dumas, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. . . . . 1 $\not{s}$ 000

MARIA DE CASTAGLI, ou o rancor de vinte annos, drama em 3 actos, composição original do Dr. José Manuel Valdez e Palacios. 1 vol. brochado. 1 $\not{s}$ 000

MARIDO (O) APOQUENTADO, comedia em 1 acto. 1 vol. 500

ORPHÃOS (Os) da ponte de Nossa Senhora, drama em 5 actos e 8 quadros, por Anicet Bourgeois e Masson, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. br. 1 $\not{s}$ 000

PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, por A. M. de Souza. 1 vol. in-4 brochado. 1 $\not{s}$ 000

PHENOMENO (O), ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. 500

POR CAUSA DE MEIA PATACA, comedia em 1 acto, por José Alarico Ribeiro de Rezende. 1 vol. brochado. 500

QUEM PORFIA MATA CAÇA, comedia, por L. C. M. Penna. 1 vol. brochado. 600

SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos, por Laurencin, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. 1 $\not{s}$ 000

THEATRO DO Dr. J. M. DE MACEDO. 3 vol. in-8 nitidamente impressos e encadernados. . . . . 9 $\not{s}$ 000

Vol. 1° : Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.—Vol. 2 : A torre em concurso, O Cego, Cobé, Abrahão. — Vol. 3 : Lusbela, Fantasma Branco, Novo Othello.

O 1° volume vende-se separadamente brochado. . . . . 2 $\not{s}$ 000

AS SEGUINTES PEÇAS TAMBEM VENDEM-SE SEPARADAMENTE :

A torre em concurso. . . . . 1 $\not{s}$ 500
Lusbela. . . . . 1 $\not{s}$ 500
Fantasma Branco. . . . . 1 $\not{s}$ 500
Novo Othello. 500

† **TIRADENTES** ou **AMOR E ODIO,** drama historico em 3 actos, original brasileiro, por José Ricardo Pires de Almeida. . . . . 1 $ 500

VESTIDOS (Os) BRANCOS, drama em 2 actos, ornado de canto, por L. Gozlan, traduzido por A. M. Leal. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

29, OU HONRA E GLORIA, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros, offerecida e dedicada a S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V, por José Romano. 1 vol. in-8 brochado. . . . . 1 $ 000

OBRAS DIVERSAS

AMAZONAS (O) e as costas atlanticas da America Meridional, pelo tenente F. Maury. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

† **ARTE DO ALFAIATE (A),** tratado completo do corte do vestuario, por Th. Compaing, director do *Jornal dos Alfaiates.* 1 vol. in-folio brochado. . 2 $ 000
Encadernado. . . . . 3 $ 000

ARTE DA COZINHA, dividida em 4 partes : 1° Modo de cozinhar varios guisados de todo o genero de carne, conservas, tortas, empadas e pasteis; 2° dos peixes, mariscos, frutas, hervas, ovos, lacticinios, doces, conservas do mesmo genero; 3° do pudim e das massas; 4° preparação das mesas para todo o anno, e para hospedar principes, embaixadores e qualquer pessoa; obra util e necessaria a todos os que regem e governão casa, corveta, etc. 1 vol. . . . . . 1 $ 000

ARTE DE GANHAR DINHEIRO, por Philogelus. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

CONFERENCIAS sobre a pluralidade dos mundos, por Fontenelle. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 600

† **CONTOS DE SCHMID.** Collecção de cem contos proprios para as crianças lerem. 1 vol. . . . . 1 $ 000

DICCIONARIO DAS FLORES, folhas, frutas, hervas e objectos mais usuaes, com suas significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 vol. brochado. 320

DICCIONARIO MUSICAL, contendo : 1º Todos os vocabulos e phrases da escripturação musical; 2º Todos os termos technicos da musica desde a sua maior antiguidade; 3º Uma taboa com todas as abreviaturas usadas na escripturação musical, suas palavras correspondentes; 4º A etymologia dos termos menos vulgares e os synonymos em geral; por RAPHAEL COELHO MACHADO, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 4 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000

ELOGIO ACADEMICO da Sra. D. Maria Ia, recitado por JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA em sessão publica da Academia real des Sciencias de Lisboa aos 20 de março de 1817. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . 1 $ 500

ELOGIO DO IMPERADOR MARCO AURELIO, por THOMAS, da Academia Franceza. 1 vol. in-8, brochado. 500

FEDERAÇÃO IBERICA, ou ideias geraes sobre o que convem ao futuro da Peninsula, por um Portuguez. 1 vol. brochado. 500

ILLUSÃO, experiencia e desengano, maximas e pensamentos de um velho da terra de Santa Cruz. 1 vol. in-4, brochado. . . . . 1 $ 000

NOVA EXPLICAÇÃO dos sonhos e visões, traduzida sobre algumas obras francezas e italianas, arranjada por ordem alphabetica. 1 vol. brochado. 200

MAÇONARIA (Obras de). Regulador Maçonico do rito moderno, contendo os rituaes segundo o regimen do G... O... de França, bem como formalidades e disposições diversas concernentes á ordem. 1 vol. in-4 brochado. . . 4 $ 000

— **Collecção preciosa** da Maçonaria adonhiramita, contendo as instrucções, os treze gráos do rito, o caderno secreto e o resumo da historia. 1 vol. in-8 brochado. . . . . 4 $ 000

— **O orador maçon brasileiro**, ou collecção de alguns dos discursos pronunciados nas solemnidades da ordem. 1 vol. in-4 brochado. . . . . . . 1 $ 000

— **Collecção dos catechismos maçonicos** : Catechismo do companheiro maçon; catechismo do aprendiz maçon; cada um. 500

— **Ritual funebre maçonico**, adoptado para os enterros e exequias dos maçons brasileiros. 1 vol. brochado. 400

— **A Maçonaria antiga de adopção**, recopilada por um cavalleiro de todas as ordens maçonicas. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

— **EXPOSIÇÃO da historia da maçonaria no Brasil**, particularmente na provincia do Rio de Janeiro, em relação com a independencia e integridade do imperio, por MANOEL JOAQUIM DE MENEZES. 1 vol. brochado. . . . . . 1 $ 000

— **MANIFESTO DO G.·. O.·. B.·. a todos os GG.·. OO.·. GG.·. LL.·. LL.·. RR.·. e MM.·.** de todo o mundo. 1 vol. in-8 brochado. 320

MANUAL DO PAROCHO, pelo conego doutor J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. . . . . 2 $ 000

Esta importante obra contêm as materias seguintes : Da origem dos parochos, e de sua instituição e inamovibilidade. — Da erecção, divisão e suppressão das parochias. — Do provimento das parochias. — Dos coadjutores dos parochos. — Do direito de baptisar, de confessar, d'administrar a Eucharistia, e os sacramentos do Matrimonio e da Extrema Unção. — Dos direitos funerarios. — Das funcções parochiaes. — Da obrigação da residencia. — Da celebração da missa *pro populo*. — Da obrigação de prégar, etc. — Dos direitos e deveres civis dos parochos.

PEQUENO PANORAMA, ou Descripção dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro, por MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vol. . . . . 4 $ 000

RETRATO de S. M. o imperador Napoleão III. 500
— **de S. M. a imperatriz Eugenia.** 500
— **de S. M. a rainha Estephania.** 500
— **de Camões.** 500
— **do conde de Cavour.** 500
— **de Garibaldi** 500
— **de Béranger.** 500
— **de De Lamartine..** 500
— **de Chateaubriand.** 500
— **de frei Francisco de Mont'Alverne.** 500
— **de frei Francisco de S. Carlos.** 500
— **de Antonio Carlos de Andrade.** 500
— **de Humboldt.** 500
— **do barão de Ayuruoca.** 500
— **de Maria Antonieta.** 500
— **de Mme de Sévigné.** 500
— **de Maria Stuart.** 500

OBRAS NO PRÉLO

DIREITO CIVIL ECCLESIASTICO BRASILEIRO, antigo e moderno, em suas relações com o direito canonico e legislação actual, ou collecção completa chronologicamente disposta desde a primeira dynastia portugueza até o presente, comprehendendo, além do sacrosanto Concilio de Trento, Concordatas, Bullas, Breves, Leis, Alvarás e Decretos, Provisões, Assentos e Decisões, tanto do Governo como da antiga Mesa da Consciencia e Ordens, e da Relação Metropolitana do Imperio, relativas ao direito publico da Igreja, á sua jurisdicção e disciplina, á administração temporal das Cathedraes e Parochias, ás Corporações religiosas, aos Seminarios, Confrarias, Cabidos, Missões, etc., etc.; a que se addicionão notas historicas e explicativas indicando a legislação actualmente em vigor, e que hoje constitue a jurisprudencia civil ecclesiastica do Brasil, por CANDIDO MENDES DE ALMEIDA. 2 vol. in-4 encadernados.

A simples lectura do titulo d'esta obra demonstra logo a sua utilidade, e a falta que já se fazia sentir entre nós de um trabalho nestas condições.

A presente obra é não sómente util ao clero, mas a todos os que se dedicão ao estudo da jurisprudencia, com particularidade á juventude academica, que tem de frequentar o curso de direito ecclesiastico, em suas relações com a administração temporal do paiz.

Ninguem desconhece que grande parte d'essa legislação, se não se acha inedita, não está convenientemente colleccionada, dando insano trabalho a investigação de qualquer lei ou aviso ácerca de taes materias em obras que difficilmente se encontrão, e que nem todos podem possuir.

Reunir estes documentos com outros provenientes da autoridade espiritual no corpo de uma obra de facil acquisição e consulta, é um beneficio real feito ás classes a que é privativamente destinada, maxime com as annotações com que será enriquecida.

RECOPILAÇÃO DOS SUCCESSOS PRINCIPAES DA HISTORIA SAGRADA, em verso, pelo Beneficiado DOMINGOS CALDAS BARBOSA, nova edição correcta, e augmentada com a biographia do autor pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO, e illustrada de finissimas gravuras. 1 vol.

Incontestavel é a vantagem da poesia para gravar na memoria o que desejamos saber; e é por isso que erão antigamente escriptas em verso as leis. Partindo d'este principio, pensamos que approvada pela animação publica será a ideia que tivemos de rogar ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro que se dignasse de rever o opusculo outr'ora publicado por um douto ecclesiastico fluminense, que com amena linguagem, e com o soccorro da rima, buscou burilar na tenra memoria da infancia os principaes successos da historia sagrada. Para complemento do nosso projecto, illustrámos a presente edição com finissimas gravuras, feitas em França, que fallão aos olhos, ajudando a boa comprehensão do objecto o emprego das imagens sensiveis.

LENDAS PENINSULARES, por JOSÉ DE TORRES. 2 vol. in-8 encadern. 5 $ 000

PARIS. — TYP. DE SIMON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.